

Amor, Sublime Amor



ISABEL MERE

Clásicos Históricos



Isabel Mere

Amor, Sublime Amor

Tradução
Arthur Max de Oliveira

Querida leitora,

Deran Morissey, o conde de Atherton, não sabe o que fazer com aquela jovem ensopada pelas águas do rio Tâmis, ao ouvir sua dramática história. Ou melhor, ele sabe que gostaria de abraçá-la e beijá-la, mas primeiro precisa forçá-la a lhe contar a verdade. Mal sabe ele que julgou Ava de maneira totalmente errônea, e que ela será capaz de qualquer coisa para encontrar os irmãos...

Isabel Mere escreveu uma história maravilhosa, sólida e bem-pesquisada, um livro que, mesmo sem o romance, só pela aventura, já seria encantador! Os personagens são cativantes, a trama é envolvente, e a atração entre o herói e a heroína, pertencentes a classes sociais totalmente diferentes, nos deixa torcendo por uma solução e um desfecho feliz.

Este é um livro para se guardar e reler, muitas e muitas vezes...



Leonice Pomponio
Editora

PUBLICADO SOB ACORDO COM HIGH PRESS PUBLISHING

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

As publicações da Editora Nova Cultural não podem ser reproduzidas, total ou parcialmente, seja qual for o meio, mecânico ou eletrônico (inclusive digitalização), sem a permissão expressa da Editora. A reprodução das publicações sem a devida autorização da Editora constitui crime de violação de direito autoral previsto no Código Penal brasileiro.

TÍTULO ORIGINAL: ALMOST TAKEN

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL

Patricia Chaves

EDIÇÃO/TEXTOS

Tradução: Arthur Max de Oliveira

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Mônica Maldonado

ISBN 978-85-13-00842-3



© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 – sala 20ª – Jd. Rancho Alegre – Santana do Parnaíba
São Paulo – SP — CEP 06515-200

www.romancesnovacultural.com.br

Sobre a Autora

Isabel Mere é um pseudônimo de Polly McCrillis, autora de cerca de dez romances e vários contos, publicados em antologias conjuntamente com outras escritoras.

Polly mora no Missouri, EUA, com o marido, e é mãe de dois filhos. Além de ler e escrever, seu amor pela arte engloba também música e teatro. Ela dá aulas particulares de piano e de arte dramática – de atuação e direção.

Polly tem algumas convicções profundas; ela acredita firmemente que é saudável para o corpo e para a alma brincar na terra e na areia; que a humildade é a maior virtude que um ser humano pode ter; que todas as pessoas deveriam poder brincar na água; e que nunca se deve ignorar a voz interior que nos diz para telefonar para alguém.

Visite Isabel Mere no site www.pmcrrillis.com

Capítulo I

Londres, 1825

Não cheguei tão longe para simplesmente me afogar.

Irrompendo na superfície, seu estômago embrulhou com o mau cheiro das águas do rio Tâmisa. Sentiu o sangue pulsando forte dentro dos ouvidos enquanto se esforçava para ouvir se ainda a perseguiam. Tentou agarrar um pilar próximo, mas os dedos alcançaram apenas água oleosa.

Eu não posso ter me afastado tanto assim do cais!

Sem se arriscar a ficar acima do nível da água por muito tempo, encheu mais uma vez os pulmões com aquele ar pútrido e afundou. Seus dedos procuravam freneticamente um apoio, mas nada encontravam. Prendendo o ar nos pulmões, girou o corpo. O cabelo se enrolava no pescoço, e o vestido se enroscava nas pernas.

Não entre em pânico, pensou, afastando o cabelo do rosto. Isso tornaria mais difícil lutar, e mais rápida a morte. Era boa nadadora. Seu pai havia ensinado os filhos a se virarem no mar revolto da costa galesa. Mas manter-se silenciosa e invisível nas águas turvas, ainda mais com o peso do vestido encharcado, era um grande desafio.

Obrigada a pegar mais ar, Ava subiu à superfície. Ouviu o som de risadas, atrás dela. Será que vinham do cais? Deu meia-volta dentro da água, procurando descobrir de onde vinham, mas as luzes pálidas do cais estavam envoltas numa neblina densa. Sentiu um súbito alívio, pois se não podia ver o cais, então também não poderiam vê-la. Mas ela não podia ficar muito tempo mais naquela água fétida e gelada. Sua pele estava dormente, e as pernas enfraquecidas mal eram capazes de mantê-la acima da superfície. As roupas encharcadas e as pernas doloridas tornavam o esforço cada vez mais difícil. Respirou fundo outra vez e mergulhou.

Nade, bata as pernas com mais força, Ava. Não entre em pânico. Lembre-se do que precisa ser feito. Você vai encontrá-los.

O corpo exausto movia-se através da densa escuridão. Prendendo o fôlego, uma eternidade se passou. Nada ainda. Nada exceto água, fria como o gelo. Precisava voltar à superfície. Será que já se afastara o suficiente? Será que se afastara na direção certa? Deus, quanto tempo mais seria capaz de ficar...

Uma mão agarrou seu tornozelo e puxou-a para trás. Um grito ficou preso na garganta.

Não!

Eles a haviam seguido... Esse tempo todo...

Não!

Debateu-se com força, mas a seguraram com mais firmeza ainda. Tentando desesperadamente respirar e se libertar, ela desferiu um soco, virou-se para encarar o inimigo e bateu num pilar. Quase engoliu um bocado de água, girou o corpo e mais uma vez colidiu contra um pilar. Furiosa, agarrou-o com as duas mãos. Não era um pilar, e sim uma corda. A corda grossa de um navio atracado. E não era uma mão que agarrava seu tornozelo; era o vestido que havia se enroscado na corda. Ela tinha se afastado mais do cais, porém na direção errada. Estava na área de carga. Ou se afogaria enrolada numa amarra de embarcação, ou seria esmagada por algum navio partindo.

Eu não vou... não vou... morrer...

Ava reuniu suas forças e rasgou um pedaço do vestido. O tecido se agarrava à corda como uma sanguessuga faminta. Seus pulmões queimavam como um par de tochas, precisando de ar imediatamente.

Enquanto lutava para vencer sua batalha subaquática, rogava para que sua família a perdoasse.

— Sei que não se importa nem um pouco com a minha opinião, Atherton, mas essa mulher vem de origem notoriamente obscura. Ela vai arruinar seu bom nome.

— Tem toda a razão, senhor. — Deran apertou o copo. Sua expressão permanecia indiferente. — Sua opinião não me interessa nem um pouco.

A noite teria sido mais bem-aproveitada se tivesse ficado em casa, e pretendia expressar seu arrependimento ao anfitrião. Mas já havia feito isso duas vezes. Mais uma, e seria considerado insolente, ou até desleal.

A insolência o deixaria ainda mais distante das graças daquela gente pretensiosa.

Henley, por exemplo, estava ali falando sem parar sobre a sra. Rena Timmons, e a participação de Deran na conversa era desnecessária para Reginald. Era capaz de se alongar enfadonhamente sem ser respondido. Bastava haver um par de orelhas e de olhos diante dele para que Henley prosseguisse.

— As línguas falarão nas mesas do café da manhã. — Reginald deu um gole ruidoso em sua bebida. — E será o seu nome que pronunciarão. Dançar com ela já foi ruim, mas ir embora com ela? Não se importa com sua reputação, senhor?

— Aparentemente, não tanto quanto você. — Deran sorriu com ironia. — Acompanhei-a até sua carruagem. Qualquer cavalheiro o faria se lhe pedissem.

Sendo uma gentil companhia, a sra. Timmons em seguida estendera o pedido, convidando-o para um encontro em sua casa na madrugada. Em suma, uma noite extremamente agradável.

— Ela é uma viúva que se fez por esforço próprio. Não ouviu as fofocas?

— Não.

— Pois deveria ouvir. Ainda ontem, Priscilla confidenciou que a sra. Timmons foi vista no Regent Park sozinha e vestindo meio-luto.

Deran engoliu a ira que se avolumava na garganta.

— Sua irmã conhece uma multidão de personagens notáveis, Reginald. Ela acrescentou espiões à sua lista de réprobos?

Ouviu-se um murmúrio indignado na biblioteca.

— Senhor! Minha irmã, com sua natureza generosa e altruísta, ajuda os cidadãos pobres de Londres.

Generosa, de fato, pensou Deran. Nenhuma de suas boas ações passava despercebida. Priscilla Henley jamais deixaria que sua benevolência não fosse reconhecida.

Cansado daquela conversa, Deran pôs a taça de vinho sobre a mesa.

— Com licença, Henley. Tenho um compromisso amanhã cedo.

— Sem ressentimentos, certo, Atherton?

Deran fez uma pausa e deu um sorriso discreto, já muito ensaiado.

— De modo algum.

Deran não conseguia dormir, incapaz de parar de pensar na conversa com Henley e em outras fofocas. Que dissessem coisas sobre ele não o incomodava, mas sobre as poucas pessoas que ele considerava próximas, sim. Manchar a reputação delas só por causa de sua relação com ele era injusto e não merecido. E era bem típico da alta sociedade londrina.

Ele analisava alguns documentos. Nada lhe dava mais sono do que o tédio de rever a contabilidade dos negócios. O barulho de uma carruagem e de vozes interrompeu seus pensamentos.

Vozes zangadas.

Deran levantou-se e foi até a janela. Três pessoas, talvez quatro, andavam aos tropeções perto de um cavalo, duas casas após a sua.

Enquanto pensava na melhor forma de passar aquelas horas insones, alguém bateu de leve em sua porta. Ele atravessou o piso acarpetado e abriu-a.

— Bickford?

O homem inclinou a cabeça.

— Sinto muito por acordá-lo, milorde, mas há um problema que requer sua atenção.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Um problema? A esta hora?

— Receio que sim, senhor. Não pode esperar até de manhã. Ou melhor, até poderia, mas não seria saudável para nós.

— Que maldição, Bickford! Não fale em forma de enigmas. Diga logo.

— Claro, senhor. — Em todos aqueles anos trabalhando para seu patrão, Angus Bickford jamais se vira na situação de dizer tais palavras, e claramente achava aquilo desagradável. — É uma mulher, senhor.

— Uma mulher? Quem?

Não era a sra. Timmons. Ela era atrevida, mas não a ponto de aparecer em sua casa na calada da noite. Talvez fosse a sra. Wintry, ou Chivra Lund. Ela era espetacularmente audaciosa. Aliás, a audácia era um de seus atributos mais provocantes.

Bickford disse, se lamentando:

— Não é ninguém que eu conheça, senhor. Ela parece ter sido... tirada de dentro d'água, e está lá pingando na entrada da casa. Os três homens que a trouxeram não estão dispostos a ir embora sem falar com o senhor.

A irritação provocada pela inconveniência do criado rapidamente substituiu sua expectativa.

— Vou falar com eles. — Deran vestiu o robe e rapidamente saiu do quarto. — Devem estar equivocados. Provavelmente procuravam outra casa.

— Pediram para falar especificamente com o senhor.

Chegando à entrada, Deran respirou fundo e imediatamente se arrependeu. Um forte mau cheiro impregnava o vestíbulo. A mulher encharcava o fino tapete oriental, com as mãos para trás. Um de cada lado, dois homens de aparência suspeita a escoltavam, cada um segurando um de seus braços, mas guardando considerável distância dela. Um terceiro homem, atrás, espiava por cima de sua cabeça.

Deran fitou aquele quarteto imundo.

— O que significa isto? — Apontou para o homem mais alto, que estava atrás. — Você. Quem é você, e quem é esta moça?

— Meu nome é Curt, chefe — respondeu, sorrindo. — Desculpe por acordar o senhor, mas pegamos a moça tentando roubá-lo.

Deran olhou para ela. De pequena estatura, aparentava ser ainda uma adolescente. As roupas pendendo dos ombros estreitos como cortinas encharcadas não revelavam formas femininas. De cabeça baixa, o queixo junto ao peito, os cabelos escorridos até a cintura como algas marinhas retorcidas, era impossível saber mais.

— Como assim, tentando me roubar?

Deran sentiu uma dor incômoda na parte de trás da cabeça. Fora má ideia beber uma segunda taça de Porto logo naquela noite. Olhou fixamente para o homem que havia falado.

— Explique-se ou mandarei chamar a polícia.

O homem mais próximo tirou o chapéu.

— Ela estava tentando entrar em um de seus navios, capitão. Por dentro do rio.

— Pelo rio? Estava nadando perto das docas?

O homem mais alto deu de ombros.

— Nadando, não. Parecia mais um bacalhau fígado se debatendo. Ficou presa na corda que ancorava o barco.

Deran não possuía barcos. Ele era dono de cargueiros e balsas. Ignorância e gramática deploráveis. Seu humor piorou ainda mais.

A mulher tremia visivelmente, mas mantinha a cabeça baixa. Moveu-se ligeiramente, sua primeira reação desde que fora detida. O homem puxou-a de volta e fez uma careta.

— Perdoe o fedor, chefe. A garota vomitou nela mesma quando a puxamos para fora da água. Isso, e o cheiro do rio.

O cheiro era *mesmo* horroroso. O estômago de Deran começou a embrulhar. O rio era o esgoto público. Por que alguém, ainda mais uma garota, nadaria naquelas águas imundas era algo que estava além de sua compreensão, e que também não queria saber. No entanto, por razões que não imaginava quais fossem, estava relutante em liberá-la com aqueles homens antes de saber mais.

— Vocês a viram tentando embarcar em uma de minhas balsas?

— Estava presa na corda de amarração, batendo essas pernas magricelas.

O indecoroso trio soltou uma gargalhada.

Deran olhou para os pés dela. Faltava uma bota, e o pé pequeno estava coberto de sujeira. Correu os olhos sobre ela e notou o vestido esfarrapado. Parecia ser feito de musselina ordinária. Estava rasgado de um dos lados e pendia dobrado sobre a coxa, revelando uma *chemise* transparente por baixo. Um grande rasgo na altura dos joelhos expunha a pele branca.

Alguma coisa o tocou. Ela nada podia fazer a respeito do estado de suas vestimentas, e ele teve um repentino impulso de cobri-la, para protegê-la dos olhos daqueles homens.

Ideia ridícula. Ela era certamente uma fugitiva ou uma renegada, despedida de um emprego respeitável, e caíra no crime para se sustentar. Aquela moça era problema da polícia, não dele.

Com a decisão tomada, olhou para o homem grisalho. Um gemido baixinho rompeu o silêncio, e a garota levantou a cabeça.

O coração de Deran parou ao ver seu rosto, alvo como papel novo, manchado de lodo. Mechas de cabelo caíam sobre as faces. Olhava para ele com olhos suplicantes, verdes como a relva da primavera. Ele engoliu em seco, e repentinamente teve vontade de ouvir o que seus lábios diriam. Lábios estes que, apesar do assustador tom cinza-azulado, tinham um belo formato.

Os olhos de Deran, focados em sua boca que lentamente se abria, de repente brilharam de ódio. Aproximou-se dela, que instintivamente recuou.

— O que é isso?

Deran inclinou-se, examinando-a, zozinho com o mau cheiro. Ela tinha uma faixa quase em carne viva ao redor do pescoço.

— Prenderam-na com uma corda pelo pescoço? Ela é apenas uma menina.

Os homens se entreolharam, nervosos, e negaram ter feito aquilo.

— A garota é pior do que parece, capitão. Ela lutou bastante. Só amarramos as mãos dela. Não queríamos que fugisse para podermos trazê-la aqui.

A decisão que Deran estava prestes a tomar fez seu coração bater descompassado. Era uma decisão que mudaria de maneira drástica a sua vida meticulosa... temporariamente.

Temporária era a perda da razão também, sem dúvida.

— Deixem-na aí. Verei quais serão as consequências de seu crime.

Eles não precisavam ser persuadidos e imediatamente a soltaram. Por alguns segundos ela ficou ali em pé, desamparada, a cabeça confusa, antes de desmoronar encharcada no chão.

Capítulo II

Mairwen. Doce e querida Mairwen...

Sinto muito, pequena. Eu tentei, por favor, acredite. Você pensa que a abandonei, mas não é verdade.

A água sobre seu rosto a fazia engasgar. Enchia sua boca, entupia seu nariz. Ela buscava ar, algum alívio, esperança.

Os olhos de Ava se abriram, seus braços se debatiam no ar. Mas não havia água, apenas um dourado tão intenso que só poderia ser o alvorecer.

Tomou um susto e rapidamente fechou os olhos de novo. O sonho ia se desfazendo enquanto ela pensava onde estaria. A primeira coisa que notou foi o cheiro. As roupas com que nadava no Tâmis pareciam mais pesadas que antes. O homem alto e zangado, para cuja casa a haviam arrastado, a entregara às autoridades.

Sim, claro. Estava na prisão.

Ava respirou fundo, conformada. Ela iria aguentar aquilo. Iria sair dali, já fizera isso antes, ela...

Sentiu um cheiro diferente. Lenha. E o crepitar do fogo? Nunca estivera numa prisão antes, mas duvidava de que prisioneiros tivessem uma lareira à disposição. Mas o barulho...

— Está acordada, então.

O carcereiro. Ele chegara. Sentou-se numa cadeira dura. O peso sobre seu corpo era uma manta. De lá. Quente. Lembrou que, ao acordar se debatendo, seus braços estavam nus.

Meu Deus...

Havia sido desnudada na prisão. Queria perguntar sobre sua situação, mas a dor na garganta a impediu. Com os dedos trêmulos, tocou o pescoço.

— Gostaria muito de ouvir uma explicação sobre seu comportamento e sobre as acusações feitas contra você.

Ava virou-se na direção de onde vinha a voz. Era o mesmo homem que tinha descido as escadas com passos pesados. Ele ocupava toda a cadeira larga, e a luz tremulava num dos lados de seu rosto. Cabelos escuros, olhos escuros? Era impossível saber sob aquela luz tênue. Mas a expressão pouco amistosa de sua testa franzida não era difícil de perceber.

Não estava na prisão, mas sim com o homem que a mandaria para lá.

Incapaz de saber se estava ou não nua, Ava segurava a manta cuidadosamente junto ao corpo. Sentou-se devagar na cama. Sua cabeça rodou e o estômago embrulhou. Se ao menos pudesse se livrar daquele cheiro detestável...

O homem não se movia. Ele poderia ser uma estátua repousada sobre a cadeira, de pernas cruzadas, perto o suficiente para que o fogo da lareira se refletisse em suas botas lustrosas. Vestia calças de cor clara e uma camisa abotoada até o pescoço.

Apesar de estar vestido casualmente, parecia imponente. Ava engoliu em seco e abriu a boca para falar, mas não conseguiu emitir nenhuma palavra. Fechou a boca, apontou para a garganta e balançou a cabeça.

— Que foi? Não consegue falar? Ou *não quer* falar?

Ela franziu a testa e fez um gesto cortando o ar com a mão.

— Hum. Não consegue falar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Uma condição temporária. Devido a...

Deran se interrompeu, olhando para o fogo. Ava percebeu um movimento em seu maxilar. Estava irritado com ela.

Ie... sim, ela já podia ouvir a porta da prisão se fechando.

Ele falou, olhando para as chamas:

— A sra. Larue, minha governanta, tirou suas roupas. Ela está preparando um banho na cozinha para você. Isso teria sido feito antes, se você estivesse consciente, mas quase se afogar uma vez já basta por hoje. Apenas a sra. Larue a servirá hoje, pois já é tarde e meus criados já foram bastante incomodados. Após o banho você será trazida de volta aqui para responder às minhas perguntas. Está claro?

Ava estava chocada com o fato de um homem completamente desconhecido conversar com ela sobre roupas e banho, e achava aquilo deveras deselegante. Mas naquelas circunstâncias...

Assentiu com a cabeça, mas ele estava olhando em outra direção. Virou-se, então, para ela.

— Perguntei se minhas instruções estavam claras.

Ela assentiu outra vez, insegura.

Ele não demonstrava raiva nem curiosidade.

— Qual é o seu nome? Ou não consegue dizer nem isso?

Ela sacudiu a cabeça, ergueu as mãos, e com o indicador desenhou as letras de seu nome sobre a palma da outra mão.

O homem idoso e magro que havia aberto a porta caminhava alguns passos à sua frente. Ava corria atrás dele, tropeçando no cobertor pesado. Não tinha tempo de observar o ambiente e tinha perfeita noção do estado em que se encontrava, que contrastava com a serenidade e o luxo daquela casa. O aposento onde estava antes era maior que qualquer outro que já vira na vida, cheio de estantes de livros e móveis escuros e imponentes. Seus pés descalços pisavam em tapetes macios e madeira polida, muito diferente do piso de tábuas a que estava acostumada.

Na cozinha, foi entregue a uma mulher de queixo pontudo e cabelo grisalho. Ela estava de pé ao lado de uma banheira, em frente a um fogão grande, com um pano pendurado no braço e segurando uma grande barra de sabão.

A mulher torceu os lábios com desprezo, os frios olhos azuis demonstrando irritação.

— Não fique aí parada, mocinha. — Sua voz também era de reprovação. — O patrão mandou lhe dar uma boa esfregadela enquanto decide o que fazer com você. — Apontou para o cobertor. — Entre aí. Tenho mais o que fazer além de cuidar de você.

Apesar de sua posição vulnerável, Ava sentiu-se invadida pela raiva. Tinha enfrentado ódio suficiente para três encarnações naquele último mês. Não estava ali por opção, onde quer que estivesse. Não havia feito nada que justificasse o desdém daquela mulher.

Ava levantou o queixo e soltou a manta. A governanta lhe endereçou outro olhar de censura e mandou que tirasse a *chemise*. Ava esperava que ela se virasse, o que não aconteceu.

— Ou você tira, ou tiro eu — disse a mulher, impaciente. — Não me importa. Não pense que eu mesma não arrancaria sua roupa, e que Deus a ajude se isso acontecer. Se tem alguém que precisa de uma boa surra é você, garota.

Como aquela mulher ousava falar com ela assim?! Ava arregalou os olhos enquanto sua *chemise* suja era arrancada pela cabeça. Determinada a esconder o constrangimento de estar nua diante de outra mulher, andou devagar até a tina, entrou nela e respirou fundo.

— Sente-se. Um banho quente lhe fará bem.

Ava abaixou-se devagar, a água quente fazendo sua pele formigar. Mas o prazer proporcionado pelo

calor quase a fez derreter. Água quente... e limpa. Queria aproveitar aquele luxo, deixar o calor reconfortante se infiltrar em seus ossos e banhar seus músculos. Mas a sra. Larue tinha outros planos.

— Feche a boca, mocinha.

Um balde inteiro de água morna foi despejado sobre sua cabeça, e ela soltou um gemido com o susto. Seu cabelo foi puxado para o lado e a escova tocou suas costas. Ava agarrou as bordas da banheira, preparando-se para a dor iminente. Ouviu a mulher respirar fundo e aguardou uma pergunta que não veio. Aliviada, fechou os olhos e ficou esperando a inevitável dor que a escova dura causaria e a advertência da sra. Larue, mas nenhuma das duas coisas aconteceu. A escova caiu no chão e foi substituída por um pano macio. Ava não protestou. Após esfregar costas, ombros e braços, a sra. Larue enfiou o sabão nas mãos de Ava.

— De pé. Nunca lavei as partes íntimas de uma mulher e não pretendo começar agora.

Ava sentiu-se novamente humilhada. Mantendo-se de costas para a governanta, lavou-se rapidamente, pensando que seria melhor se o sabão tivesse algum perfume. Mas era bom estar limpa, ao contrário da água da tina, que já tinha cor de chá e o mau cheiro do rio.

Uma toalha foi jogada sobre ela.

— Fora. Ainda falta o cabelo.

Ava se perguntou se aquela mulher era sempre assim rabugenta. Obedeceu à ordem de ajoelhar-se na tina, baixou a cabeça, e outro balde de água foi despejado.

A sra. Larue fez um muxoxo e resmungou baixinho enquanto esfregava o sabão pelas grossas madeixas.

— Não ficará bem limpo com o cabelo mergulhado na água do banho. Precisava era de uma tesoura.

Ava levantou a cabeça com um olhar selvagem. Em seguida sacudiu-a violentamente, espalhando água por toda a cozinha.

— Cuidado, garota! Não sou eu quem precisa de um banho. — A mulher empurrou a cabeça de Ava de volta para baixo. — Ninguém aqui vai machucá-la.

Ao terminar, entregou a Ava um vestido. Obviamente pertencia a uma mulher muito mais alta. A esposa? Uma amante? A sra. Larue informou que não havia pente nem escova.

Recebeu ordens estritas para se sentar e não se levantar enquanto a sra. Larue arrumava a cozinha.

— Bickford a levará à presença do lorde. — E, com isso, a sra. Larue se afastou.

Ava ficou sentada no banco, tremendo. O vestido era confortável, mas não a aquecia. A sra. Larue levava o cobertor, provavelmente para ser incinerado. O calor vindo do fogão era agradável.

O banho quente a havia relaxado um pouco, mas o alívio se foi ao pensar nas últimas palavras ditas pela sra. Larue. O lorde?

Que Deus a ajudasse! Estava sendo acusada por um membro da aristocracia. Os homens que a tinham levado até ali usavam um título ao se dirigir a ele? *Ie*, usavam.

Ava sentiu novamente a cabeça latejar. Ele acreditava que ela fosse uma ladra e insistiria para que fosse enforcada por um crime que não cometera, e que não tinha como provar que não cometera.

Aquela era a situação mais terrível que já tinha vivido. Será que tudo o que havia passado por sua família terminaria assim? Morta sob uma falsa acusação? Não podia ser!

Ela levantou-se de um salto, buscando qualquer possibilidade de fuga. Mas quão longe conseguiria chegar? Sem roupas, sem dinheiro, sem meios de viajar... Para onde iria?

Começou a andar de um lado para o outro, tentando pensar em outro plano. Retornaria ao local onde tinha iniciado sua busca, mas ficaria mais atenta dessa vez. Podia arranjar roupas, ganhar dinheiro, pagar pela viagem. Sua determinação seria sua fiel companheira.

Havia outra porta na parede oposta. Será que dava para fora?

Ava atravessou a cozinha correndo, parou e tentou escutar algo. Nada. Prendeu a respiração, girou a maçaneta e quase gritou com o rangido. Com o sangue pulsando dentro dos ouvidos, girou novamente a maçaneta, que não se moveu.

Trancada! Um grito sufocado saiu na forma de um murmúrio. Olhou ao redor, desesperada.

Devia haver uma chave em algum lugar...

Então ouviu uma tosse e congelou.

— Por aqui, senhorita.

Virou-se para o mordomo, ou seja lá como ele era chamado. Sua expressão permanecia indiferente, acolhedora como uma parede de espinhos.

A cadeira de espaldar reto não estava mais lá. Não se atreveria a se sentar no sofá ou nas cadeiras formais. Tudo naquele cômodo a intimidava. Até mesmo a lareira de pedra, mas seu calor a atraía.

Ajoelhou-se diante dela, levantou as mangas e aproximou as palmas das mãos das chamas baixas. O calor era tranquilizante, espalhando-se pelos dedos, acariciando o rosto, beijando os ombros e o pescoço, afagando o cabelo. Fechou os olhos e sorriu pela primeira vez em muito tempo. Recebendo com agrado a sensação, recostou-se na cadeira em frente à lareira e apoiou o rosto no assento acolchoado. Que calor delicioso... Sentira frio por tanto tempo...

Deran fechou a porta com força proposital, para chamar sua atenção, e foi até a cadeira em frente àquela em que ela estava encostada. Então se sentou, preparado para começar seu interrogatório, mas ficou paralisado ao olhar para ela.

Cachos úmidos e emaranhados escorriam por sobre suas costas. Alguns fios haviam secado, e seu tom dourado-escuro era realçado pela luz do fogo. Tinha os olhos fechados e a boca entreaberta. Seu rosto era delicado, mas mesmo em repouso seu queixo mostrava determinação. Não aparentava ter mais de quinze ou dezesseis anos, e parecia confortável adormecida no chão, encolhida como uma gatinha contente.

Deran não queria que ela incitasse sua curiosidade, não queria complicações com uma ladra misteriosa... ou viajante clandestina, o que quer que ela fosse. Mas apesar de seus esforços, o interesse e a preocupação cresciam. Quem estaria procurando por ela? O que havia por trás daquele mistério? A sra. Larue o informara, com seu típico tom de censura, que descobrira marcas nas costas da menina e se assustara com outras mais embaixo. Se a garota sofria abusos nas mãos de seu patrão, isso explicaria por que tinha fugido. *De quem* ela tinha fugido era o que preocupava Deran.

Poderia investigar discretamente. Rumores se propagavam com a velocidade de pragas. Deran não gostava de rumores, nem de quem os espalhava, mas as informações por vezes podiam ser úteis. Já havia mexido seus pauzinhos antes.

Se ela trabalhasse para um nobre, provavelmente não seria bem recebida de volta. Os maus-tratos continuariam, se não piorassem. Deran sabia que alguns de seus pares tinham uma perversa inclinação a manipular e a subjugar. Criadas jovens costumavam ser seus alvos.

Se fosse esse o caso da pequena ladra, devolvê-la a seu patrão seria uma tarefa desagradável. E se os maus-tratos viessem de alguém da própria família da moça, não haveria muito que ele pudesse fazer.

Deran fitava a menina adormecida. Seria algo difícil de enfrentar para ela, mas ele não tinha como alterar isso. Precisava resolver o que faria com ela até obter informações suficientes para tomar uma decisão justa. Ela não podia ficar ali. O que falavam sobre sua vida pouco lhe importava, mas não podia manchar a reputação de sua família.

Ela estremeceu em seu sono e o braço moveu-se à frente, fazendo o robe deslizar e revelando um dos ombros. Deran observou a pele cremosa. O leve volume de um dos seios estava perigosa e

fascinantemente exposto.

Era inapropriado que ficasse olhando embasbacado como um rapazinho inexperiente. Deran se ajeitou na cadeira, sentindo uma repentina e indesejável tensão na virilha. Era revoltante ter tal reação olhando para uma criança. Não era um homem velho... tinha trinta e três anos, longe do auge da juventude, mas ainda assim...

Ele precisava acordá-la e começar a definir o futuro dela.

Deran tocou seu ombro. Tão delicado... Foi tomado pela ira ao pensar nas crueldades que aquela menina talvez tivesse sofrido. Um minuto a sós com a pessoa que a machucara seria muito satisfatório. Apertou suavemente seu ombro, já que ela não reagira a seu toque.

Ava acordou assustada e olhou para o homem que a mandara para a prisão. Estava sentado diante dela, inclinado em sua direção, com os antebraços apoiados nas pernas, as mãos grandes entrelaçadas entre os joelhos e o olhar sério.

Seu estômago revirou de medo.

Decidida a não se acovardar e a agir da forma mais digna possível, afastou o cabelo do rosto. Fez uma careta ao esbarrar num galo na têmpora, mais dolorido agora, após a vigorosa lavagem dos cabelos. Então percebeu que seu robe não cumpria bem a função de cobrir o corpo. Rapidamente tapou o ombro e cruzou os braços, resoluta.

— Talvez a cadeira fosse mais útil se se sentasse nela. Assim eu não teria que olhar para baixo e pareceria menos ameaçador do que está imaginando que eu seja.

Ava já ia abrindo a boca para dizer o que pensava dele. De fato parecia ameaçador, mas não poderia falar nada, mesmo que quisesse.

Sentou-se na cadeira, intimidada por estar de robe na presença de um homem, mas estava mais limpa que antes. Claro que não limpa o suficiente para alguém tão superior a ela...

Ava piscou. Ela o via com clareza agora, e o que via fez seu estômago remexer. Era um homem bonito. Bonito, não, lindo. Olhos castanho-escuros, longos cabelos ondulados emoldurando de maneira displicente um rosto forte. Para um homem, tinha a boca bonita, mas apertava os lábios como se fosse um padre repressor. Seria ainda mais bonito se não tivesse aquela cara zangada.

— Amanhã minha irmã lhe trará roupas. Não tenho nada adequado para você, e obviamente tivemos de nos desfazer do pouco que você tinha. — Seus lábios se curvaram no que Ava imaginou ser um sorriso. — O que nos leva à questão de como veio parar à minha porta.

Ele se recostou como um observador casual mais uma vez, cruzando as pernas compridas, as mãos pousadas na cintura. Inclinou a cabeça, aguardando.

Por onde começar? Quanto ousaria contar a ele?

Então Ava fez uma pergunta que nem ela mesma conseguiu ouvir. O homem se inclinou em sua direção.

— Fale de novo, por favor.

Ava repetiu. A dor causada pelo esforço parecia com a de agulhas se cravando na garganta. Ele fechou a cara, impaciente.

— Não podemos conversar assim. Não há...

Ava desenhava com o dedo na palma da mão.

— Quem sou eu?

Ela fez um aceno rápido de cabeça.

— Eu sou lorde Atherton.

Ela arqueou as sobrancelhas e moveu os lábios, sem emitir som:

— Lorde?

Ele assentiu com a cabeça. Ela escreveu o próprio nome na palma da mão e apontou para ele.

— Ava. Sim, eu sei.

Ela sacudiu a cabeça, claramente frustrada. Escreveu novamente o nome, mais devagar dessa vez. Apontou para si mesma, depois inclinou-se à frente e cutucou-o no peito.

— Deran. Deran Morissey, conde de Atherton. Mas deve me chamar de lorde Atherton. Ou sir. Nunca pelo meu primeiro nome. Já que falamos do assunto, qual é o seu sobrenome?

Ava franziu a testa e sacudiu a cabeça, confusa.

— Seu nome de família. Como se chama seu pai?

A animação no rosto dela desvaneceu. Seus olhos buscaram os dele. Quanto seria ele capaz de descobrir se ela respondesse? Ele estava perguntando por educação, ou usaria a informação contra ela? Talvez ele tivesse alguma participação em tudo que vinha passando. Era um navio dele, afinal. Talvez tivesse sido ele quem mandara gente atrás dela.

Aquilo era novidade para Deran, uma mulher em silêncio por tanto tempo. Conhecia bem a companhia feminina, e nunca tinha visto uma capaz de ficar tão quieta e segurar a língua daquele jeito. Muito menos uma que ousasse se recusar a responder às suas perguntas. Por fim, a irritação venceu.

— Seu nome completo. Por favor, senhorita! — acrescentou, zangado.

O rosto de Ava corou novamente, e seus olhos verdes brilharam. Ela pulou da cadeira. Deduzindo que ela pretendia fugir, Deran segurou-a ao passar por ele. Ela apontou para a mesa atrás dele e fez uma mímica, como se estivesse escrevendo.

Deran olhou por sobre o ombro e viu que ela apontava para o papel e para a pena. Olhou de volta para ela, surpreso.

— Você sabe escrever?

Ava colocou as mãos na cintura e revirou os olhos, mostrando que fora insultada.

— Minhas sinceras desculpas, srta. Ava. Perdoe-me. — Virou a cadeira em que estava para que ela pudesse sentar-se à escrivaninha. — Por favor, sente-se. Comunicarmo-nos por escrito será bem menos complicado.

Ava apontou para a garganta e bateu o pé no chão, impaciente. Deran foi obrigado a sorrir. Apesar da mudez, ela expressava com clareza sua irritação, e ele a entedia muito bem.

— Sim, especialmente para você.

Ela rabiscava furiosamente. Sentado à sua frente, Deran observava. As feições delicadas exprimiam concentração. Ajeitava com a mão o cabelo que insistia em cair sobre os olhos. O ritmo da pena sobre o papel variava, acompanhando as sacudidelas da cabeça.

A certa altura ela levantou a cabeça, os olhos parecendo flechas afiadas. Deran sentiu o ódio jorrando e queimando sua face, como se ela o acusasse de algo. Teve vontade de tomar as folhas que ela preencheria, impaciente por respostas.

Algum pensamento fez brotar lágrimas naqueles encantadores olhos verdes. Deran moveu-se para lhe oferecer um lenço, mas ela deixou a mão pender e a pena caiu no chão. Empurrou os papéis para ele e se levantou.

— Estamos longe de terminar.

Ela o ignorou e foi até a mesa de bebidas do outro lado da sala. Pegou um copo e virou-se para Deran com uma garrafa na mão e uma pergunta nos olhos.

— Está me pedindo permissão para tomar uma bebida?

Ela assentiu com a cabeça.

— Não.

De qualquer modo, no instante seguinte Deran já estava ao lado dela, tomando a garrafa de sua mão

antes que se servisse.

Ela puxou sua manga e sussurrou:

— Por favor, estou com sede.

Deran olhou para a mão que segurava sua camisa.

— Isto não é água. Chá ou limonada é o máximo que lhe será permitido por ora. Ou enquanto estiver em minha casa. Não tem idade para beber outra coisa.

Ela bateu o pé e mostrou os dedos.

Ele olhou para suas mãos nervosas.

— Acha que acredito que você tem vinte e três anos? Não tem. E mesmo que tivesse, não iria beber nada além do que eu já disse. Como já mandei os criados se recolher, teremos de ir pegar o precioso líquido para você.

Ele foi agraciado mais uma vez com um revirar de olhos.

Vinte e três, sim.

Ele pegou os papéis e abriu a porta.

— Vamos?

O robe que Ava vestia se abriu, esvoaçando em torno das pernas nuas, o que Deran fingiu não notar, enquanto ela passava em direção ao corredor. Sem saber para onde ir em seguida, esperou por ele, com tanta paciência quanto um cavalo com uma rédea mal-ajustada na boca.

Enquanto o seguia, Ava prestou atenção à elegância da casa, mais uma vez.

Não, é lorde isso, lorde aquilo, milorde ou sir.

Sua mãe insistira que aprendesse a forma apropriada de se dirigir à nobreza e à realeza, mas nunca tivera oportunidade de usar o que aprendera.

Também sabia que nobres não pegavam água para si próprios ou para hóspedes, especialmente para os que pretendiam mandar para a cadeia.

Deran serviu dois copos de limonada e surpreendeu-a ao colocá-los sobre a comprida mesa de madeira no centro da cozinha e puxar uma cadeira para ela. Aumentou a chama da lamparina e esperou que ela se acomodasse antes de se sentar.

Deu-se conta de que fazia muito tempo que não entrava na cozinha; meses, na verdade. Todas as suas refeições lhe eram servidas na sala de jantar. Deran observou as bancadas e o fogão limpos, os diversos tachos e panelas de ferro pendurados em grandes ganchos e os cestos cheios de batatas e cebolas. A luz baixa pairava sobre os armários com portas de madeira e vidro. Mesmo com pouca luz, era um ambiente acolhedor e convidativo.

Ava tomou um longo e lento gole, com os olhos fixos nele. Sem soltar o copo, pressionou as duas mãos contra o peito na altura do coração e baixou ligeiramente a cabeça.

— De nada. É muito melhor para você do que aquilo que você queria.

Ela sorriu, fazendo surgir uma covinha em um lado da boca.

Dezenove, quando muito, pensou Deran.

Começou a ler o que ela escrevera. Ava brincava com a bebida. Quando ele terminasse, faria planos para levá-la embora. Ela não revelara tudo, seria arriscado demais. Mas escreveu o suficiente para que ele pensasse mal dela. Havia mentido o necessário para conquistar a liberdade. Sua família dependia dela, e ela seria inútil para eles ali. Ou na cadeia.

Deran lia tudo, impassível. Era duro vê-lo lendo sobre seus infortúnios, seus erros estúpidos, sobre como tinha confiado nos outros e sobre como havia sido tola. Bem ela não escrevera que havia sido tola, mas claro que ele concluiria.

Na ponta da mesa havia uma tigela de cobre cheia de maçãs. Ava queria pedir uma, mas o lorde ainda estava lendo.

Olhou fixamente para a tigela de maçãs e seu estômago roncou alto. Não se lembrava de quando havia comido pela última vez. Não fora naquele dia, nem no anterior, isso ela sabia. O estômago voltou a roncar.

Deran havia conhecido todo tipo de gente desde que assumira as empresas de navegação do pai, seis anos antes. Comerciantes honestos, traiçoeiros, avarentos, ignorantes e ingênuos. E houvera outros viajantes clandestinos, mas nenhum com uma história como a que ela contava, absurda demais para ser verdade.

Quase.

Deran baixou os papéis e puxou a tigela de maçãs, colocando-a entre os dois.

— Pegue uma. Posso ouvir daqui a sua fome.

Ava ruborizou e escolheu a maçã mais lustrosa no topo. Com uma mordida, rompeu o silêncio que reinava. Deran recostou-se e pegou uma folha de papel da pilha.

— Vamos começar, srta. Ava Fychon.

Capítulo III

Deran estava tomando o desjejum na manhã seguinte quando a carruagem chegou. Pela janela, viu um laçao ajudando uma mulher e sua aia a descenderem, enquanto uma segunda carruagem parava junto à calçada.

Lady Charnock entrou como um tufão, tirando suas luvas cor de ameixa.

— Bom dia, Deran. — Seus grandes olhos castanhos brilhavam. — Não está um lindo dia?

Deran acompanhava os movimentos do laçao que seguia os passos de sua irmã carregando uma grande mala.

— Ela ficará aqui por um dia, Linny. Trazer metade de seu guarda-roupa não era necessário.

O criado entrou, carregando uma segunda mala e uma valise.

Lady Charnock riu.

— Isto não chega nem perto de ser metade do meu guarda-roupa, Deran. A uma mulher devem ser dadas opções.

— Ela é uma menina, não uma mulher, e não está em situação de escolher. — Examinou seu chapéu de penas e frutas com ar de reprovação. — Sério, Madeline? Uvas?

Ela balançou a mão no ar delicadamente.

— É típico de você fazer observações grosseiras sobre os trajes de uma mulher. Você disse que ela era miúda, mas nada informou sobre sua cor. Foi difícil separar algo sem saber se ela tem pele clara ou se é morena. O que cai bem sobre certo tom de pele pode não ficar bom sobre outro.

— Vou repetir, ela é uma menina, não uma mulher, tem no máximo dezoito anos. Tem pele clara, acho, é difícil dizer à noite. Olhos verdes, cabelos escuros... Não, castanho-claros, como... — apontou para a travessa de pão — ...isto.

Madeline olhou para os *muffins* de milho.

— É?

— Sim. Um simples vestido e roupas de baixo serão suficientes.

— Ela não vai sair de casa, presumo.

Deran lhe lançou um olhar duro.

— Não, certamente não vai sair de casa.

— E o que você vai fazer, Deran? Deixá-la isolada no quarto onde a enfiou? Confiná-la como se fosse a mulher barbada do parque de diversões?

Deran jogou o guardanapo sobre a mesa e se levantou.

— Não me trate como se eu fosse um bárbaro, querida irmã! Ela própria se colocou em tal situação. Deveria ficar grata por eu não tê-la jogado de volta no rio ou a entregado ao magistrado das prisões.

— Ah, tenho certeza de que ela está imensamente grata por sua generosidade.

Ele apertou os olhos escuros.

— Deveria estar mesmo. A história que inventou está muito longe de ser verossímil. Se a contasse numa corte, seria condenada no mínimo à prisão perpétua por perjúrio.

Madeline tirou o chapéu e colocou-o sobre uma cadeira da mesa de jantar.

— Tem certeza disso, não é? — perguntou, enrolando no dedo os cachinhos ruivos que emolduravam sua testa larga, e sorriu.

— Absoluta.

— Que razão ela teria para contar uma mentira atroz?

— Tenho minhas suspeitas, mas não passam disso. Entretanto não tenho qualquer interesse em investigá-las. — Isso não era totalmente verdade. — Já perdi tempo demais com esse mistério absurdo.

— Entendo. E precisa do vestido porque...

Deran suspirou, impaciente.

— A garota tem que vestir alguma coisa. Não pode passar o dia usando um robe imenso.

— E o que faremos com ela uma vez que esteja apresentável?

Aí residia o dilema. Após a confrontação na cozinha, Deran mostrara à srta. Fychon onde ela dormiria, e passara o restante da madrugada analisando suas alternativas. Sendo o dono da balsa que ela havia tentado invadir, tinha o direito legal de prendê-la. Se quisesse, poderia gastar um tempo precioso confirmando sua história infame. Essa ideia lhe parecia menos atraente agora do que antes, após ter ponderado melhor. Mas não sentia pela menina aversão suficiente para pôr em prática a outra possibilidade. Na verdade, sua defesa determinada, embora falsa, o havia tocado.

A pequena mentirosa o havia amolecido.

— Ainda não sei. Mas decidirei até o final do dia.

— Como será ter o poder de determinar o destino de alguém? Não gostaria de tê-lo. Mas diria que está gostando do papel.

— Ele recaiu sobre mim, Madeline. Não estou gostando nem um pouco disso. Agora, se já tiver terminado de me recriminar, poderia ir ver a srta. Fychon?

Ela deu um ligeiro sorriso.

— É claro, Deran. Não é todo dia que uma mulher necessita do bom gosto que tenho para moda.

— Ela não é uma de suas bonecas da infância, Linny. E nem irá vesti-la para um chá dançante.

— Talvez eu faça isso mesmo. Este pode ser seu último dia de liberdade. Posso ao menos torná-lo agradável para ela. Não concorda? — Franziu a testa. — Qual é a origem desse nome, “Fychon”?

— Galesa.

Madeline inclinou a cabeça.

— Ela é de Gales?

— É o que ela diz.

— Dá para saber pelo modo como fala, Deran. Os galeses têm um sotaque rústico e peculiar.

— Ela não fala.

A irmã olhou para ele perplexa, e ele explicou:

— Só consegue emitir sussurros. Se isso é fruto de maus-tratos, eu não sei. Muitas vezes ontem à noite, enquanto conversávamos, ou melhor, enquanto *eu* falava, sua voz se elevava acima de um sussurro. Quase como se pudesse falar, mas evitasse fazê-lo. Se por medo ou incapacidade física, não sei dizer. Parecia sentir dor ao tentar.

Veio-lhe à mente a lembrança dela pedindo água, os dedos delicados agarrando sua camisa.

— Talvez devêssemos chamar um médico?

Ele havia pensado nisso, mas pusera de lado a ideia. Quanto menos gente soubesse que estava ali, melhor. Àquela hora a criadagem já sabia dos acontecimentos da madrugada. Deran esperava que seus empregados não espalhassem a fofoca, mas sabia como as notícias corriam rápido de uma casa para outra, entre os criados. Não se importava com o que os membros da sociedade diziam, mas tinha de pensar em sua família.

— Ela ficará bem. Acho que é melhor para mim se permanecer muda enquanto estiver aqui. Algo me diz que, se conseguisse falar, diria palavras mais diretas do que estou acostumado a ouvir de uma dama.

Madeline riu.

— Uma mulher que articula seus pensamentos, então? Que maravilha. Agora estou mais ansiosa que

nunca para conhecê-la. Obrigada por se lembrar de mim, querido irmão.

Ela fez um gesto para a aia.

— Linny. — Deran pousou a mão sobre seu ombro. — Seja cuidadosa com ela, por favor. A sra. Larue me informou que ela tem marcas nas costas e também... mais embaixo. Talvez sinta dores usando roupas de baixo comuns.

Madeline ficou pálida.

— Por que não me disse antes? Teria trazido bálsamo ou loções, algo para aliviar a dor.

Deran estava em seu escritório quando chegou a leva seguinte de visitantes. Um ele havia chamado, o outro ele imaginava que viesse. Lorde Charnock não conseguia ficar mais do que uma hora longe da esposa, com quem era casado havia dois anos. Desde que Madeline chegara, a visita do visconde era esperada.

Seu cunhado entrou na frente de Max DiSanto, velho amigo e procurador de Deran. A sobrecasaca apertada de Charnock em nada ajudava a disfarçar o abdômen protuberante.

— Atherton. — O visconde largou o corpo robusto sobre uma cadeira. — Bela manhã, não é mesmo? Dei um passeio mais cedo e me sinto revigorado. Ao que parece, tomar um pouco de ar lhe faria bem também.

Deran observou suas faces rosadas, o rubor ao longo da linha do cabelo prematuramente ralo, as gotículas de suor delineando a barba e o bigode. Antipatia não era o termo que usaria para descrever seus sentimentos por Philip Semel. Era preciso ter algum sentimento por uma pessoa para poder experimentar a simpatia ou a antipatia. Deran não tinha nenhum dos dois. O visconde não havia sido sua primeira escolha de marido para a irmã, mas estranhamente eles pareciam se amar. Naturalmente ficava contente que sua única irmã estivesse casada, e o fato de estar feliz no casamento tornava a situação ainda melhor.

— Pretendo fazê-lo mais tarde. Agradeço sua preocupação.

Onde diabos está Bickford?

DiSanto lhe dirigiu um olhar de solidariedade. Ou o visconde era meio tapado, ou estava ocupado demais se refestelando em seu próprio ego para perceber que o conde de Atherton já tinha uma reunião marcada com seu procurador.

Ou talvez o visconde estivesse ciente disso e simplesmente não se importasse.

Uma batida na porta os interrompeu. Deran tentou não demonstrar seu alívio com a chegada de Bickford.

— Perdoe-me pela intrusão, milorde, mas a sra. Weaver quer saber se deve assar uma segunda fornada de *muffins* para as visitas.

O visconde avidamente mordeu a isca:

— As maçãs são excelentes nesta época do ano, não é mesmo?

Deran fingiu ter repentinamente se dado conta de algo.

— Que falta de educação a minha! Não ofereci aos cavalheiros chá, café ou qualquer petisco. Charnock, se quiser os *muffins* da sra. Weaver, fique à vontade.

Não foi necessário insistir; o visconde correu para a porta, tomando a dianteira de Bickford.

— Espero que você pague bem a Bickford, Atherton — disse DiSanto, rindo.

— Eu pago, e ele vale cada libra. — Deran passou para o sofá e esticou as pernas compridas. — Meu cunhado tem a cabeça tão dura quanto a cera com que engoma aquele bigode medonho.

Max deu uma gargalhada.

— Ele é das antigas, não é mesmo?

Deran sorriu. Tinha muitos conhecidos, mas Max DiSanto encabeçava a curta lista dos que ele considerava amigos. Seus laços datavam de vinte anos atrás. Haviam se conhecido no Almirantado Real. Deran quis uma vida militar no mar, enquanto Max cumpriu satisfeito as ordens do Almirantado de manter os pés em terra firme.

Fazia algum tempo que Deran não via Max com aparência tão boa. Após a morte de sua esposa e de sua filhinha durante o parto, Max desaparecera da sociedade. Quando ressurgiu, sua pele morena de siciliano havia perdido a cor, bem como seu jeito carismático. Mas ainda era uma figura envolvente, e sempre atraía os olhares femininos sem fazer esforço. Sua compleição forte, seus cabelos escuros e seu sorriso fácil jamais saíam de moda. Deran torcia para que um dia o amigo buscasse uma relação de companheirismo parecida com a que tivera com sua esposa.

— Seu chamado para que viesse tão cedo me surpreendeu, Atherton. Bem como sua ambiguidade. Queria garantir que eu viesse hoje?

— Não. Eu sabia que viria. Foi para evitar que lhe fizessem perguntas que não seria capaz de responder.

Max franziu a testa, preocupado.

— Está em apuros, amigo?

Deran balançou a cabeça.

— Não. Ainda não, pelo menos.

Repetiu a história da noite anterior, parando duas vezes para responder a perguntas. Estava explicando o que a srta. Fychon havia escrito quando foi interrompido por uma batida na porta.

Certamente o visconde não comera todos os *muffins* em tão pouco tempo.

— Entre.

A porta se abriu. Ambos levantaram-se ao ver lady Charnock.

— Deran, deveria realmente ir até lá. — Entrou na sala como um tufão e parou de repente ao ver Max.

— Sr. DiSanto. Bom dia. Não sabia que meu irmão tinha visitas.

Max tomou delicadamente sua mão e cumprimentou-a com a cabeça.

— Lady Charnock. É um prazer encontrá-la, como sempre. Por favor, não quero atrapalhar.

— Suspeito que o que Madeline tem a me dizer esteja diretamente relacionado ao que conversávamos.

— Deran deu um longo suspiro. — Na verdade, tenho certeza disso. — Lançou um olhar questionador à irmã. — O que estava dizendo?

Madeline olhou para um e para o outro, e falou em voz baixa:

— Ela está dando trabalho, Deran. É tão irrequieta! Juro que estou sendo paciente. Começamos pelo cabelo. É muito cabelo, mas Rose fez o melhor que podia, considerando sua agitação. Estava dormindo no chão, acredita? Por que alguém dormiria no chão ao lado de uma cama luxuosa e confortável é algo que não consigo compreender. Simplesmente não permite que eu a vista com roupa alguma. Talvez seja por causa daquilo que você tinha me alertado. Ela recua toda vez que a toco. Mesmo pentear o cabelo parecia ser uma provação para ela. Talvez devesse ser examinada por um médico antes de prosseguirmos. Pensando bem, ela parecia um pouco quente quando a toquei. — Madeline ergueu as mãos, consternada. — Sinto muito, querido. Minhas intenções eram as melhores.

Deran ergueu a mão, acalmando-a.

— Você não fez nada de errado, Linny. Venha. Vou cuidar disso pessoalmente. Ela já mostrou ser uma pequena atriz.

Saiu da sala, seguido de perto pela irmã.

Ao chegar ao quarto de hóspedes, bateu na porta uma vez e foi entrando sem preâmbulos.

Será que a garota não entendia para que serviam os móveis? Estava ajoelhada no chão em frente à

cama, e olhava para ele com expressão chocada.

— Fique de pé — ordenou Deran.

De cara fechada, ela obedeceu, apertando o robe em torno do pescoço enquanto se levantava, os olhos brilhando de indignação.

— Vire-se.

Ela piscou os olhos de forma desafiadora e balançou a cabeça.

Uma onda de suspiros o fez notar que não chegara ali sozinho. Fitou o pequeno batalhão de curiosos parados à porta; seus visitantes, uns bem-vindos e outros nem tanto, acotovelavam-se com vários criados da casa.

— Todos vocês, para fora! — gritou, enfatizando a ordem com um braço levantado. — Exceto você, Linny. Você fica, em nome da decência. — Observou a pequena aglomeração se dispersar. — E você também, DiSanto. Isso pode ajudar a esclarecer o que eu ia lhe pedir, e você também poderá servir de testemunha.

Max entrou no quarto e fechou a porta.

— O que exatamente pretende fazer?

Deran voltou a atenção para a jovem que não havia feito nada além de causar problemas desde que pusera os pés encharcados em sua casa.

— Pretendo fazer esta senhorita mal-educada, rude e ingrata entender que, se não se comportar bem, será colocada nas mãos de gente que a forçará a se comportar bem. Ou que tirará sua liberdade para que nunca mais se comporte mal.

Ava emitiu um grunhido baixo, cerrou os punhos e respondeu batendo o pé no chão zangada.

Lady Charnock agarrou a coluna da cama para se apoiar, atônita com a insubordinação da garota. Piscou os olhos, estupefata com a reação calma do irmão.

— Se continuar fazendo isso, certamente quebrará o tornozelo, ou ao menos um osso do pé. Em qualquer dos casos, não farei nada a respeito.

Ava nunca sentira tanta vontade de dar um soco em alguém. Aquele lorde era o demônio em trajes bem-talhados.

Ergueu os punhos à altura da cintura, imaginando como seria bom dar um murro naquela carinha bonita. Nunca enfrentara um homem daquele tamanho, mas quando seu sangue fervia, tinha ao menos o dobro da força dele.

— Seria aconselhável relaxar esses músculos, garota — disse Deran, baixinho. — Nunca bati numa mulher, e não será hoje a primeira vez. Mas não deixarei que me acerte, caso cometa a tolice de tentar.

Olhos nos olhos, os dois se encaravam sem piscar. A expectativa dominava o ambiente. Finalmente Ava relaxou os ombros e olhou para a janela.

— Muito sábio de sua parte. É sempre bom saber a hora acerta de recuar em um confronto. — Colocou as mãos para trás. — Agora vamos falar das suas roupas, que é o motivo que me traz aqui. — Sorriu ao ver a expressão azeda que sua observação causara. — Minha irmã, lady Charnock, teve a gentileza de lhe providenciar roupas, e a criada dela, de arrumar seu cabelo. Vire-se de costas.

Ava olhou para ele, hesitante.

— Seu cabelo. Quero ver como está. Obviamente está melhor, já que não está mais caído sobre o rosto, como se você estivesse no meio de uma tempestade.

Veio-lhe à cabeça a imagem dela sentada em frente à lareira, com uma mecha de cabelo caída sobre a face enquanto dormia.

Poderia ter tocado em seu cabelo, naquele momento. Deveria ter tocado.

Ava se virou. Havia criado na base do pescoço um daqueles penteados intrincados que estavam na

moda. Todo aquele cabelo dourado fora de algum modo enrolado e preso, sendo possível apenas imaginar seu comprimento e beleza.

Deran subitamente teve o desejo de enterrar as mãos naqueles cabelos e soltá-los...

Aqueles pensamentos tinham de parar já. Ela era uma criança! Uma adolescente.

— Muito bom. Belo trabalho.

Inclinou a cabeça na direção de Rose, que respondeu com uma graciosa vênia.

Ava virou-se de volta, os ombros caídos e a boca aberta, demonstrando uma fadiga exagerada.

— Está cansada? Bem, se tivesse dormido na cama em vez de...

Foi interrompido por outra batida de pé. Ava apertou a cabeça com as mãos e fingiu balançar.

Deran sorriu.

— Ah, está pesado. Sempre me perguntei como as mulheres conseguem se manter em pé com o peso de seus penteados.

Uma tossidela discreta o interrompeu.

— Se tivesse menos cabelo, não teria sido tão difícil.

Deran acenou com a cabeça para a irmã. O cabelo da garota ficaria como estava.

— Obrigado pela sugestão.

Ele estava se divertindo mais do que deveria, dadas as circunstâncias.

— Agora, atrás. Vire-se, senhorita. — Ele soava mais severo do que de fato era. — Quero ver o que a levou a rejeitar de forma tão rude o auxílio de minha irmã. Vamos, abaixe o vestido.

Ava arregalou os olhos e recuou, sacudindo a cabeça freneticamente. Uma mecha de cabelo saltou para fora do coque perfeitamente modelado sobre a nuca. Olhou desesperada para a viscondessa.

Madeline apressou-se em seu socorro e pôs a mão sobre o braço do irmão.

— Deran, isto é realmente desnecessário e aterrorizante para a menina. Não pode sujeitá-la a tamanha humilhação.

— Quero apenas ver suas costas, Linny. Nada demais. — Girou o indicador no ar. — Vire-se e abaixe a parte de trás do robe. Todos neste quarto têm afazeres mais importantes do que atender a seus caprichos. E espero que esteja vestida dentro de uma hora. Agora, vire-se.

Ava suplicou uma última vez com os olhos, sem êxito. Então virou-se, respirou fundo e sacudiu os ombros, de forma que a parte de trás do robe caísse, mantendo a frente colada ao peito.

Deran foi tomado pela raiva e engoliu um palavrão.

Madeline de algum modo conseguiu manter-se de pé.

Max cerrou os punhos.

Rose levou a mão à boca para evitar um grito.

Os segundos pareceram horas até lady Charnock levantar de volta o robe, cobrindo os ombros de Ava.

Enquanto ajustava o laço, ela podia ouvir o burburinho abafado atrás de si. Sabia o que estavam dizendo. Mulheres não eram tratadas como ela havia sido, a menos que descumprissem as ordens de seu patrão. Se não fosse capaz de fazer aqueles poucos compreender, como poderia esperar que alguém acreditasse nela?

Se fosse uma mulher orgulhosa, revelar-se àquele homem, àquele “lorde”, teria sido humilhante. Já suportara coisa muito pior, e nas mãos de homens bem menos refinados que ele. Não, aquilo apenas atiçara a chama do ódio que adormecia em suas entranhas. Tentara esquecê-lo na noite passada para conseguir descansar. A cama era macia demais, luxuosa demais, e afundar em camadas de plumas apenas tornara maior o seu desconforto. Fizera um colchonete no chão usando cobertores.

Naquela manhã, o calor se espalhara por seu corpo, como se o sol nascesse sobre sua pele. Se sua mãe estivesse ali, teria aliviado a dor e a febre com bálsamos de ervas. Ava pensou em esgueirar-se até a

cozinha para ver por si mesma se os ingleses tinham o que ela precisava para fazer o próprio bálsamo, mas ficou deitada, torcendo por um sono que não vinha.

Embora exausta o suficiente para desmoronar no chão, permaneceu em pé, aguardando o veredito. Mas este não veio. Os homens partiram apenas com um aceno de cabeça, e a viscondessa dispensou sua criada e ficou para trás, com uma expressão de absoluto constrangimento encobrindo seu bonito rosto.

— Srta. Fy... oh, receio ter esquecido como pronunciar seu nome.

Ava murmurou o nome e Madeline acenou com a cabeça.

— Sim, vou me esforçar para me lembrar no futuro. Mas por ora permita-me chamá-la de srta. Ava.

— Deu um sorriso tímido. — Meu irmão chamará o médico dele para cuidar de seus ferimentos. Podemos confiar em sua descrição. Até ele chegar, não faremos nada a respeito de suas roupas, mas sugiro que ao menos dê uma olhada no que eu trouxe.

Madeline foi até uma de suas malas e levantou a tampa pesada, contente em se ocupar de uma tarefa agradável que ajudaria a afastar a imagem que acabara de ver.

— Para o seu tom de pele, creio que algo neste tom de verde ficaria bonito, não acha?

Capítulo IV

Deran se esparramou sobre uma cadeira, diante da lareira da biblioteca, vagamente consciente de como as chamas e a taça de vinho do Porto lentamente o iam aquecendo. Os eventos da manhã repassavam em sua cabeça. Enquanto o médico cuidava da srta. Fychon, Deran mostrou a Max o que ela havia escrito, e os dois discutiram a veracidade de seu relato. Max estava surpreso, mas não tão descrente quanto Deran. Embora ele tivesse pensado durante horas sobre a história, ainda não se convencera de que a astuta senhorita não tinha inventado aquilo tudo de modo a evitar punições mais severas de um patrão impiedoso. DiSanto não fora capaz de convencê-lo de que sua história contivesse alguma verdade.

Depois que Max terminou de ler, Deran disse:

— Tudo, desde a primeira palavra, é absurdo. Como acreditar que ela fez o papel de mãe de uma irmã e um irmão, quando não tem mais que dezoito anos de idade, vivendo sozinhos no meio do nada?

— Não é “no meio do nada”. — Max se referia à primeira página da missiva. — É a Ilha de Anglesey, em Gales. O nome me é familiar. — Ignorou o olhar descrente de Deran. — Se bem me lembro, a Ilha de Anglesey fica na costa noroeste, em algum lugar perto da cordilheira de Snowdonia.

— Já velejei pela costa de Gales — disse Deran —, e me lembro de Anglesey. É um inferno aquele lugar. Pode não ser o “meio do nada”, mas está bem perto disso. E era onde ela vivia, com um irmão e uma irmã que dependiam dela após a morte do pai. Não menciona a mãe, então presumo que também já tenha falecido. O irmão do pai, o tio zeloso, preocupado com o bem-estar de seus sobrinhos, vai viver com eles, e menos de duas semanas depois a srta. Fychon e seus irmãos são forçados a partir, por homens que ela não conhece. — Deran passou a mão pelos cabelos. — Permanecem juntos por algum tempo, mas então... e esta é a parte que não é plausível, Max... ela é tratada como prisioneira e lhe dizem que foi vendida. O comércio de escravos está proibido desde 1807. Mesmo antes disso, já era malvisto por comerciantes honestos.

— É verdade, mas era um mercado lucrativo, tanto para este país como para as colônias, e enriqueceu muitos homens. Escravos ainda são usados em ambos os países, embora não vá demorar muito para o Império Britânico abolir a escravidão. Você ficaria chocado se lhe dissessem os nomes de alguns homens atualmente bem-sucedidos que têm as origens de sua riqueza nesse mercado.

— Não, provavelmente não. Ficaria revoltado e decepcionado, mas não chocado.

— Você ficaria surpreso, Deran, acredite. Mas voltando à sua jovem senhorita...

— Ela não é “*minha* jovem senhorita”.

Max baixou os olhos, e o canto de sua boca se curvou.

— Sim, me perdoe. Escapou. Quanto à dama que no momento é sua hóspede...

— E não é uma dama, então pare de se referir a ela assim. Você testemunhou o comportamento dela, Max. Nenhuma dama se comporta daquele jeito.

— De que jeito? Vivaz? Concordo com você. Nenhuma que eu conheça.

— Vivaz? Vivaz é um garanhão liberto de suas rédeas. Não, a srta. Fychon é bem mais que vivaz. Ela é uma moça intratável, a mais teimosa que já vi.

— Intratável, você diz? Ela é insolente, mesmo sem abrir a boca. Porém, há mais que vivacidade nela, meu amigo.

Deran riu com ironia.

— Sim, não deixemos de lado o desaforo, o mau humor, a falta de modos, a habilidade para mentir...

— A obstinação e a lealdade a si própria — Max apressou-se a acrescentar —, e de acordo com o que escreveu, àqueles que prometeu proteger e cuidar. Não vamos nos esquecer disso a respeito de sua... perdão, a respeito da jovem dama. Ou melhor, da garota. Uma definição que me parece imprecisa, Atherton.

Deran o fitou, impassível.

— Não acredito que tenha vinte e três anos. Que seja uma donzela, eu acredito. Um homem mais atrevido teria a vida interrompida prematuramente se tentasse encostar a mão nela. Mas não tem vinte e três anos.

— Ela tem pelo menos vinte. Seu rosto não parece o de uma menininha. Perdoe-me a franqueza, meu amigo, mas creio que está há tempo demais nadando no mar das viúvas e perdeu o talento para reconhecer e cortejar as jovens.

— E minha vida é melhor, e certamente será mais longa, graças a esse talento perdido.

— Medo de ser chamado para briga novamente?

Deran fitou-o irritado, ao ser lembrado de um fato ocorrido cinco anos antes.

— Aquela mocinha em quem Lansing estava de olho me despertava tanto interesse quanto um bom cão de caça. Mas faz sentido o que diz sobre evitar ser chamado para briga por um tipo como ele. E por causa de um tipo como *ela*.

Max riu baixinho.

— Vamos perguntar à sua irmã qual é a opinião dela acerca da idade da srta. Fychon depois que tiver chance de examiná-la... mais cuidadosamente. Quando exatamente será isso?

— De acordo com o médico, levará um ou dois dias para o remédio fazer efeito. A imundice do rio agravou o estado dela, ele disse. A pele... ainda estava muito ferida. — Abriu e fechou o punho com raiva. — Se não fosse isso, já estaria sarando.

— Como ela foi parar dentro do rio é um mistério. — Max folheou seus escritos. — Ah, aqui está. Ela escapou de seus sequestradores e não sabe a que distância estava de Londres, mas levou vários dias para chegar aqui depois da fuga. Certa de que seus irmãos haviam sido entregues para alguma família ou a algum moinho, passou dias procurando por eles, perguntando a qualquer um que lhe desse atenção se os tinha visto. Uma pista sobre o paradeiro da irmã... Não consigo entender. Qual é o nome da garota?

Max estendeu o papel para Deran, mas ele não precisou ler.

— Mairwen.

Max olhou para ele, pensativo.

— Sim, Mairwen. Nome incomum, não? A pista a leva às docas numa hora perigosa do dia, onde é perseguida por desconhecidos, pula no rio fugindo mais uma vez, e o resto você já sabe.

Deran recostou a cabeça no espaldar da cadeira.

— Sim, o resto eu já sei. Sei muito bem.

— Pode-se dizer que pular no rio salvou sua vida, Atherton. A garota poderia muito bem estar morta se não fosse você.

Deran olhava fixamente para o fogo. *Poderia muito bem estar morta.* Expressão curiosa. Paradoxal. Bem, ela podia ter escapado daquela vez, mas o que ainda teria de enfrentar?

Max tinha boa entrada em todas as camadas sociais e, a pedido de Deran, apesar de ter argumentado que seria desperdício de tempo, concordou em tentar descobrir se a srta. Fychon havia trabalhado em alguma casa de família em que se soubesse ser alta a rotatividade de governantas, damas de companhia e criados.

A srta. Fychon não informara quem era seu patrão, mas Deran estava certo de que sua relutância se devia apenas ao medo de represália.

Vivaz, dissera Max. Deran deu um sorriso forçado, a cabeça latejando no ritmo das batidas do coração. Precisava dormir. Havia muito a fazer pela manhã, e uma difícil decisão a tomar.

Ava estava imóvel na escuridão, esforçando-se para escutar. Os passos pararam diante de sua porta. Será que ele ia entrar? Podia não ser o mais gentil dos homens, mas não era imoral. Não que entendesse desse assunto, mas lorde Atherton, ao menos, era um cavalheiro.

Já ela era uma intrusa, uma mulher atirada à sua porta como uma ladra. Mas um dia havia se passado e ele não a havia mandado embora, nem a levado para outro lugar. Ele cuidara de seu conforto.

No entanto, sua boa vontade devia ter limites. Vira seu olhar duro ao entrar no quarto com lady Madeline. Achava que ele tinha se arrependido de dispensar aqueles homens, tendo agora de lidar com o problema. Ela envergonhava seu lar com sua presença.

Precisava partir. Naquela noite.

Três semanas haviam se passado desde que fora separada de seus irmãos, portanto as notícias que tinha do paradeiro deles provavelmente já estariam desatualizadas. Precisava se apressar para compensar o tempo perdido desde aquela desastrosa noite nas docas.

Os passos seguiram adiante, e Ava relaxou.

Ele tinha ido se deitar.

Rose dormia no quarto em frente ao seu e já tinha se recolhido fazia tempo. Lady Charnock oferecera Rose como acompanhante de Ava. “Não é apropriado você ficar aqui”, ela tinha explicado, “mas tendo alguém como companhia é menos inadequado.” Ava percebeu que, para a viscondessa, sua presença ali era uma grande aventura, algo para agitar aquele lar formidável. Aventura para quem? Isso era a última coisa de que precisava.

Mas a gentileza e a generosidade do conde e de sua irmã pesaram enquanto fazia seus preparativos. Havia pegado apenas pequenas coisas que precisava, e pretendia devolver cada item. Ela ressaltaria isso no bilhete que planejava deixar.

Ava pegou a pequena trouxa de roupas e ficou à porta, o coração batendo forte, pulsando nos ouvidos. O silêncio era total. Correu para a biblioteca e ficou aliviada ao ver que o papel e a pena ainda estavam sobre a escrivaninha. Colocou a trouxa no chão, pegou a pena, tinta e uma folha de papel, e foi para perto da lareira. Não se arriscou a acender uma lamparina. Olhou para a porta e praguejou em silêncio ao perceber que não a havia fechado.

Atravessou o cômodo para fechar a porta e se lembrou do jantar daquela noite. Alegando falta de apetite, ela havia recusado a refeição. Poderia ter comido todo o presunto e os legumes, mas pedira à cozinheira que os guardasse para mais tarde. A mulher concordara sorridente. Ava torcia para que não tivesse se esquecido. Com certeza poderia chegar até a cozinha.

Enrolou o xale emprestado nos ombros e foi para o corredor. Atravessou correndo a sala de visitas e a sala de jantar, e voou escada abaixo até a cozinha. Ao lado da bacia de maçãs, havia um prato coberto por uma toalha grossa. Levantou o pano e quase chorou ao ver o presunto, os legumes e um naco grande de pão preto. Virou o prato, derramando o conteúdo sobre a toalha, e amarrou suas pontas. Os legumes iriam umedecer o pano, mas não havia nada que pudesse fazer. Pegou duas maçãs da bacia.

Um tinido baixo a fez parar. Será que alguém a tinha seguido? Esperou alguns segundos antes de seguir adiante. Na biblioteca, tudo estava como havia deixado. Fechou a porta com cuidado e recostou-se nela, mal conseguindo ficar de pé, de tanto que seus joelhos tremiam. Mas o pior já havia passado. Agora, à carta.

Colocou o embrulho de comida no chão, ao lado da trouxa de roupa, ajoelhou-se em frente à lareira e começou a escrever:

Lorde Morisea e Lady Sharnok,

Jamais me esquecerei de sua gentileza. Espero que possam me perdoar pelos problemas que lhes causei, e à sua casa. Não poderia pedir ou esperar mais do que já fizeram.

Levo comigo um vestido azul, um xale cinza e um manto azul. Este último é bom demais para mim, mas as noites serão frias. Devolverei tudo assim que puder. Por favor, transmitam a sra. Weever os meus agradecimentos pela boa comida.

Atenciosamente,

AF

Leu tudo. Julgando ter dito o suficiente, dobrou o papel ao meio ao mesmo tempo que a porta da biblioteca se abriu.

— Não conseguiu dormir?

Ele ocupava todo o vão da porta, mais sombrio e ameaçador que qualquer imagem de Lúcifer. Usava calças escuras justas nas coxas e botas que iam até os joelhos. O colarinho da camisa branca de linho estava desabotoado, revelando a pele bronzeada sob a luz do fogo que se extinguia. Tinha os ombros largos e usava um colete preto estampado. Os cabelos pretos ondulados contornavam seu rosto, um rosto que a deixava nervosa, com aqueles olhos cor de ébano fitando-a.

Ava abriu a boca e fechou abruptamente. Nada que dissesse além da verdade poderia salvá-la. Ajoelhou-se.

— Não faça nenhum movimento.

Deran fechou a porta tão suavemente como a abrira e foi até ela com o braço estendido. Não era para ajudá-la a se levantar.

— Dê-me isso.

Ava não podia ficar de joelhos com ele pairando sobre ela daquele jeito, como o mais ameaçador dos demônios. Se sua intenção era intimidá-la, o objetivo fora alcançado.

Inclinou-se à frente para se levantar. As botas dele chegaram a centímetros de seu nariz.

— Eu disse para não se mover, srta. Fychon. Ou sua audição é tão ruim quanto a sua fala, ou você é mais burra do que eu pensava.

— Mochyn — sussurrou ela.

— O que disse?

Ele separou os pés, o fogo refletindo nos bicos das botas bem polidas.

— Mochyn — ela repetiu, irritada. Inclinou a cabeça para trás e fitou-o nos olhos. — Porco!

— Vejo que sua voz melhorou. E que seu linguajar é tão imundo quanto o dos homens que a puxaram de dentro do rio.

Ava olhou para a porta, tentando calcular as probabilidades de conseguir passar por ele, atravessar o corredor e sair pela porta da frente. Eram mínimas, mas era melhor tentar do que ficar ali agachada aos seus pés como um cachorro obediente.

Moveu levemente o peso sobre um dos pés para garantir uma melhor arrancada.

— Nem pense nisso — disse ele com toda a calma.

A irritação na voz grave lhe provocou um calafrio. A ameaça velada a assustou o suficiente para mantê-la imóvel.

— O papel.

Ava empurrou a folha para ele. Ele pegou-a e não se mexeu enquanto lia. Ela olhou para o embrulho de comida. A umidade dos legumes cozidos formara uma pequena poça esverdeada que se infiltrava no tapete de estampa dourada em frente à lareira. Seu estômago embrulhou e ela deu um gemido.

— Não tente me fazer sentir pena de você, srta. Fychon — disse Deran, interpretando de forma errada seu gemido. — Isso já aconteceu uma vez e não acontecerá de novo. Levante-se. Estou cansado de vê-la pelo chão em minha casa.

Ava respirou fundo, tentando vencer a náusea e o medo. Ele seguramente a mandaria para a polícia agora. Sua jornada, todo o esforço que tinha feito desde a noite em que ela e sua família haviam sido levados, tudo teria sido em vão. Jamais veria seus irmãos novamente, jamais saberia o que acontecera com eles. Eles morreriam, se é que já não estavam mortos, e tudo por culpa de seu fracasso em encontrá-los e salvá-los. Como pudera pensar que seria capaz de salvá-los se não era capaz de salvar nem a si mesma?

Levantou-se devagar e sua vista ficou turva. Sentiu-se constrangida ao encarar aquele homem que não havia feito o que a lei lhe permitia fazer. Mas que agora faria.

Fechou os olhos com força para conter as lágrimas e engoliu em seco antes de abri-los novamente. Ele permanecia imóvel, a menos de meio metro de distância, os dentes cerrados, os olhos negros brilhando. Mesmo em sua ira, ele era bonito.

Deran estava irritado, mas não surpreso com sua atitude. Era uma rebelde com uma causa importante para ela. Conhecera muita gente assim, no entanto eram todos homens. O olhar de valentia dela de alguma forma amainava sua irritação. Os olhos revelavam medo, sim, mas ele também podia ver esperança e carência no tom verde brilhante; os olhos cansados de uma mulher que passara por muitas provações.

Deran exibiu a carta.

— O que significa isto?

Ava olhou para o papel.

— Eu preciso ir. Por favor. Tenho de ir. — Engoliu em seco e deu uma tossidela. — Água...

— Não. Nada de água. Posso ouvi-la muito bem.

— Mas...

— Não vou mais me preocupar com seu bem-estar, srta. Fychon. Se dói falar, faça o que for necessário para suportar a dor. Mas não terá minha compaixão. Sua explicação de que precisa ir não é satisfatória. A senhorita fica na minha casa, se utiliza de minha governanta, de minha cozinheira, da boa vontade da criada de minha irmã, apenas para usar o que necessita, arquitetar um plano e escapar durante a noite sem maiores explicações além do que está nesta carta. Até pivetes de rua têm mais consideração. O que a senhorita precisa é de uma boa surra para se colocar no seu lugar.

Deran imediatamente se arrependeu das palavras que usara.

— Faça isso, então. É o que o senhor quer fazer desde que me viu, então acabe logo com isso. Uma surra de cinto apenas machucaria minha pele e provaria que o senhor é igual a qualquer outro homem. *Ie*, o senhor, com seus títulos nobres e seus privilégios, e sua casa refinada. Isso nada significa. Nada que venha a fazer comigo será pior do que outros já fizeram. O chicote provoca dor, senhor, no entanto nada se compara ao açoite do espírito. Mas o senhor não sabe do que estou falando, sabe, *lorde* Atherton?

Sua voz rouca falhou nas últimas palavras, e seu corpo tremeu de fúria. Deran fitou-a sem acreditar. Como ousava dizer tais palavras a ele, como ousava falar de forma tão venenosa? Não fazia ideia das consequências de ralhar com ele, como se fosse um menino sentado em sua carteira na escola?

Quem era aquela mulher, aquela coisinha pequena, e onde aprendera a falar daquele jeito? Seu sotaque era rude, forte, enrolando as letras e cortando frases. Mas elas eram ardilosas e concisas, precisas. Concisas demais.

O rosto dela ruborizou, os olhos verdes escureceram, e a boca e o queixo tremiam de ódio. Sua energia dominava o ambiente e aquecia a alma dele. A mulher mais frustrante, impressionante, confusa e vibrante que ele já havia conhecido acabara de desafiá-lo. Sabia que uma vez que ela deixasse de lado a

relutância em falar, não importava o quão desconfortável isso fosse, seria um problema. E agora ela havia, de forma corajosa e bastante insensata, o censurado. De fato, havia imposto um desafio que lhe custaria caro, e só havia uma resposta possível.

Capítulo V

Ele a beijou.

Ava soltou um gemido abafado enquanto Deran aproximava os lábios de sua boca. Surpresa, ela não ofereceu resistência nem o encorajou. Os lábios dele eram firmes e dominadores, assim como ele, e seu queixo pressionava o dela. O cheiro de sabão chegou às narinas dela enquanto seu beijo se tornava mais suave. Ele mordiscou-lhe o lábio inferior, lançando ondas de calor por seu rosto.

Os movimentos provocantes de sua língua a surpreenderam, aquecendo-a por dentro. Sentiu-se tomada pelo desejo de tocá-lo. Ela agarrou seus ombros e pressionou a boca contra a dele. Com um dos braços, ele a envolveu pela cintura e puxou-a para si, ao mesmo tempo com firmeza e delicadeza.

Segundos depois, afastou-se e olhou para ela. Longas mechas de cabelo, soltas do cuidadoso penteado, pendiam até a cintura. Ele levantou uma delas, acariciou-a, e desenhou suavemente com o dedo sobre sua boca. Passou o dedo sobre seu lábio inferior, espalhando a umidade para o lábio superior, acompanhando com os olhos o caminho percorrido pelo dedo.

— Tão jovem...

Ava sacudiu a cabeça e ergueu as mãos à frente do rosto dele, indicando sua idade com dedos enfáticos.

Deran sorriu.

— Sim. Você já disse. Vinte e três. Uma idade madura, mas não muito experiente. Porém muitas jovens de vinte e três anos sabem como beijar um homem.

Ava olhou para ele perplexa.

— Sem querer ofender, srta. Fychon, mas você não sabe.

Ela piscou os olhos e recuou.

— Vou indo agora. — Olhou para a comida, faminta, e pegou a capa. — Devolverei isto quando puder. — Apontou para o líquido verde escorrendo da toalha. — Vai manchar. Sinto muito. Era meu jantar, mas... — Sacudiu a cabeça, respirou fundo e estendeu a mão. — Adeus. Obrigada por tudo o que fez por mim.

Deran não aceitou sua mão, e ela virou-se para partir, sem entender o que tinha acabado de acontecer, sem entender por que ele a tinha beijado. Parecia que isso o havia acalmado, o que era bom para ela.

— Aonde exatamente pretende ir? E como chegará lá?

— Aonde for preciso, e da forma como for possível para encontrar minha família.

— Então seu plano brilhante é vagar por todas as ruas de Londres perguntando sobre eles, como fez antes. Dependendo da compaixão de benfeitores que sorriam para você e lhe indiquem a direção certa.

Ava deu de ombros.

— Alguém sabe o que aconteceu com eles. Preciso encontrar essa pessoa, e nada vai me deter.

— Provavelmente alguém irá detê-la muito antes de encontrá-los, vestida desse jeito.

Ava abriu a porta e saiu para o corredor.

— Isso basta.

— Não pode andar pelas ruas de Londres descalça, vestindo apenas uma camisola e um xale, srta. Fychon. Não permitirei isso.

Ava virou-se.

— O senhor não é meu guardião. Se pretende me impedir, sugiro que o faça logo, pois num instante estarei cruzando a soleira de sua porta e seguindo meu caminho. Não me verá de novo depois disso, o

que deveria deixá-lo extremamente feliz.

Ela tinha razão. Deveria. Mas a ideia de ela partir não o agradava. Nem um pouco.

Deran saiu da biblioteca, detendo-a ao chegar ao pé da escada.

— Sei muito bem que não sou seu guardião e fico contente por isso. Não desejaria essa função a ninguém. Apesar disso, não posso permitir que parta. Se isso significa envolver as autoridades, então devo agir imediatamente.

Ava sorriu com doçura.

— É melhor se apressar então, lorde Atherton.

Ela abriu a porta da frente. O ar estava frio e úmido.

As dúvidas que Deran ainda tinha acerca da veracidade da história dela se dissiparam. Sua determinação em enfrentar as ruas de Londres, protegida do frio e da umidade apenas por um tecido fino, tinha de ser motivada por algo muito mais profundo que o desejo de escapar de alguma punição temida. A história que ela havia contado, a verdade de seu relato, era o que a impelia.

Ava apertou o xale em torno dos ombros e desceu a escada. Calculou que se fosse para a esquerda voltaria às docas. Deu mais um passo.

Uma mão em seu braço a deteve.

— Ava.

Um leve tremor percorreu seu corpo ao ouvir a suavidade da voz que a chamava pelo primeiro nome.

— Não faça isso.

Ela virou-se e olhou para Deran.

— Eu preciso ir. Eles não têm mais ninguém. Talvez já estejam mortos. Eles são minha responsabilidade, senhor. São tudo o que tenho.

Sua voz era apenas um sussurro dissonante, e as lágrimas a impediam de enxergá-lo com clareza.

Deran não teve coragem de sugerir que provavelmente tinha motivos para chorar. Crianças frequentemente não sobreviviam trabalhando em fábricas ou moinhos. Se não morressem pelo excesso de trabalho, morriam por falta de comida ou pelas condições de trabalho insalubres.

— Posso ajudá-la?

— Por quê? O senhor não me conhece. Não pertenço ao seu mundo.

Realmente, por quê?

— Conheço muita gente, e posso entrar em lugares que você não pode. São alguns dos privilégios trazidos pelos títulos de que você zombou há pouco de forma não eloquente.

Ava fez uma careta.

— Eu não deveria ter dito aquelas coisas. Foi... insensível da minha parte.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— A sensibilidade de um homem não é o que deveria preocupá-la ao insultar seus títulos, desonrando assim o nome de sua família.

— E com que deveria me preocupar?

Havia novamente uma expectativa temerosa no ar. Ava imaginava que ele a mandaria para a prisão. Por tentar embarcar em seu navio, ou pelas palavras que dissera a ele? Será que ela pensava que ele a colocaria na cadeia por ter ofendido a ele e a seus títulos? Nesse caso, ele não negaria. Ele tinha perdido a vantagem antes, agora poderia recuperá-la.

Olhou para ela com expressão séria.

— É grave uma pessoa sem título, uma plebeia, aviltar um nobre. — Fitou-a como se refletisse sobre sua punição. — Não faria sentido esperar que você soubesse disso, posto que não é daqui e não conhece os costumes da sociedade e a nobreza. Desta vez terei clemência.

Ele pôde ver o corpo de Ava relaxando com um suspiro. Ela dobrou os joelhos num cumprimento ridículo.

— Obrigada, senhor.

Ele assentiu com a cabeça de forma altiva.

— Quanto ao outro assunto, apreciaria muito se concordasse em continuar esta discussão lá dentro, e não na entrada da casa.

Seus olhos se encheram de dúvidas.

— Não entendo por que quer me ajudar. O senhor nem gosta de mim.

Deran conteve um sorriso.

— Talvez, mas não posso em sã consciência dar as costas à sua situação. Fazer investigações será muito mais fácil para mim do que para você.

— Por causa dos seus títulos?

— Porque sou homem.

— Porque o senhor é homem — repetiu ela, zombeteira.

— Sim — ele assentiu, ignorando o sarcasmo. — As mulheres têm acesso mais restrito a locais públicos. Homens têm mais acesso. É simples assim.

Deran se apoiou casualmente no umbral da porta. Ava refletiu sobre suas palavras. Faziam sentido, eram práticas e pareciam sinceras. Ninguém mais lhe oferecera ajuda. E ele devia possuir algum tipo de transporte. Certamente tinha um cavalo, e poderia ser persuadido a deixá-lo cavalgar com ele. Será que concordaria em cavalgar até as cidades das tecelagens? Senão, pediria emprestado um cavalo e iria só.

— Se eu aceitar, não posso ficar aqui, não é?

— Venha — disse ele, estendendo a mão. — Discutiremos os detalhes. Lá dentro.

— Posso jantar enquanto conversamos?

Deran deixou claro que envolveria o mínimo de pessoas possível, mas escolheria em quem confiar a seu critério, e ela não faria objeções. Deran precisava da ajuda de Max e podia contar com ele.

Quando ele perguntou sobre seus irmãos, uma mistura de alegria e tristeza transformou sua expressão, tocando o coração dele.

— Mairwen tem catorze anos. Ithel tem nove e é pequeno para um menino.

— Você também é pequena. Para vinte e três anos.

— *Ie*, como era minha mãe. Mairwen é alta, como meu pai. Alguns pensam que é mais velha que eu, por causa da altura.

E porque você não tem a idade que diz ter.

— Você se referiu à sua mãe no passado. Ela não é viva?

— Não. Morreu um mês após o nascimento de Ithel. Ficou doente e não conseguiu se recuperar.

Ava afastou o prato. A conversa a fizera perder o apetite.

— E seu pai?

— Morreu cinco anos atrás. Nas minas.

Deran não ficou surpreso de saber que ela tinha raízes numa comunidade mineira. O pai dela fora um dos milhares de homens que trabalhavam nas minas durante a guerra entre a França e a Inglaterra, que se estendera de 1792 até a abdicação de Napoleão Bonaparte ao trono, em 1815. O cobre das minas de Anglesey tivera importância vital na produção de armas, chapas metálicas para navios e produção de moedas.

Com as pressões que o trabalho do pai provavelmente impunha, Ava não devia ter convivido muito com ele. A devoção aos irmãos mais novos era resultado do cuidado originado pela necessidade. A

devoção conduzia suas buscas. E o temor pela segurança deles.

Após conversarem sobre seu pai, ela ficou calada, mas Deran estava determinado a descobrir tanto quanto pudesse sobre seu passado. Quanto mais informações conseguisse obter, mais poderia ajudá-la. Max provavelmente teria mais perguntas, mas Deran queria lhe dar o máximo de informações possível.

— Você escreveu que um tio foi morar com vocês.

— *Ie*, mas eu não o conheço. Meu pai tinha muitos irmãos. Não conheço todos eles.

— De onde ele veio?

Ava deu de ombros.

— De outro vilarejo em Gales. Do Sul, eu acho.

Por que esse tio tinha aparecido tantos anos após a morte do irmão? E era coincidência o fato de, duas semanas após seu aparecimento, seus sobrinhos terem sido sequestrados?

— Tem outros parentes em Anglesey?

Ava negou com a cabeça. Sua energia se esvaíra, e sua voz estava novamente reduzida a um sussurro rouco, mas Deran sentia que a fadiga não era a única razão de suas respostas incompletas.

Ela tomou um gole de limonada, e era evidente a sua dificuldade em engolir. A marca em torno do pescoço quase sumira, mas o dano real à sua garganta não era externo. Deran não estava convencido de que fosse essa a razão de sua hesitação, no entanto. Na verdade, tinha certeza de que não era, e rodear o assunto não lhe traria respostas.

— Sua garganta está doendo?

Ela assentiu com a cabeça, mantendo os olhos baixos.

— O homem, ou os homens que a tiraram de sua casa fizeram isso com você? — perguntou, afastando delicadamente com os dedos os cabelos que ocultavam a marca da corda.

Ava se esquivou de seu toque e olhou para ele desconfiada.

— Por quê? Você foi desobediente?

Ela permaneceu em silêncio, e Deran recostou-se na cadeira, fingindo indiferença.

— Posso imaginar que sim, caso as demonstrações de rebeldia que testemunhei sejam uma prova daquilo de que é capaz quando provocada. Você lutou contra eles, proferiu todos os palavrões que sabia, não importando se eles a entendiam ou não. E como punição, a corda foi apertada.

E ela foi açoitada. Desgraçados...

Ava apertou os olhos.

— Não posso falar sobre isso, senhor. Não deveria ter lhe contado o que já contei. É perigoso demais. Eu estava... — Repousou o copo na mesa com a mão trêmula. — Não definimos se ficarei ou não — disse ela, mudando rapidamente de assunto. — Caso eu fique em Londres e aceite sua ajuda, não posso ficar aqui. Por sua reputação. Sua irmã me explicou isso.

Deran tinha vontade de pressioná-la, mas o assunto estava encerrado... por ora. Ele a observava, distraído.

— Ah, é? E o que ela lhe disse?

— Que um homem e uma mulher não podem residir sob o mesmo teto, a menos que sejam casados ou tenham uma relação de tutela. Não é apropriado. E manter-me aqui mancharia o nome de sua família e sua reputação.

Deran sorriu.

— Bravo. Isso é exatamente o que Madeline falaria.

Ava retribuiu seu sorriso.

— Quanto à minha reputação ser manchada, isso não pode ser evitado. Ela já está manchada há algum tempo, e sua presença aqui não a tornaria pior do que já está.

Ava franziu a testa, curiosa.

— Por quê? O que o senhor fez?

Ele sorriu maliciosamente.

— Ah, não, isso permanecerá em segredo. Você ficaria vermelha até as orelhas.

— Ah, o senhor está falando de mulheres com quem esteve — deduziu Ava, *ficando* vermelha até as orelhas.

— E você não falará disso. *Nós* não falaremos. — *Que idiotice a minha mencionar isso!* — Quanto ao local onde ficará, minha irmã tem razão, não é adequado que fique aqui. Não apenas por minha reputação, mas pela de minha família, bem como pela sua. Você ficará com minha tia Geneva. Nós a visitaremos após o desjejum.

— Ela já sabe sobre mim?

— Não, mas vai adorar recebê-la. O marido dela está fora do país, visitando a mãe doente. O que minha tia mais adora é gente ao redor, e só fica feliz quando tem a casa cheia de convidados.

— Mas, senhor, eu não a conheço. Não posso simplesmente me mudar para a casa dela enquanto o senhor e eu fazemos buscas. Isso seria muito... muito esquisito.

— Não mais esquisito do que você morar aqui.

— Mas ao menos estou familiarizada com o senhor. O senhor é a única pessoa que eu...

Ava se calou repentinamente e virou-se, mas ele vira as lágrimas.

Virou-se novamente para ele após se recompor.

— Lamento, senhor. Não quis parecer ingrata. Estarei pronta para partir pela manhã.

Deran permaneceu imóvel. Uma onda de prazer atravessou seu corpo. Já acontecera na presença dela antes. Era fácil relaxar na companhia daquela garota quando ela não estava determinada a irritá-lo. E por mais chocante que fosse admitir, ele gostava de sua franqueza, especialmente quando não o estava censurando. Lembrou-se de sua reação à última onda de franqueza irônica e sentiu uma pressão na virilha. Baixou os olhos, fitando os lábios dela ao se lembrar.

Nesse momento, Ava olhou para ele.

— Por que o senhor me beijou?

Ele levantou a cabeça.

— Realmente, srta. Fychon, você tem talento para dizer as coisas mais notáveis. Coisas que não deveriam ser ditas.

— Por quê? Se é algo que aconteceu comigo, por que não posso perguntar? A ignorância apenas enfraquece, tornando-o incapaz de decidir se permitirá que algo lhe aconteça ou não.

Bom argumento. Será que estava sugerindo que não deixaria acontecer de novo?

— Você não é nem um pouco ignorante, mas não conhece as normas para uma conversa educada, especialmente entre homens e mulheres.

Ela deu uma risada triste.

— Existe tal coisa? Conversa educada?

Deran sorriu.

— De fato, existe.

— Irá me ensinar?

— Eu serei um mau professor. Minha tia é muito melhor em tais assuntos.

— Eu me referia ao beijo. O senhor disse que eu não sabia beijar, mas o senhor sabe.

Ele ficou sem fôlego. Como havia se encurralado daquela maneira?

— Srta. Fychon...

— Por que fala meu nome desse jeito formal quando digo algo que o aborrece?

— Isso é imaginação sua.

— Não, não é. Mas não importa. — Ela balançou a cabeça. — Se não vai me contar por que me beijou e o que fiz de errado, então pedirei sua permissão para me recolher, senhor... lorde Atherton.

Ele apertou os olhos. A seu modo, ela o dispensara. Estava se tornando boa nisso. E ele permitiria porque não tinha a menor intenção de responder a nenhuma das duas perguntas a respeito do beijo que jamais deveria ter ocorrido.

Ele lhe deu permissão com um gesto e observou-a encaminhando-se à escada.

— Até amanhã, então, senhor — disse Ava, abaixando-se num cumprimento vacilante.

— Você pode parar com isso.

— O quê?

— Isso de ficar se curvando para baixo e para cima toda vez que está tentando me irritar.

Ela piscou, inocentemente.

— Não tenho de me curvar? Pensei que se fizesse isso diante da realeza.

— Eu não sou a realeza — retrucou ele, cerrando os dentes. — Você sabe muito bem.

— Peço mil perdões, senhor. Minha educação quanto a quem é quem e como me dirigir a eles é falha, mas vou me esforçar para corrigir isso — falou com um sorriso.

— Boa noite, srta. Fychon.

— Boa noite, senhor.

Ava andou dois passos pelo corredor, e Deran pôs a mão em seu ombro, fazendo-a virar-se de frente para ele.

— Eu a beijei — disse, baixinho —, porque precisava conhecer a sensação de sua boca junto à minha. E não foi ruim, srta. Fychon. Nem um pouco.

Acariciou seu lábio inferior com o polegar e então encostou os lábios aos dela, muito suavemente.

— Boa noite, srta. Ava.

Capítulo VI

Uma carruagem azul-escura estava parada junto à calçada na manhã seguinte, o teto dourado reluzindo ao sol. Dois cavalos cinzentos batiam os cascos e relinchavam, impacientes para partir.

Ava ficou boquiaberta.

— Nós vamos *nisso*?

— Certamente não vamos acompanhar a carruagem andando.

Deran a conduziu até os degraus.

Ava se desvencilhou dele e, segundos depois, estava cara a cara com um dos cavalos. Estalou a língua e sussurrou para o animal.

— Deduzo que goste de cavalos.

— Eu *adoro* cavalos. Deixei para trás um que amava muito. Foi presente do meu pai no meu aniversário de quinze anos.

Deran ajudou-a a subir na carruagem. Rose já estava sentada, desconfortável por estar numa carruagem tão luxuosa. Ava sentou-se na beirada do assento de veludo azul acolchoado e observou o interior, embasbacada. Havia mantas bem dobradas num canto e cortinas de veludo caindo sobre as grandes janelas quadradas. Levantou uma delas e espiou lá fora, desejando que a tia de lorde Atherton morasse bem longe. Queria absorver o aroma, o cheiro de cavalo e couro, desfrutar a sensação deliciosa.

Deran sentou-se em frente às duas mulheres, recostou-se e esticou as pernas. Pressionou o indicador contra a boca, contendo um sorriso. Jamais vira alguém tão deslumbrado com alguma coisa quanto Ava Fychon com aquela carruagem. A luz em seu rosto era cativante, uma observação que causou certo alarme, visto que havia passado tempo demais pensando nela na noite anterior.

— Onde ela mora? Sua tia?

— Em Mayfair. Mas antes vamos a Knightsbridge para devolver Rose à minha irmã.

— Mayfair fica longe? A casa de lady Charnock é longe daqui?

Deran riu.

— Faremos o caminho mais longo para ambas as casas, que tal?

Percorreram o restante do trajeto até a casa de Madeline em silêncio. Da forma mais discreta possível, Deran observava Ava absorvendo a paisagem de Londres, e tentava imaginar a cidade através dos olhos dela. Fileiras de casas elegantes, jardins bem-cuidados e cavalos disputando espaço nas praças.

Sua irmã já havia saído para seus compromissos sociais matinais, tornando breve a parada para deixar Rose. Deran falou com o cocheiro e ocupou o assento em frente a Ava.

— Não parece confortável, srta. Fychon.

— Confortável? Estou muito confortável, obrigada, senhor.

Deran observou-a. O vestido que usava, como o que usara na véspera, era escuro, simples, e não lhe caía melhor que um saco de grãos. Por razões que não sabia explicar, isso o irritava.

Ela olhou para longe, ergueu os ombros ainda mais, se é que isso era possível, e abruptamente alterou sua postura, ficando corcunda. Deran permaneceu imóvel, pois com aquele movimento ela revelara algo. Não vestia roupas de baixo ou espartilho. É claro que não. Os que tinha ficaram arruinados após nadar no rio, e os de sua irmã não lhe serviriam, ainda que ele não fosse capaz de dizer que diferença havia entre as duas mulheres naquela região.

Ao beijá-la na biblioteca, sentira os seios dela contra seu peito. Fora um encontro breve, longe de um

abraço completo, mas ele se lembrou da surpresa que tivera. Havia imaginado que um corpo tão pequeno e jovem fosse menos desenvolvido.

A ideia de que ela estava nua sob o vestido era erótica e tinha um efeito direto em seu corpo. Deran moveu-se discretamente e se forçou a olhar para fora.

Uma explicação mais plausível era a de que talvez estivessem desconfortáveis por causa das costas machucadas.

Esse pensamento ameaçava arruinar seu humor, algo que desejava evitar, posto que dispunha de tão pouco tempo com a srta. Fychon antes de entregá-la à sua tia.

Ordenou ao cocheiro que os conduzisse até o Hyde Park. Estavam sendo aguardados em Mayfair uma hora mais tarde, o que lhes dava tempo suficiente para passear no parque e fazer uma breve parada à margem do rio.

— Srta. Fychon, você falava sobre o cavalo mais cedo. Você monta?

— É claro. É assim que sempre viajo.

Ele suspeitara disso, por sua reação diante dos cavalos.

— Por prazer, digo. Cavalgar nos campos, esse tipo de coisa.

— Não com a frequência que gostaria, e não como a dama que acabou de passar.

Deran olhou pela janela atrás dele. Um homem e uma mulher vestidos elegantemente cavalgavam lado a lado.

— Em roupas formais?

— Não. Não numa sela como essa.

— Você cavalga escarranchada?

Ela não respondeu e pareceu constrangida.

— Srta. Fychon?

— Desculpe. Não sei o que quer dizer isso. Escarranchada.

— Ah. Como o cavalheiro estava sentado, com uma perna de cada lado. A dama estava sentada de lado.

— É assim que mulheres cavalgam? De lado?

— Sim.

Ela franziu os lábios.

— E como não caem?

Deran sorriu.

— Aprendem desde cedo a se equilibrar adequadamente.

Ava sacudiu a cabeça.

— Um cavalo é tudo de que preciso. É só assim que sei cavalgar.

— No pelo? — perguntou ele, surpreso. — É assim que cavalga?

— *Ie*. Ou costumava cavalgar.

A tensão que ele havia ignorado momentos antes agora voltava latejando profundamente. A visão dela cavalgando era clara e vividamente sensual. O vestido dobrado sobre as coxas lisas e firmes envolvendo o dorso do cavalo, os quadris e nádegas encaixados sobre o dorso do animal, os joelhos nus e as panturrilhas pressionadas contra o lombo. O vento brincando com seu cabelo o transformava numa torrente dourada, rodopiando em torno do rosto afogueado de felicidade e calor. A crina do cavalo e seus dedos se uniam. Seu equilíbrio era perfeito, as costas eretas e preparadas para saltar um pequeno portão que se aproximava. Seus seios subiam e desciam no ritmo dos cascos, o branco sedoso...

— Senhor, está se sentindo mal?

Surpreso, Deran piscou os olhos, afastando aquela imagem. Sua boca estava seca como couro, e o coração batia forte sob a camisa engomada. Mal...? Se estive um pouco pior teria de mergulhar na água gelada.

Maldição, o que eu estava pensando?

Assim como na noite anterior, recriou-se por ter pensamentos inapropriados com aquela moça. Aquela *menina*.

— Estou muito bem, obrigado. Sinto muito. Por um momento, minha mente estava vagando por outros assuntos.

— Oh, desculpe-me. Deve ter assuntos muito mais importantes em que pensar do que a minha situação.

— Sim, tem razão. Mas isso não é desculpa para ignorar você e seu fascínio com o passeio de carruagem.

A carruagem reduziu a velocidade, atraindo a atenção de Ava para fora. Ela engoliu em seco.

— Água! E um barco! Pequeno, com pessoas dentro! — Ela mal parava quieta sobre o assento. — O que é isso? Podemos parar? Temos tempo?

Deran sorriu com sua empolgação. O que seria uma viagem de carruagem tornara-se uma aventura para ela, e ele estava se divertindo mais do que previra.

Bateu no teto da carruagem, sinalizando que queria parar. Desceu e estendeu a mão para ajudá-la.

Ava chegou à margem antes dele, sem perceber que seu xale havia caído no chão.

— Como se chama? — perguntou, baixinho.

— Rio Serpentine. É alimentado por uma nascente.

Ela se aproximou mais da margem. As águas eram plácidas e silenciosas. Era tão vasto... A área verde do parque, com suas passagens e trilhas, estendia-se muito além de onde a vista alcançava.

Deran a observava a certa distância. De costas para ele, Ava estava imóvel como a árvore em que ele se apoiava. Sua postura era firme, seu silêncio, imenso. O que chamara sua atenção? Quando ela repentinamente moveu os ombros à frente, ele se lembrou do xale que havia pegado. O frio da manhã diminuía, mas uma brisa fresca soprava. Pensando que talvez sentisse frio, foi rapidamente até ela.

Ava ergueu as costas e se afastou quando ele pôs o xale sobre seus ombros.

— Está com frio. Vamos voltar à carruagem.

Ela afastou-se ainda mais e levou a mão ao pescoço.

— Srta. Fychon, vamos.

Deran segurou-lhe o cotovelo, com a intenção de conduzi-la à carruagem, mas um breve gemido o deteve. Ele soltou-a e deu a volta para olhá-la de frente.

Os olhos verdes estavam encharcados de lágrimas. Ava baixou a cabeça e ergueu as mãos para esconder o rosto, mas ele as segurou. Estava preocupado e ao mesmo tempo confuso.

— Por que está chorando? Pensei que estivesse se divertindo, mas todo o tempo estava chorando...

Tirou um lenço do bolso e o estendeu para ela.

Que constrangedor! E que tolice deixar que ela perdesse o controle daquele jeito, e numa manhã tão maravilhosa.

Ava virou-se e enxugou os olhos com o lenço. Tinha o cheiro dele, de sabão e madeira. Sentiu os aromas e guardou-os na memória antes de devolvê-lo. Apertou o xale sobre o corpo.

— Agora me conte o que a está perturbando.

Ava respirou fundo. Ele estava próximo demais. Ela podia sentir o calor de seu corpo, e de repente se deu conta de que ele ainda segurava sua mão. Puxou-a de volta.

— Não é nada.

— É mesmo? Você sempre chora sem motivo em frente a rios resplandecentes no meio de um parque? Ela torceu o canto da boca.

— Não, senhor.

— Então conte-me o que a deixou chateada.

Ele a fez dar meia-volta e conduziu-a em direção à carruagem.

— Por favor — disse Ava, segurando o braço dele —, só mais um minuto. Só um.

Ele assentiu com a cabeça e andaram até a árvore em que ele havia se encostado antes.

— Sinto falta do mar — murmurou ela. — Sempre que eu podia, cavalgava ao longo da costa.

Quilômetros e quilômetros, pelas ondas, tão livre... Nada me deixava mais feliz. Fiquei imaginando que essa água tranquila era o mar e isso me deixou com saudade de casa, acho. Sinto-me culpada e envergonhada.

— De quê?

— Estou a salvo, aquecida e alimentada. Estou desfrutando uma manhã no parque antes de ir para uma casa onde serei hóspede. Tenho muita sorte e sinto-me culpada... Estou viva e...

Ela sacudiu a cabeça vigorosamente, abraçou o próprio corpo e derramou uma torrente de lágrimas. Bateu o pé no chão e vociferou palavras duras.

Sem saber ao certo se sua aflição era causada por raiva ou por tristeza, Deran a consolou. Por trás dela, colocou as mãos sobre seus ombros, suavemente a princípio. Apoiou o queixo no alto de sua cabeça, inalando o perfume dos cabelos sedosos. Os polegares repousaram sobre sua nuca, e ele sentiu um aperto na virilha, em reação ao calor da pele. Fechou os olhos e deslizou as mãos pelos braços dela, envolvendo-a num abraço reconfortante.

— Nós os encontraremos — sussurrou. — Eu a ajudarei. Não precisa se preocupar.

O coração dele batia contra as costas de Ava, e ele sentia sua própria pulsação, rápida e constante. O instinto a advertia a se afastar, mas ela permaneceu ali, sem se mover. Estava se saindo mal em obedecer às próprias ordens naquele dia. Então pousou as mãos sobre os braços dele e apertou-os. Lentamente, ele escorregou os braços, envolvendo-a pela cintura.

Aquilo não era sensato, por muitos motivos. Estavam num local público, relativamente ocultos atrás de uma árvore, mas especialmente porque as nádegas dela pressionavam sua virilha, que já havia sido fortemente influenciada por um simples toque.

Não, não era sensato. Mas era tão inebriante...

O que estava acontecendo?, Ava se perguntava. Nunca havia sentido nada parecido. Uma onda de calor se formava em seu ventre e descia até a região entre as coxas. A boca dele tocava sua nuca, e sua pele se derretia. Perdia o ar quando ele respirava sobre sua orelha e seu cabelo. Ouviu o vento soprando e se deu conta de que era na verdade o som do próprio suspiro. Sentiu-se flutuar, ao mesmo tempo pesada e sem ar, os joelhos dormentes, as pernas trêmulas.

As mãos dele se moveram de sua cintura e, com um toque suave como as asas de um passarinho, deslizaram em torno de suas costelas e repousaram abaixo dos seios.

Ava arfou, atônita com o movimento ousado e com as sensações desconhecidas que provocava. Desconhecidas e maravilhosamente excitantes. Seus seios se contraíram, e ela arqueou as costas, silenciosamente suplicando por mais.

Aquilo não estava certo. Ela não deveria... Ele não deveria...

Deran emitiu um som, como alguém que sentisse dor de cabeça, e se afastou bruscamente.

— Srta. Fychon — disse, baixinho —, me perdoe. Não posso justificar meus atos. Não deveria ter tomado tais liberdades com você.

Ava virou-se de frente para ele, sabendo que devia estar parecendo a mais desavergonhada das

mulheres, pois queria mais. Queria que ele tocasse em seus seios. Nunca havia sido tocada daquele jeito, mas tinha sido delicioso e a fizera se sentir viva.

Seus olhos brilhantes e sua expressão luminosa pouco ajudavam a amenizar a culpa de Deran. Que tolice, que coisa desonrada ele fizera, comprometendo-a daquela forma! Não aconteceria de novo. Ele não sabia o que ela tinha, mas sempre que estava por perto seu corpo parecia dominar sua mente, trazendo-lhe problemas. E absoluto prazer. Luxúria, nada mais.

Ela era uma menina, uma criança. E crianças não eram marionetes a serem manipuladas em jogos de luxúria.

Tivera uma noite agradável com uma mulher apenas três dias antes. Aparentemente, precisaria de outra. Logo.

Ava entrou na carruagem. Encolheu-se no canto oposto ao de Deran, desejando que pudesse evaporar para dentro das luxuosas cortinas. Ele a tratava como uma criança desobediente, e ela se sentia culpada.

De quê? O que tinha feito de errado? Nada. Ela o magoara ou o constrangera? Se perguntasse o porquê, ele mudaria de assunto. Não era apropriado conversar sobre assuntos particulares. Uma norma ridícula quando tais assuntos envolviam apenas duas pessoas. Quem mais saberia?

Ela o fitou com as pálpebras semicerradas. Tão orgulhoso, tão seguro de si... Ninguém jamais pensaria que eles parariam e fariam aquilo, o que quer que fosse.

— Lorde Atherton, tenho uma pergunta. Peço desculpas antecipadamente se for inoportuna, mas... o senhor... Oh, maldição, não sei o que estou tentando perguntar!

— Srta. Fychon — disse ele, veemente —, jamais use tais palavras novamente, entendeu?

— Que palavras?

— Sabe muito bem.

— Ah, quer dizer “maldição”?

Ele deu um suspiro.

— Sim. Não diga mais isso.

— Por quê? O senhor diz. Eu ouvi.

— É diferente.

— Porque o senhor é um conde?

— Porque eu sou homem.

— Oh, novamente isso de ser homem. Por que um homem pode praguejar quando está zangado, e uma mulher não?

— Porque é assim que as coisas são.

— Quem criou essa regra? Os homens?

— Não é uma regra. É uma questão de decência. Mulheres... damas respeitáveis... não dizem impropérios. Sempre foi assim, e sempre será.

— É o que o senhor diz.

— Sim, é o que eu digo.

Ava ficou em seu canto, irritada, e Deran no dele, enfurecido. O espaço entre eles era cada vez mais gélido.

Ela o fitou de soslaio. Ele a havia tocado, respirado sobre ela, beijado partes de seu corpo nunca antes tocadas por lábios, e agora a tratava como se ela tivesse varíola. Maldito fosse. E maldita fosse ela por deixá-lo fazer tais coisas. Ela arruinara tudo. E nada tinha a perder pressionando-o.

— Lorde Atherton. Sobre o beijo...

Ele deu um suspiro e fechou os olhos, mas Ava prosseguiu:

— Na biblioteca, e depois o outro, na escada.

Deran afundou no assento.

— Pensei que talvez fôssemos fazer aquilo de novo... no parque, mas... — Ela sentiu o nervosismo aumentar. — O senhor não quer me beijar mais?

Não era a pergunta que Deran esperava, e olhou para ela, pasmo. Se tivesse certeza de que ela tinha vinte e três anos, a possuiria ali mesmo, naquele instante.

Se não queria beijá-la? Será que ela era tão tola assim? Tão inocente? Nada haviam lhe ensinado nada sobre o comportamento entre homens e mulheres?

— Srta. Fychon, já lhe disse que tais assuntos não devem ser discutidos.

— Mas se não posso perguntar ao senhor, a quem devo perguntar?

— A ninguém, srta. Fychon. Não pergunte a ninguém.

— Mas assim jamais saberei a resposta.

— Sim, essa é a ideia.

— Mas isso é injusto!

— Talvez seja, mas é assim que é. Nem todas as perguntas precisam ser respondidas.

Ava olhou para ele, pasma.

— Esta é a coisa mais ridícula que já ouvi.

Deran deu de ombros.

— Então está dizendo que não quer me beijar.

— Não! — Santo Deus, estava gritando com ela... — Não, eu não disse isso.

— Mas o senhor...

— Srta. Fychon — disse ele num tom moderadamente irritado —, se eu não a beijei, não foi porque não quisesse. Foi porque... não seria o suficiente.

Ava piscou várias vezes. Seu maxilar latejava. Seus olhos fitavam a boca de Deran, e um desejo voraz a dominava. Queria aquela boca sobre a sua mais do que qualquer outra coisa, com exceção da liberdade. E beijá-lo seria uma espécie de libertação, pois não parava de pensar nisso desde que ele a beijara na biblioteca. Não parava de pensar nas ondas de calor chegando a todas as partes de seu corpo. E então, depois daquela noite conversando na cozinha, imaginou que ele iria querer de novo. Ele parecia gostar, embora ela não soubesse beijar, mas ela pensou ter deixado claro que havia gostado também.

Deran notou que ela o observava, sentiu o calor do olhar dela sobre sua boca. Podia sentir o gosto de seus lábios, o sabor amanteigado de sua pele. Os braços dele em torno de seu corpo delicado... aquele fora um momento de perfeição. E ela queria saber por que ele não fora adiante após o ato vergonhoso que cometera.

Ele a queria completamente. Querer tanto assim era perigoso. Quase criminoso.

Deran deu um suspiro segundos antes de lançar-se sobre ela. Ava gemeu quando ele a jogou sobre o colo, agarrou seu braço e beijou seus lábios com força, com muito mais força do que na biblioteca.

Todo o ar foi tragado para fora do corpo de Ava, com o impacto e a surpresa.

Deran se afastou, ofegante.

— Meu Deus, você é exasperante!

— Eu sei. Desculpe. É só que...

— Fique calada, srta. Fychon. Fique totalmente calada.

— Sim, senhor — ela sussurrou.

Ele a beijou novamente, dessa vez com doçura. Suas mãos seguravam seu rosto, deslizavam por entre os cabelos soltos, percorriam-lhe as costas num carinho delicado. Ele apertava e lambia seus lábios, provocando-os tentadoramente antes de capturá-los mais uma vez. A língua brincava no canto de sua boca.

— Abra a boca.

Ava recuou, de olhos arregalados.

— O quê? Por quê?

Deran inclinou a cabeça e olhou para ela pacientemente.

— Confie em mim. Você vai gostar.

O beijo se tornou mais suave, os lábios se entreabriram, e Ava imitou-lhe os movimentos. Quando a língua de Deran invadiu sua boca, foi como se um raio atravessasse seu corpo.

Os braços dela envolveram seu pescoço e ela o beijou com volúpia. Quanto mais sentia, mais queria. O cabelo, espesso e pesado como ela imaginara, o rosto, com seus ângulos e curvas surpreendentemente suaves, e sua boca, hum... deliciosa.

Deran beijava o pescoço dela, afundava nele seu rosto e mordiscava seus ombros. Inclinou-a para trás e beijou-lhe os seios, tocou o vale entre eles com a língua e trilhou com beijos o caminho de volta até a boca.

— Entende agora o que eu quis dizer, srta. Fychon? Sobre o beijo não ser suficiente?

Ele falava com os lábios colados aos dela, enquanto acariciava sua perna por sobre o vestido.

Ava respirou fundo quando a mão dele retornou pelo mesmo caminho. Hipnotizada, observou o vestido amarfanhado sobre sua pele bronzeada.

— Sim, lorde Atherton — murmurou, o coração batendo errático. — Sim, eu entendo. Está bastante claro agora, obrigada.

A mão dele deslizou sobre seu joelho, aproximando-se do espaço íntimo entre as coxas. O abalo provocado pelo calor que ele causava era uma maldita distração.

— Oh, senhor... Por favor, posso chamá-lo de outra coisa?

Deran riu, segurando a roupa inconveniente.

— E de que me chamaria, de “querido”?

Ava inclinou novamente a cabeça para trás sobre seu braço. Sua espinha perdera totalmente o senso de retidão enquanto a mão dele se aproximava do latejamento entre suas pernas.

— Não sei... oh, não sei... mas por favor, “senhor” não. Não enquanto você estiver...

Os lábios de Deran cobriram os dela, a mão audaz aproximava-se sorrateiramente de seu calor, e ela gemeu.

— Não enquanto eu estiver fazendo você querer mais?

— Sim. Isso. — Agarrou o ombro dele. — Eu não deveria querer mais, deveria, senhor?

Não, não deveria. E nem eu. A responsabilidade é toda minha.

— Não é uma questão de dever ou não, querida. Simplesmente é... assim. — A mão dele estava quase livre do maldito vestido. Beijou-a de leve. — Tem sido para mim desde que a vi pela primeira vez, pingando sobre meu carpete.

Ava deu um gemido.

— Tinha que mencionar isso, não é?

Ele riu contra o pescoço dela.

— Apesar de estar encharcada, você era adorável. Mas devo dizer que a prefiro assim.

Mais alguns centímetros e poderia finalmente tocá-la como sonhara em fazer. Sua respiração parou ao sentir o calor emanando através do tecido e o tremor dela sob a palma de sua mão. Sentiu o aroma doce de sua excitação. Os quadris dela se arquearam para cima, buscando a mão dele. Deran percorreu com o olhar o corpo dela, estendido ao longo do assento. Panturrilhas e coxas com mais tônus do que as de qualquer outra mulher que ele conhecia. A pele era clara, mas não pálida.

Olhou novamente para o rosto dela, rosado de excitação, os lábios úmidos e avermelhados devido aos

beijos, os cabelos desgrenhados. Ele a desejava. Irracionalmente. Mas não era ali que queria possuí-la, e aquilo era tão depravado que ele não deveria nem pensar em fazê-lo. Relutante, afastou a mão de sua coxa.

A carruagem de repente deu um solavanco, e Ava deu um gritinho, quase caindo do colo de Deran no chão. Ele agarrou seu ombro, e ela o segurou pela lapela do casaco e se recompôs.

Deran olhou pela janela. Estavam a apenas três quadras da casa de sua tia.

Agradeceu intimamente pelo buraco na estrada. Se não fosse por isso, chegariam em más condições e teriam algumas explicações a dar. Na verdade, explicações não seriam necessárias. As evidências falariam por si só.

Ele informou a Ava o quão próximos estavam, e rapidamente ajeitou a gravata, o colete, e arrumou o cabelo.

Ava notou como ele tinha prática em se ajeitar dentro de uma carruagem. Ela se recompôs da melhor forma que foi capaz.

— Você já fez isso antes.

— Não conversaremos sobre isso, srta. Fychon.

Diga algo a ela. Peça desculpas, ao menos.

Ela se virou para ele, os olhos redondos, um sorriso triste no rosto.

— Por favor. Pode não me chamar pelo sobrenome?

Deran pôs a mão sobre a face dela, querendo que tivessem mais alguns momentos para que pudesse se redimir de algum modo.

— Não é apropriado, querida.

— O que aconteceu nesta carruagem também não é, imagino.

Ele fez uma careta.

— Você sabe mesmo roer a carne e chegar ao osso. — Segurou-a pela nuca e puxou-a para perto, beijando-a delicadamente. — Quando estivermos a sós, você será Ava para mim.

— Obrigada. E eu o chamarei de...

A carruagem parou, e o coração de Ava deu um salto junto com o último rufar dos cascos.

— Meu Deus. Chegamos.

— Sim. Deixe-me ver você. — Ele ajeitou o decote do vestido e uma mecha de cabelo solta. — Está adorável. A duquesa ficará tão fascinada quanto eu.

— Oh, duvido... Você disse duquesa? Ela estará com sua tia? Já não basta ter de conhecê-la, terei de conhecer também uma duquesa?

— Não, querida. *Minha tia* é a duquesa. A duquesa de Barclay. Eu não havia mencionado?

Capítulo VII

Eram duas e meia da tarde quando Deran voltou para casa.

O chá insípido na casa da tia Geneva em nada ajudara a acalmar seus nervos em frangalhos. E ele não era do tipo de ficar com os nervos em frangalhos. Nunca. Pelo menos, não até dois dias atrás.

Que desastre, pensou, atirando o chapéu em cima de Bickford ao entrar em casa. Sua vida tinha se tornado um total desastre em menos de quarenta e oito horas. Seus passos ressoavam nas paredes ao passar pela biblioteca e entrar no escritório. Na biblioteca ficava o vinho do Porto, o escritório possuía fortificações mais robustas.

Bateu a porta com força, uma reação às frustrações daquele dia interminável. Murmúrios escapavam involuntariamente de seus lábios enquanto se dirigia à bandeja de bebidas.

E agora dei para ficar resmungando!

Serviu uma dose generosa de uísque e afundou numa cadeira. O primeiro gole o aqueceu por dentro. Ele recostou a cabeça na cadeira e fechou os olhos. Exceto pela balbúrdia em sua mente, tudo o mais estava em silêncio.

Finalmente. Em paz, em sua casa.

A espiral de tensão em seu íntimo se acalmaria em poucos minutos.

Após vários, ele desistiu.

Olhou para o copo, sem se surpreender quando uma lembrança da srta. Fychon subiu à tona no líquido âmbar. Ele viu as mãos dela mexendo o copo de limonada. Ela o segurava como se fosse um frágil ovo de passarinho.

Ela reagira da mesma forma ao tomar chá na sala de visitas de sua tia. Como se estivesse prestes a morrer de sede e o chá tivesse salvado sua vida. O prazer que sentira não passara despercebido para sua tia.

Ao descobrir que a dama da casa era sua tia, que era também Sua Graça, a duquesa de Barclay, Ava Fychon tinha entrado em pânico. Deran fizera o possível para lhe garantir que em pouco tempo ela acharia de sua tia o mesmo que todos achavam: peculiar. Era a excêntrica da família. Toda família tinha ao menos uma, e no caso da de Deran, era a mais nobre de todas.

Não restava dúvida de que ela e Ava se dariam muito bem.

Deran por fim conseguiu tranquilizá-la o suficiente para que entrasse na mansão. A duquesa estava cuidando de algo no jardim, e eles foram conduzidos à sala de visitas. A espera deu a Ava mais tempo para se preocupar.

— O que devo dizer a ela? Como devo chamá-la?

— Trate-a por Vossa Graça. Imagino que ela lhe pedirá que a chame de tia Geneva.

Ava corou e retorceu as mãos, agitada.

— Oh, eu jamais poderia fazer isso! Usarei Vossa Graça. Isso eu consigo. — Entrelaçou as mãos sobre o colo. — Conheço títulos. Aprendi a usá-los, mas nunca precisei. Você foi meu primeiro. O primeiro nobre que eu conheci, quero dizer.

Ele fora seu primeiro em muitas coisas. Prudentemente, não disse o que pensou.

— Estou curioso a respeito de sua educação — comentou Deran. — Fala inglês bastante bem. As dificuldades que tenho em entendê-la se devem em grande parte ao seu sotaque do Norte, perdoe-me pela

indelicadeza. Mas suas frases são bem construídas, especialmente quando fala, mais do que escrevendo. Aprendeu isso na escola em Anglesey?

Ava ficou feliz por mudar de assunto e esquecer um pouco o nervosismo que sentia sentada numa sala tão chique aguardando a duquesa. Balançou a cabeça.

— Minha mãe me ensinou. Ela acreditava que as mulheres deviam saber tanto quanto os homens sobre todos os assuntos. Depois que ela morreu, tive pouco tempo para continuar aprendendo, mas ia à igreja sempre que podia e conversava com os padres. Eles abriram para mim suas bibliotecas e me contaram histórias de suas viagens.

Nenhuma educação formal, pensou Deran. Apenas o que aprendera da mãe e de padres generosos.

De repente ela franziu a testa.

— Eu tenho de me curvar? Não me lembro.

— Se fizer isso, ela provavelmente corrigirá sua postura e a fará andar para lá e para cá com um livro na cabeça. — Ele riu. — Não, não precisa. Cavalheiros fazem reverência, você faz só uma saudação — explicou ele com um sorriso.

Estavam sentados de frente um para o outro; ele, numa cadeira desenhada para manter a pessoa atenta e desconfortável todo o tempo; ela, na beirada de um sofá de cetim dourado brocado.

Ava puxou o vestido, ajustou a cintura e voltou à posição original. Podia-se sentir no ar o seu nervosismo.

— Srta. Fychon — disse ele, baixinho.

Ela parou de se remexer, mas não olhou para ele.

— Ava.

Ela levantou a cabeça, os olhos arregalados, o rosto corado.

— Sim, senhor? Milorde?

Ele sabia que ela falara aquilo apenas no intuito de ser respeitosa, mas a formalidade o irritou. Diria isso a ela mais tarde. Ela já tinha o suficiente com que se amofinar no momento.

— Eu não a traria aqui se achasse que não estaria segura. Por favor, acredite que estou pensando no seu bem.

Para sua surpresa, e causando-lhe certa consternação, os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Ah, eu acredito em você. Tem sido tão gentil desde a noite em que eu fui deixada na sua porta tão... tão arrasada. Jamais poderei agradecer o suficiente por isso. E pela ajuda que me ofereceu. Não esperava encontrar alguém como você, nem que você pudesse querer me ajudar, mas estou profundamente em dívida com você.

Deran se sentiu um canalha. Havia-a atacado na carruagem, por Deus! Ela deveria estar zangada, exigindo uma retratação, não o enaltecendo.

Estava prestes a esclarecer as coisas quando ouviu um estrondo alto, seguido de um grito vindo do corredor. Levantou-se de um pulo.

— Que diabos...?

Correu para a porta e abriu-a de uma só vez. Ouviu um berro mandando que a fechasse, mas já era tarde demais. Um espanador de pó passou voando por entre suas pernas, seguido por um bicho cor de limão, com uma cabeça enorme, pelos sedosos esvoaçantes e um sorriso malvado na boca. Deran girou, agarrou seu rabo peludo, e imediatamente suas pernas voaram, puxadas pelo que parecia ser um pônei cinza, com exceção do pelo áspero e do focinho um tanto comprido. E do latido.

O monstrengo cor de limão somou seu latido à balbúrdia, enquanto Ava apanhava o espanador de pó embaixo de uma mesinha de canto. Ela o apertou contra o peito. Olhou brava para os cães desobedientes que saltitavam aos seus pés. As línguas compridas pingando e os dentes que exibiam não a

impressionaram nem um pouco. Bateu o pé e falou duro com eles.

O resultado foi como a chama de uma vela se apagando. Os latidos viraram um ganido. O cachorrinho em seus braços corajosamente latia para seus perseguidores e se aninhava em seu colo.

Passos rápidos anunciaram a chegada de um grupo ansioso, todos de uniforme, os homens de preto com gravatas brancas, as mulheres de cinza com aventais compridos. Todos pareciam ter vencido uma tempestade para chegar ali.

— Seus meninos travessos! — ralhou uma senhora, chegando apressada. — O que fazer com vocês? Lionel, Braddock — disse, batendo palmas —, venham já aqui.

Os dois cachorros grandes olharam desolados para o minúsculo companheiro. Ava sussurrou alguma coisa e eles atravessaram a sala com o rabo entre as pernas, suspiraram dramaticamente e se deitaram aos pés da criada.

Todos olharam perplexos para Ava, que ria das lambidas de agradecimento que recebia do cãozinho resgatado.

Deran se aproximou dela.

— O que disse a eles?

Ela sorriu, olhando para a bola peluda em seus braços, e deu de ombros.

— Nada, na verdade.

— Aparentemente você disse algo. Eles a ouviram.

Ele esfregou a frente do paletó com a mão, ajeitando a gravata ao mesmo tempo.

— O senhor está bem? Vi que caiu sobre a quina do sofá.

— Estou bem. — Chegou mais perto e afagou a cabeça do cachorro. — Conte-me o que disse a eles — insistiu, baixinho.

— Não posso — sussurrou.

Ela olhou para a porta enquanto os cães eram levados para fora pelos criados.

— E por que não?

— Porque você me disse para nunca mais pronunciar tais palavras novamente.

Deran olhou para ela confuso.

— Tais palavras? O que... — Ele colocou a mão em frente à boca. — Você não fez isso. Por favor, diga que não xingou os cães de minha tia.

— Se xingou, foi merecido — interveio a senhora. — Eles são uma praga, esses dois...

Ela limpou as mãos no avental enquanto se aproximava, deixando uma mancha mais escura entre outras mais claras.

— Obrigada — disse ela a Ava. — Estou em dívida com você. Se não tivesse socorrido meu pequeno Augustus, sabe-se lá o tamanho do estrago que teriam causado a esta sala. — Acariciou as orelhas do cãozinho. — E ao meu pequenino.

— Foi um prazer, milady.

A senhora abriu um largo sorriso, exibindo belos dentes. O sorriso se estendeu aos olhos azuis. Ela acenou com a cabeça, fazendo balançar a vasta protuberância de cabelo grisalho.

— Não sabe quem eu sou, mas eu sei quem você é. — Virou-se para Deran. — Apresente-nos, meu Deus do céu.

Deran clareou a garganta e baixou os olhos.

— Sim, claro. — Seus olhos castanho-escuros brilharam ao olhar para Ava. — Srta. Fychon, tenho a honra de lhe apresentar minha tia Geneva, Sua Graça, a duquesa de Barclay.

Ava ficou imóvel, e seus braços perderam a força.

A duquesa resgatou Augustus, que estava nos braços de Ava, e o entregou a uma criada. Em seguida

sentou-se na ponta do sofá onde Ava tinha se sentado antes. Ava olhou para ela com o rosto pálido.

A duquesa não percebeu, concentrada em limpar das unhas o que parecia ser uma grande quantidade de terra. Arrancou um pedaço particularmente teimoso do polegar. Deu um suspiro e virou-se para Ava.

— É um prazer conhecê-la, minha querida. Aceita chá?

Ava olhou para ela boquiaberta. A mente e o corpo ainda não haviam se recuperado do abraço apertado de lorde Atherton e de suas mãos e boca provocando pequenas explosões sob sua pele. E agora uma mulher vestida como alguém que deveria estar carregando uma pilha de roupa lavada e passada para os quartos lhe era apresentada como uma duquesa. Era tudo muito irreal!

— Srta. Fychon — disse Deran com firmeza —, gostaria de dizer algo a Sua Graça? Uma saudação, talvez. Algo que mostre que não ficou muda?

Ava piscou os olhos devagar. Ergueu as sobrancelhas e levantou a cabeça com uma expressão de indagação.

— Ah, sim, me perdoe.

Forçou um sorriso e curvou-se numa reverência que infelizmente foi exagerada e mal calculada. Ao se desequilibrar, soltou um gritinho. Deran agarrou-a pelo braço e a trouxe para o seu lado, apoiando-a.

Ela olhou agradecida e constrangida para lorde Atherton antes de se virar para a tia dele.

— Vossa Graça, é uma honra conhecê-la. E desculpe-me por ser tão atrapalhada. Isso foi imperdoável.

— Menina tola. Você não é atrapalhada. Sente-se. — Deu um tapinha no assento a seu lado. — Vamos nos conhecer enquanto meu sobrinho providencia um chá. Jessup com certeza está à espreita no corredor.

Deran aproveitou a oportunidade e saiu da sala. Geneva pegou as mãos de Ava entre as usas, e Ava sentiu a aspereza da terra que ela não conseguira limpar.

Segundos depois, a porta se abriu e Deran voltou. Atrás dele vinha um homem robusto de cabelo armado, empurrando um carrinho de chá.

Enquanto servia o chá, a duquesa explicava sua vestimenta. Gostava de trabalhar no jardim, cuidando diariamente das plantas, ervas e flores. A terra fresca, o cheiro do solo e saber que seus esforços gerariam prazer no futuro eram recompensadores. E não confiava que jardineiros fariam o serviço da forma como ela gostava.

— Há muito tempo costumo usar os vestidos de uma de minhas criadas. Trabalhar no jardim usando sedas e cetins não é nada prático. — Analisou Ava, calmamente. — Srta. Fychon, posso perguntar onde adquiriu seu vestido? É espetacularmente inadequado para alguém com seu tom de pele. — Virou-se para Deran. — Teve algo a ver com isso? Se teve, fica muito claro para mim por que não há mulheres caindo aos seus pés.

Deran não mordeu a isca.

— Se procura um alvo para sua flecha envenenada, minha tia querida, aponte-a para sua sobrinha.

— Madeline? — A duquesa olhou novamente para o vestido. — Levante-se, minha filha.

Ava lançou um olhar suplicante ao conde. Ele gesticulou, indicando que obedecesse.

Ava levantou-se, de xícara e pires na mão.

— Vire-se.

Ela girou, dura. Qual era o problema com aquela família, dando ordens como se fossem donos dos outros? *Vire-se. Sente-se. Levante-se.* E ela tinha de obedecer, já que era uma convidada. Mas aquilo estava se tornando inconveniente.

— Nunca vi Madeline usando esse vestido! — exclamou a duquesa.

— Sim, bem... — murmurou Deran.

— E nunca mais quero vê-la usando-o de novo, srta. Fychon. Vai tirá-lo imediatamente. É ultrajante.

Ava ruborizou até a raiz dos cabelos.

— Mas, senhora...

— Não aqui nesta sala, garota. Tenho uma renomada modista que saberá o que é correto para você.

Nós a visitaremos logo cedo. E seu cabelo... Que estilo singular. Essa é a moda em Gales atualmente?

A duquesa já estava de pé, examinando seu cabelo, antes que Ava pudesse responder. Ela olhou para o conde, alarmada, e ele sorriu para lhe assegurar que tudo ficaria bem.

— Que interessante. — Geneva cutucava e puxava o cabelo de Ava. — É um entrelaçado sofisticado, mas não está na moda, nem mesmo para moças jovens como você, usar o cabelo tão solto assim. Por mais atraente que seja — ficou de pé atrás de Ava e levantou o cabelo que caía sobre a cintura —, não dá para usá-lo sem grampos, caindo pelas costas deste jeito. Vamos visitar madame Varney. Ela indicará um corte e um estilo apropriados.

— Não. Ninguém vai cortar o cabelo dela.

A duquesa olhou para o sobrinho, atrás de Ava.

— Eu ouvi bem? Você me desafiou?

— Sim, e peço desculpas. Falei sem pensar. Mas não creio que a aparência da srta. Fychon melhoraria se cortasse o cabelo.

— É mesmo?

— Sim.

— Muito bem. Verei com madame Varney que mágica ela pode fazer com essas madeixas rebeldes. Sua carruagem está esperando, Deran?

— Sim, tia.

— E os pertences da srta. Fychon estão com você?

— Eu não tinha nada para trazer, mi... senhora — respondeu Ava. — Vossa Duquesa. Graça. — Ava apertou os punhos, frustrada. — *Vossa* Graça.

Deran conteve uma gargalhada. A duquesa riu baixinho.

— Determinaremos duas coisas aqui e agora. Você me chamará de tia Geneva, está bem? Qualquer outra coisa é tediosa demais, e me deixa tão confusa quanto você e acabo me esquecendo de quem sou. Recuso-me a atribuir má memória à idade. — Um sorriso se abriu e se desfez. — E jamais responda a uma pergunta que não seja feita diretamente a você. Quanto a isso, sou muito rígida. Entendido?

— Sim, senh... tia Geneva — corrigiu-se, com expressão aflita.

A duquesa riu e garantiu a Ava que, com o tempo, chamá-la de tia Geneva se tornaria mais fácil. Mas avisou que deveria chamá-la assim somente em particular.

Mais um, pensou Ava aborrecida. Mais um nome para ser usado em particular.

Foi levada para a biblioteca, para que a duquesa e o conde pudessem falar a sós. Lorde Atherton e a tia iriam conversar e decidir se deveria ficar ou ser mandada embora. Planos de fuga teriam de ser feitos naquela mesma noite, se dissessem que poderia ficar. Já não escapara uma vez antes?

Jessup a conduziu à biblioteca, um aposento maior que sua casa em Gales. Sentiu um vazio no estômago, que se espalhou pelo peito e subiu por trás dos olhos, soltando as lágrimas que estavam presas. Ter de tolerar a duquesa examinando-a minuciosamente com aqueles olhos penetrantes a havia deixado irritada. Os homens que a levaram a tinham examinado de forma parecida, embora mais humilhante. Eles a avaliaram, cutucaram, tocaram, expressaram aprovação, acariciaram sua pele e a manipularam, determinando seu valor a potenciais compradores.

Nenhum estranho podia determinar o valor de outra pessoa, mas aqueles tinham o poder de determinar seu destino.

Ava afundou numa cadeira e inclinou a cabeça para trás. Um plano de fuga. Era disso que precisava.

Mas primeiro tinha de deixar de lado as perguntas que a atormentavam. Lorde Atherton queria se livrar dela? Planejava abandoná-la? Ela o veria novamente depois daquele dia?

Ela o ouviria dizer seu nome mais uma vez?

Capítulo VIII

Por que diabos ele se sentia tão culpado? Não era como se a tivesse deixado num ninho de cobras. Ela seria bem-cuidada.

O uísque já havia sido consumido fazia tempo, apenas um copo, prova de que ainda tinha algum autocontrole.

Deran fitava a lareira apagada, a última imagem dela gravada em sua mente. Pânico. Confiança. Determinação. Tudo isso ela havia mostrado no rosto, na boca tensa, no olhar comovente.

Antes de partir, ele prometera ir vê-la no dia seguinte. Ela exprimia desapontamento e tristeza nos olhos ao lhe dar um sorriso corajoso. Aquilo tocara seu coração. O desejo de abraçá-la e sussurrar algo que afastasse sua tristeza fora dolorosamente forte. Funcionara uma vez, muito bem, na verdade, e ele estava certo de que funcionaria novamente.

Estava certo também de que nunca mais tiraria proveito de tal situação de novo, caso ela surgisse. Passara a última meia hora num feroz duelo interior acerca de seu comportamento.

Seu comportamento acarretava uma obrigação que não seria cumprida por uma simples razão: não tinha qualquer intenção de se casar, nem com ela, nem com ninguém. Aquela garota não sabia como ele deveria agir, como qualquer cavalheiro agiria. E o fato de ela não saber era a sorte dele.

A educação que a srta. Fychon recebera da mãe e de clérigos, evidentemente não incluía as normas que regiam o comportamento entre homens e mulheres. Ela não conhecia as fronteiras invisíveis, os muros zelosamente erguidos por mães e pais preocupados com o intuito de proteger suas filhas. Muros erguidos para manter pretendentes de um lado e a dama desejada do outro. Se o jovem tivesse a má sorte de ser encontrado com a dama do lado de cá do muro, numa situação que pudesse ser considerada prestes a levar a moça à ruína, o portão se trancava, aprisionando para sempre o rapaz enamorado.

Deran conhecia bem o sistema. Não fosse por sua convocação para a Marinha e suas missões durante a guerra, teria sido encurralado, amarrado para sempre ao poste do matrimônio.

Não, não tinha nenhum desejo de se casar. E portanto, permaneceria em silêncio a respeito dos beijos e abraços que ele e a srta. Fychon haviam trocado.

Seu silêncio era imperdoável. Mas totalmente necessário.

E com isso surgiu um sentimento com o qual não tinha familiaridade, que demorou para identificar, mas que por fim conseguiu definir.

Culpa.

Uma batida à porta interrompeu seu devaneio e seu mau humor. Ele resmungou uma resposta.

Bickford entrou.

— Como o senhor estava apressado, milorde, não consegui informá-lo de que o sr. DiSanto o procurou. Ele está aqui e quer falar consigo.

— Mande-o entrar.

Estava tudo calmo. Calmo demais. Tamanho silêncio o deixava-o inquieto. Fazia menos de uma hora que chegara em casa e já estava ansioso para sair. Iria chamar Max para dar uma volta. Nada como uma boa cavalgada para espairecer.

— Atherton.

— DiSanto, entre. Estava exatamente pensando em sair para cavalgar, levar o baio para exercitar as pernas. Fleck pode selar dois cavalos. O que me diz?

Max sacudiu a água do chapéu e da sobrecasaca antes de se acomodar numa cadeira em frente a

Deran. Notou o copo de cristal vazio. Deran ficou feliz por Max se abster de fazer comentários.

— Receio ter de recusar o convite. Já me encharquei o bastante por hoje.

— Está chovendo?

Max estendeu a gola do casaco.

— Não. Estava me refrescando no rio. Sim, está chovendo. Aparentemente, você está enfurnado aqui há bastante tempo.

— Nem tanto.

— Queria falar com você no começo do dia, mas você saiu cedo.

— Sim. Tive de levar a srta. Fychon para a casa de minha tia.

— Ah, sim. Então ela não é mais preocupação sua.

— Preocupação... hum. Certamente, menor do que quando estava por aqui. Geneva ficou muito contente em tirá-la de minhas mãos. — Deran pegou o copo e girou-o entre as palmas das mãos. — É claro que mantenho minha promessa de fazer o que for possível para ajudá-la a localizar a família. Ou para desmentir sua história. — Olhou para Max. — Esta é uma visita de negócios?

— Negócios, sim, mas não do tipo que normalmente tratamos. — Max olhou para a porta, certificando-se de que estava fechada. — Descobri uma coisa, mas não no contexto do que havíamos combinado que eu investigaria. Um golpe do acaso.

— Prossiga.

— A dama... a garota... droga, Atherton, como diabos devo chamá-la? Deu-me ordens explícitas para não dizer seu nome.

— Sim, sim, eu sei. Srta. Fychon, por ora, até minha tia resolver outra coisa, posto que está sob seus cuidados agora. Tia Geneva inventou uma história de que a srta. Fychon é uma parente distante do meu tio. Sobrinha de um primo de alguém, alguma bobagem assim. Por causa da ascendência do meu tio e de seu sotaque semelhante, Geneva acredita que o parentesco deles não será questionado. Com meu tio viajando por pelo menos mais uma semana, não estará presente para contestar o parentesco...

Ele apertou os dedos contra os olhos.

— É claro. A velha história da prima distante. Não é original, mas é difícil de questionar caso alguém tenha a audácia de discutir com a duquesa. Faz sentido.

— Em tese, creio que faz. Geneva está determinada a apresentá-la à sociedade. Quer exibi-la como algum tipo de espécime exótico em uma de suas muitas festas ou jantares.

— Ela é bem isso mesmo, você sabe.

Deran ergueu os olhos.

— Isso o quê?

— Exótica. Além de sua voz, digo. Há algumas beldades de olhos verdes em Londres, e não me lembro de nenhuma que tenha os outros... atributos que a srta... que sua prima distante tem.

Os olhos negros afiados fitando-o seriam ameaçadores para qualquer um, mas Max conhecia bem o controle que se ocultava no fundo daquele olhar. Ele estava surpreso. E curioso.

— Atributos, você disse. Seu maior atributo até agora tem sido o de me irritar e me atormentar a todo instante. Fiquei aliviado ao entregá-la à minha tia. Não. Mais que aliviado. Contente. Eufórico.

Max sorriu, compreensivo.

— A casa está silenciosa.

— Como deveria ser. Agora, vamos ao assunto.

— Sim. Conforme combinamos, contratei um mensageiro de confiança com bons contatos em alguns dos lares mais importantes da cidade.

— E descobriu alguma coisa?

— Não a respeito de um possível ex-patrão; não ainda, pelo menos. Mas lançamos as iscas para descobrir se alguém foi demitido recentemente. Deveremos ter notícias em um ou dois dias. Mas tenho uma informação sobre uma conversa entreouvida na Dimsdale. Um homem perguntando sobre uma jovem.

— Na taverna Dimsdale Arms?

Max assentiu com a cabeça.

— Zona mal frequentada da cidade. Lugar aonde não se deve ir sozinho.

— Meu informante ouviu a conversa, não eu. Ele pretendia chegar aos homens que trouxeram a srta. Fychon a Londres, mas não teve sorte. Parou para tomar uma cerveja antes de ir para casa.

— O que o homem queria saber?

— Ele a descreveu em detalhes grosseiros e fez todos gargalhar. Uma coisinha doce, dizia o homem. Cabelos loiro-escuros, olhos verdes, língua afiada. Mais fácil cuspir na sua cara que lhe dar um beijo. Alegava ser sua esposa que havia fugido.

Deran ficou boquiaberto.

— Esposa!...

Max assentiu com a cabeça.

— Não acha que ela é... — começou Max.

Deran sacudiu a cabeça.

— Não. Ele estava mentindo. Ela não pode ser casada. Quando foi isso?

— Ontem à noite.

— Ele disse seu nome?

— Jones.

— Jones — repetiu Deran, irônico. — Isso certamente reduz o número de suspeitos. Alguma descrição desse tal Jones?

— Sim, uma boa descrição, mas ele parece ser tão comum quanto seu nome. Estatura mediana, cabelos escuros. Usava um sobretudo. Não conseguiu ver seus olhos.

— Tinha sotaque do Norte?

Max ergueu as sobrancelhas.

— Seria de se imaginar que sim, não é? Se ele estivesse procurando pela esposa, e a “esposa” fosse a srta. Fychon. Mas não. Sua fala foi descrita como “refinada”.

— Refinada. Então ele é um cavalheiro.

— Talvez. Se for julgá-lo por suas palavras. Mas não creio que um cavalheiro fosse oferecer uma recompensa pela esposa.

Os olhos de Deran se incendiaram.

— Recompensa? Ele está oferecendo uma recompensa por ela?

— Três mil libras.

— O quê?!

— E isso não é tudo.

— Acho que não vou gostar de ouvir o resto...

Max balançou a cabeça devagar.

— Não, meu amigo, não vai. O dinheiro será oferecido por ela viva ou morta. Ao que tudo indica, a sua srta. Fychon assassinou um homem.

Ava olhava a chuva caindo lá fora.

A todo instante relembrava as palavras tranquilizadoras do conde.

Deixe-me ajudá-la. Estou pensando no melhor para você.

Queria acreditar em ambas as coisas, mas o manto de conforto e encorajamento desaparecera quando ele deixou a casa da duquesa. Ele fizera promessas, a trouxera ali e partira o mais rápido possível, contente em se ver livre dela. Não que pudesse condená-lo por isso. Nenhuma pessoa que tivesse sua posição iria querer estar atrelado a alguém em patamar tão abaixo.

Essa dedução sobre seu caráter talvez fosse um pouco injusta. De fato ele parecia gostar de sua companhia e mostrara o que lhe pareceu ser sincero interesse quando conversaram na cozinha. Nas duas vezes. E ele a tinha beijado. Duas vezes... não, três. Com certeza demonstrara um considerável interesse nela.

Ava estava sentada à janela, com a cabeça encostada no vidro. Ela se concentraria em fazer amizade com sua dama de companhia e criada enquanto estivesse lá. Meg, uma jovem simpática e falante, estava bastante empolgada com a ideia de cuidar da parente estrangeira de Sua Graça.

Ava alegara cansaço. Mas não se deitaria naquela cama. Uma cama em que tivesse que subir num banquinho para chegar ao colchão não seria onde ela dormiria. Passaria a noite inteira acordada, com medo de cair. Não, seu arranjo de costume estava bom, e não estaria menos confortável do que na casa de lorde Atherton. O piso ali também era acarpetado. Outro luxo daqueles abrigos temporários.

Meg havia lhe explicado os compromissos do dia seguinte. Começariam com uma visita ao salão da sra. Varney, para arrumar o cabelo, depois iriam à modista para encomendar vestidos, e em seguida ao chapeleiro. Entre um e outro, comprariam sapatos, bolsas e luvas.

Ava não tinha o menor desejo de ser analisada, discutida, cutucada, conduzida, girada e aprovada. A única coisa boa naquilo tudo era a oportunidade de estudar as ruas da cidade e mapear sua fuga.

Perguntar sobre moinhos e fábricas seria complicado, mas o talento de Meg para falar pelos cotovelos ajudava. Ava já sabia quem trabalhava na cozinha, quando tiravam folga, em que dias iam à mercearia e quando a carne era entregue. Estas duas últimas informações podiam lhe propiciar oportunidades de escapar despercebida.

Ava se controlou. Haviam se passado dois dias desde que fora tirada do rio. Saber que seus irmãos estavam sendo maltratados enquanto ela estava confortável mantinha acesa em sua alma a chama da culpa. Quando os encontrasse, se ofereceria em troca deles. Já tinha tentado uma vez e fracassara, mas não fracassaria pela segunda vez.

Pressionou o vidro frio com a mão, movendo os lábios em silêncio numa prece que ela esperava que seus irmãos escutassem.

— Estou chegando, meus queridos. Não me esqueci de vocês. Estão no meu coração.

Pelo menos, Max conseguira convencer Deran a não abandonar sua sanidade e não arrancar a srta. Fychon da casa de sua tia exigindo explicações para a acusação de assassinato.

Max vira aquela fúria muitas vezes antes nos mais de vinte anos em que o conhecia, e vira as consequências dela também. Mas a demonstração de fúria daquele dia havia sido a mais ameaçadora de todas. Não podia evitar sentir pena do pobre sujeito que cruzasse o caminho de Deran Morissey quando aquela raiva finalmente encontrasse um alvo.

Max esperava apenas que não acontecesse naquela noite.

Como temia, Deran insistiu em ir a Dimsdale. Nenhum dos dois era investigador, nem tinha habilidade para se esgueirar pelos bairros decadentes de Londres buscando informações sobre uma assassina. *Suposta* assassina. Mas tinham muita experiência em se misturar com a ralé. Não faziam isso havia muito tempo, mas esse tipo de habilidade era algo que não se esquecia. Dizia-se que o conde de Atherton se destacara em extrair informações dos menos prolixos enquanto estava na Marinha Real.

À meia-noite estavam numa carruagem, sacolejando no calçamento irregular da High Street. O

nevoeiro agia como uma cortina, permitindo apenas ocasionalmente que um clarão de lamparina iluminasse o rosto de Deran, a única parte de seu corpo que não estava coberta de preto. Ele levava sua missão a sério. Demasiadamente, Max temia. Ele vira Deran guardar uma pistola atrás das costas por baixo do casaco quando pensava que Max não estava olhando.

— Qual será seu primeiro movimento? — perguntou Max, querendo avaliar o tamanho do problema que podia esperar.

Deran tinha dedicado a maior parte da noite a pensar no que faria quando chegassem à taverna. Se entrassem exigindo respostas, sairiam de lá mortos, ou ao menos muito feridos. Iriam escutar, observar. Sem ameaças, sem heroísmo. Diplomacia, não muito refinada, era necessária naquele caso.

— Agiremos como amantes abandonados. Dessa forma podemos construir uma espécie de camaradagem.

Max se inclinou para a frente.

— Camaradagem? Está maluco, Atherton? Homens que se sentam no balcão de uma taverna do cais do porto não são um mar onde se joga uma rede com esperança de pegar um peixe saudável. Com certeza há um jeito melhor.

— Talvez, mas é a abordagem que utilizaremos. — Arqueou as sobrancelhas. — Muito poético você, DiSanto. Com essa história de rede e coisa e tal.

— Conte-me o que planeja dizer — pediu Max com um suspiro, ciente de que não conseguiria demover Deran daquela ideia. — Assim saberei como contra-atacar.

Os dentes de Deran brilharam na escuridão da carruagem.

— Isto pode ser como nos velhos tempos, você sabe.

— Eu sei. É esse o meu temor.

A névoa os seguiu ao entrarem na taverna. O cheiro de bebida rançosa misturou-se ao odor úmido de homens sujos e canecas de cerveja. Um silêncio frio deslizou sobre eles, e olhares suspeitos os acompanharam enquanto se dirigiam ao balcão lotado. Apesar de suas roupas escuras e simples, destoavam dos fregueses de gorro de lã enfileirados lado a lado.

Um homem sentado numa mesa lateral deu uma gargalhada e disse ao seu parceiro:

— Parece que temos um par de tratantes. — Virou-se para Deran e Max e gritou: — Matando tempo até o próximo negócio, hein, camaradas?

Deran virou-se, no canto do balcão.

— Está sendo uma noite longa.

Seu personagem veio acompanhado de uma voz grave, cabelos desgrehados e barba por fazer. Com os ombros ligeiramente caídos, parecia um pouco mais baixo e um pouco mais velho, mas Deran sabia que aquelas pessoas se lembrariam facilmente dele e de Max se lhes perguntassem. Os dois não eram homens pequenos. Mas queria tornar o mais difícil possível identificá-los, caso houvesse problemas naquela noite.

Fez um sinal para o dono do bar e jogou moedas sobre o balcão. Para parecerem autênticos, teriam de beber bebida barata, e não gostava da ideia.

Quando as bebidas chegaram, ergueu a caneca e brindou com Max.

— À vingança.

Deran deu um grande gole e baixou a cabeça, escondendo seu horror. Droga... Aquilo era pior do que ele se lembrava.

Ele prosseguiu com o ardil.

— Aí eu disse para ela: “Se acha que vai me largar aqui assim, duro como uma salsicha em janeiro, é

melhor pensar de novo, sua vagabunda”.

Max parecia impressionado e conteve uma risada.

— Disse muito bem. O que ela fez?

Deran sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Agarrou meu pênis e disse: “Você acabou comigo, querido. Nunca vi alguém como você, que conseguisse deixá-lo de pé a noite toda. Mas já matei homens melhores, verdade seja dita. Já cumpri meu trabalho, então dê o fora”.

Max cobriu o rosto como se estivesse muito consternado com a situação terrível do amigo.

Deran baixou a cabeça, zozinho com a sequência miserável de eventos de sua vida amorosa.

Eles aguardaram.

— O que está dizendo sobre essa mulher? Ela matou um sujeito?

Deran ergueu os ombros devagar e virou-se para o velho que falara com ele, com um dos olhos semicerrado.

— Quem está perguntando?

O homem olhou de volta, também com um olho semicerrado, só que de forma ainda mais ameaçadora.

— Deixe para lá. Estava pensando numa coisa que ouvi ontem à noite. Ei, Marbs? — chamou, virando-se para um homem com a cara afundada no balcão. — Marbs concorda comigo. Um sujeito veio aqui perguntando sobre uma mulher que matou alguém. Não disse como. — Inclinou-se na direção deles. — Essa sua garota tem olhos verdes?

Deran deu um gole em sua cerveja enquanto pensava na resposta.

— Não estava prestando muita atenção nos olhos dela, se é que me entende.

O velho ergueu uma sobrancelha e lambeu os lábios. O sorriso lascivo de dentes sujos do homem indicava que ele havia entendido.

— Talvez ela tivesse — completou Deran.

— Pelo jeito que o homem falou, ela é indomável. Ele deve saber. É esposa dele. Disse que pagará a quem lhe informar seu paradeiro. Talvez você esteja com sorte.

Deran coçou o queixo.

— Esposa, você disse? Se minha mulher matasse um homem com quem estivesse fornicando, eu pagaria para ficarem com ela, não para me devolverem. Podiam ficar com ela.

Ele se recostou no bar, os cotovelos apoiados na beirada do balcão; um homem relaxado, sem preocupações. A postura lhe dava acesso mais fácil à sua arma, caso precisasse dela, e deixava os punhos de prontidão, caso precisasse deles primeiro.

O velho deu uma gargalhada, que foi se espalhando pelo recinto. Minutos depois o ambiente estava tomado por ruídos de canecas batendo e histórias animadas de conquistas sexuais.

O corpo de Deran estava relaxado, mas as mãos, não. Max tocou em seu ombro e disse em seu ouvido:

— Devíamos ir embora. Não vamos descobrir mais nada.

— Logo.

— Logo, não. Já.

Deran o ignorou, os olhos buscando pelo bar alguém que pudesse estar demasiadamente interessado na conversa.

— Está vendo aqueles três homens na mesa do fundo?

Max mudou lentamente de posição.

— Sim. Eu os estava observando. Não parecem muito contentes.

— Eles sabem de alguma coisa, e eu quero descobrir o que é.

— Nem pense nisso. — Max segurou o braço de Deran. — Estamos no lucro se sairmos daqui ilesos. Se abordá-los, não sairemos.

Deran olhou para ele irritado.

— Eu sei disso. Confie no meu bom-senso. Não tenho intenção de confrontá-los. Prefiro segui-los.

Antes que Max pudesse pedir uma explicação, Deran colocou algumas moedas na frente do velho.

— Para você e para o camarada Marbs.

— Nunca despreze alguém que está pagando. O sujeito que veio aqui ontem, de quem lhe falei, era generoso.

— Pena que eu não estava aqui. Ele disse como encontrá-lo, caso alguém quisesse reclamar o prêmio?

O homem balançou a cabeça.

— Ele se mandou. Disse que tinha negócios a tratar, mas que voltaria.

Acenou com a cabeça para Deran, piscou um olho e abriu-o novamente com esforço.

— Estava nos trinques.

Deran não ouvia aquela expressão desde que seu pai era vivo.

— Elegante?

— Exceto pelas costeletas viradas para trás.

Sorriu para Deran, a pele fina esticada sobre os ossos salientes.

— O sujeito parecia um maldito idiota, isso sim.

Deran e Max saíram discretamente, enquanto todos estavam distraídos rindo de outra piada. Correram até o fim do quarteirão, perdendo de vista em meio à neblina a porta da taverna. Deran dobrou a esquina com Max logo atrás e encostaram-se na parede.

— E se eles vierem por aqui? — disse Max, ofegante.

— Não tem “se”. Eles virão.

— E você pretende detê-los.

— Três contra dois. Boas chances.

— Quando foi a última vez que brigou?

— O que quer dizer?

— Suas habilidades de luta estão afiadas?

Deran virou a cabeça e fitou-o nos olhos. Na neblina, os olhos de Max brilhavam assustadores, negros, fazendo-o parecer um predador. Ótimo. Ambos precisavam parecer o mais ameaçadores possível.

— Estão, obrigado. Vou ao clube ao menos uma vez por semana. E como...

Ele ergueu a mão, tocando a boca com o indicador. Passos rápidos demais para serem de homens bêbados. Deran olhou para Max e sorriu. A segunda parte da aventura havia começado.

Capítulo IX

Max deu um gole no uísque e soltou um suspiro alto.

— Morissey, não me peça para acompanhá-lo numa noite dessas novamente. Você se divertiu muito além da conta.

Deran estendeu-se de corpo inteiro no sofá.

— Eu não pedi. Você cancelou sua noite no teatro e se convidou.

— Bem, alguém tinha de fazê-lo. Você estava preparado para travar uma pequena guerra sozinho. Tinha de haver uma testemunha.

Deran sorriu e deu um gole em sua bebida. Havia anos que não fazia algo que o incendiasse por dentro daquele jeito. Quando as três vozes se aproximaram a ponto de ser distinguidas, cada um de seus músculos se retesara, prontos para entrar em ação.

Ele e Max ficaram grudados na parede enquanto os três homens passavam, um deles gritando, dando ordens para que se separassem, enquanto outro discordava. Os dois estavam a alguns metros de distância, discutindo onde deveriam começar a procurar. Deran teve um impulso de se afastar da parede para ver quanto tempo levariam para organizar a busca.

— Não me divertia tanto desde o meu último ano na Marinha.

Max deu um suspiro.

— Já posso ver as manchetes: “Lorde Deran Morissey, o enigmático conde de Atherton, um dos solteiros mais cobiçados de Londres, auxilia o chefe da magistratura na recente captura de três marginais envolvidos em atividades criminosas vis”.

Deran se agitou, animado.

— Atividades vis. Ah! Eles estavam a dois metros de nós, falando de seus disfarces miseráveis e de como não podiam procurar Stevens, chefe deles, presumo, sem nenhuma notícia sobre... como é mesmo que a chamavam?

Max olhou para o copo.

— Ouviu tão bem quanto eu, Deran.

— Você estava mais perto deles.

— Já discutimos isso uma vez. Mais de uma vez. Fazê-lo novamente não vai...

— Diga, Max — insistiu Deran, baixinho. — Ajudará a fortalecer a promessa que fiz a uma jovem muito assustada. Uma mulher em cuja história eu não acreditava inteiramente até esta noite.

Max observou o amigo, tão sossegado, com tanto autocontrole. Parecia rejuvenescido naquela noite, envolto por uma força resplandecente. Os homens falavam sobre a mulher que haviam perseguido pelo labirinto do cais e perdido de vista duas noites atrás. A que havia escapado. E diziam que, se não fosse recapturada logo, Stevens com certeza iria matá-los.

Deran era um comandante obstinado a cumprir sua missão. Ao ouvir o que diziam a respeito do destino dela, ele tornou-se seu defensor.

Será que lorde Atherton tinha consciência de quanto havia mudado nas últimas quarenta e oito horas?, Max se perguntava. O homem recluso, muitas vezes ríspido, havia sido arrancado a contragosto de dentro de sua concha e levado para o mundo além das portas de seu confortável lar.

— DiSanto.

Max sacudiu a cabeça. Não era capaz de repetir os nomes rudes com que se referiam a ela, mas não era isso que seu amigo queria ouvir.

— A Bruxa Galesa, Atherton. E juraram que bruxa nenhuma os faria parecer tolos e sobreviveria.

Deran ergueu o copo na direção da lareira e contemplou os ângulos dourados de cor âmbar que o uísque imprimia no vidro.

— Ela é uma bruxa, DiSanto. — Tinha na voz um tom não disfarçado de admiração. — Inquestionavelmente.

Latidos esganiçados a acordaram. Ava os ouvia das profundezas do aconchegante catre que havia improvisado usando as cobertas. Vozes altas, risadas ressonantes e todo tipo de latido. Deus, mas que casa barulhenta... Preferia a tranquilidade da casa de lorde Atherton.

Não se apegue a isso. Estará longe daqui muito em breve, e então todos poderão voltar a viver como antes.

Ava tinha vários travesseiros nos braços quando Meg chegou ao quarto, com a língua já totalmente desperta e trabalhando a toda. Ava gritou e Meg engasgou no meio da frase.

— Perdoe-me, senhorita! — exclamou. — Pensei tê-la ouvido se movendo. Não fazia ideia de que estava...

— Meg, por favor, está tudo bem. — Ava suspirou. — Ajude-me aqui com isto.

Contente em saber que a estranha hóspede da duquesa não iria reclamar de sua intrusão, Meg apressou-se em ajudá-la a juntar as roupas de cama que estavam no chão e a colocá-las no local adequado. Mesmo estando muito curiosa, segurou sua língua e não fez perguntas sobre aquela peculiar forma de dormir. Ela era de Gales, afinal de contas.

Ava foi para o quarto de vestir adjacente ao dormitório para se vestir sozinha. As roupas de baixo e o vestido que ia colocar havia pertencido um dia à filha da duquesa.

Estava com a roupa de musselina sobre a cabeça quando Meg bateu e entrou.

Ava virou-se, com os braços cruzados sobre os seios.

— Sério, Meg. É necessário mais que um aviso antes de entrar. Ao menos para mim, é assim. E não preciso de ajuda para me vestir. Obrigada.

Meg corou.

— Perdoe-me, senhorita. Sua Graça diz que não devo deixá-la só em hipótese alguma. Estou apenas cumprindo ordens.

Ava respirou fundo.

— Sei que está, e está fazendo um bom trabalho. — *Bom demais.* — Mas posso cuidar de mim mesma, obrigada.

Meg deu um suspiro.

— Pode sair agora, Meg.

— Mas, senhorita...

— Obrigada.

— Sua Graça está tomando café com lorde Rensleigh e espera que a senhorita se junte a eles.

Meg fez uma reverência e saiu correndo do quarto.

Ava não queria magoá-la. Mas ela era uma mulher crescida, que cuidara de si mesma por metade de sua vida.

Terminou de se vestir depressa, prendeu o cabelo tirando-o do rosto e se inspecionou cuidadosamente no espelho. As últimas palavras de Meg voltaram à sua mente e ela quase deixou cair o espelho pesado.

Lorde? Mais um?

Ava não tinha pressa alguma para entrar na sala de jantar, mas ficar parada não acalmaria seus nervos. Respirou fundo, lembrou que deveria fazer uma reverência e adentrou a sala.

A duquesa estava no meio de uma gargalhada.

— Ah, aí está você! Não fazia ideia de que dormia tanto, srta. Fychon, um hábito que terá de ser mudado enquanto estiver em minha casa. Acordamos com as galinhas, não é, Robert?

— Quando estamos no interior, sim.

O homem se levantou e limpou o canto da boca com um guardanapo de linho.

— Juro, mãe. Quando disse que tinha uma hóspede, não imaginei que fosse tão bonita. Que belo complemento numa manhã já tão agradável.

Dirigiu-se a Ava, os olhos fixos nos dela, um sorriso hipnotizado nos lábios.

Por reflexo, ela deu um passo atrás. Um belo homem, alto como o conde, mas de ombros mais estreitos. Cabelos castanho-claros rajados de dourado caíam sobre seu colarinho, emoldurando um rosto forte e os intensos olhos cor de avelã. Sua boca se contorceu graciosamente antes de ele se curvar numa reverência.

— Lorde Rensleigh, a seu dispor, milady.

— Robert, pode parar de tentar seduzi-la — disse a duquesa com desdém. — Ela não está interessada nos seus encantos.

Ele ergueu os ombros, tomou uma das mãos de Ava com as pontas dos dedos e levou-a aos lábios. Deu uma piscadela.

— Talvez não, mãe, mas eu seria capaz de coisa pior do que tentar seduzir uma donzela.

— Sente-se. A comida está esfriando. Jessup, providencie um prato para a srta. Fychon. E traga mais café.

Lorde Rensleigh conduziu Ava até a mesa e colocou-a sentada à frente dele. Salsichas, ovos mexidos e pequenos pães doces em um prato de porcelana rosa decorado surgiram diante dela, e o café foi servido numa xícara à direita de seu prato. Ela olhou para a comida.

— Tome seu desjejum, srta. Fychon — insistiu a duquesa. — Você mal jantou e, com o dia que nos aguarda, não resistirá uma hora se não se alimentar.

— Nem todo mundo inicia o dia com um desjejum substancioso como o seu, mãe. — Sorriu para Ava do outro lado da mesa. — Não fomos formalmente apresentados.

— Ela sabe quem você é, Robert. Colocou-se a seu dispor, lembra-se? — A duquesa inclinou a cabeça na direção de Ava. — Este é meu filho, srta. Fychon. O único homem. É o segundo de três, e o mais desafortado. Ele se acha um conquistador. Qualquer mulher de Londres poderá lhe dizer. Elas o acham o próprio *beau morceau*.

Robert sorriu alegremente.

— Não *qualquer* mulher de Londres. Sou extremamente seletivo.

A duquesa riu alto.

— Seletivo como um gato de rua.

— Por favor, mãe.

— Se chegarem a seus ouvidos rumores sobre as amantes de meu filho, pode acreditar neles. E jamais lhe empreste dinheiro. Ele é um apostador sem-vergonha e irá seduzi-la para arrancar sua fortuna quando já tiver perdido toda a dele.

— Por favor, mãe!

Ava fingiu estar fascinada com as salsichas. Jamais ouvira mãe e filho trocar palavras tão rudes.

Lorde Rensleigh viu o rubor em sua testa e se apressou a mudar de assunto.

— Minha mãe disse que é uma parente distante nossa, srta. Fychon, da família de meu pai. Então

somos primos distantes.

Ava engoliu lentamente antes de olhar para ele. Não aprovava a história de parentesco inventada pela duquesa, mas para não ser desrespeitosa com a anfitriã, acenou com a cabeça.

Ele sorriu de forma encorajadora.

— De onde você vem? Norte da Inglaterra, como meu pai?

— Não, de Gales.

— Ah, belo país, Gales... Estive lá há um ano, em agosto. Em Cardiff, a negócios, e passei algum tempo em Swansea. Você é daquela região?

— Não. Sou da Ilha de Anglesey.

As palavras engasgaram em sua garganta. Era doloroso falar de casa, embora desejasse falar de coisas familiares. Ele lhe fez perguntas sobre a geografia e o povo da região, afirmando que da próxima vez que fosse a Gales estenderia a viagem mais ao norte para conhecer a ilha. Seus negócios envolvendo o transporte de carvão limitavam suas viagens à Região Sul, onde havia muita extração de minério, mas a região dela era rica em cobre e calcário, dois interesses seus para negócios futuros.

Enquanto conversavam, Ava relaxou e comeu um pouco. Compreendia por que as mulheres gostavam dele. Ele olhava para ela de um jeito direto, mas sem deixá-la intimidada. Parecia se importar com o que ela dizia, e ela se sentia lisonjeada com sua atenção.

Quando a duquesa declarou terminado o desjejum e disse que estaria pronta para sair em meia hora, Ava ficou desapontada por ter de pôr fim à conversa com lorde Rensleigh.

Hesitou por um instante e em seguida virou-se para ele:

— Milorde, não tenho a intenção de ofender, mas o senhor é chamado de lorde, como outro cavalheiro que conheço e que é conde. O senhor também é um conde?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Outro cavalheiro que conhece? Dois dias em Londres e homens já estão lhe dando seus cartões de visita... Por que não estou surpreso com isso? E quem seria esse seu tal conde?

— Oh, ele não é *meu* conde, senhor. Ele é o único que conheço, outro primo, acho. Lorde Atherton?

Robert piscou os olhos lentamente.

— Atherton? Onde você o conheceu? Ninguém o vê há meses, talvez anos. Ou o veem raramente, ao menos. Despreza a sociedade e se comporta como se estivesse no fim da vida, quando não tem mais que... sei lá, trinta e cinco ou quarenta anos, no máximo?

— Eu não saberia dizer, senhor.

— Atherton e eu somos primos distantes. Minha irmã mais velha e eu somos filhos do primeiro casamento do meu pai. Nossa mãe morreu, e nosso pai se casou novamente. Sou enteado da duquesa.

Ava soltaria um grito se fosse envolta por mais rolo de tecido ou se outro centímetro de seu corpo fosse medido, beliscado ou apertado. Uma faixa de cetim num tom peculiar de amarelo-claro ondulava em torno de seus ombros quando a campainha soou.

— Valha-me Deus! — exclamou a duquesa. — Deran, o que está fazendo aqui?

Ava virou-se, ficando de lado para o enorme espelho. Lorde Atherton cumprimentou sua tia. Ao erguer a cabeça, fitou Ava nos olhos com expressão de reprovação.

— Estava nesta parte da cidade — explicou, olhando novamente para a tia —, e me lembrei de seus planos de vestir a srta. Fychon apropriadamente. Espero que minha vinda aqui não seja muito estranha. Não é sempre que visito uma modista, e muito menos uma com a incomparável reputação de madame LaFleur.

— *Mais non, monsieur. Sua presença me dá grande honra. Quer ver o que já escolhemos?*

— Obrigado, mas tenho certeza de que minha tia fez uma maravilhosa seleção para a senhorita.

Ava curvou os ombros. Ela esperava que ele ficasse ao lado dela. Ele não podia dizer que ela não queria nada daquilo? Os vestidos seriam encomendados, confeccionados e pagos, e ela não estaria ali para vesti-los. Como poderia recusar aquele presente sem revelar sua intenção de fugir?

Os oito tecidos selecionados foram exibidos para o conde. Ele acenava com a cabeça quando achava um adequado, erguia a sobrancelha quando achava um mais interessante. A seda verde-esmeralda provocou uma resposta verbal.

— Tia Geneva, escolheu uma estampa para este?

— Sim. Mostre a lorde Atherton o vestido de noite, Lizbeth — ordenou à assistente da modista. — Ela precisa de algo para sair à noite, Deran, ou para um evento noturno em casa. Talvez para o teatro. A cor é adequada, contrasta bem com seus olhos.

Deran não estava escutando. Sua imaginação já estava a toda. Luvas justas e compridas, cintura alta elegante, decote quadrado revelando uma porção generosa do colo. Ficou com a boca seca ao imaginar Ava sentada num camarote no balcão do teatro, os seios preenchendo o corpete justo do vestido, as coxas firmes provocantemente escondidas dos olhos, as luzes baixas sinalizando o segundo ato. Seu perfume era uma brisa perigosa. Suas saias faziam ruído enquanto a mão dele deslizava por sua perna sedosa. “Não, não devemos fazer isso aqui.” Ela dizia não, mas sua voz e seu rosto diziam “por favor, não pare”. Os braços abertos, os seios quase escapando do decote, alvos, tentadores. O cheiro do seu desejo enlouquecido...

— Deran? Não acha que ficaria perfeito nela?

Ava o observava e não sabia dizer se ele gostava do cetim verde ou não. Era o único de que ela realmente gostava. Já ia perguntar sua opinião quando a porta se abriu novamente. Sorriu ao ver lorde Rensleigh.

Deran olhou, irritado, para o homem responsável pela evidente alegria da srta. Fychon.

— Trouxe bebidas — anunciou de forma heroica, segurando uma caixa enquanto se dirigia ao centro da sala tumultuada. — Espero que não se importe, madame LaFleur, mas não consegui resistir a estes bolos. As senhoras... — Ele se interrompeu.

— Atherton. Acabamos de falar de você no café da manhã, e agora você está aqui.

Colocou a caixa sobre uma mesa e foi até o conde.

Deran se levantou.

— Rensleigh.

Os dois homens se deram as mãos e avaliaram sem pressa um ao outro.

A duquesa mergulhou na caixa de doces e parecia contente. Ambos os homens eram maliciosamente bonitos e devastadoramente charmosos quando queriam ser, em especial seu enteado. Ela sabia de suas aventuras... bem, toda a cidade de Londres sabia.

Os olhares ardentes que endereçara a srta. Fychon durante o café da manhã não haviam passado despercebidos para Geneva. Sempre astuto, ele colocava um pedacinho de queijo, e depois deixava outro, e então outro, até que o ratinho ingenuamente caísse na ratoeira.

Manter essa ratoeira distante da ratinha galesa era do interesse de todos.

Mas se os olhares que seu sobrinho dirigira à garota na véspera, e o fato de seus negócios curiosamente o levarem exatamente àquele local hoje indicassem onde estava seu coração, então não seria necessária nenhuma interferência da parte dela. A menos que um deles se declarasse apaixonado; Deus quisesse que não. Nesse caso, teria de lidar com o rato imediatamente. Enquanto isso, os dois homens resolveriam entre si quem ganharia a atenção dela. Como fariam isso poderia vir a ser divertido.

Capítulo X

Deran observava a duquesa bajulando Ava, com seu filho e as assistentes. À custa da srta. Fychon, ela estava se divertindo tremendamente e parecia ignorar a aflição da garota. Como Ava podia estar tão infeliz, ele não entendia. Embora não fosse londrina, ela era uma mulher, por Deus! Pela sua experiência, achava que todas as mulheres reagiam da mesma forma diante de tecidos franceses, algodão e musselina macios, sedas e cetins leves. Achava que todas adoravam a atenção recebida ao lhe tirarem as medidas para fazer vestidos.

Todas, exceto a srta. Ava Fychon.

Sua postura era a de uma criança angustiada. Tinha a pele amarelada, os cabelos escapavam das reviravoltas de seu penteado, e os olhos, que normalmente poderiam ofuscar um candelabro, estavam agora escuros e opacos.

Tendo notado isso, o que aconteceu em seguida não foi uma enorme surpresa.

O tecido, um rosa excessivamente berrante, beirava a indecência. A srta. Fychon não gostara dele. Ele percebia isso em seu semblante, que se tornava mais pálido, mas sua opinião não era considerada.

O gritou dela ecoou. No momento em que ele desviou o olhar, a srta. Fychon pegou uma tesoura, que agora apontava para a assistente, com o horrendo tecido rosa pendurado em um dos ombros. Parecia uma louca. Proferiu um emaranhado de palavras. Palavras violentas, Deran estava certo, pelo tom venenoso.

Era fascinante.

Havia subestimado em muito a aflição da srta. Fychon.

Ela lhe lançou um olhar angustiado, um apelo para que a salvasse, antes de jogar sua arma no chão e levantar a saia de seu vestido simples de musselina. Sem dizer uma palavra, correu para a porta da frente e fugiu do ateliê.

Arquejos, exclamações e absoluto caos se seguiram.

Rensleigh levantou-se de um pulo. Saiu correndo com a mão esquerda na cintura, como se procurasse seu sabre.

— Não se preocupe, mãe, eu vou detê-la! — gritou por sobre o ombro.

— Oh, não estou preocupada, querido — disse a duquesa, rindo e pegando outro pedaço de bolo. — Sem pressa.

Deran parou na frente da porta, impedindo a passagem do marquês.

— Permita-me.

Rensleigh quase não conseguiu parar.

— Creio que não, Atherton. Ela é hóspede de minha mãe.

— Na verdade, ela é minha hóspede. Eu vou atrás dela. — Olhou para os demais e sorriu. — Fique com sua mãe, Rensleigh. Conforte-a da melhor forma possível.

Cumprimentou-o com a cabeça enquanto colocava seu chapéu e saiu para a rua.

Ela era ligeira, mas ele tinha a vantagem de ter pernas mais compridas. Avistou seu vestido verde-claro a duas quadras de distância. O trânsito de pedestres era pequeno, e Deran conseguiu reduzir a distância entre eles a uma quadra. O vento era cortante e úmido, molhando seu rosto. Achava que ela não sabia aonde estava indo e suspeitava de que isso não tinha importância para Ava. Seu destino era qualquer lugar o mais longe possível do ateliê e daquelas pessoas.

Logo ela se cansaria, ele a alcançaria e, mais uma vez teria de decidir o que fazer com ela. Não tinha mais opções do que na noite em que a conhecera. Deu um suspiro e atravessou correndo a rua na qual ela tinha virado.

No entanto, o ritmo dela não parecia estar diminuindo. Muito pelo contrário. Se no início estava curioso para ver até onde ela iria, agora já começava a se irritar.

Diabos, ela nunca se cansa?

Subitamente lhe ocorreu que fora assim que ela havia escapado de três bandidos e de tantos outros antes desses. Sua maldita determinação os deixara exaustos.

Deran apertava o passo, quase corria, e reconhecia o fato agora comprovado de que ela possuía uma resistência impressionante. Isso, somado às imagens dele possuindo-a de todas as formas possíveis, que ele fantasiara à noite deitado em sua cama sem conseguir dormir, fazia seu desejo crescer ainda mais. Se aquela resistência física se estendesse à cama, então...

Ele soltou um suspiro alto o suficiente para que um casal de aparência digna olhasse em sua direção, desconfiado. Deran era um homem jovem, viril, que se exercitava rotineiramente e estava em forma. Um homem que não tinha dificuldades em satisfazer uma amante repetidamente ao longo de uma noite.

A srta. Fychon podia muito bem ser um páreo nesse quesito.

O pensamento era diabolicamente excitante.

Ao ver um borrão verde e um rastro de cabelos dourados dobrando a esquina, Deran acelerou o ritmo. Virou à direita alguns segundos depois. O quarteirão estava vazio, exceto por dois cavaleiros e uma charrete. Ele seguiu correndo, os pés protestando dentro das botas de montaria, o chapéu na mão. A névoa detestável parecia jatos de água. Procurou-a ansioso. Nada de vestido verde.

— Por que diabos está me seguindo?

Ava saltou de um vão entre dois edifícios tão repentinamente que ele foi direto de encontro a ela. Segurou-a pelo braço enquanto ela tropeçava para trás.

Finalmente ela estava perto. E era dele, toda dele. Mesmo com esse pensamento alarmante, Deran sorriu. Sim, era apenas uma questão de tempo. Ficou contente ao notar que ela ao menos tivera a gentileza de ficar um pouco ofegante após aquela travessura.

— Por que está aí parado sorrindo para mim como um asno confuso? — perguntou ela, fervilhando de raiva. — E solte minha mão, seu *mochyn*.

Ava puxou o braço com força.

O sorriso de Deran se alargou.

— Deve ser o nosso clima úmido que solta a sua língua e a faz esquecer os bons modos, srta. Fychon. Achei esse traço seu repulsivo no início, inconveniente para uma dama, mas agora admito que gosto bastante dele. — Afastou o cabelo pingando que caía sobre a testa. — Lembrar que você *não* é uma dama me permite não ficar extremamente chocado.

Os olhos verdes dela o fuzilavam.

— Não me interessa o que pensa de mim, lorde Atherton. Não me interessa o que acha do modo como eu falo ou das palavras que uso. Eu não sou uma dama. Não tenho nenhuma semelhança com aquelas mulheres que você abraçava no ateliê. Nunca fingi ser como elas. E não vou deixar que você, nem sua tia maluca, nem qualquer outro parente imbecil que você tenha escondido de mim, tente me transformar numa delas!

Ava se aproximou, piscou os olhos sob a chuva que agora caía mais forte, e colocou as mãos nos quadris.

— Não estou aqui para entreter você ou qualquer outra pessoa, milorde. Não estou aqui para que me coloquem num palanque e me digam como me vestir, como me pentear ou quanto devo comer. Estou aqui

nesta cidade repugnante por necessidade, e pretendo fazer o que tenho de fazer. E nem você — enfatizou com um soco no peito dele —, nem a duquesa, a Graça Real de sua tia, nem ninguém poderá me impedir. Já fui detida por tempo demais. Estou enlouquecendo aqui. Preciso ir embora. Ou ainda não acredita no que lhe contei, em como vim parar aqui? Não que ainda me importe se você acredita ou não, pois...

Um dedo pressionado contra seus lábios interrompeu o discurso, e Deran quase lamentou isso. A agressividade tornava mais forte o sotaque escocês, uma cantilena que o deixava empolgado e cheio de energia. As palavras dela eram como fogo, um fogo ardente e vibrante que parecia jorrar sobre ele.

— Realmente não deveria me irritar ainda mais hoje, srta. Fychon — disse ele, baixinho.

— Irritar você? Por que você...

Deran pressionou o dedo com mais firmeza.

— Talvez não tenha percebido que correu uma longa distância e que não tem ideia de onde está. Eu a segui embaixo da chuva, vestindo roupas que não são minhas preferidas para este tipo de atividade, e estou à beira de perder o controle. Considere isto um aviso, senhorita. Estou perto de fazer aquilo que fui levado a fazer da primeira vez que você explodiu. Na minha biblioteca.

Ava arregalou os olhos.

— Mas...

Deran inclinou a cabeça e olhou fundo em seus olhos, vibrantemente apaixonado. Depois olhou para o rosto dela, gloriosamente róseo por conta do esforço, para os lábios descontentes encharcados de chuva. Saboreou-a como se fosse a mais doce das bebidas.

— Um beijo. Certamente se lembra. — Ele se curvou. — E vou beijá-la de novo, Ava Fychon. Ou melhor, *posso* beijar você?

Os lábios dela se entreabriram sob o indicador dele e ela o fitou nos olhos. Fitou-o até ser obrigada a piscar por causa da chuva que caía incessante, molhando seu rosto irritantemente bonito.

— Não, claro que não pode me beijar, seu abominável...

A pressão sobre seus lábios aumentou.

— Vou pedir de novo. Posso beijá-la, Ava?

Ela assentiu com a cabeça. Com um leve sorriso, Deran moveu a mão que estava sobre os lábios dela para a face. Inclinou a cabeça, mantendo os olhos abertos até os lábios se tocarem. O arrepio que percorreu o corpo de Ava não se devia à chuva fria, mas ele apertou-a em seus braços. Avançou, e avançou mais, empurrando-a. Novamente ela estava contra o vão entre dois edifícios, e ele pressionava seu corpo.

Imediatamente ela sentiu uma onda de calor percorrer seu corpo, dos lábios até o ventre. Mãos fortes seguraram seu rosto, abrindo caminho por entre os cabelos ensopados. O cheiro dele, um misto de sabão, madeira e alguma outra coisa que ela não sabia identificar era sem igual. Desde que o conhecera, tinha se lembrado de seu cheiro, inúmeras vezes.

Deran escorregou um braço até a cintura dela, e o outro permaneceu em torno dos ombros. Afastou-se ligeiramente e beijou sua testa. Sorriu ao notar que ela perdera o fôlego.

— Lembra-se da carruagem, srta. Fychon?

Perplexa, ela assentiu lentamente com a cabeça.

— Claro que me lembro... Por quê?

Deran deslizou o dedo pelos lábios dela.

— Será como naquele dia, só que melhor. Abra os lábios junto comigo. Não tenha medo de tocar minha língua. Isso apenas tornará o beijo mais gostoso.

Ava sentiu o calor subindo à face, em parte por suas palavras doces, mas principalmente pela lembrança do beijo. Assentiu com a cabeça e permitiu que ele a beijasse de novo.

Ele tinha razão. Aquilo era melhor, muito melhor. A surpresa e o constrangimento logo desapareceram. No princípio, ele a beijava suavemente, saboreando os cantos de sua boca. Depois beijou de forma ousada e insistente, a língua convidando a dela a se mover, até ela não ser capaz de pensar em mais nada. Ava agarrou os ombros de Deran e retribuiu o beijo com uma sede voraz, encorajada pelos gemidos dele e pelo abraço forte.

A boca de Deran deslizou até seus ombros e pescoço. Seus mamilos intumesceram, e uma longa onda de desejo desceu por seu corpo até a virilha. Latejando, úmida, ela suplicava por atenção. Ava colou o corpo ao dele impaciente, buscando com sofreguidão um alívio para aquela sensação crescente, mas sem saber onde encontrá-lo.

A inquietação dela seria a ruína de Deran. Ele sabia muito bem o que ela buscava, e já que era responsável por levá-la àquele ponto, deveria fazer o que pudesse, tendo em vista o local onde estavam, para satisfazê-la. Beijou-a com mais volúpia, buscando a língua dela com a sua, brincando em sua boca antes de recuar.

Com os polegares, tocou suavemente os mamilos, tão duros sob o vestido molhado que pareciam nus. Ela arfou, e Deran sorriu. Respirou sobre seu pescoço enquanto as mãos deslizavam até suas nádegas, e pressionou-a contra ele.

Mãos e bocas pararam de se mover quando ela encontrou algo rígido entre os dois. Instintivamente, afastou-se um pouco para não tocar ali. Mas a respiração acelerada e o coração disparado de Deran a atiçaram, e ela encostou-se nele novamente.

Ava afundou os dedos nos ombros de Deran ao mesmo tempo que seus seios se arquearam contra o peito dele. Ele olhou para os olhos dela, fechados, o rosto avermelhado, os lábios intumescidos dos beijos e entreabertos em expectativa. Ela se tornara apenas desejo. Deran estava atormentado por ela, o corpo inquieto com o que queria, mas não podia ter. Só conseguia pensar em possuí-la, de qualquer maneira. Tê-la tão impotente agora o amedrontava, sua confiança o humilhava profundamente.

Sabia que naquele momento ela estava perdida em novos sentimentos e que o desejo dela era tão grande quanto o seu. Seria tão fácil possuí-la como queria, tê-la como havia sonhado...

Surpreendente. Tudo aquilo. O lugar, a hora, a mulher. E o choque que sentiu ao se dar conta de que não podia justificar seu egoísmo.

Segurando-a firmemente pela cintura, beijou-a no rosto e afastou-a. Sentiu-a trêmula, ao erguer os olhos confusos.

— Por que você parou?

Ele respirou fundo.

— Não pergunte.

— Mas eu não entendo.

— Não posso lhe explicar.

— Não pode ou não quer?

Deran olhou para ela com os olhos semicerrados e deu um leve sorriso ao responder:

— Não quero.

Ava sacudiu a cabeça de forma desafiadora e ele se preparou para ser fuzilado por perguntas. Mas em vez disso, os olhos dela se sombream, quase entristecidos.

— Ava, você está bem?

Não, ela não estava. Ele não a queria. Por que outro motivo teria parado de forma tão abrupta? Ela preferiria acreditar que era porque estava sendo honrado. Era um conde, afinal. Um nobre. Devia ter honra correndo em suas veias. Sua honra simplesmente resolvera se manifestar no momento mais inoportuno.

Assentiu com a cabeça e olhou para ele.

— E você? Está bem?

A preocupação dela o surpreendeu e de certa forma o constrangeu. Mulheres não faziam tais perguntas a homens. Nenhuma mulher que ele conhecesse, ao menos. E o tom formal era desconfortável, um severo lembrete do *status* de ambos e de como deviam se tratar. Ele estava longe de estar bem, mas explicar isso apenas confundiria mais algo que já era terrivelmente confuso.

Deran assentiu com a cabeça.

— Sim, estou. Estava preocupado com você.

Ava deu um sorriso tristonho.

— Eu não deveria desejar isso tanto assim, não é, lorde Atherton?

Ele tocou sua testa na dela.

— Deran. Por favor. Não me chame de outro modo quando estivermos a sós. — Deslizou a mão por entre seus cabelos pesados e molhados, e acariciou sua nuca. — E como disse antes, querida, não interessa se deveríamos ou não, simplesmente é assim. E, sendo um cavalheiro... o que, apesar das minhas atitudes em relação a você, eu realmente sou... eu lhe peço desculpas, sinceramente. Meu comportamento foi indecente e desrespeitoso. Mas... — Ele recuou, e seus olhos pareciam enxergar através dos dela, escuros e gentis. — Receio que não possa pedir desculpas, Ava. Não sem cometer perjúrio contra mim mesmo. Tenho pensado demais em curtir você, em estar com você. Entende o que quero dizer?

— Sim — respondeu ela, surpresa por ele perguntar. — O que nós fizemos... você me beijou e... — ela olhou para longe, mordendo o lábio inferior — ...me fez querer mais que isso.

Eu a fiz querer mais que isso. Senhor, salve-me das virgens...!

Se adotasse a postura dela, encarando aquilo como uma aventura inofensiva, sobreviveria a ela de forma hábil.

— Sim, mas não apenas beijos. Há... — Tinha ele perdido todo o juízo? Estava começando a falar sem restrições, como ela fazia. — Esta conversa é inapropriada. E você está tremendo. Precisa tirar esse vestido e ir para a frente da lareira.

Palavras perigosas, aquelas. A imagem dela dormindo em frente à sua lareira surgiu, e ela a afastou. Não podia se permitir pensar daquele jeito.

Ele olhou para fora, debaixo do beiral. Ainda chovia, mas não tão pesado. Não havia nenhum transeunte à vista. Com sorte, haveria um táxi por perto. Quanto tempo havia se passado desde que tinham saído do ateliê? Sua tia com certeza já teria desistido de esperar que ele trouxesse Ava de volta e já teria ido para casa.

— Lorde... Deran — corrigiu-se, baixinho —, estou contente que não possa se desculpar. Se o fizesse, significaria que não queria que isso tivesse acontecido. Eu não me perdoaria por isso. Seria... humilhante.

Maldição!

Ele explicou:

— A menos que queira voltar andando para o ateliê de madame LaFleur, precisamos encontrar um táxi.

Ava parecia petrificada.

— Estou em sérios apuros, não estou?

Deran olhou para ela. A que apuros ela se referia? Ao que acabara de acontecer, à cena no ateliê, ao fato de ter fugido correndo ou... ao assassinato? Este último era apenas um rumor. A conversa entreouvida nas docas não determinava sem sombra de dúvida que a mulher em questão fosse a srta. Fychon. No

entanto, tendo testemunhado seu ataque de fúria, a ameaça à assistente no ateliê e sua admirável disposição ao fugir correndo, ele sabia que aquela pequena tirana possuía um imperturbável senso de autopreservação.

Mas assassinato? Seu estômago se apertou com a ideia, a mesma sobre a qual tinha refletido longamente durante a noite. O assunto logo teria de ser discutido, mas olhando para ela agora, o medo estampado em seus olhos como se fosse uma criança desobediente enfrentando a reprimenda dos pais, ele entendia o que ela estava perguntando.

— Se quer dizer...

— Sua tia. Ela vai ficar zangada comigo, não é?

— Provavelmente. Mas você não é criança, Ava, e não será punida como uma.

— Mas eu a constrangi. E a madame LaFleur, e... — ela piscou, afastando as lágrimas — ...àquela pobre mulher que só estava tentando me ajudar. Não deveria tê-la ameaçado como fiz. Era apenas um maldito tecido rosa. Horrroso, mas mesmo assim...

Baixou a cabeça e apertou os olhos com as mãos.

Uma risada brotou inesperadamente dos lábios de Deran. Era um tom de rosa *medonho*. E a cena dela brandindo aquela tesoura fora totalmente fascinante. Já vira muitas mulheres tendo ataques de fúria, já tinha sido o causador de muitos deles, mas nunca presenciara uma cena daquelas.

Estava tremendamente orgulhoso dela.

Ava riu com ele, os olhos molhados, o cabelo encharcado grudado sobre os ombros, os poucos grampos restantes saindo para todo lado. Parecia mais uma criança de rua. E charmosa. Aquele pensamento deveria tê-lo feito sair correndo aterrorizado, dar-se conta de que estava rapidamente se apaixonando por aquela mulher. Mas não queria estar em nenhum outro lugar do mundo naquele instante, queria apenas estar com ela.

Esse era o pensamento mais aterrorizante.

Capítulo XI

Stevens detestava Londres. Se não fosse a mensagem urgente recebida na véspera, não estaria ali agora reunido com aqueles incompetentes incapazes de realizar a simples tarefa de deter a pequena vagabunda. Todos mereciam morrer: a garota e os idiotas que a tinham perdido. O sr. P. cuidaria dela, mas Stevens queria pessoalmente livrar o mundo daqueles três imbecis.

Ao menos as acomodações eram decentes. O sr. P. insistira que ele se hospedasse no Cavendish, um dos hotéis mais refinados de Londres. A proprietária já tinha vindo pessoalmente ver se tudo estava bem. Duas vezes.

O sr. P. estava certo de que a vadiazinha estava vivendo entre a aristocracia, e ele tinha um instinto aguçado. A garota não poderia ter atravessado o rio a nado, e seus homens não a tinham visto subir num navio. Talvez tivesse se afogado, mas não havia informações de nenhum corpo encontrado. Talvez um navio tivesse destruído o corpo, mas essa era uma possibilidade remota.

Não. Stevens supunha que ela estivesse ali, em Londres. Ele a encontraria. E quando a encontrasse, ela iria pagar. Verificou a hora em seu relógio de bolso. Já era meio-dia. Estavam atrasados. Iriam pagar por isso também.

Batidas na porta o interromperam quando acendia um charuto.

— Então... — disse Stevens enquanto entravam. — Como diabos a perderam desta vez?

— Não a perdemos, senhor — respondeu o idiota-mor. — Ela escapou. Conseguiu chegar lá no cais e... bem...

— Vocês a perderam.

— Ela pulou.

— Tem certeza?

— Sim, temos certeza — disse o segundo idiota. — Lembro de ter ouvido o barulho de algo caindo na água. Pensei que fosse algo atirado de um barco, mas depois que ela sumiu, nós...

— Eu entendi da primeira vez, Rhodes. E ontem à noite? Havia alguém fazendo perguntas sobre ela?

— Não exatamente sobre ela. Um homem contou uma história de uma garota que matou um sujeito.

Ele descreveu o homem e a taverna, e contou que o haviam seguido depois, porém...

Stevens ergueu a mão.

— Vocês o perderam. Assim como perderam a vadiazinha. Comece do início. O sr. P. quer detalhes.

Os três começaram a falar ao mesmo tempo, dando desculpas lamentáveis e ridículas. Ela vinha sendo um problema desde o instante em que embarcara no cargueiro. Lutara como uma raposa enfurecida protegendo os filhotes. Queriam atirá-la ao mar já no segundo dia, mas sabiam que era o diamante do grupo, e haveria um bônus quando chegassem ao destino. Estava reservada para um nobre. Os dois moleques eram lixo, mas parecia que tinham sangue azul pelo modo como ela os tratava. Protegia-os e tomava chicotadas no lugar deles, quando um dos dois saía da linha.

As duas semanas atravessando a Baía de Cardigan tinham sido um pesadelo, mas as coisas pioraram quando rumaram para leste através do Canal de Bristol. Os moleques ficaram doentes e a vagabunda exigia que fossem tratados. A essa altura, toda a tripulação estava seguindo suas ordens. Aportaram em Avonmouth e os levaram até as carroças. Trinta quilômetros depois, ela acertou o condutor na cabeça com um balde de madeira. Dois homens foram na frente, procurando abrigo e comida, e só souberam da fuga quilômetros adiante. Mas a sorte voltou quando chegaram a Gloucester. A garota e seus irmãos viajaram a pé e cometeram o erro de dormir numa estalagem por causa do mau tempo, mas não podiam

pagar pela estada. O dono da estalagem os trancafiou até a chegada da polícia. Detidos por quatro dias, foram trazidos a Londres sem percalços e entregues conforme as ordens.

Dois deles, pelo menos.

— História cansativa e que não valeu meu tempo. Como diabos a perderam aqui em Londres?

O idiota número três corou.

— Foi durante a minha vigília, senhor. Rhodes e Blecker estavam... tirando um cochilo. Ela disse que precisava usar o banheiro, que se sentia mal por causa da... o senhor sabe.

Stevens levantou a cabeça calva.

— Não. Eu não estava lá, seu imbecil. Por causa de quê?

— Dores de mulher, senhor. Disse que precisava cuidar disso.

Os outros dois deram um risinho.

— Imbecis! Mulheres sempre pedem para usar a latrina porque sabem que vermes como vocês não as seguirão. Como vocês três estão vivos até hoje é um mistério, mas se falharem de novo não viverão muito mais. — Caminhou pelo quarto e deu meia-volta. — Têm até o fim de semana para encontrá-la, o que é generoso da parte do sr. P. Eu lhes daria um prazo até ontem. Mas vocês têm seis dias. Se não a trouxerem até sexta-feira ao meio-dia, eu os encontrarei.

Os três assentiram com a cabeça simultaneamente; o cheiro do suor deles tornava o ar podre.

Havia um recado de DiSanto para Deran, quando este retornou da casa de sua tia. Precisavam se encontrar no clube. Notório por ser o lugar onde cavalheiros da cidade espalhavam fofocas com a mesma habilidade com que distribuíam cartas, era o local menos privado em que Deran conseguia pensar. Detestava o clube quase tanto quanto detestava festas.

A tina de banho foi preparada e ele se despiu, feliz por finalmente se livrar daquelas roupas molhadas. Graças a ao sobretudo, suas roupas não tinham ficado tão encharcadas quanto as de Ava, mas ainda assim sentia frio. Entrar na água quente foi um prazer, e a lareira acrescentava o calor necessário.

Mas, fora aquecer sua pele, o calor lhe trazia pouco conforto. O contentamento que sentira mais cedo se fora, desde a hora em que devolvera Ava à sua tia. Nenhum outro gesto de intimidade ocorrera, nem mesmo suas mãos se tocaram. Ava se comportava de forma excessivamente submissa, devido à apreensão pelo confronto que estava por vir, ele supunha. Ele não afastou seus medos, nem a confortou, embora quisesse fazer as duas coisas.

Os olhares de desprezo que Ava recebeu a fizeram fugir para seu quarto como uma criança que levava uma bronca, e Deran teve de enfrentar a duquesa e o marquês. A duquesa não estava tão irritada com a cena no ateliê quanto ele imaginara. Na verdade, ela achara aquilo tudo muito divertido. O marquês, no entanto, empunhava a bandeira da lealdade da nobreza, A Reputação da Família, principalmente a de sua mãe. O marquês não queria seu nome associado a um tipo como a srta. Ava Fychon.

Deran apertou a barra de sabão, pensando nas palavras daquele bastardo carola, e em como gostaria de realinhar aquele nariz aristocrático.

Lorde Rensleigh insistiu para que a srta. Fychon fosse responsabilizada por seus atos. Deveria pedir desculpas em público a madame LaFleur e às suas assistentes o quanto antes, e o guarda-roupa meticulosamente encomendado para ela deveria ser cancelado.

A única coisa que Deran disse foi que a srta. Fychon deveria pedir desculpas por seu comportamento. Qualquer coisa além disso, seria agressivo e em nada ajudaria Ava.

Então a duquesa fez o chocante pronunciamento informando que a srta. Fychon continuaria sendo sua hóspede. Estava muito impressionada com o espírito e o vigor da garota, e planejava uma grande festa. Enfrentar o fogo, ao invés de fugir dele, ela observara. Mostrar a todos que aquela família não era de se

esconder, envergonhada. Apresentar a srta. Fychon ao mundo e deixar que o conquistasse, como já havia feito com ela própria.

Maldição!

Deran enxaguou o sabão dos cabelos e afundou na água. “Não se esconder envergonhada...” Ele sentia vergonha, e ao mesmo tempo se ressentia e se arrependia disso. Algumas horas depois de seu encontro apaixonado com Ava, sentia imensa vergonha. Não deveria ter deixado as coisas ir tão longe, não deveria tê-la guiado pelo caminho do prazer, não deveria ter brincado com sua inocência. Mas seu jeito feroz o havia cativado muito antes de apanhá-la na rua, e a caçada só fizera crescer o fascínio. Então ela se atrevera a xingá-lo, ofendera a ele e à sua família, declarando não pertencer a ninguém.

Como poderia resistir a toda essa vida que jorrava dela, como poderia não se aproximar, tocá-la, absorvê-la, querer aquilo para si? Era como se ela estivesse no centro de um círculo criado por ela, uma guerreira dentro de sua fortaleza de determinação e honra, e ele queria apenas permissão para adentrar aqueles muros. E quando a permissão foi concedida, sua razão se perdeu.

Deran agarrou as bordas da tina ao sentir uma ereção retornando com força total. Estivera num estado semiereto durante a maior parte da tarde, uma situação incomum, e relembrar os eventos do dia não estava ajudando em nada. Infelizmente, ou felizmente, dependendo de como encarasse, agora que tinha experimentado a surpresa e prazer desvelados, o jeito doce e inocente como respondia às suas carícias, maldição, ele queria mais. Mais daquela feroz determinação que brilhava nos olhos de Ava e dava um nó em seu estômago; mais daquela sua aparente incapacidade de não dizer o que pensava; mais de sua honestidade; e mais da sensação de tê-la em seus braços.

Qual tinha sido mesmo sua pergunta? “Eu não deveria desejar isso tanto assim, não é?”

— Não, minha querida Ava — ele murmurou —, você não deveria. Nem eu, tampouco.

E tanto pelo bem dele como pelo dela, Deran se certificaria de que aquilo não aconteceria de novo.

No clube, Max estava terminando seu cálice de vinho do Porto quando Deran se sentou à sua frente.

— Parece que perdi o primeiro ato — disse Deran, servindo-se do vinho.

Ergueu o cálice num brinde, permitindo que a luz do fogo da lareira atravessasse o líquido vermelho-escuro antes de baixá-lo, intocado.

— E chegou bem na cena da morte, ao que parece. O que o preocupa?

Deran fitou-o impassível.

— Assunto de negócios. Mas... — pousou o copo e juntou as mãos — ...eles podem esperar.

Deran estava impaciente e fitava Max, especulando.

— Pensei que quisesse me encontrar aqui esta noite porque estivesse com vontade de jogar cartas, mas evidentemente não é o caso. Por que estou aqui?

Max olhou em volta, notando a proximidade de outros frequentadores. Talvez não fosse o melhor lugar para uma reunião, afinal, mas o cenário social o atraía mais do que sua casa ou a casa do amigo.

— Tenho novidades, mas antes de eu começar a contar, você precisa jurar que ouvirá fingindo que tudo isto não passa de uma conversa banal.

Deran cerrou os dentes.

— Que novidades?

— Primeiro, jure que...

— Tem a minha palavra.

Max fitou o rosto sério de Deran e assentiu com a cabeça.

— Um cliente meu está preocupado com um empreendimento. Ele entendeu que se tratava de uma venda de seda a comerciantes das Índias Ocidentais, mas descobriu que há mais coisa por trás. A

transação é legítima, mas é também um disfarce para outros negócios. Está preocupado, não tanto com sua reputação, mas principalmente com sua segurança. Não quer mais se envolver no empreendimento, mas lhe disseram que não pode voltar atrás.

— Está sendo chantageado.

— Sim.

— E qual é o outro negócio? Entendo que esse seja o xis da questão.

Max sorriu com ironia.

— Você é rápido, meu amigo.

— Você está enrolando.

Max assentiu com a cabeça, admitindo.

— É o negócio que discutimos na sua casa. No dia seguinte ao da chegada *dela*. — Baixou o tom de voz. — Venda de pessoas. Neste caso, pessoas muito jovens.

Deran permaneceu impassível.

— Você sabe onde eles estão.

— Não, mas sei quem os quer. Meu cliente tem negócios com uma pessoa de quem ouvi falar, mas nunca conheci. É um homem de negócios estabelecido, mas também está metido com tráfico de escravos no mercado negro. Ele prefere... jovens mulheres, que são compradas e vendidas, supostamente, como empregadas domésticas. Criadas, damas de companhia, babás, coisas desse tipo. Ele se tornou um homem muito rico, Deran. Um homem muito perigoso.

Deran absorveu a informação. Alguns instantes se passaram antes de ele falar:

— Mulheres jovens, você disse. Não garotos?

Max ficou pálido.

— Não sei, mas não é impossível que, se lhe encomendassem um garoto, ele não atendesse ao pedido.

— Atender ao pedido — repetiu Deran. — Alguns deles devem ser genuínos. Gente para formar equipe de empregados domésticos.

— Alguns são, mas muitos não. Algumas das mulheres vão trabalhar em fábricas e moinhos em troca de comida, e garotas mais bonitas podem ter... outro destino.

Os dois ficaram em silêncio, bebendo e contemplando o fogo.

— E você tem certeza disso?

— Tenho.

— Quero me encontrar com seu cliente.

— Sabe que isso é impossível. Ele está apavorado, teme por sua família. Está convencido de que esse homem irá prejudicar muito a ele e à família caso ele tente cair fora. Se ele soubesse que você está envolvido, poderia fazer algo intempestivo. Quando falei com ele esta tarde, parecia prestes a tomar atitudes drásticas.

— Nós lhe ofereceremos proteção em troca de informações.

— Deran...

— Faremos isso, DiSanto — retrucou ele, com toda a calma. — Faremos isso porque há uma mulher que arriscou tudo para encontrar os únicos parentes que tem. Crianças. Meu Deus, ela própria é uma criança! Escapou do destino do qual os irmãos não conseguiram escapar, e se culpa por isso. Não darei as costas a ela. Ou a eles.

Olhou para Max.

— E quando tiver terminado, encontrarei o bastardo que os entregou ao homem que os tratou como objetos. Quando encontrá-lo, vou matá-lo.

Capítulo XII

Ava passou os dois dias seguintes em reclusão. Todos os criados da duquesa a tratavam friamente por causa do ocorrido na modista. O fato de ter saído publicado nas páginas do *The Times* no dia seguinte não ajudou em nada, embora tivesse agitado a vida social da duquesa. Visitantes curiosos se aglomeraram na Mansão Culver no dia em que a reportagem foi publicada, ávidos por escutar a versão da duquesa para a história, ou quem sabe até ver sua infame hóspede. Risos e gargalhadas chegavam até o quarto de Ava. Ela temia que a mandassem descer para ser exibida.

Meg trazia as refeições no quarto para ela, pois Ava alegava que estava doente. Meg sabia qual era o verdadeiro motivo, mas não a questionou. Ninguém parecia estar curioso a respeito de sua ausência nas refeições. Meg tentou animá-la. Com a comida, trazia também notícias sobre os visitantes de Sua Graça.

Ava ouvia educadamente. Só queria saber de ir embora. Se tudo corresse bem, teria sua chance em dois dias, na véspera da festa da duquesa. Festa que seria oferecida em sua homenagem, apesar de estarem todos mortificados com seu comportamento.

Ava se perguntava por que lorde Atherton se mantinha distante. Não o via desde... aquele dia. Não esperara que ele fosse visitá-la, mas sim que visitasse a tia. É claro que estava ocupado, tinha de cuidar de seus negócios e não tinha tempo a perder com gente como ela. Ela já causara uma enormidade de problemas, e sem dúvida ele desejava que tivesse se afogado no Tâmis cinco noites atrás.

Não saberia como se comportar perto dele agora, de qualquer modo. Aparentemente, ele sentia o mesmo. Sua ausência falava alto.

Ele não queria vê-la. Ela não queria vê-lo. E pronto.

Oh, mas como sentia a falta dele! Não conseguia parar de pensar em Deran. Quando o sono finalmente chegou, sonhou com ele, no parque, cavalgando na praia, caminhando nas montanhas. E se beijando. As lembranças dos beijos dele teriam de durar uma vida, para que, depois que encontrasse Mairwen e Ithel, retornasse a Anglesey e construísse uma vida com eles. Ela iria resolver o problema do tio. A jornada seria longa, e teria de parar e ganhar dinheiro para prosseguir viagem, mas em algum momento chegariam em casa.

Sentou-se escrevendo mais uma carta para Mairwen, mais uma que não seria postada, quando Meg entrou apressada, sem fôlego e com o rosto vermelho.

— Não vai acreditar se eu lhe disser quem está aqui, senhorita!

Meg correu para o guarda-roupa e pegou o único xale.

— O rei George? — perguntou Ava de forma petulante.

Meg olhou para ela confusa, parada a seu lado.

— Sua Graça diz que deve descer imediatamente.

Jogou o xale sobre os ombros de Ava e começou a ajeitar seu cabelo.

— Serei apresentada a uma visita? Ela não queria que eu conhecesse nenhuma de suas visitas...

Ava sentiu um arrepio de apreensão na nuca.

— Esse é especial. Sir Edmond de la Pontoise. Ele é amigo da primeira esposa do duque, Jessup me disse. Um homem muito importante. Alguém que não se deve deixar esperando, senhorita. — Meg enfiou um grampo no cabelo de Ava e examinou o resultado. — Até que os outros vestidos cheguem do ateliê de madame LaFleur, imagino que este resolva.

Meg a forçou a se levantar para que pudesse fazer os ajustes necessários, mas não havia nada a fazer, devido à simplicidade do vestido.

— É um pouco simples, não é? Mas a cor lhe cai bem, senhorita. O amarelo-claro combina com seu tom de pele.

Uma sensação de desconforto acerca do visitante foi aumentando enquanto Ava descia as escadas para a sala de visitas. Por que seria apresentada àquele homem em especial? Talvez a duquesa tivesse decidido que ignorá-la por dois dias já bastasse.

Sua Graça estava sentada, e o visitante estava de pé a seu lado, de costas para a porta. Ele se virou quando Ava entrou. Seu olhar pareceu congelar sobre sua pele.

— Ora, ora. É bom vê-la novamente, querida.

— Como, senhor? Eu o conheço? — rebateu Ava.

A duquesa virou-se na cadeira, com um sorriso simpático no rosto.

— Venha, venha, srta. Fychon. Sir Edmond me falou de você e veio de longe para vê-la, mas é claro que você sabe disso.

Um alerta soou na mente de Ava. *Veio de longe?* E ela deveria saber de onde?

— Não compreendo. Quem é o senhor?

A duquesa riu baixinho olhando para o homem alto, de bigode.

— É a primeira vez que vejo seu lado cômico, sir Edmond. Já conhecia seu senso de humor?

— Não. Ela era muito séria em minha casa. Trabalhadora, também. — Seus olhos cinzentos penetravam no rosto de Ava. — Seus modos pioraram nas cinco semanas em que esteve longe.

Cinco semanas! Esse era o tempo que se passara desde que fora levada de Gales. Ela contara cada dia. O diário que trouxera ao sair de casa havia muito já se perdera, mas sabia quantos dias tinham se passado. Aquele homem que ela nunca vira na vida alegava tê-la visto cinco semanas antes?

Quem era ele?

— Srta. Fychon — disse a duquesa de forma dramática —, certamente se lembra de sir Edmond de la Pontoise, seu patrão. Ele veio para levá-la de volta ao seu lar. Você ficará aqui enquanto ele cuida de seus negócios nos arredores de Londres, depois ele voltará para buscá-la. É esse o combinado, não é, sir Edmond?

Ele se curvou educadamente.

— Sim, Vossa Graça. Os negócios me afastarão por umas duas semanas, e depois disso voltarei para buscar a srta. Fychon. Obrigado pela gentileza de permitir que fique em sua residência até lá. — Lançou um sorriso maligno para Ava. — Estou imensamente aliviado por finalmente encontrá-la, srta. Fychon. Todos nós sentimos a sua falta.

A cabeça de Ava girava, a garganta se fechou de medo. Não conhecia aquele homem, nunca o vira antes. Por que ele achava que se conheciam? Estivera em muitos lugares desde que partira de casa, poderiam ter se encontrado em algum lugar. Mas como ele sabia seu nome ou onde estava morando? E para onde ele a levaria em duas semanas?

Uma coisa estava terrivelmente clara. Ele convencera a duquesa de que ela lhe pertencia. Em que função, isso ela não fazia ideia. Criada, dama de companhia de sua velha mãe, ou de uma irmã doente? Se protestasse, a duquesa concluiria que não queria partir, e não que de fato não o conhecia. Como, por todos os santos, poderia provar isso? Ninguém lhe daria ouvidos, muito menos acreditaria nela. Especialmente agora, que não estava nas graças da duquesa.

Ele tinha dito duas semanas? Sim, em duas semanas voltaria, e ela já teria fugido há muito tempo então. Seu coração se acalmou. Não precisava se preocupar com aquele sir Edmond não-sei-das-quantas. Não, ele estava completamente enganado. Ela não partiria com ele.

Pensar em seus planos de fuga a acalmou consideravelmente. Dois dias. Então haveria os dias de viagem para encontrá-los, depois a longa jornada para oeste, de volta a Gales, de volta para casa, onde...

— Srta. Fychon.

Ava deu um salto. Estava tão absorta pensando em seu plano de fuga que não notou que sir Edmond havia se aproximado. A duquesa falava com Jessup a alguns metros de distância. Sir Edmond estava tão próximo que ela podia ver as rajas pretas em seus olhos cinzentos e os fios grisalhos no bigode preto. Sua camisa de linho ofuscava de tão branca, sob o paletó marrom-escuro.

— Sei que é um choque para você, mas devo adverti-la. Se você apenas tentar ir embora desta casa, ou der algum sinal de sua partida, você jamais... Ouça bem o que digo. Você nunca mais verá seus irmãos outra vez. E sabe por quê, *ma coeur*? — Ele percorreu o dedo comprido sobre o rosto de Ava. — Porque eles não viverão se você não estiver aqui quando eu retornar.

Edmond inclinou-se, aproximando-se dela. Seus olhos pareciam nuvens ameaçadoras.

— Você já me causou uma enormidade de problemas desde que deixou sua patética fazenda em Gales, e isso terá fim hoje. E fique calada a respeito disso, senão... — Passou a língua lentamente sobre os lábios pálidos e ressecados. — Você se lembra, não é mesmo? — Sorriu, arregalando os olhos. — Você pertence a mim, e não há nada que possa fazer sobre isso. Vejo você daqui a duas semanas.

As palavras dele giravam na cabeça de Ava, penetrantes e assustadoras ao mesmo tempo.

— Eles estão vivos? Mairwen e Ithel estão vivos? Onde eles estão? Quando poderei vê-los?

— Eles estão vivos.

Ava agarrou-o pelo pulso.

— Onde eles estão? Estão aqui em Londres?

— Não. E não lhe direi mais nada.

Ele puxou o braço, porém Ava segurou firme a manga de seu casaco.

— Por favor! Não pode imaginar minha preocupação e como sinto falta deles. Foram tirados de mim sem uma palavra. O que fez com eles?

— Eu os mantive vivos — respondeu Edmond, nervoso. — O que é mais do que merecem, e não graças a você. Custaram-me muito dinheiro e estão pagando suas dívidas nos moinhos. Bem, pelo menos seu irmão está. Sua bela irmãzinha...

Os olhos de Ava se encheram de lágrimas, e seu corpo tremeu descontroladamente.

— Ela não está com Ithel? Onde ela está? Ithel está num moinho? Sozinho?

Edmond deu um puxão, desvencilhando-se dela.

— Saberá de seus paradeiros quando eu voltar para buscá-la. Caso se comporte bem, talvez visite seu irmão quando formos para o Norte. Mas terá de ser *muito* boazinha. — Ergueu o queixo dela com o dedo.

— Quanto a você — acariciou-lhe a nuca —, se não fosse o barão suíço que pagou bem e a está aguardando, eu ficaria com você para mim. Mas ele é um homem impaciente, e negócios são negócios.

Deu um passo atrás e acenou com a cabeça educadamente.

— Srta. Fychon — disse ele, em tom de voz alto o suficiente para que a duquesa ouvisse e pensasse que tudo estava bem, e que seus assuntos estavam concluídos.

Após ser dispensada pela duquesa, Ava subiu correndo para o seu quarto, fechou a porta e atirou-se no chão, o coração saltando dentro do peito. Chocada demais para chorar, sentia apenas pânico.

Seus irmãos estavam vivos!

Meu Deus, o senhor atendeu às minhas preces. Mas Ithel está sozinho!

Não conseguia imaginar isso. Seu irmãozinho, sempre com tanto medo de ficar só, especialmente à noite. Ela costumava se deitar ao lado da cama que ele dividia com Mairwen e afagar seus cabelos loiros, cantando baixinho até ele adormecer. Quem faria isso agora? Estariam cuidando dele? Ele teria alguém com quem conversar?

E Mairwen, onde estaria? A forma lasciva como sir Edmond falara dela, a boca torcida com escárnio,

fizera Ava se arrepiar.

E também quando ele dissera que havia alguém esperando por ela. Um barão suíço. Seria essa a sua sina, ser propriedade de um homem que fazia negócios com aquele tal sir Edmond? Não. Não seria.

Seus planos tinham de ser mudados, e rápido. Mas como?

Cada pergunta puxava outra. Deran estava no escritório de Max, ouvindo o cliente contar sua história. Era uma tragédia maior do que ele havia imaginado. Ficara enojado com o que Max lhe contara e constrangido com a capacidade de seus pares de servir ao mal, regalando-se até se saciar, para depois exigir mais à custa de outros. No caso, de jovens, muito jovens, preferencialmente mulheres.

O sr. Clive Blounton parecia ser um homem honesto. De fala mansa, dedicado à esposa e ao filho pequeno, queria melhorar sua situação, posto que com seu trabalho mal ganhava para suprir as necessidades diárias. A sra. Blounton estava doente desde o nascimento do filho, e eles não podiam arcar com as despesas médicas. Confidenciou seu dilema a um colega de trabalho. Em menos de uma semana, ele foi procurado. Um investimento buscando capital, que renderia o triplo em apenas alguns meses. Estaria ele interessado?

— Pensei nisso uma centena de vezes desde então, senhor. Se simplesmente não tivesse aceitado, não estaria agora ameaçado de perder tudo. Se minha Tabitha descobrir... — Afundou a cabeça nas mãos. — Nunca senti tanta vergonha. E ter de admitir a ela... O que Tabitha pensará de mim?

Deran fitou o homem.

— Sr. Blounton, acalme-se. Seu fim, como o senhor o imagina, não está tão perto quanto pensa. E nem mesmo está em suas mãos.

Blounton ergueu a cabeça rapidamente. Seus olhos azuis surpresos buscaram os de Deran, e depois os de Max.

— Como você...

— Ele não me disse — Deran o interrompeu. — Estou deduzindo que a ideia lhe tenha ocorrido. Muitos homens consideram a saída covarde, em vez de enfrentar aquilo que os impele a fugir.

Blounton piscou os olhos e seu rosto enrubescou.

— Não sou covarde, senhor. Tenho um medo, um medo terrível, mas se pensa que...

— O que eu penso não importa, Blounton. A sua opinião é a única que interessa.

Blounton refletiu sobre o que ouvira.

— Tabitha disse exatamente as mesmas palavras quando lhe falei que queria um cargo melhor.

Deran assentiu com a cabeça.

— Provou ter coragem afinal, ao me contradizer.

— Oh, senhor, não quis ser desrespeitoso. Eu apenas...

Deran acenou com a mão, impaciente.

— Maldição! Não peça desculpas. Vou retirar o que disse sobre você. Contou ao sr. DiSanto que não conheceu o homem responsável, certo?

— Sim, senhor. O homem a quem dei dinheiro disse que trabalha para ele. É o seu caçador de investidores.

Caçador, de fato, pensou Deran. Caçando presas de quem ninguém sentirá falta.

— Mas ele não é o homem que o procurou inicialmente.

— Não. Só o vi essa vez. Disse que se chamava Tom, mas eu não acreditei.

— E por que não?

— Não tinha cara de Tom. Era mais refinado... — Ele corou. — Mais como o senhor.

— Como eu, como? Em tamanho, idade, o quê?

— Não, senhor. Tamanho, talvez. A mesma altura, mas de ombros mais estreitos. Perdão, senhor, mas quis dizer que parecia ter mais *status*.

Deran ergueu as sobrancelhas.

— Ele é um nobre?

— Se tivesse de dar um palpite, eu diria que sim, senhor.

— Especulação interessante da sua parte, Blounton, mas que não posso refutar. Ser nobre não impede ninguém de cometer crimes. São homens, no fim das contas. — Fez uma pausa. — E mulheres.

— Sim, senhor. É só que...

Ele se remexeu, parecendo desconfortável.

— Sim? Diga. Nenhum de nós dois o condenará por suas opiniões.

Blounton ergueu os ombros.

— Espera-se que os nobres ajam melhor que os demais, só isso.

Deran poderia ter respondido que era direito dos plebeus ter expectativas, mas preferiu ficar calado. Conhecia as pretensões da nobreza o suficiente para saber em que Blounton baseava suas opiniões. Infelizmente, nem a sabedoria nem a consciência ética eram herdadas junto com os títulos. Aqueles com riqueza e influência podiam evitar... e evitavam... a moralidade, tão facilmente quanto o mais ardiloso dos bandidos. A diferença entre eles era que as ações imorais dos cavalheiros e nobres eram objeto de fofocas e piadas. O rufião pagava com a perda da liberdade, se fosse pego.

Deran podia imaginar muito bem que um nobre estivesse envolvido.

— Então esse homem, Tom, na falta de nome melhor, apresentou você ao homem que explicou o empreendimento.

— Stevens.

Deran e Max se entreolharam. Só podia ser o mesmo Stevens a quem os homens nas docas se referiam. Blounton prosseguiu, dando sua descrição. Como estava de chapéu, não pudera ver seu cabelo, mas ele tinha costeletas, olhos castanho-claros pequenos, e não sorria, então não podia descrever seus dentes. Fumava charuto. Não era alto nem baixo. Idade entre quarenta e cinquenta anos.

Blounton prosseguiu:

— Ele já tinha meia dúzia de investidores e esperava mais.

— Quanto você pagou?

Blounton sacudiu a cabeça.

— Trezentas libras. Tudo que economizei para nos mudarmos de Cheap Side. Mas ele disse que eu receberia o dobro em menos de dois meses.

— Explique da mesma forma como ele explicou a você.

Era uma operação simples. Sedas e produtos têxteis de grande demanda seriam vendidos e transportados sem intermediário entre comprador e vendedor. Como o navio pertencia ao patrão de Stevens, as despesas de transporte eram reduzidas. O dinheiro economizado com transporte e atravessadores era lucro para os investidores. Quanto mais investidores, mais renda para todos.

— Ele me mostrou registros contábeis deste ano e do ano passado, e o montante era inacreditável. Mais de trezentas e cinquenta mil libras só este ano.

Definitivamente, um número impressionante. Mas que não seria alcançável apenas com a venda e transporte daquelas mercadorias. Não legalmente.

— De fato — concordou Deran. — E sabendo que poderia realizar seus sonhos, o que aconteceu que o fez querer sair do esquema?

— Ouvi uma conversa. Eu deveria encontrar Stevens em frente ao hotel às dezessete horas, mas não seria possível, e fui ao hotel avisá-lo. Do corredor, ouvi vozes em seu quarto, uma delas bem alta. Eu...

eu... não bati na porta. Mas também não fui embora. — Afundou a cabeça sobre os joelhos. — Não deveria ter ficado escutando, mas... mas se eu não tivesse...

Ele falou de uma vez só, a cabeça ainda baixa.

— Falavam sobre uma garota. Alguém que só lhes trouxera problemas. Essa garota tinha com ela crianças, que estavam doentes. Estava transformando a vida de todos num inferno porque elas não estavam recebendo cuidados quando estavam no navio. Diziam... — a voz dele ficou mais baixa — ...que nem mesmo o chicote a fazia parar de exigir que fizessem algo pelas crianças. A tripulação a odiava e ficaria feliz em se livrar de todos os três. Mas depois que o navio aportou, ela escapou. Agrediu alguém, eu acho, mas foi pega dias depois e trazida para Londres. Só que escapou de novo. Os homens que mais falavam estavam em apuros, pois não sabiam dizer onde ela estava.

Ele levantou a cabeça, os olhos vazios, o rosto uma máscara de dor.

— De repente, me dei conta do que estavam falando. Tinham trazido a garota e as crianças, as “pestinhas”, como eles diziam, para vendê-los. Eles iam *vendê-los*! — Esfregou as mãos sobre os cabelos. — Pessoas. Seres humanos! E crianças. Como venderiam laranjas, jornais ou um bolo de carne. Ela, a quem todos odiavam, estava sendo esperada por alguém, alguém que tinha *pagado* por ela, que a tinha *comprado*. Eles a encontrarão, e quando isso acontecer...

Levantou-se da cadeira e atravessou a sala.

Max olhou para Deran, que olhava fixamente para a parede, distante, o rosto contraído e taciturno, os olhos brilhando, o corpo rígido como uma estátua. Max não tinha dúvida de que se ele tivesse uma arma nas mãos, poderia causar grande estrago. E mesmo sem uma arma...

Blounton voltou à sua cadeira e afundou-se nela.

— Se tivesse estado lá, compreenderia. Sei que há gente má no mundo, senhores, mas nunca tinha ouvido falar de tal... de tal atrocidade.

Max olhou para Deran, aguardando uma resposta, mas ele parecia não ter ouvido.

— Compreendemos. Seu relato é muito claro. Conte-nos a respeito da chantagem.

Blounton esfregou os olhos com a manga da camisa.

— Não deixei o bilhete. Voltei para o trabalho. Stevens foi ao meu escritório no dia seguinte e eu menti. Disse a ele que minha esposa não queria que eu seguisse adiante com o plano, tinha medo que perdêssemos nosso investimento. Não contei nada sobre a conversa que entreouvi.

— Mas as preocupações de sua mulher não lhe interessavam, não é?

Blounton fez uma careta.

— Não. Ele riu e disse... bem, não vou repetir o que ele disse. Foi algo muito depreciativo sobre o sexo frágil. Disse que não era minha decisão romper nossa sociedade. Esperaria uma semana e, caso mantivesse a mesma opinião, poderia resgatar minha cota, pagando um preço.

— Tem de comprar de volta seu investimento.

— Sim.

— E suponho que essa caridosa proposta tenha vindo acompanhada uma ameaça.

Os olhos de Blounton se encheram de lágrimas outra vez.

— Ele disse que conhecia minha mulher e meu filho, e que... — Esforçava-se para manter o controle, mas soltou um gemido alto. — Que os dois eram bonitos e que, se eu não lhes dava valor, ele conhecia gente que daria.

Capítulo XIII

O único consolo nos momentos mais desoladores de sua vida era pensar que as coisas não podiam ficar piores.

Essa era a ardorosa esperança de Ava, deitada ali no escuro, sem conseguir dormir. Após conhecer sir Edmond, seus pensamentos se debatiam como pássaros engaiolados assustados, chocando-se violentamente uns contra os outros, machucando-se e gritando em pânico.

Era diferente de quando fora levada de casa. Naquela ocasião, ela não teve aviso prévio, não teve tempo de elaborar um plano, não teve tempo de nada, apenas de sentir-se amedrontada e confusa. No navio, teve tempo de pensar em algo, mas o plano foi arruinado por sua má avaliação.

Ie, ela havia sido enganada. A mensagem dizendo que Mairwen esperava por ela fez com que seu bom-senso voasse livre como uma vela solta. Mairwen não estaria nas docas, não teria mandado uma mensagem dizendo que estava. Ela não tinha astúcia para pensar num plano assim.

Mas Ava queria que ela estivesse lá, e foi ao seu encontro. E agora, ali estava ela. Viva, sim, porém vazia.

No entanto, enquanto seu coração ainda batesse, enquanto sua mente ainda fosse capaz de pensar, ela não desistiria.

Tinha quase duas semanas, treze dias a partir do dia seguinte, e não iria desperdiçá-los sabendo que havia uma chance de encontrar sua família. Não ignoraria a ameaça de sir Edmond de ferir Ithel e Mairwen caso não estivesse lá quando ele voltasse. Ela já havia encarado o mal antes, já sentira o cheiro de seu ódio, e sir Edmond estava impregnado dele. *Ie*, sua ameaça era verdadeira.

No dia seguinte tentaria sair por um tempo. Vinha evitando a duquesa e qualquer conversa sobre sir Edmond. O fato de não ter ainda sido questionada era uma surpresa. Ava presumia que a duquesa não julgasse necessária uma explicação sobre a visita dele, pois ele já havia explicado de maneira satisfatória a presença de Ava em Londres.

Meg podia ser persuadida a dar uma volta nos jardins do parque. Ou a deixar Ava acompanhá-la quando saísse para realizar alguma tarefa. Isso lhe daria uma oportunidade de observar rotas de entrada e saída da cidade.

Ter alguém com quem conversar seria maravilhoso. Ava tinha esperança de que Meg pudesse ser ao menos sociável, mas Meg estava determinada a não ser nada além de sua criada. Além de lorde Atherton, dos empregados de sua casa, sobre os quais ela fora jogada, não chegando realmente a conhecê-los, e da irmã dele, não conhecia ninguém. Nos cinco dias que haviam se passado desde que fora puxada da água para a terra, ela fora um fardo, um problema para alguém resolver, como um cachorro de rua a quem ninguém tinha coragem de negar abrigo.

Logo passaria aquela sensação de estar deslocada, de não ser querida, apenas educadamente tolerada. Ela seria grata àqueles que a tinham ajudado durante sua estada, mesmo sabendo que não queriam ajudá-la.

Lamentava não ver o conde antes de partir. A ideia de que estava apaixonada por ele tinha sido uma bobagem, coisa de menina. Ele não iria querer nada com ela, por várias razões. Apenas seu título já o aproximaria de mulheres de igual condição social. Mulheres sofisticadas, como aquelas no ateliê. *Ie*. Bonitas, graciosas, charmosas, tudo o que ela não era. Quantas o amavam? Será que ele retribuía o amor delas?

Ao menos, ela tinha suas memórias, um presente precioso. Não se permitiria sofrer de amor por um

homem que jamais seria seu, que de fato não podia ser seu. Mas jamais o esqueceria.

Tia Geneva insistiu para que Ava viesse tomar o desjejum com ela para conversar sobre a festa do dia seguinte. O assunto a deixara animada, e ela a convidou para acompanhá-la na visita a um amigo que estava sofrendo de gota. A proposta dava a Ava a oportunidade que estava esperando, com potencial de conquistar sua liberdade.

— Tia Geneva, estava pensando... Será que posso visitar lady Charnock enquanto estivermos fora? Fui relapsa em não agradecer a ela por tudo que fez por mim.

A duquesa fitou-a.

— Quer visitar Madeline? Ela estará na festa amanhã. Poderá então expressar sua gratidão a ela.

Não fora bom o suficiente o plano.

— Adorarei vê-la amanhã, mas não acredito que uma festa seja o momento apropriado para puxá-la de lado e dizer a ela tudo que quero.

— É apenas um agradecimento. Quanto tempo pode levar isso?

Cyfrgoolli. Maldição. Por que tinha de ser tão complicado?

— Lá de onde venho, Vossa Graça, pode levar algum tempo. Gratidão é expressa com comida, presentes e música.

Tudo mentira. Exceto pela parte da comida. Ava esperava que a duquesa não soubesse a verdade e que Deus perdoasse a mentira.

— Considerando tudo que ela fez por mim, devo a ela ao menos uma dessas coisas.

A expressão da duquesa demonstrava fascínio e ceticismo.

— E conte-me, qual das três escolheu?

— Ah, uma canção, Vossa Graça. Não tenho nenhum presente a oferecer, e minha comida é apenas tolerável.

— Cante para mim sua canção de *gratidão*.

— Aqui? À mesa?

— Você precisa de um piano?

— Não, mas...

— Cante. Você atizou minha curiosidade.

Ava cantara à mesa dezenas de vezes quando seus pais eram vivos. Mas fazê-lo numa mesa tão chique era muito constrangedor.

Ela fez uma breve prece silenciosa, respirou fundo e começou.

A duquesa piscou os olhos. Obviamente não esperava que Ava fizesse aquilo. Mas ela cantou mesmo, algo que não fazia desde que deixara o navio. Cantou a primeira música que lhe veio à cabeça, um hino de louvor e gratidão, para que sua mentira não fosse tão mentirosa assim. As lembranças que a canção trazia tornava difícil respirar ao se aproximar do final, pois as lágrimas obstruíam sua garganta.

Os criados pararam de servir, as empregadas foram atraídas silenciosamente à sala, curiosas a respeito daquela hóspede tão peculiar quanto a dona da casa. No final, Ava respirou fundo e aguardou o veredito da duquesa.

— Adorável — disse ela, acenando lentamente com a cabeça. — Sua voz combina com você. Cantará sua canção de gratidão amanhã à noite, para entreter os convidados. Seu presente não deve ser dado apenas aos ouvidos de lady Charnock. Há muitas pessoas a quem deve sua gratidão, minha jovem. Tenha a sabedoria de se lembrar disso — acrescentou, apontando o dedo para Ava. — E quero que cante mais uma. Uma canção de amor. Sim. Uma canção de amor nessa sua estranha língua. Estou curiosa para ouvir como soa o amor em galês.

O coração de Ava parou por um instante. O bilhete que escrevera para lady Charnock pedindo ajuda não seria entregue. Que desastre... Não teria oportunidade de conversar com a viscondessa em particular. Não apenas lhe fora negada permissão para visitá-la, mas agora teria também de entreter os convidados do jantar da duquesa.

Será que nenhuma de suas estratégias funcionaria a seu favor?

Deran nunca sentira tanta raiva como quando ouviu o relato de Clive Blounton. Mesmo agora, um dia depois, pensar naquilo lhe provocava uma fúria pulsante, e uma onda de calor se espalhava por seu sangue como óleo em chamas. Se não estivessem no escritório de Max, teria arremessado os móveis contra as paredes, imaginando serem os corpos de Stevens e do sr. P.

Teria imensa satisfação em presenciar a morte de ambos, para se certificar de que nunca mais machucassem ou ameaçassem outra pessoa ou devastassem outra família.

Deran voltou do escritório de Max para casa a pé, pois precisava do tempo e da distância para entender o que estava sentindo. Não se lembrava de alguma vez ter sentido tantas emoções ao mesmo tempo. A raiva estava no topo de todas elas, ardendo sobre o desprezo e a repulsa, sobre a tristeza e a incredulidade. Esta última vinha em grandes porções. Não acreditava que alguém, especialmente uma mulher, pudesse sobreviver àquilo tudo. Havia pensando a mesma coisa antes com escárnio, mas sabia que a srta. Fychon seria um bravo soldado em qualquer *front*, se lutasse por uma causa na qual acreditasse.

Chamá-la de fantástica seria depreciá-la. Ela era um verdadeiro assombro.

Pelo restante do dia, fez o que pôde para localizar os homens responsáveis pela situação dela. Lutou para resistir ao impulso de ir ao Cavendish, arrastar Stevens para fora de seu quarto e esganá-lo. Em vez disso, mandou um mensageiro com um recado para o desgraçado. Descobriu que Stevens não estava mais hospedado lá. Não foi surpresa. Stevens fizera seu estrago e partira de Londres, deixando seus capangas para fazer o serviço sujo. Se a ameaça a Blounton fosse verdadeira, ele voltaria em uma semana.

E Deran estaria aguardando por ele.

Sentou-se à sua mesa, analisando o plano de ação. Se conseguisse rastrear o navio em que Ava e sua família estavam, poderia localizar seu dono. Com seus contatos no ramo de transportes e entre os militares, esperava descobrir algo sobre o navio em questão. Os portos mantinham diários. O nome do navio certamente seria útil, mas o tempo de viagem entre a partida e o destino seria a única fonte de informação.

Já havia contatado Winston Thornton, um aspirante que servira com ele na Marinha. Thornton tinha família em Barmouth, alguns quilômetros ao sul da Ilha de Anglesley, e um irmão com negócios no ramo pesqueiro.

Max fez perguntas no Almirantado Real, onde ainda tinha contatos. Com tantas pessoas investigando, ele esperava em breve ter respostas.

Ao ler sua lista, Deran se sentiu um pouco mais leve, vendo que ao menos estavam agindo. Mas sua última anotação o fez franzir a testa: a questão de como retirar a srta. Fychon da Mansão Culver. Sentia que isso precisava ser feito. Max discordava. Argumentara que ela estaria mais segura na mansão. Deran não gostava da ideia de sua tia abrigar alguém que estava sendo perseguida por gente como Stevens e o sr. P. Não queria que todos na casa de sua tia fossem também colocados em risco. Mas para onde levá-la era a questão. Tinha de ser um local seguro. Ficar vagando por aí procurando seus irmãos, fazendo perguntas, atraindo a atenção, não seria seguro.

Estava inclinado a embarcá-la de volta a Gales, mas ela não iria sem os irmãos. Eles tinham de ser encontrados. Mas por onde começar as buscas? Havia dúzias de moinhos e fábricas. Levaria meses para

vasculhar todos.

Sua maior esperança era de que a informação sobre o navio revelasse o local para onde as crianças haviam sido transportadas. Duas pessoas em um país grande. Duas pessoas cujo paradeiro era desconhecido fazia seis semanas. A perspectiva de encontrá-los era tão realista quanto a de sair voando no meio da noite e pegar uma estrela no céu.

Voltando às suas anotações, percebeu o que tinha de fazer. Não sabia exatamente como explicar a situação, nem quantos detalhes teria de dar, mas teria de convencer sua tia de que a srta. Fychon tinha de partir. E convencer a própria Ava também.

O convite para o jantar estava no canto de sua mesa. As letras pretas bem desenhadas anunciavam a pequena festa de boas-vindas a uma parente do duque de Barclay. Deran se perguntava se seu tio estaria presente para a ocasião. Era improvável. Seu tio Renard detestava tanto quanto Deran as armadilhas sociais que acompanhavam seu título. Talvez não *tanto* quanto Deran, mas as evitava sempre que possível.

Deveria esperar e levantar a questão após a realização da festa? Por sua tia, sim. Geneva adorava receber convidados quase tanto quanto adorava se sujar de terra em seus jardins. E embora jamais fosse admitir, adorava saber que a sociedade a considerava excêntrica. Isso lhe permitia fazer coisas que de outra forma não seria possível.

Deran fez uma careta, olhando o convite. Não, ele não podia lhe negar aquela noite, tirando-lhe a pessoa que pretendia exhibir aos amigos. Mas lhe faria uma visita para ver como estava a srta. Fychon. Desejava fazer isso muitas vezes, mas sempre havia alguma obrigação que o impedia de ir visitá-la.

Droga, pensou ele, indo para o quarto de vestir. No fundo estivera evitando ir até lá. Temia a reação dela após o encontro apaixonado na rua. E também sua própria reação. Toda vez que se lembrava dela naquele dia, de como era macia, de como era excitante seu cheiro, dos seus gemidos delicados, era tomado por uma onda de prazer. Não podia tê-la, mas a desejava como jamais desejava alguém. E isso era deveras preocupante.

Vestiu camisa de linho, calça marrom, colete azul-brilhante e sobrecasaca azul-escura. Olhou-se criticamente no espelho.

O que ela vê quando olha para mim?

Ficou imediatamente chocado por se fazer tal pergunta. Nunca dera a mínima importância para o que as mulheres viam nele. Por Deus, isso era ainda mais preocupante!

Uma chuva leve começara a cair, mas não afetou sua disposição, e ele subiu na carruagem. Surpreendeu-se ao perceber que estava nervoso. Sentia falta de Ava, muito mais do que gostaria de admitir. Sentia falta de seu comportamento rabugento, de sua língua afiada, de sua infalível habilidade para irritá-lo e até mesmo de suas perguntas implacáveis.

Deran se perguntava se ela também sentia a sua falta.

Uma carruagem reluzente estava parada junto à calçada diante da Mansão Culver. A expectativa que Deran tinha de vê-la se esvaiu. Não estava com disposição para competir com outro homem por sua atenção, especialmente com o marquês de Rensleigh.

Sua tia e seu primo estavam no salão, saboreando chá e uma variedade de bolos e biscoitos. Curvou-se ligeiramente cumprimentando a tia e acenou para Rensleigh com a cabeça.

Rensleigh acenou de volta.

— Atherton. O que o traz aqui? Eu o vi mais vezes na última semana do que nos últimos dois anos.

— Sim, também pensava sobre isso. Mas não é que eu tenha sumido. Vejo sua mãe ao menos uma vez por mês, normalmente mais, mas nunca vejo você.

Robert gesticulou com a mão.

— Os negócios me mantêm afastado, você sabe como é. Viajar é entediante, mas necessário quando se pretende ascender na vida.

Deran se sentou.

— É isso o que tem feito? Ascender na vida?

— Deran, tome um chá — ordenou a tia.

— Não, obrigado. Vim aqui ver a srta. Fychon. Imagino que esteja em casa.

Robert bebeu seu chá.

— E por que não estaria?

— Exatamente.

Um guardanapo de linho foi agitado entre os dois.

— Parem com isso, vocês dois! — ordenou a duquesa. — É definitivamente revoltante o prazer que vocês têm em provocar um ao outro. A srta. Fychon está aqui, é claro, mas passou a tarde toda no quarto. Alegou não se sentir bem após uma visita que fizemos esta manhã.

Ela contou a Deran sobre a visita, mas não mencionou que Ava queria ver a irmã dele.

— Alguém foi vê-la depois que voltaram? — indagou Deran.

— Meg, eu creio. Todos estão bastante ocupados com os preparativos para amanhã. Se ela precisasse de algo, tenho certeza de que teria pedido ou providenciado por conta própria.

Ora, é claro que não teria!

Uma onda de irritação fez Deran se levantar.

— Vou ver como ela está.

— Atherton — disse Robert, resolutos —, não pode simplesmente se convidar para ir ao quarto dela. Isso é extremamente indecente.

Deran virou-se com um movimento brusco.

— O que não é decente é deixá-la abandonada por tanto tempo. — Olhou para os dois com desaprovação. — Com licença.

Sem saber em que quarto ela estava, Deran caminhou pelo corredor do segundo andar, passou pelos quartos principais e foi batendo gentilmente nas portas fechadas. Nenhuma resposta.

No terceiro andar, ele parou em frente à última porta. Seu coração acelerou. Ela estava ali. Podia sentir sua presença. Bateu de leve e chamou seu nome. Não houve resposta. Bateu com mais força, aguardou e então entrou.

Capítulo XIV

Ava estava sentada numa cadeira de balanço junto à janela, de frente para a porta, os joelhos dobrados junto ao peito. De olhos fechados, apertava entre os dedos o que parecia ser um pedaço de papel.

— Srta. Fychon.

Não houve reação. Deran entrou no quarto, deixando a porta aberta. A posição dela, sentada de pernas dobradas numa cadeira de encosto de ripa, parecia terrivelmente desconfortável. Tinha a cabeça repousada sobre os joelhos, os cabelos soltos jogados sobre um dos ombros e sobre o assento da cadeira, como uma cortina dourada.

— Ava?

Ele parou ao pé da cama, com uma sensação incômoda no estômago. A cama estava entre eles. A visão dela esparramada sobre a cama, e dele por cima, era tão real como se estivesse pintada sobre as cobertas.

Clareou a garganta e disse seu nome novamente. Um ligeiro sorriso surgiu nos lábios de Ava. O sorriso mais belo e provocante que ele já tinha visto. Seu corpo reagiu no mesmo instante.

Saia. Vire-se e vá embora. Já!, ordenou a si mesmo, embora soubesse que era inútil.

Ava gemeu. Como havia gemido em seus braços, na carruagem e no beco. Deu-se conta de que ela estava sonhando e sabia exatamente com que ela sonhava. O êxtase em seu semblante, mesmo dormindo, era inconfundível. Ele já o vira antes.

Então, ela estremeceu e acordou. Piscou os olhos devagar.

— Lorde Atherton? — sussurrou. — Deran?

Ouvir seu nome vindo dos lábios dela o enrijeceu ainda mais e o fez se sentir fraco ao mesmo tempo. Acenou com a cabeça, pois seria impossível dizer algo que fizesse sentido.

Ela se ajeitou na cadeira.

— O que faz aqui? Eu estava apenas...

Baixou a cabeça para esconder o rubor que se espalhava por suas faces.

— Lamento tê-la assustado, srta. Fychon — disse ele em seu tom formal de Senhor do Reino. — Vim ver você e fui informado de que estava em seu quarto. Estava preocupado com sua saúde e queria...

Ela o fitou, confusa. Era compreensível. Despertá-la de um sonho tão agradável... era ridículo como ele ficara subitamente com ciúmes do sonho... e estar ali em seu quarto. Durante o dia. Era muito imprudente. Era chocante.

E bastante excitante também.

— Estou feliz em vê-lo.

O sorriso dela era caloroso e um pouco tímido.

— Eu também. — Afastou-se da cama. Aquela proximidade o estava deixando ansioso. — Especialmente por ver que não está mal. Ou devo dizer, você parece bem. — *Droga!*

— Sim, estou bem, obrigada. — Ela colocou o papel sobre o assento junto à janela e fitou-o por um momento antes de se virar para Deran. — Não me senti bem ao voltar da rua esta manhã, mas estou bem melhor agora.

— Fico aliviado em saber.

Baixou a cabeça, fitando suas botas polidas.

— Era só isso?

Ele ergueu os olhos.

— Era só isso que queria? Saber se eu estava bem?

— Sim. Não. — Bateu o chapéu contra a perna. — Eu... Isto é tão desconfortável...

— Seu chapéu?

— O quê?

— Seu chapéu. Você o bateu contra a perna e disse que era desconfortável.

— Não, eu... É claro que não estava falando do meu chapéu.

— Não precisa se zangar comigo.

— Não estou...

Deran respirou fundo para se acalmar.

— Não, não é isso.

— O que é, então?

— O que é o quê?

— O que é desconfortável?

— Isto.

— Conversar?

— Sim. Não. Estar aqui. Com você.

— Estar comigo é desconfortável?

— Sim. Não!

Que diabos!

Primeiro a carruagem, agora estava levantando a voz para ela, no quarto dela. No *quarto*, pelo amor de Deus!

Deran se recompôs e olhou para ela com firmeza.

— Conversar com você não é desconfortável, Ava — disse ele, resolutivo. — Pelo menos não normalmente. É desconfortável estar com você aqui... perto disto. — Ele apontou na direção da cama.

Ava olhou para a cama como se a visse pela primeira vez.

— Eu mal posso movê-la, se é o que quer dizer, senhor.

A irritação quase o levava a jogar longe o chapéu e arrancar os cabelos.

— Claro que não pode. Não foi isso que eu quis dizer.

— Então o que... — Ela parou e se calou. — Ah, entendi. Esta é uma daquelas regras de Conversas Educadas Entre Homens e Mulheres, não é? Não deveríamos estar conversando no meu quarto, especialmente tendo uma cama entre nós.

— É mais ou menos isso — murmurou ele, controlando a voz.

— Nunca dormi nela, se serve de consolo.

— Nunca dormiu...

Deran disse a si mesmo para partir. De novo. Mas não queria partir. Não apenas não queria partir, também não queria se afastar de Ava.

— Ava — disse, calmamente —, eu adoraria que me acompanhasse num passeio no parque. Preciso falar com você e não posso fazer isso neste quarto. Direi à minha tia que vai sair comigo por um tempo e esperarei por você lá embaixo.

Sua seriedade parecia tão grande quanto seu desconforto. Perguntas bombardeavam a mente de Ava, mas dessa vez ela segurou a língua.

— Não permitirão que eu vá, senhor. Disseram-me que...

Ela interrompeu-se abruptamente, de olhos arregalados.

— Sim?

— Falei fora de hora. Não posso dizer mais.

— Não pode ou não quer?

— Não posso.

— Muito bem. — Deran bateu o chapéu contra a perna novamente. — Eu a vejo lá embaixo em cinco minutos.

E saiu do quarto antes que ela pudesse rebater.

O que será que ele queria lhe dizer?, pensou Ava. Será que a tia havia lhe falado sobre aquele sórdido cavalheiro? Não podia responder a perguntas a respeito dele. Teria de evitar fazer...

A ideia que lhe ocorreu em seguida fez seu coração disparar. Ithel e Mairwen. Deran havia descoberto algo! Ele sabia onde estavam. Sim! Devia ser isso...

Rapidamente calçou as meias e os sapatos. Ele não parecia estar trazendo boas notícias, refletiu, mas frequentemente tinha aquele ar austero. Pegou um gorro e um xale. Estava no meio do segundo lance de escadas quando uma voz grave vinda lá de baixo a fez congelar. O conde.

Desceu lentamente até o primeiro degrau e sentou-se, avaliando se seria melhor voltar ou permanecer onde estava, na improvável hipótese de que lhe permitissem sair. Ouvia-se claramente a conversa dali.

— Eu lhe asseguro, Deran, não está em minhas mãos. Ficará conosco apenas mais um pouco, e então voltará para o lugar de onde veio.

— Não está falando a sério, tia. Não pode ter acreditado nessa história.

— Por que ele mentiria? Ele a conhecia, e muito bem. Mencionou algumas das falhas de caráter dela que eu mesma já confirmei neste curto espaço de tempo. Não há dúvida de que pertence à sua criadagem. É uma explicação simples para a intrigante questão de como ela apareceu de repente, não?

— Eu a tirarei de suas mãos por uma hora e a trarei de volta.

— Ouça bem... — esbravejou o marquês.

— Já basta, vocês dois! — exclamou a duquesa. — Vou chamar Meg. Não é adequado que ela vá sozinha com você.

— E não é adequado que não vá sozinha. Preciso falar com ela em particular.

— Não é apropriado.

— Tem razão, não é, mas pode confiar a mim a reputação dela, tia Geneva.

Deran estremeceu por dentro. Já havia dito tamanha inverdade na vida? Não, não recentemente. Mas a reputação de Ava não estaria em risco naquele dia.

— Muito bem. Uma hora. Aposto que a trará de volta antes disso. Ela tentará convencê-lo de que a história de sir Edmond é falsa.

Ava se pôs de pé quando ele saiu da sala de visitas. Sua expressão feroz a fez questionar se era aconselhável ficar a sós com ele.

— Venha. — Deran estendeu a mão.

Quando Ava não se moveu, ele agarrou-a pelo cotovelo e conduziu-a em direção à porta da frente.

— Já. Temos pouco tempo e muito a conversar.

Ele afundou nas almofadas à frente dela e lançou-lhe um olhar furioso enquanto a carruagem partia. A empolgação inicial de Ava desapareceu. Novidades sobre sua família eram de somenos importância diante do que ele acabara de saber.

— Srta. Fychon. — Baixou o tom de voz, mas seus olhos brilhavam ameaçadoramente. — Ava... Quem é ele?

O coração dela disparou. Ela inclinou a cabeça e a balançou com veemência.

— Não posso falar sobre isso.

— Não pode ou não *quer* falar sobre isso?

Ela sacudiu a cabeça novamente.

— Não pode. Estou certo disso.

Nenhuma resposta.

— Ava... — Ele se inclinou para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e segurou as mãos dela. — Lembra-se de quando eu lhe disse, há alguns dias, que a ajudaria?

Ela fungou e Deran desviou o olhar para que pudesse terminar sem se distrair com suas lágrimas.

— Eu ainda quero ajudar você, Ava. Fiz o que era possível com as poucas informações que me deu e com outras que consegui por minha conta. Hoje descobri mais coisas e quero lhe fazer algumas perguntas. E tudo depende das suas respostas. Está me entendendo?

Ela já não estava mais chorosa.

— Descobriu mais coisas, mas nada a respeito de Ithel e Mairwen.

Ele fez uma expressão de remorso.

— Não. Não foi por isso que a procurei.

— Entendo.

— E também não foi para lhe perguntar quem é o homem que veio vê-la. Essa informação se sobrepôs ao propósito original da minha visita. Vou perguntar de novo. Quem é ele?

— Não posso lhe dizer nada.

— Sim, você pode. Precisa me dizer.

— Não posso. É perigoso demais.

— Para quem? Para você? Para seus irmãos?

Ela desviou o olhar.

— Ava, preciso de respostas para poder ajudá-la.

Ela olhava fixamente para fora, e engoliu em seco. Suas mãos trêmulas perderam a força entre as dele.

— Responderei se puder. O que quer saber?

Por onde começar? O que sua tia acabara de lhe contar, o que ele e Max haviam descoberto, o que eles tinham entreouvido nas docas? A lista parecia interminável, e ele a conhecia havia menos de uma semana. A vida que tinha antes estava irreconhecível, substituída por dias malucos e noites de misteriosas intrigas. Não era mais o mesmo homem de uma semana atrás, e aquela mulher, aquela surpreendente, irritante, linda e fascinante mulher, era a culpada.

Seu coração não aguentaria muito mais.

— Quero saber a verdade. Não meias-verdades. Se não pode me contar a verdade, então não diga nada.

— Eu não menti para você.

— Não me contar a história toda é uma forma de mentir, Ava. Você não me contou tudo.

— Conte! Conte o que podia.

— Então *não podia* me contar que matou um homem? Que matou alguém a caminho desta nossa bela cidade?

Ava prendeu o fôlego, os olhos arregalados de choque.

— Eu matei um homem?! Eu não matei ninguém! Quem lhe disse uma coisa dessas?

— Isso não importa. Quero saber se é verdade.

— Importa para mim. Onde ouviu isso?

Deran largou as mãos dela e recostou-se, os olhos brilhando.

— Responda à pergunta, Ava.

— Já respondi. Eu não matei ninguém.

— Ouvi dizer que matou.

— Quem... — Ela parou. — Os homens nas docas. Você os encontrou, conversou com eles.

— Não, eu ou ouvi conversando.

Então eles ainda estavam em Londres. Procurando por ela, sem dúvida.

Ava tentou acalmar a respiração e relacionar a acusação aos acontecimentos das últimas semanas.

— Eu golpeei um homem. Um homem na carroça. Foi a única pessoa que agredi. Com força, ao menos. Não estava tentando matá-lo, só queria fugir.

— Devia ser muito fracote para que conseguisse atingi-lo com força suficiente para matá-lo.

— Não era tão fracote assim. Eu estava com muita raiva.

Deran franziu a testa.

— Essa é uma informação valiosa. É melhor eu não provocá-la no futuro.

— Foi um acidente, lorde Atherton. Não eu tê-lo acertado, mas tê-lo ferido. Havia um balde, um balde de madeira, na traseira da carroça. Eu o peguei quando ele foi checar a roda e o acertei o mais forte que pude. Tem certeza de que o matei?

— Não. Só sei o que ouvi.

Ela baixou a cabeça.

— Eu não sabia que ele tinha morrido. Lamento muito por isso. Mas lamentar não será de valia nenhuma se eu for presa por assassinato, não é?

— Não, não será. Mas não creio que precise temer ser presa.

Ava levantou a cabeça.

— Não? Por que não?

— Nenhum envolvido pegou você. Pelo menos não consegui detê-la após pegá-la. — Deran alisou a gravata. — Quem é ele, Ava? — perguntou baixinho, esperando pegá-la desprevenida.

— Perdão?

— O homem que veio atrás de você esta tarde. Sir Edmond. Nunca foi empregada dela, foi?

Ela desviou os olhos.

— Não posso dizer.

Deran respirou fundo. Paciência. Voltaria ao assunto e *obteria* uma resposta.

— Por que você e seus irmãos foram levados de casa?

— Não sei. Já lhe disse isso antes.

— Acho que você sabe. Ou tem ideia. Diga-me, Ava. Diga-me por que acha que foram levados.

Contar a ele não a prejudicaria. Mas havia a ameaça. Sempre a ameaça.

— Sim, eu tenho uma ideia, mas... — O olhar dela era de súplica. — Você não entende o perigo, mesmo falando assim com você, respondendo ou não às suas perguntas, o perigo é grande.

— Você me falou desse perigo antes, naquela noite na cozinha de minha casa. Explique.

O pânico era evidente nos olhos de Ava.

— Não posso.

— Pode, sim. Explique.

— Não, não posso. Por favor, não pergunte de novo.

Ele inclinou a cabeça.

— Explique.

— Não posso...

— Explique, Ava — repetiu ele baixinho.

A ansiedade em seu rosto, e em seguida a profunda tristeza eram torturantes de ser ver. Queria puxá-la para junto dele, encostar a cabeça dela em seu peito e afastar todos os seus medos.

E então Ava olhou para ele resignada e contou tudo, fatos e especulações.

— Não tenho provas, mas estou certa de que meu tio está por trás do nosso sequestro. Quando meu pai morreu, deixou dívidas, que fiz de tudo para amortizar com os trabalhos que conseguia, mas levaria muitos anos para pagar. A fazenda não era lucrativa, mas a terra era valiosa. Minha mãe não tem parentes, até onde sei, então ninguém podia questionar que a fazenda pertencia à família de meu pai. Suspeito de que nosso tio pretendia tomar a fazenda para si. No navio, ouvi que nós três tínhamos sido vendidos. Deduzi que meu tio planejasse usar os lucros para pagar dívidas e impostos atrasados da terra e da fazenda.

Ela respirou fundo.

— O perigo de que falei... O homem que nos levou fez uma ameaça. Disse que se eu falasse com qualquer pessoa sobre isso... Ithel e Mairwen seriam mortos e minha língua seria cortada fora. — Deu um sorriso triste. — Não poder falar novamente não seria um preço tão terrível, mas eu estaria matando meus irmãos. Se é que já não o fiz.

Fale e eu a calarei para sempre, e matarei as pessoas que você ama.

Seu silêncio fazia total sentido.

Deran acreditava que ela tinha razão quanto à participação de seu tio. A ganância já havia levado muitos a matar suas famílias ao longo da história da humanidade. Vendê-los estava um pequeno degrau abaixo de assassinato.

— Foi o homem que a procurou ontem que a ameaçou no navio?

— Não.

— Quem é ele?

— Não sei.

— Ava...

— Eu não sei! Nunca o tinha visto antes. Mas ele me conhecia, e conhecia Ithel e Mairwen, e... — Ergueu a mão espalmada para ele. — Não posso e *não vou* discutir esse assunto com você.

— Mais perigo, imagino?

Nenhuma resposta, apenas um olhar furioso.

— Uma pessoa tem apenas o poder que você permitir que ela tenha, Ava. Não dê a esse homem que você não conhece mais poder do que ele merece ou conquistou.

Ela retorceu a boca.

— Não sou a única envolvida. Minhas ações e decisões não afetam só a mim.

Ele assentiu com a cabeça.

— É verdade. E é louvável de sua parte fazer o que for necessário para manter todos a salvo, à custa de sua liberdade. Mas em certo ponto, esse preço pode se tornar alto demais.

Ela bateu os punhos contra as pernas e seus olhos brilharam.

— E o que você sabe sobre liberdade, lorde Atherton? Ou sobre o que ela custa, ou sobre a falta dela? Como ousa me dar sermão se não sabe nada sobre isso? Fica sentado aí nesse seu nobre trono, fazendo discurso sobre liberdade e honra. Não tem nenhum direito de fazê-lo, pois não sabe nada sobre essas coisas.

Como acontecera das outras vezes, Deran ouviu as palavras dela, mas eram seu fervor, seu olhar apaixonado, as faces rosadas, os lábios avermelhados e o brilho em seus olhos o que o fascinavam e tocavam profundamente.

Ela era melhor que qualquer lobista que ele já vira discursar na Câmara dos Lordes.

— Na verdade, tenho alguma familiaridade com perda de liberdade, mas isso não vem ao caso agora. — Deu um ligeiro sorriso. — Acho, Ava, que sua mãe se superou ao lhe ensinar inglês. Você o domina tão bem ou melhor que muitos nativos. Ferino demais para a sociedade, mas pessoalmente gosto quando

uma pessoa fala o que pensa.

— É mesmo? Nunca me pareceu que gostasse.

— Não disse que sempre gosto do que *ouço*, Ava. Nem todas as coisas ditas com honestidade são fáceis de ouvir.

Ela estava feliz por mudarem de assunto e deixarem de falar “daquele homem”. Continuaría se recusando a falar sobre isso até não conseguir mais prender o fôlego. Já tinha falado demais, um defeito que a acompanhara a vida toda. Uma vez que sua língua se soltasse e dançasse ao som da música tocada pelo seu cérebro, era uma corrida morro abaixo para ver quem chegava primeiro.

Em geral sua língua vencia.

Não havia meio-termo com ela. Ou tinha algo a falar, ou não falava nada, e neste caso podia ficar calada por dias, algo de que Deran tivera apenas uma amostra.

Mas ele preferia os períodos de fala. Ao menos quando ele tinha um monte de perguntas, como naquele dia. E Ava suspeitava de que tivesse mais. Mas já terminara de responder. Não colocaria em risco seus planos de fuga. E ela ia mesmo fugir. Já tinha tudo planejado. Ninguém a impediria. Não dessa vez.

Capítulo XV

Mantendo sua palavra, Ava recusou-se a falar mais sobre o homem que tinha vindo para levá-la. No caminho de volta à Mansão Culver, Deran descobriu pouca coisa e estava mais frustrado que antes.

— Estará na festa amanhã, lorde Atherton?

— Não se eu puder evitar — murmurou ele.

— Perdão?

Ava fitou-o nos olhos. Ele havia mudado de posição e esticado as pernas em diagonal, ocupando praticamente todo o espaço da carruagem.

— É provável.

— Mas não tem certeza?

Sua atenção se voltou para o rosto dela.

— Não, não tenho certeza. Por que pergunta?

— Pelo mesmo motivo que faço qualquer pergunta. Porque não sei a resposta.

Ava tentou não deixar transparecer toda a decepção que sentia. Se ele não tinha a decência de ir a um jantar que sua tia lunática insistia em promover, um evento que prometia ser a experiência mais desgraçada de sua vida, então tudo bem, que ficasse em casa.

— O que você disse?

Ela inclinou a cabeça à frente.

— Não disse nada.

— Disse, sim. Eu ouvi, mas não consegui entender.

— Ah, devia estar pensando alto. Um hábito que eu tenho.

— Hum, sei.

É claro que não queria comparecer ao jantar. Preferia ser barbeado por um cego com um caco de vidro. Mas não queria que ela enfrentasse aquilo sozinha. Era sua primeira festa em Londres, e seria a convidada de honra. Ela aparentava estar firme, mas ele imaginava que por dentro estivesse destroçada.

— Não tenho planos para amanhã à noite, então é bem possível que eu compareça. Minha tia ficaria feliz.

Ava falou antes que seu cérebro ordenasse que não o fizesse.

— E eu.

— E você o quê?

Ela corou.

— Ficaria muito grata se comparecesse. Tenho de usar um vestido chique e me comportar bem para não constranger ninguém. Se pudesse não ir, eu não iria.

— Agora sabe como me sinto. Exceto pela parte do vestido, claro.

Por um momento, com ele sorrindo com tanto charme, Ava sentiu a conexão que sentira da última vez que haviam andado juntos na carruagem. Retribuiu o sorriso.

— Obrigada. Agradeço agora por comparecer, caso compareça. Talvez não tenha oportunidade amanhã à noite. Ou talvez não consiga falar, de puro pavor.

— Venha cá.

— Como?

Ele puxou a mão dela.

— Venha. Sente-se a meu lado.

Ava girou o corpo no pequeno espaço e se sentou, deixando poucos centímetros entre eles. Deran passou o braço sobre seus ombros, puxou-a para mais perto e entrelaçou os dedos com os dela. Não havia necessidade de palavras.

Vários minutos se passaram com os dois naquela posição; os únicos sons que se ouviam eram os cascos do cavalo batendo no calçamento e o suave ranger da carruagem.

Deran apertou a mão de Ava e acariciou-a com o polegar. Esse simples, quase imperceptível toque sobre sua pele, o incendiou. Seu perfume suave de flor e manteiga quente incendiou-lhe a virilha. Seus cabelos indomáveis pareciam especialmente atraentes naquele dia. E sua boca... não aguentaria olhar para ela por mais tempo. Podia sentir seu gosto, seu formato macio, e então, que Deus o perdoasse, ouvir os sons doces que ela fazia ao beijá-lo. Sonhara com aqueles beijos na noite anterior.

O suspiro foi alto, mesmo para os ouvidos dele.

— Deran? O que houve? Você está bem?

Ele respirou fundo.

— Sim, claro... estou.

Ava moveu-se um pouco e olhou para ele.

— Por favor, me perdoe, mas eu discordo. Sua pele está avermelhada. E... — Tocou a testa dele com as pontas dos dedos. — Você parece estar muito quente, de fato está suando muito. Talvez precise de ar fresco?

— Não, não preciso de ar fresco.

Ele teria rido se conseguisse. Ar fresco. Ah! Queria que a cura fosse simples assim. Fechou os olhos e tentou se concentrar em qualquer coisa que não fosse o formigamento que permanecera após ela tocá-lo na testa. Olhar para Ava enquanto estava sentada diante dele havia sido uma completa tortura. Fios de cabelo caíam sobre os seios, provocantes por trás do decote quadrado do vestido, e o balanço da carruagem os fazia sacudir numa dança sensual. Ele a queria a seu lado para aliviar sua aflição visual, mas tocá-la havia sido uma alternativa ainda mais agonizante.

— Não, o que eu preciso é...

— Sim? Por favor, diga-me. O que quer que seja, farei todo o possível para ajudar.

Deran deu outro suspiro, este mais contido. Puxou a mão que segurava a dela com força.

— O que eu preciso é que você volte ao seu assento, Ava. Acho que isso vai ajudar consideravelmente, obrigado.

Disse isso bruscamente, muito mais do que pretendia. Mas ou ela saía, ou colocaria sua honra em risco ainda mais do que já estava. E a dele também. Tinha jurado nunca mais tocá-la outra vez, e honraria sua promessa.

O leve suspiro o fez estremecer. Ele a magoara, mas era assim que tinha de ser. Não deveria ter insistido para que se sentasse a seu lado, mas queria estar perto dela e achou que poderia ficar sentado a seu lado sem dificuldade.

Mais uma vez, tratando-se da srta. Ava Fychon, ele estava enganado.

Para provocá-lo, ela baixou a cabeça numa reverência cambaleante antes de subir correndo os dois lances de escada. Bateu a porta do quarto ao mesmo tempo que sua tia chegou ao átrio.

— Demoraram demais. Imagino que ela tenha lhe contado sua sórdida história de vida. E parece que você acreditou em cada palavra — prosseguiu, passando por ele. — Ela é uma curiosidade, devo dizer. É impossível não gostar dessa menina, apesar de ser tão incomum.

Deran franziu a testa. Como uma pessoa tão excêntrica quanto a duquesa de Barclay media a estranheza de alguém?

— É melhor que ela se vá, Deran, que volte para a sua gente. Londres não é um lugar adequado para ela.

Deran seguiu-a até a sala de visitas. A tia afundou no sofá, e ele permaneceu de pé, apoiado na janela.

— Não existe “sua gente”, tia. Ava não sabe para onde aquele sujeito vai levá-la. Ela nem o conhece. Porque a senhora acredita nele é algo que está além da minha compreensão.

— Esta é a segunda vez que me acusa de não saber o que digo. Não gostei da primeira vez e me ressinto ainda mais agora. Suas opiniões, bem como seus sentimentos por essa garota, o fizeram esquecer qual é seu lugar.

Sentimentos? Que diabos ela estava dizendo?

— Perdoe-me, tia Geneva, não quis desrespeitá-la. Mas não acredito que esse homem seja quem afirma ser. E se for, não está aqui para resgatar a srta. Fychon, para levá-la de volta à sua casa. Não acredito nisso nem por um segundo. E se a senhora acreditou nele, é porque ele é um grande tratante, e não porque a senhora não saiba o que diz.

— Tratante? — A voz da duquesa se elevou. — Não conheço sir Edmond pessoalmente, mas Robert conhece. As mães dos dois eram amigas.

Deran ficou em silêncio.

— Eram? Eu não sabia.

— Claro que não sabia. Não me deu chance de informá-lo dessa relação depois que soube que a srta. Fychon estava partindo. Seus ouvidos se fecharam, bem como sua cabeça.

— Tem razão. Eu estava equivocado.

Ela não lhe daria ouvidos nem responderia a perguntas sobre a identidade daquele tal sir Edmond. Provavelmente ele havia sido muito gentil e obsequioso. Deran não seria capaz de desfazer a boa impressão que ela tivera do homem e não tinha como provar o que dizia. Ainda não.

Deran queria poder falar com seu tio. Ele era muito mais sensato que tia Geneva, mais predisposto a ser racional. Mas decisões acerca da segurança de Ava Fychon precisavam ser tomadas antes do retorno do duque.

Ava recusou o jantar e ficou em seu quarto, pensando tudo de mais sórdido a respeito do conde de Atherton. Estava com raiva de si mesma por ter desperdiçado seus sentimentos com ele. Como pudera imaginar que talvez o amasse?! Não era nada além de paixão equivocada, se tanto. O que ela sabia sobre essas coisas? Evidentemente, não o bastante, pois ele não se importava nada com ela e só queria vê-la longe.

Ava se encolheu sobre a roupa de cama e tentou enterrar todas as lembranças que tinha dos últimos dois dias. Da visita de sir Edmond à visita de lorde Atherton. De um medo terrível à pura alegria, em questão de horas. Após se recuperar do choque de ver o conde em seu quarto, como se seu sonho o tivesse materializado, ela não sentira nada além de pleno contentamento. Mas ele só queria tratar de problemas, sombrios e desagradáveis problemas, e sua felicidade tinha se esvaído. Até ele pedir que se sentasse a seu lado. Por um instante, encheu-se de esperança de que ele colocasse de lado assuntos desagradáveis e ficasse com ela, como ficara antes. Mas, em vez disso, ele achara sua companhia repulsiva.

Agora que sabia o que Deran sentia por ela, deixar aquela casa, aquela cidade e aquela gente seria mais fácil. Teria apenas de viver sem entender por que ele falara com ela de forma tão doce antes, mas não naquele dia. Talvez as coisas fossem assim entre homens e mulheres. Carícias e beijos num dia, fria indiferença no outro. Seus pais não se comportavam assim, mas talvez fosse diferente ali na Inglaterra, ou na cidade, e mais ainda entre os nobres e membros da sociedade.

É claro que o fato de ele pensar que era uma assassina não ajudava em nada. Não era apropriado para um conde estar na companhia de alguém que matava gente com golpes de balde na cabeça. Ele tinha uma reputação a zelar, afinal.

O plano de abordar lady Charnock já fora abandonado, e a carta pedindo vinte libras, destruída. De qualquer modo, o conde acabaria sabendo, e imediatamente deduziria que seu pedido de dinheiro para mandar para a família era uma farsa. Seus planos poderiam então novamente estar ameaçados.

Não, ela partiria sem dinheiro, encontraria comida no caminho e viajaria como fosse possível. Uma vez que chegasse à estrada que levava de Londres ao Norte, sua viagem não levaria mais que dois dias. Outros dois dias para voltar, e isso lhe dava nove dias para procurar seus irmãos antes que sir Edmond retornasse.

O plano era frágil, mas era o melhor que conseguira arquitetar. Temia que a duquesa informasse sir Edmond de sua fuga e que ele cumprisse a ameaça. Será que deveria deixar um bilhete dizendo que voltaria a tempo de partir com ele? Será que isso garantiria a segurança de Ithel e Mairwen?

Não. Nada garantiria. Nada, exceto encontrá-los e colocá-los em segurança.

Ava apertou o cobertor em torno dos ombros. Era um plano horrível, de longe o pior de todos, começando pela parte de chegar ao Norte em dois dias. Lá teria uma vasta área a vasculhar, muitas fábricas. Se demorasse mais que isso...

Chega. Ela ia conseguir. Ela ia fazer dar certo.

O jantar seria servido pontualmente às oito da noite, e Ava fora instruída a estar lá embaixo pronta para receber os convidados às sete e meia. Meg estava no quarto de Ava às cinco, para começar os preparativos que a transformariam numa mulher de quem todos os convidados falaria durante várias semanas.

— Foi isso que Sua Graça falou, senhorita — disse Meg, enquanto trançava o cabelo de Ava. — Ela quer que a senhorita os deixe de olhos arregalados.

— Sinto muito por você — retrucou Ava sem energia. — A tarefa que lhe foi dada é impossível.

— Ora, claro que não. Tem cabelos bonitos, pele boa, embora um pouco escura demais. Eu deveria estar lhe dando vinagre para clareá-la. Mas não importa — disse ela, alegremente, enquanto enrolava uma trança —, a cor combina com seus olhos. E com esse vestido, todos falarão da senhorita.

— Já estão falando, Meg. Essa é a razão deste jantar. Assim podem finalmente dar uma olhada na pessoa de quem têm falado desde que leram o jornal.

— Não deixe que a incomodem, senhorita. Sorria, responda às perguntas, faça sua refeição de forma apropriada. Conforme conversamos. Foi bom Jessup lhe dar algumas orientações.

— Imagino que sim. Ainda não entendo por que não podemos usar só um garfo e uma colher para tudo. A comida vai para a mesma boca, não importa quantos pratos sejam.

— Meu Deus, não deixe que a duquesa a ouça dizendo essas coisas! Mesmo garfo, céus! Não pode espetar uma ave com o garfo de peixe. Apenas faça como Jessup disse e ficará tudo bem.

Ava suspirou e despencou sentada na cadeira da penteadeira. *Pense nisso como um jogo*, disse para si mesma, fitando seu reflexo no espelho. E fingir. Pela primeira vez na vida, usaria um vestido de cetim verde com mangas bufantes, e não uma, mas duas anáguas, calçolas novas de algodão macio e espartilhos acolchoados.

Precisava se esforçar para parecer feliz, ao menos praticar o sorriso. Treinou um repertório de sorrisos enquanto Meg fazia mais tranças e prendia mais grampos na base da nuca, até sua cabeça parecer tão pesada quanto um colchão de penas molhado. Não ousaria mover a cabeça, com medo de tombar de cara no chão.

Quando Meg se deu por satisfeita com sua criação, ajudou Ava a pôr o vestido. Uma fileira de minúsculos botões corria ao longo das costas, terminando logo acima da saia. Calçados de cetim combinando completavam o figurino.

— Oh, senhorita — murmurou Meg, andando ao redor dela com olhar crítico. — Está linda! Ninguém a reconhecerá. — Puxou Ava pelo cotovelo e parou a alguns metros do espelho, na parede oposta. — Não acha?

Ava piscou os olhos. Ninguém a reconheceria. *Ela* não se reconhecia. Uma fita verde-escura prendia o conjunto de tranças. Vários cachos espiralados pendiam elegantemente até os ombros e em torno das orelhas. O vestido era de corte simples, sem adornos, exceto pelo anel de rosetas verde-claras um pouco acima da bainha. Um trio de rosetas combinando pontuava as mangas, e uma larga fita de veludo marcava a cintura. O decote revelava mais do colo do que Ava julgaria confortável expor, e o indispensável espartilho fazia seus seios parecer dois pães deixados por tempo demais no forno. Fez uma careta e puxou o corpete, trazendo-o para uma altura mais discreta.

Meg fez um muxoxo.

— Deixe assim. Isso é uma dádiva. Seja grata por ter o que mostrar.

Ava soltou um suspiro. Meg estava rindo quando a duquesa entrou.

— Nossos convidados estão chegando, srta. Fy... — Ela parou. — Ora, ora... Nossa pequena galesa pode parecer uma dama, não é mesmo? — Fez um gesto com o indicador. — Vire-se.

Ava obedeceu, mantendo a cabeça alinhada com o corpo.

Pelo menos é a última vez que tenho de fazer isto...

— Fez um milagre com o cabelo, Meg. Não deve ter sido fácil domar esses fios selvagens.

Ava ouviu a indisfarçável repreensão. Meg agradeceu baixinho.

— Agora, vamos — ordenou, dando meia-volta.

— Vossa Graça?

A duquesa virou-se novamente para ela.

— Sim, srta. Fychon, o que houve?

Ava lhe deu seu sorriso educado.

— Está muito bonita. Prateado lhe cai bem, milady... tia Geneva.

A duquesa ergueu o canto da boca num sorriso discreto.

— Obrigada.

Acenou para Meg com a cabeça e saiu do quarto.

— Lembre-se — disse Meg, conduzindo Ava até a porta. — Sorria, responda às perguntas, mas não fale demais.

— Não se preocupe.

— Oh, queria poder estar lá!

— Esteja comigo em suas preces, Meg.

Capítulo XVI

O relógio sobre a lareira soou sete e quinze enquanto Deran desfazia o nó da gravata pela terceira vez. Normalmente era uma tarefa que realizava sem pensar, mas naquele dia não estava fazendo um bom trabalho.

— Maldição — murmurou para seu reflexo no espelho ao começar de novo.

Se não acertasse dessa vez, iria chocar a todos chegando sem a droga da gravata.

— Está agindo como um idiota. E por quê? Por uma mulher que poderia muito bem cravar uma lança em você. Você perdeu seu cérebro? Andar de carruagem, péssima ideia. E depois a fez se sentar a seu lado...

Deu um suspiro, sacudindo e terminando o nó. Um pouco mais apertado e poria fim a toda aquela confusão para sempre.

— Posso ajudá-lo, senhor? Ou a pessoa com quem está falando, seja lá quem for, é toda a ajuda necessária?

A figura de Bickford apareceu misteriosamente no espelho. Deran às vezes suspeitava que ele fosse um espectro.

Agitou os braços, desistindo.

— Estas malditas gravatas são leves demais. Não mantêm o formato como minhas outras. Não sei onde estava com a cabeça quando deixei que me convencesse a comprar isto. Sabe que abomino mudanças no meu guarda-roupa.

Bickford deu a volta para ficar de frente para ele.

— De fato, senhor. Mudanças podem incomodar até a medula.

— Que diabos significa isso?

Olhou irritado por sobre o queixo levantado, enquanto Bickford desfazia o nó malfeito.

— Tecidos podem ser um desafio ao mais hábil dos homens, milorde.

— Tecidos?

— Um simples tecido, quando manuseado adequadamente, pode ser transformado em algo de que um cavalheiro se sente orgulhoso. Esses sem goma são os mais difíceis de moldar.

— Goma?

— Como um corcel fogofo, milorde. Cheio de vigor, ele se rebela contra o conformismo. Saber a força certa com que segurar suas rédeas é uma habilidade admirável. Tensão demais deixa a criatura inquieta, e tensão de menos a deixa perdida, sem saber em que direção ir.

Bickford enrolou, dobrou e alisou a gravata. Em seguida deu um passo de lado e inclinou a cabeça, solene.

— Por muitos anos tem sido um prazer servir um dos mais elegantes cavaleiros da Inglaterra, milorde. Deran fitou o nó impecável pelo espelho, acompanhado de um momento de silêncio.

— Não estamos falando de corcéis, estamos? — perguntou, baixinho. — Nem de roupas.

Desviou o olhar, observando o perfil do criado pelo espelho.

O rosto de Bickford permaneceu impassível.

— Como preferir, senhor.

Deran examinou novamente o nó.

— Obrigado, Bickford.

— É um prazer, milorde. — Passou-lhe a casaca preta. — Mais alguma coisa, senhor?

Deran vestiu o casaco.

— Não. Preciso sair já se quiser chegar antes do primeiro prato.

Passou a mão pelos cabelos longos, e lembrou que precisava cortá-los. Olhou mais uma vez para a gravata. Aquelas sem goma eram as mais difíceis de dar forma.

— Se me permite a ousadia de dar uma opinião, senhor...

— Timidez nunca foi seu traço mais marcante, Bickford.

— Não, senhor.

— Então não sei por que pergunta se pode dar uma opinião.

Bickford lhe passou o chapéu e o cachecol de seda branco, e acompanhou Deran ao longo do corredor e pelas escadas.

— Ela ficará muito grata, tenho certeza, senhor.

Deran deu meia-volta do primeiro degrau e olhou para Bickford, que estava no meio da escada.

— Ela? Minha tia? Não diga tolices. Minha presença é esperada. Ninguém ousaria esnobar a duquesa de Barclay, nem mesmo seu sobrinho.

Atravessou o vestíbulo enquanto Bickford chegava ao primeiro degrau. Era imaginação sua, ou Bickford estava levando mais tempo que o normal para descer?

— Não me refiro a Sua Graça, milorde. Refiro-me à senhorita.

— Srta. Fychon? Duvido muito. Nós... Ela não me tem em alta conta neste momento.

Bickford foi até a porta de entrada e segurou a maçaneta com sua mão magra.

— Ainda assim, sua presença esta noite deverá ser um alento para ela.

— Alento?

— Sim, senhor. Deverá acalmá-la um pouco.

— Acalmá-la? Não consigo imaginar que isso seja possível, Bickford. Não. Isso é tão improvável quanto a sra. Larue se tornar uma dócil criatura, ou você, um dândi. A srta. Fychon é tão selvagem quanto...

Ele olhou ao longe, procurando inspiração.

— Um corcel feroso, talvez, senhor?

Deran ergueu uma sobrancelha.

— Exatamente.

Bickford baixou a cabeça e abriu a porta.

— Divirta-se, senhor.

Parecia dia claro no interior da Mansão Culver, com todos os candelabros acesos. Deran estreitou os olhos ao adentrar o grande salão de piso de mármore branco e preto. Sua tia não queria que ninguém perdesse um único detalhe daquela noite. Das joias às baixelas de prata superpolidas, tudo deveria estar ofuscante aos olhos.

Um criado à porta recolheu seu casaco, seu chapéu e seu cachecol, enquanto Jessup observava.

— Boa noite, lorde Atherton — cumprimentou, curvando-se numa reverência.

— Jessup. Onde está ela?

— Se está se referindo a Sua Graça, está na sala de estar.

— E sua convidada de honra?

As palavras fizeram seu estômago revirar. Convidada de honra, de fato. Convidada para servir de assunto de fofocas.

— Sua Graça pediu que ela recebesse os convidados na sala de visitas.

— Sozinha? — perguntou Deran, olhando para a escadaria que levava à sala de visitas.

— Sua Graça está dividindo sua atenção entre as duas salas.

Deran praguejou baixinho enquanto pisava no primeiro degrau. Seria inapropriado cumprimentar a convidada de honra antes de cumprimentar a anfitriã, especialmente a anfitriã sendo sua tia. Respirou fundo, inconformado, e se dirigiu à sala de estar. Da porta, viu os cabelos grisalhos da tia. Ela logo notou sua presença.

— Ah, veja só quem nos deu a honra de comparecer!

O pequeno grupo se dispersou.

— Não estou surpresa que seja o último a chegar, meu relutante sobrinho.

— Vossa Graça.

A duquesa ofereceu-lhe a mão e ele curvou-se para beijá-la. Nada de beijos no rosto. Ela era a duquesa naquela noite.

— A senhora está linda.

Os olhos dela brilharam triunfantes.

— É claro que sim. Estar cercada de gente me faz muito bem, você sabe. É definitivamente revitalizante. Faz tempo que não dou uma festa, e garanto que a próxima não terá de esperar tanto. Ter a srta. Fychon como hóspede era apenas o estímulo que eu precisava.

— Sim, bem... — Deran sorriu da forma mais sincera possível. — Fico contente que esteja se divertindo, tia.

— Mais que você. Mas isso era esperado, sabendo quanto adora estes eventos. Entretanto, devo dizer que está elegante. Certamente fará disparar o coração das damas. — Ela deu uma piscadela. — Ainda que muitas aqui esta noite já tenham tido o prazer.

Como Deran temia, a lista de convidados incluía mulheres com quem já havia tido romances. Essa era uma das razões por que evitava tais festas. Conteve um suspiro.

A duquesa sorriu, maliciosa.

— Está aqui apenas por um motivo, querido. E não é por obrigação familiar.

— Estou aqui por respeito à senhora, tia Geneva.

Ela bateu no peito dele com o leque fechado que levava pendurado ao pulso.

— Bobagem. Não pode negar que desenvolveu uma *tendre* por nossa pequena donzela galesa, sobrinho. — Antes que Deran pudesse responder, ela deu uma piscadela. — Ela está na sala de visitas. Com a maior parte dos convidados.

Maior parte dos convidados? Quantos mais poderia haver? Só ali havia umas quinze pessoas, pelo menos.

Tendre, de fato. Ele deveria ter recusado o convite.

Jessup entrou na sala.

— O jantar está servido, Vossa Graça — anunciou.

— Obrigada, Jessup. — A duquesa pousou a mão sobre o braço de Deran. — Você se incomodaria de acompanhar sua velha tia à sala de jantar?

O sorriso charmoso da velha dama era um tanto malicioso. Saber quanto ele estava se sentindo péssimo contribuía para seu bom humor.

Obediente, Deran ofereceu o braço à tia e conduziu-a para fora da sala. O falatório alto vindo do andar de cima atraiu a atenção deles. Dois casais surgiram da sala de visitas, seguidos por alguns homens de idades variadas cochichando entre si. Deran cerrou os dentes. Estavam falando de Ava. Onde ela estava, afinal?

— Venha, Deran — chamou a tia. — Você logo a verá.

Após acompanhar a tia até a cabeceira da mesa e acenar para os convidados que entravam na sala,

contou as cadeiras. Catorze de cada lado, mais uma em cada cabeceira. Trinta convidados! Acenou com a cabeça para quatro deles, ignorou outros dois. Sua expectativa crescia junto com a irritação. *Onde diabos ela estava?*

Seis homens adentraram ruidosamente o recinto. Afastaram-se abrindo passagem para que lorde Rensleigh entrasse de braço dado com Ava. Ela olhava para ele, ouvindo-o absorta.

Deran agarrou com tanta força o encosto de sua cadeira que o desenho da madeira ficou marcado na palma de suas mãos. Imaginou-se saltando sobre a mesa, pegando o verme pelo pescoço e arrastando-o pela sala. A dor de cabeça que sentia desde que chegara aumentou. Olhou fixamente para Ava, torcendo para que olhasse na direção dele.

Ao virar-se para sorrir para a fileira de homens que a fitavam, ela o viu. Seu sorriso congelou, seus olhos se arregalaram e as faces coraram. Rensleigh parou de falar e procurou o que havia chamado a atenção dela.

— Atherton — murmurou, lacônico.

Deran teve receio de dizer qualquer coisa. Acenou com a cabeça, os olhos fixos em Ava, e engoliu a raiva.

Então ela sorriu. Um sorriso luminoso, só para ele. Tendo se despedido de forma tão horrível da última vez, apenas a cordialidade dela já o surpreendia, ainda mais aquele sorriso. Deveria acreditar nela?

O sorriso disfarçava sua surpresa. Não imaginava encontrá-lo ali, ele deduziu. Sua tia não lhe dissera que ele viria. Conhecendo Geneva, provavelmente havia lhe dito que ele não viria. Apenas para deixar as coisas mais interessantes.

— Lorde Atherton.

Ava piscou com charme.

Deran inclinou a cabeça.

— Srta. Fychon.

As vozes se tornaram murmúrios enquanto todos olhavam para os dois. Deran desejava que ele e Ava fossem as únicas pessoas na sala, que pudesse se aproximar dela, tomá-la em seus braços e levá-la dali. Queria a mão dela em *seu* braço, os olhos dela olhando para os *seus*, o sorriso dela apenas para *ele*. Queria que ela desejasse a *sua* companhia, e de mais ninguém.

Tudo isso ele pensou em questão de segundos, fazendo seu coração bater forte no peito e deixando a boca seca.

Meu Deus, qual é o meu problema? Estou ficando louco.

Ao sair de casa, era o homem equilibrado, sensato e racional que sempre fora, e agora seus pensamentos deixavam suas mãos úmidas de suor, seu coração errático e seus ouvidos latejando.

Rensleigh conduziu Ava a seu assento, quatro à esquerda de Deran, do lado oposto da mesa, e em seguida ajudou a mãe a se acomodar. Outros cavalheiros ajudaram as damas a se sentarem em padrão alternado, de ambos os lados da mesa. Lady Katherine Eads, uma jovem viúva, foi colocada à esquerda de Deran. A viúva lady Farthington, a senhora mais idosa da sala, sentou-se à sua direita.

Após todos se acomodarem, o jantar teve início e começaram as conversas entre convidados vizinhos.

Era a parte desses eventos que Deran mais desprezava.

Mergulhou a colher no prato de sopa de alho-poró e tomou um pouco. O sabor correspondia à aparência. Insossa. Pousou a colher e pegou sua taça de vinho, usando o tempo para olhar para a convidada de honra.

De colher na mão, ela observava o convidado à sua frente. Queria evitar erros de etiqueta, reparou Deran, divertindo-se. Por sobre a borda da taça, ele a observava endireitando a postura e

experimentando a sopa. Viu-a torcer o nariz e lentamente pousar a colher sobre o prato. Chegara à mesma conclusão a respeito da sopa.

Deran não conseguia desviar os olhos. Nenhuma outra mulher na sala se comparava a Ava em beleza. O verde-esmeralda havia sido criado exclusivamente para ela. Era como o sol sobre o oceano, realçando o que já era belo. Seus olhos eram de um verde mais profundo, sua pele, mais morena que o padrão, e seus cachos reluziam dourados.

Não usava joias, mas era radiante mesmo sem elas. Seu vestido era elegantemente simples, embora ele não estivesse nada satisfeito que todos tivessem tal visão da parte superior de seus seios. Sua tia deveria ter sido mais atenta àquele decote. O estilo tinha um corte baixo demais para o seu gosto.

O mais impressionante de tudo era que ela parecia uma mulher, e não a menina que havia conhecido no primeiro dia. Estava magnífica, e não tinha noção de como estava sedutora.

Deran estava feliz pelo fato de a mesa estar coberta por uma toalha comprida. Ele estava rígido de desejo. E de necessidade. Precisava tocá-la. De alguma forma, antes de ir embora, precisava estar com ela, nem que fosse por um instante.

Lady Eads falava enquanto a sopa era substituída por um prato com um molho cinza e um pedaço de peixe no meio.

— Sim, lorde Atherton — disse ela, baixinho. — Onde tem se escondido? Já se passou muito tempo desde o nosso último... encontro.

Muito tempo não é tempo suficiente, pensou Deran, mal-humorado. Lembrou-se de que ela tinha a desagradável propensão a soltar gritos terríveis durante o amor, inquietantes o suficiente para fazer um homem murchar.

— Os negócios têm me mantido distante, lady Eads. — *Não distante o suficiente.* — Raramente estou na cidade. — Partiu um pedaço de peixe enquanto arranjava um jeito de mudar de assunto. — Seus filhos estão bem?

A arte da “conversa educada” era lamentavelmente inata, ao menos assim parecia. Não a utilizava havia meses, e aí ressurgia ela de novo, como um cadáver numa cova alagada.

Enquanto ele mastigava lentamente, a mulher o entediava com detalhes acerca de seus três filhos. Deran sorria educadamente.

Por sobre o ombro de lady Eads, flagrou Ava olhando para ele, a testa ligeiramente franzida.

Ficou satisfeito ao ver essa demonstração de contrariedade. Olho por olho.

Deran sorriu discretamente com o canto da boca, e Ava franziu mais a testa.

Lorde Rensleigh, sentado duas cadeiras à direita de Ava, inclinou-se à frente, buscando a atenção dela. Notou que ela olhava para Deran, e também franziu a testa.

Deran ergueu sua taça de vinho, agora duplamente satisfeito. A noite talvez viesse a ser um pouco divertida, afinal.

Capítulo XVII

Deran sobreviveu ao timo de vitela *Au Jus* e a outra sonolenta história sobre os exuberantes anjinhos de lady Eads. Enquanto era servida a terceira taça de vinho tinto, seus olhos encontraram os de Ava, que erguia sua taça. Ela sorriu com doçura e deu um gole. A lembrança dela na biblioteca, pedindo silenciosamente um copo de gim, lhe veio à mente. Pensou por um instante sobre os efeitos do vinho sobre ela.

Quando os pés de porco à la Béchamel surgiram sorrateiramente, o estômago de Deran embrulhou. Terminou sua taça de vinho e resistiu ao impulso de olhar para o relógio.

— Lorde Viller — disse alguém na outra ponta da mesa. — Creio que tem uma opinião firme sobre John Marshall.

Samuel Viller virou-se para a pessoa que se dirigira a ele.

— Marshall? Sim, baronesa, de fato. Lamento dizer que não a vi em nenhuma das assembleias.

Lady Olmec sorriu, graciosamente, tornando-se ainda mais sedutora. Era uma atraente mulher de meia-idade, com um bonito corpo, exóticos olhos cinza-escuros e cabelos castanhos pesados, levemente grisalhos. Seu nome estivera envolvido em diversos escândalos desde a morte do marido, dois anos antes. Deran poderia ter sido um deles, caso tivesse aceitado um convite tentador para um fim de semana no campo. O fato de não ter podido ir fora ao mesmo tempo uma bênção e uma lástima.

— Eu não compareci a elas — respondeu, educadamente. — Minha informação vem de um de seus fascinados espectadores. — Os olhos dela brilharam. — Corrija-me se eu estiver errada, mas entendi que se opõe à escola que o sr. Marshall pretende construir.

Deran duvidava de que Viller percebesse o sutil tom de crítica. Lady Olmec era uma mulher de ideias singulares, acreditando que mulheres e crianças deveriam contar com o benefício da educação pública. Só por isso já era tratada com desdém por muitas mulheres de *status*, mas não parecia se sentir nada insultada. Era uma atitude típica de sua tia convidá-la para o jantar. Era sua forma de dizer que não dava crédito ao que se falava a respeito de lady Olmec. E mesmo que desse, ela a convidaria à sua mesa apenas para apimentar as coisas.

Viller clareou a garganta e passou o guardanapo nos lábios finos.

— Não está enganada, milady. Eu me oponho à proposta de Marshall de mandar crianças dos moinhos para escolas diurnas. Ideia absurda. O custo para o dono do moinho seria exorbitante. Os moinhos sofrerão um golpe se a educação dos trabalhadores for incentivada — afirmou. — Só recentemente temos visto um crescimento das exportações e da produtividade agrícola, mas os preços dos nossos alimentos permanecem altos devido às regulamentações de produção do milho, formuladas para beneficiar os proprietários de terras. Por que punir ainda mais os donos de moinhos e de fazendas liberando seus trabalhadores infantis durante metade do dia para que frequentem a escola? — Torceu os lábios. — Eles nem teriam oportunidade de usar o que aprendessem, não é, milady?

Ouviram-se murmúrios furiosos e abafados. Convidados imparciais riam baixinho.

Lorde Stewart fazia um detalhado relato de uma partida de polo a que assistira, e Ava tentava parecer atenta.

Uma sineta tocou.

— O que é isso? — indagou a duquesa, balançando a sineta de mão. Encarou os convidados sentados na extremidade oposta. — Não vou tolerar distúrbios à minha mesa.

Viller deu um sorriso afetado.

— Nossas desculpas, Vossa Graça. Não há distúrbio, apenas uma discussão empolgada sobre o tema da educação.

— Educação? Como se pode discutir educação empolgadamente? E por que iríamos querer discutir isso?

Deran olhou para o relógio. Bom Deus, ainda eram nove e meia! Já poderia ter partido há uma hora.

Agora que lady Olmec tinha a atenção da duquesa, resolveu aproveitar o momento para defender sua causa.

— O sr. John Marshall acredita que a única forma de promover melhorias para a geração mais jovem é através da educação, Vossa Graça. Ele propõe a construção de escolas para as crianças que trabalham nos moinhos. Usando fundos pessoais. Acredito ser esse um pensamento muito avançado. Lorde Viller discorda.

Viller virou-se para a duquesa, a presunção estampada no rosto.

— De fato, milady. Construir escolas seria um desperdício de dinheiro, tempo, materiais de construção e trabalho. As crianças pobres devem trabalhar, não aprender a ler e escrever.

Um breve murmúrio de seus partidários o levou a erguer a taça num brinde irônico.

— Talvez não saiba, lorde Viller — disse lady Olmec, sucintamente —, que o sr. Courtauld cobra taxa por crianças removidas de fábricas e colocadas nos moinhos dele. *E* força as crianças a assinar contratos que as deixam presas ao moinho até a idade de vinte e um anos. Ele e dezenas de outros grandes donos de moinhos estão comprando crianças em grandes quantidades, senhor, como se fossem gado ou porcos.

— Sim, sei de tudo isso — disse ele, arrogante. — Veja bem, essas são crianças que não têm futuro em nossa cidade. Crianças que não têm pais nem lar. Na minha opinião, milady, estamos lhes oferecendo um serviço de caridade de que eles, como cidadãos de Londres, se beneficiam.

— Eles se beneficiam? Certamente seu coração não é tão duro a ponto de acreditar nisso. Eles vivem em condições imundas, entre montes de lixo e carne podre. São muitas crianças em quartos sem ventilação e iluminação adequadas, nem comida. As condições não são apropriadas nem para a mais baixa das criaturas, que dirá para uma criança. Várias morrem todos os dias como resultado desses “serviços de caridade”.

Tarde demais, Deran se deu conta do impacto que aquele assunto poderia ter sobre Ava. Ele não era o único ao mesmo tempo fascinado e enojado com os dois lados daquela discussão e suas convicções opostas.

Um grito agonizante calou as conversas que derivavam da discussão. Ele virou a cabeça rapidamente na direção de Ava. Lorde Rensleigh olhava para ela preocupado.

— Srta. Fychon, a senhorita está bem?

Pescoços esticados e olhos curiosos viraram-se na direção de Ava. Ela tinha a cabeça baixa e o rosto vermelho.

— Sinto muito. Eu...

A cabeça de Deran latejou. Cerrou os punhos, enquanto ela se esforçava para se recompor. Então ela levantou a cabeça e olhou para ele. Seu rosto estampava tão claramente uma súplica por socorro que o coração dele se apertou dentro do peito. A súplica não era por ela, mas pelos irmãos.

Deran engoliu em seco e deu um leve sorriso. De onde estava, podia ver lágrimas em seus olhos. Cada músculo em seu corpo estava contraído; queria ir até ela, fazer o que pudesse para confortá-la e acalmá-la. Ela colocou a mão no peito e baixou a cabeça de leve, num gesto que ele já vira antes. Seus olhos responderam a ela que não precisava agradecer.

Ele virou-se para Viller.

— Talvez o senhor e lady Olmec possam continuar sua conversa numa outra hora. Não é o assunto mais agradável nem o mais apropriado para o jantar.

Viller sorriu, discretamente.

— E não queremos que os convidados se sintam desconfortáveis.

— Não, não queremos.

— Especialmente aqueles que não estão familiarizados com o funcionamento da sociedade londrina, de salas de visitas a ateliês de moda.

Deran estreitou os olhos numa advertência.

Olhou para Ava, para ver como ela estava. Ela se recuperara incrivelmente bem de seu descontrole, mas ele podia ver que sua mente não estava mais presente. Sua boca exibia um sorriso imóvel, seus acenos de cabeça eram mecânicos, e sua postura, rígida.

A sineta de mão soou de novo e todos os olhares se voltaram para a duquesa.

— O jantar está terminado. Vamos nos transferir para o salão para nos entretermos um pouco. Uma atração especial com certeza os agradará. As sobremesas serão servidas imediatamente em seguida. Robert?

Lorde Rensleigh apressou-se para ajudá-la a se levantar. Acompanhou a duquesa e Ava, retirando-se da sala.

Deran não sabia por quanto tempo mais poderia tolerar aquele parasita ao lado de Ava.

Todos estavam familiarizados com o hábito de convidados com aptidão musical se apresentarem ao piano ou cantarem. Ocasionalmente, se houvesse um poeta entre eles, poderia ser persuadido a recitar alguns versos. Para essas exhibições artísticas não costumava ser necessário insistir muito, pois nunca faltavam nos eventos convidados que julgassem possuir talentos dignos de ser exibidos.

Lady Millicent Thurgood estava tocando uma peça complexa ao piano quando Deran entrou na sala. Gostaria de sair pela porta da frente, mas não partiria sem falar com Ava. Ela estava sentada na frente da sala, entre a tia e o primo, que pareciam uma maldita patrulha de fronteira. Sua esperança de roubá-la durante aqueles interlúdios não se concretizaria. Precisaria ficar mais tempo.

A apresentação de lady Thurgood terminou e os convidados olharam ao redor, perguntando-se quem seria o próximo a se apresentar. Vários conhecidos talentos estavam presentes, mas se lady Para fosse selecionada, Deran iria embora. A voz dela fazia lembrar a do seu pai sob influência de conhaque.

Para surpresa dele e de todos, sua tia anunciou a srta. Ava Fychon.

— Como sabem, ela veio de Gales, prima por parte da família de meu marido. É nossa hóspede desde a semana passada, mas só ontem descobrimos que sabe cantar. Pedi que mostrasse a música que cantou para mim, e também uma canção de amor. Infelizmente, se não forem versados na língua galesa, não entenderão nada de nenhuma das duas, mas ela explicará o significado.

A plateia reagiu com sussurros enquanto a duquesa convidava Ava a vir à frente.

— Deus nos ajude... Como se um jantar para a garota não bastasse!

— Não entendo o que ela diz quando está falando, imagine cantando.

— Desde quando temos relações tão amistosas com Gales? Isso deve ser coisa do duque.

Deran cerrou os dentes e se controlou. Sua irmã o agarrou pela manga e o puxou de lado. Usando um vestido dourado e marfim e, dessa vez, um penteado simples, parecia chocada.

— Deran, o que está havendo? Você sabia que ela cantava?

— Boa noite, Madeline. Eu me perguntava se você havia parado de falar comigo. Onde está o seu visconde?

Ele tinha a atenção voltada para Ava, que se dirigia ao centro da sala.

— O pai dele está em Londres por dois dias e requisitou sua presença.

— Então veio sozinha. Se tivesse me avisado, eu a teria acompanhado com prazer.

— A visita foi inesperada. — Olhou para a frente da sala. — Isto parece um tanto perigoso. É quase cruel exibi-la assim. Não entendo tia Geneva, Deran.

— Você não é a única, Linny. Ninguém entende.

— Oh, espero que...

Ele pressionou o dedo contra os lábios. Ava estava pronta.

— A primeira canção é um hino de gratidão que minha mãe adorava — explicou. — A segunda é uma antiga canção de amor sobre um cavaleiro que está na guerra, com saudades de sua amada.

Deran notou os olhares céticos e as expressões de escárnio. Parecia que uma corda de navio estava sendo arrastada pela sua barriga. Se o objetivo de sua tia era ridicularizar Ava ainda mais, ele jamais a perdoaria.

À primeira nota, todos os convidados desapareceram para ele. A voz de Ava era clara e delicada, nem soprano, nem contralto, mas algo entre os dois. Era madura, mas de certa forma infantil. Cantou o hino com reverência, com grande ternura. A melodia era vagamente familiar para Deran.

No final, Ava fechou os olhos e emendou com a canção de amor. O idioma não impedia a transmissão da mensagem. Suas expressões faciais e mãos suplicantes complementavam a voz. Seus erres eram pesados e melodiosos, soando mais estrangeiros em sua língua-mãe.

O som de sua voz acendia um fogo dentro de Deran. Ele sentia a alegria, a separação, a saudade e a perda dos dois amantes. Uma nota se elevou e se sustentou antes de cair lentamente a uma nota baixa de desespero. Os olhos dela se abriram e a dor que os preenchia foi como um soco no estômago. Ela apertou as mãos contra o peito e cantou para ele, sem desviar os olhos. Cantou assim até o fim da música, as palavras finais dolorosamente suaves e suplicantes.

Quando a última nota morreu, o silêncio na sala foi imenso. Deran engoliu em seco, impressionado e um tanto constrangido com a emoção presa na garganta. E um tanto desconfortável com o enrijecimento de seu corpo.

— Meu Deus! — exclamou Madeline com um suspiro. — Não fazia ideia... Deran, quem é essa garota que você encontrou?

— Uma feiticeira — murmurou ele, incapaz de desviar os olhos de Ava. — Uma indomável feiticeira.

Os aplausos vieram como uma tempestade, com alguns assobios dos cavalheiros. Ava curvou-se numa rápida reverência, não muito equilibrada, antes de correr de volta para sua cadeira. A duquesa lembrou a todos da sobremesa e do licor. Madeline deu um beijo rápido em Deran antes de se juntar aos amigos.

Deran ignorou os olhares curiosos dos convidados que passavam por ele. A atenção de Ava não passara despercebida, e ele não se importava nem um pouco. Ela cantara para ele. Ninguém jamais cantara para ele antes. Não tinha sido sua imaginação, tinha? O modo como ela olhava em seus olhos, as palavras dirigidas a ele... O que se perdera por não entender a letra fora encontrado na emoção do seu canto. A dor que ele lhe provocara havia sido perdoada, isso tinha ficado claro durante a canção. A menos que o vinho que ele havia bebido tivesse afetado seu cérebro, estava certo de que ela demonstrara afeto por ele, assim como um lamento. Lamento pelo afeto, ou por outra coisa?

Estava impaciente para se aproximar dela, mas o desfile de convidados bloqueava seu caminho. Rensleigh curvou-se enquanto Ava falava com ele. Pareceu surpreso antes de responder. Ava sacudiu a cabeça e falou novamente. Rensleigh ponderou sobre suas palavras, assentiu com a cabeça e beijou sua mão. Deran ficou sem fôlego, o sangue pulsando nas veias.

Afaste dela suas malditas mãos e sua maldita boca!

Imaginou-se agarrando o pescoço de Rensleigh, apertando-o até os olhos dele revirarem.

Quando Ava se voltou em sua direção, ele temeu ter praguejado em voz alta. Ela recolheu a mão e pediu licença.

Deran permaneceu imóvel enquanto ela se movimentava pela multidão até ele.

— Milorde — disse, se curvando.

— Srta. Fychon.

— Está bonito esta noite, senhor.

— E a senhorita está inigualável em sua magnificência.

Ela corou e baixou a cabeça.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

Ela deu o braço a ele.

Sob a manga do paletó, a pele de Deran se incendiava com o toque de Ava. Pousou a mão sobre a dela e sentiu o coração parar por um segundo.

— Sim. O que foi?

— Tenho de voltar lá? Não aguento comer mais nada.

Ele sorriu, apesar de desapontado com a pergunta impessoal.

— As sobremesas são, de longe, a melhor parte, srta. Fychon. A maioria delas é até reconhecível.

Ava sorriu com o canto da boca, o que deixou o coração dele mais leve. Ele se encaminhou em direção à porta e olhou para Rensleigh de soslaio.

— Não é de bom tom trocar de acompanhante no meio da noite, srta. Fychon — murmurou.

Ela o fitou, surpresa.

— Não posso ir a seu lado? Por que não, se é o que quero fazer?

— Obrigado pela consideração, minha querida — ele sorriu —, mas se minha tia escolheu meu primo para acompanhá-la, é com ele que deve ir.

— Mas eu quero ir com...

— Atherton.

— Rensleigh. — Sim, estrangulá-lo seria *muito* gratificante. — Ela é toda sua. Ao menos daqui até a sala de jantar. — Soltou os dedos de Ava de seu braço e fez uma breve reverência com a cabeça. — Srta. Fychon, adorarei conversar consigo mais tarde.

Ele saiu antes que ela pudesse responder e foi procurar a tia. Se não deixasse aquele lugar imediatamente, haveria problemas mais tarde.

Capítulo XVIII

Só que não houve “mais tarde”. O duque de Barclay chegou e sua esposa insistiu para que ele conhecesse a convidada de honra e socializasse com os convidados. Ele encarou com bom humor o fato de voltar para casa e encontrar uma festa e uma hóspede. Após dar as boas-vindas ao tio, Deran pediu licença e prometeu vir visitá-lo no dia seguinte.

Passava de meia-noite quando ele chegou em casa. Inquieto demais para dormir, reclinou-se em frente à lareira na biblioteca, com um copo de conhaque na mão, e refletiu sobre os acontecimentos do dia, um hábito que desenvolvera recentemente. Primeiro, a surpresa ao vê-la. Depois, a presença dela à mesa, silenciosa e excitante. Suas canções, e o modo como ela as cantara para ele. Seu corpo tenso de desejo e irritação, causados por não conseguir ficar a sós com ela. Deveria ter dito algo para reconfortá-la, após a conversa entre lorde Viller e lady Olmec. Pensava sobre os frágeis argumentos de Viller. Um em particular chamou sua atenção. O que era? Algo sobre os moinhos... ou as fábricas?

Max devia conhecer o tal Marshall. Ele comparecia às assembleias da Câmara dos Comuns com mais regularidade do que Deran comparecia às assembleias da Câmara dos Lordes, e um assunto como escolas para crianças que trabalhavam em fábricas talvez tivesse sido debatido. Deran sorriu, fitando o fogo que morria. Se Marshall tivesse uma esposa atraente que Max conhecesse, isso talvez o ajudasse a lembrar quem ele era.

Esposa atraente. Como seria isso, ter uma esposa esperando ao chegar em casa, acompanhá-la em jantares, esforçar-se para ficar acordado a seu lado na ópera e no teatro?

Deran sentiu o rosto empalidecer. Que diabos, de onde viera essa ideia?

Deu um suspiro. Vinha fazendo isso com frequência ultimamente. E balbuciava cada vez mais também. Tentando não estimular ainda mais hábitos preocupantes, foi para o quarto, na esperança de encontrar paz em seu sono.

Suas poucas horas de paz terminaram abruptamente. Havia se levantado apenas momentos antes de Bickford apresentar-se à porta, impecavelmente vestido como de costume.

— Bom dia, milorde. Acredito que tenha dormido bem.

— Acredite no que quiser, Bickford — resmungou Deran. — Estaria completamente enganado. O que o traz aqui tão cedo?

— O sr. DiSanto, senhor. Ele está na biblioteca.

Deran deu meia-volta e imediatamente se arrependeu. O vinho, ou talvez o conhaque, chacoalhou e se chocou contra o lado esquerdo do seu cérebro. Ele gemeu e apertou a testa com a palma da mão.

— Max está aqui?

— Sim, senhor. Na biblioteca. — Bickford observou os movimentos sem propósito do patrão dentro do quarto de vestir. — Posso ajudá-lo a encontrar algo?

Deran balançou a cabeça, segurando-a com as mãos dos dois lados, como se isso ajudasse a mantê-la presa ao pescoço.

— Não, está tudo bem.

Bickford ergueu as sobrancelhas grisalhas.

— Está bem. Devo convidar o sr. DiSanto para tomar o desjejum com o senhor?

Desjejum. Pensar em comida causou outro gemido.

— Sim, mas para mim apenas café. Muito café.

— Está bem, senhor. Se quiser mais alguma coisa...

Deran balançou a cabeça e fez uma careta. Não balançaria mais a cabeça. Doía demais.

Bickford assentiu e saiu, fechando a porta .

Max estava sentado à mesa de jantar quando Deran desceu. Ficou pálido ao ver a comida e prontamente se dirigiu à outra ponta da mesa. Jogou-se na cadeira e deu um suspiro.

Max esperou que Deran provasse seu café antes de começar a falar.

— Pensei que fosse ao jantar de sua tia ontem — afirmou.

— Eu fui.

— E foi ao clube depois?

— Não.

Deu mais um gole. A dor de cabeça diminuiu ligeiramente.

— Imagino que a festa não tenha sido um sucesso.

Deran estreitou os olhos.

— Por que diz isso?

— Você parece totalmente destruído, meu amigo. Sua casa está sem água quente esta manhã?

Deran franziu a testa.

— Não que eu saiba. Por que você... — Ergueu uma sobrancelha e passou a mão no queixo. — Inferno.

— Soube que barba é a última moda na França — comentou Max, irônico.

— Veio aqui a esta hora da manhã para me animar ou para apontar gafes em minha aparência?

— Para animá-lo, é claro.

— Não está tendo êxito — murmurou Deran.

Max abriu um sorriso.

— Trago informações, mas primeiro preciso saber como foi a festa. Como a Sociedade Civilizada recebeu a srta. Fychon?

— Civilizadamente. Civilizadamente demais. — Deran terminou seu café e serviu-se de mais. — Ou seja, não a recebeu.

Deran contou como tinha sido a noite, omitindo como havia sido afetado pelo seu canto.

— Não importa realmente se Londres a aceita ou não em seus braços caprichosos, não é? — Max afastou seu prato para o lado. — Já que ela não pretende ficar aqui.

Deran fitou o amigo nos olhos.

— O que quer dizer?

— Aqui não é a casa dela. Ela voltará para Gales em algum momento. Deve sentir saudade.

Ele não havia pensado nisso. Não recentemente. Não desde que pensara em mandá-la de volta para sua própria segurança e para se aliviar da autoimposta responsabilidade. Mas não pensara na hipótese de ela *querer voltar*. Querer morar numa casa que não fosse a da sua tia, sim, mas não...

— Não há nada do que sentir saudade lá — afirmou, resolutivo. — Ela não tem pais, não sabe onde o resto da família está e não tem casa. Seu tio tomou isso dela. De todos os três.

— Ainda assim, Gales é o que ela conhece. Nada tem a ver com Londres, especialmente o lugar de onde ela vem. Está acostumada com cidades pequenas, espaços amplos, montanhas e mar. Não com uma cidade apinhada de gente, barulhenta e com ar podre. Ela é uma garota do campo, meu amigo, não uma moça urbana.

Deran refletiu.

Max notou a expressão solene de Deran. Após mais de vinte anos de amizade, conhecia aquele homem quase tão bem quanto a si mesmo. A ideia de a srta. Fychon partir o incomodava. Extremamente. O que Max suspeitara alguns dias antes agora estava confirmado, estivesse lorde Atherton consciente disso ou não, admitisse ele ou não. Aquela mulher, aquela *dama*, havia entrado em seu coração.

Isso não resultaria em nada, é claro. Um conde não podia considerar compartilhar sua vida com uma plebeia. Mesmo tê-la como amante seria imprudente, tanto pela reputação dele como pela de sua família.

— Bem, animá-lo não era o propósito da minha visita.

— Acabaram os ovos em sua casa?

— Não, os *muffins*.

Deran deu um leve sorriso.

— Então diga-me, Max. Que informação é essa que você tem?

— Após sair do Cavendish, Stevens embarcou no trem das dez horas para Leicester.

— Leicester. Longa viagem de trem. Alguém o encontrou no meio do caminho, sem dúvida.

— Eu imaginaria que sim.

— O sr. P.

Max assentiu com a cabeça, a expressão séria.

— Precisamos descobrir quem são esses homens, seus nomes, suas relações. Adoraria tanto colocar as mãos neles... Falando em colocar as mãos, o que sabe sobre lorde Viller?

— Viller? — Max alcançou sua xícara. — Não muito. Por quê?

— Ele estava lá ontem e se envolveu num acalorado debate com lady Olmec sobre escolas para crianças que trabalham em moinhos. Sua opinião sobre o assunto tem me perturbado desde então.

Max bebeu sem levantar os olhos.

— Foi corajoso de entrar numa discussão com lady Olmec. Todos sabem que ela adora defender causas consideradas fúteis. Ela se nomeou porta-voz das vítimas de injustiças e maus-tratos.

— Você a admira.

— Sim. — Max olhou para ele, e desviou o olhar em seguida. — Pessoas que se levantam contra os ditames do governo e contra a apatia da sociedade são pessoas corajosas. Ainda mais se for uma mulher.

Deran deixou o comentário assentar, percebendo uma agitação no ar que não conseguia identificar.

— Ela falou com veemência em apoio às escolas propostas por John Marshall.

Max assentiu com a cabeça.

— Um dono de moinho com consciência social. Ele persuadiu outros donos em Holbeck a construir uma escola na área, e propôs outras.

— Um homem generoso. Educação é liberdade. As crianças aprenderão sobre a vida e vão querer mais para si próprias.

Deran refletiu sobre o conceito.

— E o tal Viller? — perguntou. — Disse que sabe algo sobre ele.

— Sei.

Max repousou sua xícara no pires com cuidado.

— Mas é melhor guardar para mim mesmo.

— Confidência de um cliente?

Max balançou a cabeça, mas não ofereceu uma explicação.

Sigilo profissional era necessário e honroso, mas Deran suspeitava que o silêncio de Max se devesse a outro motivo. Medo? Mas medo de quê? De sua reação? Não. Nada do que Max dissesse levaria Deran a lhe fazer mal. Para proteger Viller? Deran franziu ainda mais a testa. Na última assembleia da Câmara dos Lordes, Viller tinha se pronunciado, ou esbravejado, melhor dizendo. Ele se recordava agora. Estava

alheio, mas se lembrava da cena. Viller falava sobre alguma coisa... Não fazia muito tempo, sua memória não podia ser tão...

Deran ficou imóvel.

Um serviço de caridade que os beneficia.

As palavras de Viller em defesa da compra de crianças. Lembrou-se do que Viller havia dito. De *como* ele dissera.

— Viller é um deles — disse, baixinho. — Um dos homens que você disse que me surpreenderiam. Cujas fortunas advêm do tráfico de escravos.

— É mera especulação, Atherton.

— Não, acho que não. Viller é um deles, não é?

— Sim, é. Mas seu envolvimento é limitado.

Deran deu uma risada irônica.

— Limitado. Explique isso.

— Ele não é um dos que fazem a... compra inicial. — Max deu um suspiro profundo. — Que assunto terrível! Não foi isso que vim conversar com você. Podemos não...

Deran apertou os braços da cadeira.

— Explique-me isso, DiSanto. Ou, juro por Deus, em uma hora vou encontrar esse homem e fazer com que *ele* explique.

— E você acha que eu ou ele nos importamos com suas ameaças? — volveu Max, inalterado.

Deran levantou os olhos castanhos, duros como aço. Respirou fundo e afundou na cadeira.

— Não. Desculpe. Não estou bem hoje.

— É mesmo? Obrigado por me avisar. — A brincadeira aliviou um pouco o clima. — Não sei em detalhes qual é o envolvimento de Viller, só sei que ele fornece candidatos apropriados aos moinhos, vindos de fábricas e orfanatos. Desconfio que tenha um acordo com donos de moinhos.

— Talvez seja sócio de um deles.

— Não sei dizer.

— Como obteve essa informação?

Max fitou sua xícara de café.

— Um ano atrás, um casal foi ao meu escritório para uma consulta. Após ouvir a história deles, disse que não precisavam dos serviços de um advogado, e lhes indiquei um investigador particular. O nome de lorde Viller surgiu no resultado dessas investigações.

— O que eles queriam saber que exigia um investigador particular?

— Queriam encontrar crianças, filhos da irmã do homem, na verdade. É uma longa história.

Deran inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos braços da cadeira.

— Gostaria de ouvi-la.

O barulho de uma carruagem atraiu sua atenção e o fez olhar pela janela.

— Que diabos ela está fazendo aqui?

— Quem?

Max esticou o pescoço, evitando a cortina.

— Onde está ele? — uma voz feminina zangada ressoou no corredor.

A voz firme de Bickford mal podia ser ouvida.

Max parecia confuso.

— Sua tia?

— Ninguém menos.

Deran se levantou. A duquesa surgiu em meio a um turbilhão de musselina castanho-avermelhada; seu

rosto era de um tom um pouco mais escuro que o vestido.

— Sei que ela está aqui, Deran. Traga-a aqui imediatamente.

— De quem cargas d'água está falando, tia?

— Não ouse falar comigo nesse tom, rapaz. Não estou com paciência para suas insolências.

Lançou um olhar fuzilante para Max, que se levantara.

— Vossa Graça.

— Sr. DiSanto. Suponho que esteja metido nisso também.

— Milady?

— Vocês dois sempre formaram um par dissimulado e maquiavélico, se acham espertos demais. Bem, desta vez passaram dos limites.

— Tia Geneva — disse Deran, tão calmamente quanto era possível, considerando a dor de cabeça que ameaçava rachar seu crânio. — Não sei o que pensa que eu... — olhou para Max — ...que *nós* fizemos, mas...

— Ela desapareceu, e sei que está aqui. Então pare com seus joguinhos e mande-a descer imediatamente, ou eu mesma irei procurá-la.

O tempo pareceu congelar, e a respiração de Deran ficou presa no peito.

— Não quer dizer...

— Sim, é o que quero dizer. A srta. Fychon sumiu.

Trinta minutos depois estavam na Mansão Culver. Um pequeno grupo em alvoroço andava para um lado e para o outro, no salão. A marquesa, Jessup, Meg e a governanta. O duque estava encostado na cornija da lareira, resignado em ouvir a ira de sua esposa pela segunda vez naquela manhã.

— Ela foi sequestrada, estou dizendo. Você viu o estado do quarto, Renard. Lençóis amontoados no chão, como se tivesse sido arrancada da cama. Não levou roupas, a não ser um vestido simples e uma capa.

— Perdoe-me, Vossa Graça — gaguejou Meg —, mas as roupas de cama... ela dormia assim — disse por fim. — No chão. Puxava os lençóis da cama toda noite e os colocava de volta na cama toda manhã.

— Folgo em saber que não gosta de seus móveis também — murmurou Deran.

A duquesa balançou a cabeça, chocada.

— Ela é mais esquisita do que eu pensava. — Virou-se para Deran. — Se tivesse partido por vontade própria, teria procurado você, Deran.

— Não necessariamente — murmurou ele. — Não tenho estado em suas graças ultimamente, e se ela pretendia deixar Londres, o que provavelmente pretendia, não me procuraria. Ela sabe que eu não permitiria que partisse.

A duquesa arqueou as sobrancelhas.

— É mesmo?

— Sim, senhora.

Deran subitamente se deu conta de como podia ter soado o que dissera... que não teria permitido que ela partisse porque não queria que ela o deixasse. Não sendo exatamente o que quisera dizer, reformulou a frase.

— Não teria permitido que ela partisse antes de ajudá-la a encontrar as pessoas que veio aqui encontrar. Dei minha palavra de que a ajudaria.

— Assim como eu — replicou DiSanto.

A duquesa voltou-se para Max.

— Sabia que estava metido nisso.

Jogou-se num divã, abanando o rosto com a mão.

— Agora, meus caros — disse ela, baixinho —, vamos entender isso. Vamos começar com o que sabemos.

— Precisamos mandar que a procurem, Renard, e não perder tempo fazendo perguntas.

— Essas perguntas seriam feitas por qualquer autoridade que procurássemos, então precisamos nos perguntar primeiro. Quando ela foi vista pela última vez?

E então começaram as perguntas. Meg fora quem a vira pela última vez, às duas da manhã, no quarto.

— Ela estava cansada. Disse para não me preocupar em ajudá-la, como sempre. Não gostava que a ajudasse a se trocar, desde que eu vi... — Olhou para o chão. — Perdoe-me, Vossa Graça, isso não é importante.

O duque pareceu confuso, mas prosseguiu.

— Aonde ela teria ido? Presumo que não conheça ninguém aqui.

Todos concordaram que ela não conhecia ninguém além de Deran. E de Madeline.

— Jessup, mande já um mensageiro à casa de lady Charnock — ordenou a duquesa. — Os demais estão dispensados.

Os criados saíram apressados da sala.

— Não acho que seja necessário, tia — disse Deran, cansado da especulação. — A srta. Fychon não teria ido para a casa de Madeline. Ela saiu de Londres, tenho certeza.

— Mas para onde? E como? E com que dinheiro? Ela não tem nenhum.

Ouviram-se um gemido vindo da direção da porta. Todos olharam para Rensleigh, que parecia estar pior que Deran, como se tivesse virado a noite.

— O que foi, filho? — perguntou o duque. — Está doente?

Robert sacudiu a cabeça e estremeceu visivelmente. Deran se sentiu solidário. Sua dor de cabeça tinha diminuído um pouco. Observando melhor, Rensleigh parecia estar num martírio diferente.

— Ela me pediu dinheiro. — Mantinha a cabeça baixa. — Perguntou se eu podia lhe emprestar algum. Para mandar para a família, ela disse. Não muito, apenas uma libra. — Levantou a cabeça e olhou para a mãe com a vista turva. — Achei estranho pedir tão pouco, mas então pensei que provavelmente levavam uma vida simples e que uma libra seria suficiente. Então concordei. “Encontre-me no jardim da cozinha após todos terem ido dormir”, ela me disse. Pareceu-me um lugar estranho para nos encontrarmos, mas... — Olhou para o vazio. — Achei que talvez...

— Que o tivesse chamado lá para um encontro amoroso — Deran concluiu a frase. — Que pedir dinheiro emprestado fosse um pretexto.

Robert assentiu com a cabeça, arrasado.

— Mas seu vestido era... simples, e ela usava uma capa, tinha a cabeça coberta. Nada indicava que quisesse... Parecia muito séria. Pensei que estivesse interpretando um papel, esperando que eu... que eu talvez...

— Que talvez a seduzisse — completou Deran com frieza.

A duquesa arfou, e Robert lançou um olhar colérico a Deran.

— Sim, dane-se você. É tão difícil imaginar que ela pudesse querer a mim e não a você?

— Maldição! — esbravejou o duque.

Não era apenas difícil de imaginar, era também improvável e profundamente irritante. Deran respondeu com calma:

— Não estamos discutindo os desejos da srta. Fychon, e jamais viremos a discutir. O que aconteceu quando a encontrou?

Robert sentou-se, vagarosamente.

— Ela estava ansiosa, com pressa. Se queria apenas mandar dinheiro para a família, por que a urgência? Vestida como estava, parecia que planejava entregar o dinheiro pessoalmente, e não enviá-lo. Tentei fazê-la falar, mas ela não disse nada. De fato, quanto mais eu falava, mais agitada ela ficava. Estava explodindo de vitalidade, seu rosto brilhava, mas do que vimos na modista, se pode imaginar isso. Eu nunca tinha visto algo assim, e devo admitir que era, que ela estava... — Fechou os olhos e suas faces coraram. — Fiquei muito impressionado.

A raiva de Deran ameaçava incendiar a sala. Ele sabia aonde aquilo levaria e não suportaria ouvir a confissão.

— Seu miserável! O que fez com ela?

— Deran — repreendeu a tia, chocada. — Como ousa supor que Robert a comprometeria dessa forma? Ele jamais...

Robert deu uma risada.

— Eu jamais faria isso simplesmente porque *ela* jamais faria. — Olhou para Deran, os olhos azuis rajados de vermelho. — Estava desesperada para partir. Tentei acalmá-la, tentei abraçá-la, tentei até distraí-la com um beijo. No rosto — apressou-se a acrescentar. — Mas antes que eu entendesse o que estava acontecendo, ela me deu uma cotovelada nas costelas e uma forte joelhada no...

Ele se interrompeu, dirigiu um olhar de desculpas para a mãe e evitou completamente olhar para o pai.

Max cobriu a boca para segurar o riso, a duquesa ficou boquiaberta, o duque estreitou os olhos e Deran imaginou-se atirando o idiota pela janela. Aproximou-se de Rensleigh, parando a centímetros de seus pés.

— Teve sorte de não haver um balde de madeira por perto — disse, sério. — Ela poderia ter se livrado facilmente de você. Quando a encontrou?

— Pouco depois das três.

— E ela partiu imediatamente após tirá-lo de ação?

Robert empalideceu.

— Sim.

— Ela está desaparecida há seis horas. A pé, não pode ter ido muito longe. Você deu a ela o dinheiro?

Robert meneou a cabeça.

— Muito bem. Suponho que esteja a pé. Se me dá licença, senhora.

Cumprimentou os parentes.

— Onde irá procurá-la, Deran? — perguntou a duquesa.

— No Norte — respondeu, sem olhar para trás.

Max acenou, apressadamente e o seguiu.

— Norte? Pode ser mais específico? O Norte é muito grande.

Apertou o passo, tentando alcançá-lo.

— Eu sei disso, obrigado. Faremos uma parada antes de partir. Quero dizer — olhou para trás —, se estiver disposto a me acompanhar. Dois pares de olhos veem melhor que um.

Max sorriu.

— Sim, capitão. Não perderia isso nem por todo o melhor conhaque da França.

Capítulo XIX

Ava praguejou em voz alta, num jorro de palavras em galês. Mais chuva. Nunca parava? Começara a chover com uma hora de viagem, arruinando rapidamente seus calçados de cetim. Permanecera em ruas secundárias, andando apressada na direção norte, para fora da cidade. Na ferrovia, um casal de aparência cansada com duas crianças a deixou viajar na traseira de sua charrete até virarem a leste, rumo a Harlow.

Ficou grata por ter conseguido descansar por uma hora e estava andando desde então pelos campos. As estradas tinham pouco tráfego; apenas algumas carroças e um único homem a cavalo haviam passado durante a noite. Mas, com a luz do dia, o movimento aumentara. Carroças e carruagens passavam, barulhentas. Estava atenta a todos os sons, abaixando-se atrás do mato sempre que uma carruagem ou um cavalo se aproximava. Precisava encontrar uma rota menos movimentada, mas a estrada era reta e larga. Se saísse dela, temia perder o senso de direção.

Não sabia se conseguiria chegar muito mais longe naquele dia. As pernas estavam pesadas e os pés pareciam duas tábuas dormentes. A boca estava seca havia horas e já desistira de se manter aquecida. A fome era o menor dos incômodos e a fadiga era sua maior preocupação. Na próxima fazenda, ela descansaria. Seu coração queria que se apressasse para chegar logo ao destino, mas sua mente a convencia a poupar energia.

Não havia tristeza por deixar Londres, com seu barulho infernal e ar tão denso que quase se podia tocar com as mãos. Não, estava grata por deixá-la para trás, mas levava no coração uma dor pesada como um saco de pedras por saber que não veria lorde Atherton de novo. Isso não deveria ter importância, pensou ao desviar de um monte de pedras.

Ele não pode ser nada para mim. Meus sentimentos por ele não podem ser mais que alimento para o meu coração, impossíveis de partilhar, e seria absurdo esperar que fossem retribuídos.

Ela não pertencia àquele mundo, e ele não iria querer viver no dela.

Deran ficaria contente em se livrar dela. Esse pensamento lhe trouxe lágrimas, e as lágrimas trouxeram uma nova série de xingamentos. Estava chorando por causa de um homem a quem já desejara muito mal. O mesmo que a tocara como ninguém jamais fizera, um homem que despertara seu corpo que ela não sabia estar adormecido. Sim, era por esse homem que derramava lágrimas. Ficaria muito contente quando pudesse descansar e recuperar a firmeza nos pés e o vigor. Do corpo e da mente.

Chegou ao topo de uma subida tão íngreme quanto um dos picos de Snowdonia, e soltou um profundo suspiro de alívio ao ver um conjunto de edificações na colina seguinte.

Uma pequena fazenda. Um lugar onde encontrar abrigo e recuperar as forças. Com sorte, encontraria água. Que estupidez deixar a mansão sem ao menos um frasco de água ou cerveja. Comida seria bem-vinda, mas água seria uma dádiva de Deus.

Estava tão determinada a chegar àquelas edificações que não viu uma grande pedra escondida atrás de uma moita de arbustos até acertá-la com a canela com toda força.

— *Cyfrgoolli!* — gritou ao ser lançada à frente.

A forte dor se espalhou até o joelho. Rolou para o lado para examinar a perna. Não era tão grave. O sangue escorria de um corte irregular e a pele já inchara. Usando a bainha úmida do vestido, limpou o sangue e, em seguida, caiu de novo sobre o chão molhado, tentando esquecer a dor e o cansaço. Era tranquilo ali. Além do mugido distante das vacas, não havia nenhum outro som. A estrada não era visível daquela posição, oculta pelo mato alto e molhado. Havia uma neblina fria e o sol estava escondido atrás

das nuvens. Pacífico. Pacífico demais.

Levantou-se, apoiando-se no cotovelo, sacudiu a cabeça e olhou para trás por sobre o ombro. As construções pareciam mais distantes do que estavam pouco antes. Talvez devesse esperar escurecer. Não podia se arriscar a ser vista, caso alguém tivesse vindo atrás dela pedindo informações pelo caminho. Não. Seria melhor ficar ali e descansar. Só um pouco.

Deitou-se de lado, com uma mão sob o rosto, e se embrulhou na capa. A lã molhada a fez estremecer, mas não deixava de ser um conforto.

— Estou chegando — prometeu aos irmãos. — Não me esqueci de vocês.

Optaram por cavalos e cavalgaram duas horas antes de parar para descansar. Deran tentou não desanimar com o fato de já terem vindo tão longe sem sinal dela e sem terem cruzado com alguém que tivesse visto passar uma mulher andando sozinha. Sentiu um vazio por dentro ao imaginar que talvez estivessem na estrada errada.

Os tendões do cavalo estremeceram sob suas mãos ao tocar seu traseiro forte.

Pare com isso. É cedo demais para sentir sua perda. Não faz tanto tempo assim que ela partiu.

Mas quanto mais se afastavam de Londres, mais difícil era manter a esperança.

— Simplesmente não fomos longe o suficiente — disse a Max. — Ela tem várias horas de vantagem sobre nós, estando ou não a cavalo. Nós a encontraremos.

— Sim, e depois?

— Nós a levaremos de volta e continuaremos a ajudá-la a encontrar os irmãos, como prometi. Viller nos deu alguma ajuda.

— Fala como se fosse fácil. Não será, você sabe.

Max desmontou e se esticou.

Deran apertou a cilha da sela.

— Sei que encontrá-los, com tantos moinhos neste país, não será fácil, mas já temos alguma coisa. Essa maldita fuga de Av... da srta. Fychon... apenas atrasará a busca. Tínhamos de achar dois, agora são três.

Puxou as rédeas com força demais e o cavalo reagiu sacudindo a cabeça para trás, nervoso. Deran afagou seu pescoço, se desculpando, e montou outra vez.

— Mas devo admitir que não estou convencido de estarmos na trilha certa. Eu sinto... não sinto que estejamos nos aproximando dela. — Deu um ligeiro sorriso. — Não ligue para mim, DiSanto. Não estou fazendo muito sentido.

Max assentiu com a cabeça, compreensivo; o tom de saudade e preocupação na voz do amigo não lhe passou despercebido.

— Em que direção devemos ir, então? — perguntou, se reacomodando na sela. — De acordo com os criados de sua tia, a srta. Fychon fez perguntas sobre moinhos e fábricas. Baseados no que disseram a ela, estamos indo na direção que ela pensaria em ir.

— Mas de acordo com Viller, o irmão dela provavelmente está em Braintree. Se ela soube dessa fábrica e de como fica perto de Londres, pode ter escolhido aquele caminho.

Conduziram os cavalos de volta à estrada.

— O que acha de nos separarmos? Eu pego a estrada para Braintree, e você continua rumo a Northampton?

— Eu pensei nisso — respondeu Deran —, mas se um de nós a encontrar, como o outro ficaria sabendo? Teríamos de combinar quanto tempo viajaríamos antes de nos encontrarmos num determinado lugar. Podemos considerar essa possibilidade se não a acharmos hoje, mas por ora vamos permanecer

juntos. Irei um pouco à sua frente. Ainda temos algumas horas de luz do sol. Se prosseguirmos por mais duas horas, serão quatro horas a cavalo contra sete horas dela a pé. Ela não poderia ter ido mais longe do que já chegamos.

Se ela estivesse caminhando, pensou, enquanto impelia o cavalo a acelerar. Se tivesse parado uma charrete ou um cavaleiro, ou, Deus quisesse que não, pulado numa carruagem, seus cálculos estariam consideravelmente errados. Determinada como era, usaria todos os meios para chegar ao Norte. Sua persistência em encontrar a família era irritante. Admirável, mas irritante.

Ele a compreendia, entretanto. Não fizera ele a mesma coisa quando seu irmão desaparecera e forado como morto? Não havia ele levado seus pais às raias da loucura com sua incansável busca pela verdade? Sim, ele sabia bem como era ser consumido na busca por respostas, quando se tratava de pessoas amadas. A crença de Ava de que seus irmãos estavam vivos não permitiria que ela parasse até encontrá-los ou até ter provas de que não estavam mais vivos.

Rezava para que não fosse esse o resultado da busca. Conhecia muito bem a dor que acompanhava tal descoberta.

Ela sonhava novamente com o mar. O azul do céu, a espuma das ondas formando um brilhante espelho verde-escuro. A areia grossa quente entre seus dedos. A água salgada borrifou seu rosto e ela virou-se para rir dele. Ele sorriu, um sorriso que alcançava seus olhos castanho-escuros, iluminando o rosto bronzeado. A pele bronzeada desnuda sob a camisa aberta chamou a atenção dela. Qual seria a sensação de tocar aqueles pelos escuros? Ergueu a mão timidamente e os tocou. Uma onda arrebentou, envolvendo seus tornozelos e joelhos; sua força movia a terra e encheu seus ouvidos de trovões. Nenhuma nuvem, mas o trovão claramente...

Trovão. Ava despertou num pulo.

Meu Deus, não. Uma tempestade, não...

Chovia, mas era a mesma chuva leve que estava caindo havia horas, não nuvens pesadas de tempestade. No entanto, ela jurava ter ouvido um trovão. Sentou-se e piscou os olhos com força. O sonho. Devia haver uma tempestade ao longe e... Lá estava de novo. Trovão, atrás dela e perto do solo. Congelou de pânico. Não era um trovão, era o tropel de um cavalo!

O nevoeiro se espalhava sobre a estrada, ocultando parcialmente cavalo e cavaleiro. Podia ver as pernas brancas do cavalo e o torso do cavaleiro, o que foi suficiente para fazer seu coração disparar. Rolou, afastando-se mais da estrada e parou agachada. Sentiu uma dor no tornozelo direito, como se estivesse sendo perfurado por uma lança.

Murmurando um palavrão, caiu de joelhos. Levantou a saia e gemeu, olhando o tornozelo inchado. Devia tê-lo torcido ao colidir contra a pedra. Mais uma coisa a suportar. Rastejando, não chegaria muito longe.

Tentando aguentar a dor, agachou-se novamente e se afastou da estrada. Havia se movido não mais que alguns metros antes de o cavalo e o cavaleiro passarem atrás dela. Abaixou-se e foi entrando mais nos campos, mancando, com o cuidado de se manter abaixo da altura do mato.

A neblina se adensava, ocultando as edificações onde ela havia planejado descansar. Mal conseguia enxergar um palmo à sua frente. Se continuasse indo naquela direção, se perderia. Sentiu o pânico invadir seu coração e o desespero penetrar sua alma. Tinha de voltar. Fora da estrada, estaria viajando às cegas e acabaria andando em círculos, se é que já não estava fazendo isso.

Ao menos, com a neblina, não poderia ser vista. Ava ergueu as costas e refez seus passos. Passaria a fazenda, andaria até escurecer e encontraria outra.

Ouviu mais cavaleiros à sua direita. Um ou dois? Um. Estava reduzindo o ritmo? Ela se ajoelhou e

prende a respiração. Era sua imaginação. Eram apenas seus ouvidos a enganando.

Permanecendo abaixada, prosseguiu rumo à estrada. Seu senso de direção não a abandonara. De repente, avistou a beira da estrada e sua respiração se acalmou.

Virou na direção da fazenda, e tinha dado apenas um passo quando ouviu outro cavalo. Xingou aquela estrada movimentada e recuou.

Não. Mais de um cavalo, e ela estava perto demais da estrada.

Deu meia-volta e correu para dentro da vegetação, jogando o máximo de peso possível sobre a perna que não estava machucada. O barulho dos cavalos estava mais próximo. Próximo demais! Seu coração pulava dentro do peito, lágrimas quentes de pânico e dor brotavam de seus olhos cansados enquanto ela se lançava adiante, adentrando os campos enevoados.

Os cascos trovejantes a cercaram; os animais relinchando pareciam ferozes como dragões. Sentiu o calor deles mais próximo e gritou. Aterrorizada de medo de ser pisoteada, caiu sobre as mãos e os joelhos.

— Ava! — chamou uma voz, calmamente. — Levante-se daí.

Não! Não podia ser! Ele viera atrás dela. Ele a encontrara?! Como podia saber onde estava?

Sentou-se e olhou para o rosto sério de lorde Atherton. Aquilo não era real. Não, aquilo não podia estar acontecendo. Mas o amigo dele, ela não sabia seu nome, estava lá também. Por todos os santos, estava encurralada!

Não era o tipo de situação que incitava o melhor de sua personalidade.

A raiva borbulhava por dentro, e um gemido baixinho foi crescendo até se tornar um grito ensurdecedor de recusa. Levantou-se com esforço e, ignorando a dor na panturrilha, virou-se e saiu cambaleando.

Um braço envolveu-a pela cintura e ergueu-a do chão.

— Direção errada, srta. Fychon — sussurrou uma voz em seu ouvido. — Meu cavalo está deste lado.

Deran andou adiante, balançando-a sobre seu quadril.

— Não! — gritou ela, o corpo tremendo de fúria, os punhos batendo no que conseguisse atingir. — Como se atreve? Coloque-me no chão. Não vou com você. Não pode me obrigar. Não é meu guardião, nem meu parente, não é nada meu. Não tem o direito de dizer aonde nem quando posso ir!

Max observava a cena a alguns metros de distância. Clareou a garganta.

— Ela tem razão, Atherton.

Deran estreitou os olhos.

— Ela virá comigo.

Ava balançou a cabeça violentamente e meteu uma cotovelada em seu abdômen rijo.

— Como você... Coloque-me no chão! Tenho de encontrá-los, por favor, não tenho muito tempo, você não entende...?! — Sua voz enfraqueceu nas últimas palavras.

— Você está molhada. Molhada, suja, machucada e congelando.

A paciência de Deran havia sido testada ao máximo. Ele a empurrou se debatendo para Max.

— Segure-a tão firme quanto for necessário. Ela é mais escorregadia que uma cobra suja de óleo.

Montou em seu cavalo e fez sinal para que Max a erguesse. Ele a levantou sem dificuldade e Deran a colocou sentada de lado à sua frente.

Ava se debateu, e teria pulado do cavalo se ele não a tivesse prendido com o braço em torno da cintura.

— Fique quieta ou vai irritar meu cavalo. É algo que não deve fazer agora, visto que meu humor piora a cada segundo.

Tocou o cavalo para a estrada.

— Deran! — chamou Max. — Deveríamos cuidar do... do que quer que esteja doendo. Pode ser sério. Deran olhou para baixo. Os pés enlameados e descalços escapavam por baixo do vestido encharcado.

— Sim. Verifique seus tornozelos. O direito. Ela parecia estar pisando sobre o esquerdo.

— Provavelmente vai me dar um chute nos dentes se eu tocá-la.

— Não se souber o que é melhor para ela. Não podemos sacrificá-la como se fosse um cavalo manco. Ava deu um suspiro.

— Seu bastardo! Eu odeio você, seu... seu... *asyn*!

Ava empurrou o peito dele com a mão. Deran apertou o braço em torno de sua cintura.

— Já avisei uma vez para ficar quieta, srta. Fychon. Minha paciência tem limite, e você agora o encontrou. — Acenou com a cabeça para Max. — O tornozelo; e seja rápido.

Max balançou a cabeça, censurando tanto a rispidez do amigo quanto a própria falta de sabedoria que demonstrava ao cumprir a ordem. Mas cuidadosamente afastou o vestido do tornozelo e levantou-o até metade da panturrilha. Os ossos do tornozelo haviam desaparecido sob o inchaço, e o corte na pele estava inchado e avermelhado. Olhou para Deran, aguardando instruções.

Ambos os ferimentos eram seguramente dolorosos, mas não representavam risco de vida. Ficar batendo contra o lombo do cavalo aumentaria a dor, mas não havia muito a fazer quanto a isso. A visão daquelas pernas firmes esticadas sobre o assento da carruagem surgiu na mente de Deran, uma visão que lhe ocorrera muitas vezes desde aquele dia. Apenas aquele trecho de pele, dos joelhos para baixo.

Olhando para a panturrilha dela, mal podia resistir ao impulso de acariciá-la. Em vez disso, rasgou uma tira comprida de sua capa e entregou-a a Max.

— Isso terá de bastar por ora. Não aperte muito.

Max improvisou uma bandagem envolvendo o tornozelo e o pé. Deran fez um sinal de aprovação com a cabeça e, ainda segurando-a com o braço, novamente guiou o cavalo para a estrada.

— Temos uma viagem de duas horas pela frente. Sugiro que se segure.

O repentino galope do cavalo não deu a Ava tempo de se equilibrar, e ela foi jogada contra o peito de Deran. Os músculos firmes se arqueavam no ritmo do movimento do cavalo, e o braço não relaxava. A derrota dela parecia a morte. A agonia inundou suas veias e subiu numa torrente de lágrimas.

Ela chorou, batendo contra o tórax firme, mal percebendo o calor do corpo de Deran e como seu corpo estremecia junto ao dele. Quando as lágrimas diminuíram, seus ombros despencaram. Um longo arrepio percorreu seu corpo.

Deran apertou o casaco em torno dela quando sentiu um calafrio sacudi-la. Olhou para a cabeça dela, que balançava.

— Apoie-se em mim, Ava.

Como ela não obedeceu, ele pressionou a cabeça dela contra seu peito, posicionando-a logo abaixo do queixo. Os cheiros de sujeira, lã molhada e ervas azedas atingiram suas narinas. Senhor, que confusão! Mas ela estava a salvo. Zangada e abatida, mas a salvo. E com ele.

Cavalgaram em silêncio, e Ava finalmente relaxou contra o corpo dele. Olhando para os olhos dela fechados, Deran sorriu. Era incrível que alguém pudesse dormir sobre um cavalo a galope. Chegar tão longe como ela chegara a pé também era incrível. Mas quase tudo que ela fazia era incrível. Lutar contra ele fora audaz. Quase lamentava reprimir aquele espírito corajoso, mas não lamentava o suficiente a ponto de libertá-la. E sua angústia audível o tinha abalado. Considerava-se imune a mulheres chorando, mas a intensidade com que ela chorou perfurara seu coração.

Sua possessividade se inflamou e ele a segurou mais perto. Ela não poderia vir a machucá-lo. Ela era importante demais, necessária demais. Despertava sua ira perceber o quão importante ela havia se tornado. Será que sentia algo por ele?

Deran não sabia como definir o que sentia, mas era mais do que já sentira por qualquer outra mulher. Só isso já era significativo.

Chegaram a Bedford Square com o crepúsculo. Bickford abriu a porta da frente. Afastando-se de lado, olhou para o fardo encharcado nos braços de seu patrão.

— O rio novamente não, senhor.

Deran grunhiu e passou por ele em direção à sala de estar.

— Vou buscar toalhas.

— Muitas, Bickford — resmungou Deran. — E chá. Diga a sra. Larue para preparar um banho e diga a srta. Sei-lá-o-quê para vir falar comigo. Ela irá servir à srta. Fychon.

— Sim, senhor. — Bickford deu meia-volta para dar ordens aos criados. — Fleck cuidará dos cavalos.

Deran precisava enviar uma mensagem aos tios avisando que encontrara a srta. Fychon.

O salão estava aquecido pela lareira recém-acesa, como se sua chegada tivesse sido prevista. Bickford. Seus instintos eram mesmo assustadores, mas muito apreciados no momento.

Deran atravessou a sala, aproximando-se da lareira, e olhou para Ava. Ela despertara havia muito tempo, mas permanecera calada. Incomum e perturbador. Refletiu que deveria estar grato pelo seu silêncio, mas em vez disso sentiu uma tristeza preocupada. O rosto dela era inexpressivo. Faces rosadas do frio, lábios pálidos, olhos vazios. Olhando para ela, ninguém diria que fora salva de fazer uma busca inútil em que apenas terminaria perdida e provavelmente morta.

Sua gratidão, no entanto, não parecia estar a caminho tão cedo.

— Vou colocá-la no chão, Ava. Apoie-se em mim.

Abaixando-a, manteve um braço em torno da cintura para lhe dar apoio, mas ela se afastou mancando.

A cabeça dele latejou mais forte.

— Como não está falando comigo, isso será bem mais fácil. Uma criada cuidará de seu banho e providenciará roupas secas. Logo trarão chá, e jantaremos cedo. Se tiver alguma dúvida, pergunte a ela.

Deran virou-se de costas.

— Só quero água.

Ele parou e voltou-se de novo para ela.

— Água? Mais nada? — Ela sacudiu a cabeça. — Muito bem. Isso é fácil de providenciar. Descanse bem, srta. Fychon — disse e saiu sem falar o que realmente queria falar.

Max aguardava na biblioteca, andando em frente a outra lareira recém-acesa, com um copo de conhaque na mão. Deran serviu um copo para si e se recostou ao lado da lareira.

— Obrigado, DiSanto. Sem você, eu não a teria encontrado.

Max olhou para Deran, analisando-o. A barba que tinha de manhã escurecera, dando-lhe um aspecto de pirata, mas um olhar mais atento revelava abatimento e cansaço.

Max meneou a cabeça e falou, baixinho:

— Sim, você teria. Você não teria parado até encontrá-la.

Os olhos de Deran brilharam.

— É provável que esteja certo. Ela é a mulher mais frustrante, cabeça-dura e difícil que já conheci. Não sei o que ela tem, mas...

Sacudiu a cabeça e tomou um longo gole de conhaque.

— Está apaixonado, meu amigo. Deveria aceitar isso. Assim será menos doloroso para você no final.

— De que diabos está falando?

— De amor, Atherton. Nunca imaginei que fosse ver o amor derrubá-lo, mas também nunca pensei que

ele pudesse derrubar a mim. — Deu um sorriso triste. — Mas veja o que aconteceu. — Acenou discretamente e virou-se para ir embora. — Ainda pretende ir para o interior?

Deran não escutou, tão perdido que estava com a declaração do amigo. Max repetiu a pergunta.

— Sim. Sim, partiremos depois de amanhã.

— Espero que a informação de Viller se prove útil. Avise-me se eu puder ajudar. Eu quase queria ir também. Vocês dois juntos são incrivelmente divertidos.

Deran murmurou algo que Max não conseguiu entender com clareza. Ele sorriu em resposta e partiu.

Deran fitou a porta por algum tempo.

Apaixonado?

Capítulo XX

Ava não apareceu para o jantar, nem depois. O banho foi celestial, mas deixou seu pé latejando. Antes que pudesse impedi-la, Beth chamou a sra. Larue.

— Ela sabe tratar de machucados melhor que médicos — disse a criada.

Ava explicou para a garota, que andava para lá e para cá pelo quarto, que não queria falar com a sra. Larue, e que tinha certeza de que o sentimento era recíproco. Mas a sra. Larue veio e, surpreendentemente, não disse nada. Espalhou unguento em sua perna e enfaixou o tornozelo com uma bandagem macia de pele de carneiro. Mandou que ficasse com o pé para cima e caminhasse o mínimo possível.

Ao saber que o desjejum seria servido cedo no dia seguinte, Ava ficou surpresa. Lorde Atherton dissera a ela para descansar bem, mas não esperava privilégios durante a noite. Deduzira que seria mandada de volta para a Mansão Culver. Ele não tinha dito nada sobre seus planos desde que a obrigara a voltar para Londres.

Fez-se silêncio na casa. Beth havia dado boa-noite horas antes. Os relógios badalaram. Ava ouviu passos no corredor e nas escadas acima do quarto. Estranhou não ter sentido o desejo de fugir e reiniciar sua jornada. Não tinha forças.

Amanhã.

Descansaria aquela noite e partiria na manhã seguinte.

Embora exausta, não conseguia dormir. Ficou sentada à janela por horas, a mente agitada com perguntas e medos, e ninguém com quem conversar.

A raiva que sentia do conde havia diminuído, mas ela se ressentia de sua interferência. Ele arruinara tudo, e a arrebatara como a um fardo de feno. Não tinha o direito de obrigá-la a voltar. Tivera um ataque de nobreza, maldito homem. E se preocupara sinceramente com sua segurança. Ele não sabia que estava acordada a maior parte da viagem, não sabia como seu rosto encostado na cabeça dela ou sua mão lhe afastando o cabelo da testa haviam aquecido seu corpo e incendiado o coração. Seu abraço era firme, mas seu toque era carinhoso, levando-a a se perguntar se talvez ele gostasse dela.

Se gostasse, então após lhe explicar a situação ele entenderia como cada minuto que ficasse ali a deixaria mais perto de perder tudo. De perder todos. Com certeza ele compreendia o que era a perda, já devia ter perdido alguém amado na vida.

Já tinha pensado demais. Precisava vê-lo. Conversar com ele. Talvez ele a abraçasse como...

Não. Bastava conversar. A lembrança de estar tão perto dele naquele dia fora uma surpresa inesperada. Deveria estar feliz por isso.

Vestindo um robe, escapou de seu quarto e andou lentamente até a biblioteca e o escritório, procurando por ele. Não havia ninguém em nenhum dos dois aposentos.

Ava olhou para os dois lances de escadas e sentiu a agradável e familiar sensação de coragem. Não se deixaria intimidar nem por aquela casa nem por ele. Iria encontrar seu quarto e conversar. Era boa a sensação de ter um objetivo, ainda que pequeno. Precisava de respostas, já. Por ela e por sua família. E lorde Atherton tinha essas respostas.

Ele quase a perdera. O risco que ela tinha corrido por ser imprudente era quase imperdoável. Sua fúria diminuía, mas não a agitação. Ela havia recusado o jantar e não saía do quarto. Não confiando em

si mesmo e em sua capacidade de conter a raiva, decidira não ir chamá-la. A aflição e o desespero que tinham impregnado seu corpo durante as horas de cavalgada ainda o acompanhavam quando finalmente se deu conta de sua fadiga e decidiu ir se deitar.

Não fazia muito tempo que tinha adormecido quando o barulho da maçaneta o acordou.

Bickford. Ela fugiu!

Ele mandara Bickford alertar os criados de que, apesar dos ferimentos, havia uma boa chance de ela tentar fugir. Deveriam impedi-la como fosse necessário. Deran ficou tenso, preparando-se para o anúncio. Mas quando a porta começou a se abrir lentamente, ele já sabia que não era Bickford. O ar mudou, como sempre acontecia na presença dela.

— Deran?

A suavidade de sua voz o envolveu como uma brisa sensual. Ele permaneceu imóvel, o choque de ouvir sua voz misturado à expectativa.

— Não deveria estar aqui, Ava.

Baixa e suave, sua voz era mais uma advertência do que uma reprimenda.

— Eu sei. É terrivelmente inapropriado e é um atrevimento. Perdoe-me por incomodá-lo, mas há algo que preciso lhe dizer. Eu só lhe trouxe problemas desde a primeira vez que me viu, eu sei. Mas se me permitir incomodá-lo só mais uma vez, juro que o deixarei em paz.

Paz. Desde quando não sabia o que era isso? Desde bem antes de Ava despencar sobre seu carpete como um cachorrinho afogado. Ela estava falando de deixar o quarto, ou deixar a casa? Nenhum dos dois, se ele tivesse algum poder de decidir. E tinha. Quantas vezes havia sonhado com aquilo? Ela entrando daquele jeito, ou carregada em seus braços, deitando-se a seu lado, tão macia, cheirando a...

— Deran?

Ava encostou-se no batente da porta para aliviar a dor no tornozelo. Subir as íngremes escadas o fizera latejar com força.

Diga a ela para sair. Ela tem de ir embora. Já.

— Isso não pode esperar até de manhã?

Não precisava ser ofensivo. Bastava ser frio. Dirigir-se a ela com formalidade às vezes funcionava. Não tão bem ou com a mesma frequência de antes, no entanto, e aquela agora era uma das exceções mais violentas. Seu corpo havia reagido instantaneamente à música de sua voz melodiosa, mesmo ela sussurrando. Especialmente quando sussurrava, como por acaso acontecera.

— Foi um longo dia, e estou cansado — esclareceu, embora naquele momento estivesse desperto até demais. — Também deve estar. Estou surpreso que esteja acordada.

Observação estúpida. Nada do que ela fizesse deveria mais surpreendê-lo.

— E seu tornozelo deveria estar em repouso — acrescentou, sério.

Pronto. Isso deveria mandá-la de volta para seu quarto.

— Estou cansada, mas... Deran precisa me mandar de volta para a casa de sua tia. Esta noite, se possível. Só tenho mais dez dias. Comecei com duas semanas, aí aquele maldito jantar me deixou apenas doze dias. Agora já são só dez, e se eu não estiver na casa quando ele voltar, provavelmente jamais os verei de novo. Ele vai matá-los. E provavelmente vai me matar também. Jurou que se eu contasse que não o conhecia e nunca trabalhei em sua casa, iria matá-los. Disse que me queria para ele próprio, mas que eu tinha de ser entregue a um barão. Não quero ir, mas isso pode garantir que meus irmãos se salvem. Por favor, entenda, isso era tudo que eu estava tentando fazer. Queria avisá-los e... me despedir deles. Preferiria levá-los, embora ainda não soubesse como. Mas agora isso não importa, pois não há tempo suficiente. Preciso voltar para lá antes que ele descubra que fugi. — Fez uma pausa. — É claro que sua tia já deve tê-lo avisado a esta altura, então já provoqueei a morte de todos nós.

Uma vela acesa repentinamente a fez apertar os olhos. Deran estava se sentando na cama, as cobertas até a cintura, o peito nu. Ava piscou os olhos uma vez e olhou pasma para o que havia muito imprópriamente imaginado. Pele bronzeada, ombros largos, peito musculoso com pelos escuros que desciam até a cintura estreita. A luz da vela iluminava apenas um lado de seu rosto, dando-lhe uma aparência sinistra, mas era o suficiente para ver o brilho de raiva em seus olhos. Sentiu um arrepio e quis sair do quarto assim que tivesse uma chance.

— Que diabos está dizendo? Dez dias? Quem vai matar quem? Barão?

Sim, havia cometido um grande erro. Mais de um.

— Ava — disse, irritado —, eu fiz uma pergunta! Várias perguntas. Espero uma resposta.

— Eu... eu... o homem...

— Droga, criatura, não consigo ouvi-la murmurando de tão longe. Sei que consegue falar mais alto que isso, então fale mais alto e chegue mais perto.

Ava balançou a cabeça.

— Não posso. Você... Este é seu quarto, e você está... — Balançou a mão no ar.

— Na cama? Sim, é onde estão todas as pessoas normais a esta hora. E como veio ao meu quarto atrás de mim, deveria saber que eu estaria na cama. Ou não tinha pensado nisso?

Ela balançou a cabeça de novo, e Deran sorriu com o canto da boca.

— Uma lição da qual se lembrará bem, minha pequena impetuosa. Quando entrar no quarto de um cavalheiro, não importa a razão, ele pode ter ideias específicas de por que você entrou.

Ava engoliu em seco.

— O quê? Não está insinuando... Não, nem quero saber. Vim aqui conversar com você. Ninguém mais me entenderia. Ninguém que pudesse me ajudar.

Ela o fitou nos olhos. Não seria intimidada.

— Certo, mas não consigo entender uma palavra do que diz quando seus pensamentos estão agitados assim. Vire-se de costas.

Ela pareceu confusa, e ele respondeu com um sorriso malicioso.

— A menos que queira ver mais do meu corpo do que já viu.

Ava deu meia-volta e fechou os olhos. Ouviu o barulho das roupas de cama e de passos, e tapou os ouvidos com os dedos.

Segundos depois, Deran parou atrás dela, olhando por cima de seu ombro.

— Não vejo ninguém fazer isso desde o jardim de infância.

— *Cyfrgoolli!* — ela gritou. — Não se aproxime de mim sorrateiramente desse jeito!

Ela olhou para seu robe preto e dourado, ao mesmo tempo aliviada e desapontada por vê-lo coberto.

Deran riu.

— Terá de me ensinar alguns desses, Ava. Praguejar em galês pode ser um *hobby* interessante.

Segurou a mão dela e levou-a até uma cadeira em frente à lareira apagada.

— Não deveríamos ir a outro lugar, senhor?

Ela batia os dentes. Olhou ansiosa para o cobertor grosso sobre a cama, e com a mesma rapidez desviou o olhar.

— Aonde, por exemplo?

— Hum... a biblioteca ou... ou qualquer outro lugar.

— Você veio me procurar. Vamos conversar aqui.

Deran notou a tensão em seu maxilar e seus arrepios.

— Não durmo com a lareira acesa. — Apontou para a cama. — Ficaré mais quente ali.

Por que diabos estou sendo tão gentil? Estamos no meio da madrugada, meu Deus!

Ava ficou boquiaberta de constrangimento. Olhou para a colcha e pensou em como devia ser quentinha, e em como seria estar no lugar onde ele dormia. Era uma deliciosa tentação.

— Tem certeza de que não tem problema?

Deran ergueu uma sobrancelha.

— É claro. Este é o meu quarto, afinal de contas.

— Onde você ficará?

— Aqui — disse, dando um tapinha na cadeira.

Ela ponderou se aquilo seria sábio, mordendo o lábio inferior. Seria rude insistir que fossem a outro lugar. Ele oferecera uma solução prática e estava sendo bastante tolerante, dadas as circunstâncias. Concordou com a cabeça rapidamente.

Subiu na cama pelo lado oposto ao que ele estava deitado e se cobriu. Deran observou-a enquanto ela quase desaparecia sob o volume da colcha. A imagem era a mesma de seus sonhos... Ava em sua cama, aguardando que ele se juntasse a ela. A pressão na virilha aumentou, e Deran mais uma vez disse a si mesmo, inutilmente, que deveria mandá-la embora.

Deu a volta na cama e sentou-se sobre a colcha, as pernas esticadas, as costas apoiadas nos travesseiros.

Ava ergueu a cabeça, sobressaltada.

— O que está fazendo?

Aproximou-se dela e puxou-a contra seu corpo.

— Aquecendo-a. A última coisa que precisa é contrair pneumonia. Não me surpreenderia se acontecesse, após as travessuras de hoje.

Só havia rispidez em sua voz.

Sabe o que está fazendo, não sabe?

É claro que sabia. Criando uma fração de sua fantasia. Mais uma vez racionalizou. Ela o havia procurado, não resistira quando a conduzira para dentro do quarto, não tinha feito objeção quando sugerira que fosse para a cama para se aquecer, e agora estava deitada ao lado dele, com uma alta parede de colchas protegendo-a de qualquer investida. Ah, sim, ele sabia muito bem o que estava fazendo.

Escutar. Não deveria fazer nada além de escutar. Recitou essas palavras silenciosamente, respirou e recitou-as outra vez.

— Está confortável?

— Sim, obrigada.

— E seu tornozelo? Está elevado o bastante?

— Sim, senhor, obrigada. Esta cama é muito grande, não é? E bem alta.

Não deveriam falar da cama. Conversar *na* cama já era bastante inconveniente. Ele já estava dolorosamente excitado. Estar perto dela apenas tornaria as coisas piores. Era a prova de que a razão estava começando a abandoná-lo. Por que outro motivo ele se torturaria daquele jeito?

— Nada de “senhor” enquanto estivermos a sós, lembra-se? Especialmente com você deitada... — Sua mão afundou no colchão. — Deixe para lá. Conte-me essa sua história. E devagar, por favor.

Começando pela visita de sir de la Pontoise, Ava contou tudo sobre seu plano de encontrar os irmãos e voltar para a Mansão Culver antes que ele retornasse. Admitia que o plano tinha muitas falhas.

Deran foi um ouvinte atento. O rosto e as mãos de Ava pontuavam suas palavras. Assim, ele não apenas ouvia sua raiva, frustração, confusão e desespero, mas também os via, os sentia. Era como se uma parte de Ava penetrasse nele e uma parte dele estivesse dentro dela. Seria incapaz de descrever o fenômeno de outra forma. Jamais nada parecido lhe tinha acontecido.

— Por isso eu estava naquela estrada indo para o Norte. Para procurá-los. Agora vejo que era uma

tarefa impossível. Mas tinha de tentar. E agora...

Fechou os olhos com força e se escondeu mais nos cobertores.

Deran olhou para ela encolhida a seu lado. O laço que prendia os cabelos para trás tinha se afrouxado. Os cabelos se espalhavam sobre o travesseiro numa torrente dourada. Seu coração acelerou quando ele tocou um cacho. Queria afundar a mão naqueles cabelos, queria tocá-la inteira, queria seu peso em cima dele, queria sentir sua pele. Jamais havia experimentado tamanho desejo.

Ele estava certo. Convidá-la a se aquecer havia sido uma ideia incrivelmente infeliz.

Recolheu a mão e se forçou a desviar o olhar, o que em nada ajudou a controlar seu desejo. Levantou-se abruptamente e foi até o pé da cama.

Ava ergueu-se, apoiada no cotovelo e fitou-o com os olhos arregalados.

— Senhor? Deran? O que...

— Nunca o viu antes, esse tal Pontoise?

Fez sua expressão mais solene e usou um tom de voz impessoal. Andar o fazia se sentir mais sério.

Ava franziu ligeiramente a testa.

— Não. Já lhe falei antes. Mas ele diz que lhe pertença. Talvez tenha sido ele quem nos mandou aqui. Talvez conheça meu tio.

Era possível. Se descobrissem em que navio os Fychon estavam, chegariam ao seu proprietário. Deran imaginava que essa informação apontaria na direção de Pontoise. Ou de algum sócio dele.

— E esse tal barão?

Aquela informação martelava em sua cabeça.

— Tudo que sei é que é suíço e que pagou muito dinheiro por mim. E que está impaciente. — Ava sentiu um arrepio e afundou mais no travesseiro. — Não quero viver com um barão suíço, nem com sir de la Pontoise. Não quero ser sua criada, nem babá de seus filhos, nem sua cozinheira, nem...

— Não é para ocupar um cargo entre a criadagem que ele a quer, Ava. Mas você não viverá com nenhum desses dois homens. — Virou-se para fitar seu rosto. — Você não pertence a ninguém, está me entendendo? Não sabe os detalhes por trás do que aconteceu com você, mas vem lutando contra sequestradores invisíveis desde que foi levada de Gales. Está lutando contra um destino cruel que ninguém jamais deveria ter de confrontar. Pessoas são compradas e vendidas, Ava, como se fossem bugigangas baratas. São levadas para fazendas para trabalhar na terra, mandadas para moinhos e fábricas, levadas para residências como domésticas e são tratadas como escravas. — Parou ao pé da cama. — Mas ninguém será seu dono. Ninguém. Não enquanto eu respirar. Não permitirei que isso aconteça.

Seus olhares se encontraram, e a distância entre os dois clamava para ser estreitada. Sentia-se o peso da expectativa rodopiando no ar, puxando-os para perto um do outro. Se ele reduzisse aquela distância, se a tocasse, não voltaria atrás. Com um pequeno gemido, forçou-se a recuar.

— Como? Como não permitirá que isso aconteça?

Ava não pôde ver a boca de Deran se torcendo. Como, ela perguntava? Ele era famoso por encontrar pessoas que não queriam ser encontradas. Raciocinando como um fugitivo, podia-se encontrar um fugitivo. Havia feito isso com sucesso por anos e encontrado todos, exceto a pessoa mais importante.

— Terá de confiar em mim. Simplesmente não vai acontecer.

Ava não ficaria satisfeita com essa explicação, ele sabia. Antes que exigisse detalhes, acrescentou:

— E vamos encontrar seus irmãos.

Moveu-se para o lado da cama, sentou-se na beirada do colchão e contou a ela o que ele e Max haviam descoberto sobre lorde Viller. Ava se lembrava dele e da discussão acalorada entre ele e uma senhora durante o jantar. Deran explicou as parcerias de negócios que Viller tinha com diversos donos de fábricas e moinhos, e como ele procurava crianças órfãs para trabalhar para eles. Viller falara a Deran

de cinco fábricas cujos donos, querendo expandir seus negócios, estavam aceitando até dez novas crianças por dia.

— Minha tia foi informada de que você está bem e não voltará para a casa dela. Seus pertences serão trazidos...

— Não! — Ava deu um pulo, os olhos reluzindo de pânico. — Não pode...

— Amanhã de manhã — prosseguiu ele, como se não tivesse sido interrompido —, partiremos para o Solar Tercy, propriedade de minha família em Hampshire, e procuraremos seus irmãos. Iremos a essas cinco fábricas, e se não estiverem lá, iremos a outras. Viller nos passou contatos em cada uma deles.

Essa informação a acalmou um pouco, mas ela balançou a cabeça, incrédula.

— Por que ele faria isso? Por que ajudaria você, quando é ele quem coloca crianças nesses lugares?

Deran apertou os lábios.

— Porque o que ele está fazendo é ilegal há quase vinte anos. Sua cadeira na Câmara dos Lordes estaria ameaçada, e seu nome e sua posição na sociedade e entre a nobreza seriam afetados negativamente, caso se espalhasse a informação de que está envolvido no mercado negro de escravos. Essas são boas razões para querer nos ajudar.

As lágrimas que inundaram os olhos de Ava o surpreenderam.

— O que houve? Chora ao receber boas notícias?

— Eu... eu não posso acreditar... que eu... que nós...

Ela irrompeu em lágrimas e cobriu o rosto com as mãos.

Deran olhou para ela, perplexo. Com tudo. Deveria estar rindo, sorrindo ao menos, não soluçando. As mulheres eram um mistério.

Seu pequeno gemido o comoveu. Pousou a mão sobre o ombro dela, como que para assegurar que tudo ficaria bem. Ela colocou a mão sobre a dele e o fitou nos olhos.

— Por favor. Você poderia... — Deslizou a mão sobre o braço dele e puxou-o suavemente. — Por favor. Eu preciso... não sei de quê. Preciso de você mais perto. Eu não deveria...

Deran tocou os lábios dela com o dedo.

— Isto — murmurou, afastando as cobertas e deitando-se ao lado dela. — É disto que você precisa. — Seus braços a envolveram e a puxaram para junto de seu corpo. — E eu também.

Ava não se conteve. Abraçou-o tão forte quanto ele a abraçava. Suas roupas finas impediam apenas o contato da pele. Aquela espécie de febre baixa que sempre existira entre eles começou a arder, o ritmo da respiração aumentou.

Com ela, nada era simples. Um abraço nunca seria apenas um abraço. A mente de Deran tentava persuadi-lo a pensar de outra forma, mas seu corpo se recusava a jogar o jogo, enquanto o desejo o dominava e obscurecia sua razão. Precisava parar antes que não fosse mais capaz. Ela era inocente demais, desconhecia as consequências de tamanha intimidade. No passado, ela havia se deixado conduzir, querendo mais, mas sem saber o que mais havia. Era a ele que cabia evitar aquilo.

Ava entregava-se ao calor do corpo dele, deleitava-se com seu toque firme e o absorvia. Nunca sentira na vida algo tão bom, tão perfeito, tão reconfortante. Era como quando ele a tinha beijado, quando a abraçara sob a chuva, fazendo seu corpo doer e formigar. Estava acontecendo de novo. Aquele calor entre as coxas criava uma deliciosa sensação, apenas com o abraço dele. A respiração de Deran em seu cabelo, o coração batendo contra seu rosto e a rigidez dele pressionada entre os dois; tudo aquilo devia ser causado pela mesma excitação que ela sentia.

— Eu não deveria querer isto, não é? — murmurou.

Deran abraçou-a mais forte e tentou apaziguar a torrente que corria por suas veias. O desejo imenso fazia seu corpo implorar pela satisfação proibida.

— Não existe “deveria”, cara Ava. Simplesmente acontece.

— Então é assim para você também?

Ele concordou com a cabeça.

— Sim.

O silêncio era total, exceto por suas respirações ofegantes e seus corações disparados.

— Posso tocá-lo? — sussurrou ela.

A respiração de Deran parou.

— Tocar-me?

Ela assentiu com a cabeça e deslizou a mão até o local onde sua cabeça estava deitada.

— Aqui. Sua pele. Eu estava pensando...

Deran foi tomado de alívio e frustração ao mesmo tempo. É claro. Ela queria tocar aquele local, nada mais. Ela imaginava, fantasiava. Assim como ele. Apenas problemas e culpa resultariam daquilo. Mas ele pensara nela daquele jeito com uma frequência alta demais, desejara suscitar os desejos do corpo dela, submetê-la aos seus próprios e se banhar na luz e na determinação ardente que ela emanava. Queria se deleitar em tudo aquilo.

Conhecia bem as técnicas de sedução de uma mulher. Sabia como estimulá-las e como mitigá-las; sabia como eram prazerosas quando realizadas com arte. Mas nada em sua experiência havia sido tão irresistível quanto a sedução não intencional de Ava.

Ela acariciava com os dedos a lapela de seu robe, aguardando permissão para se aventurar mais. O autocontrole dela era irritantemente incrível.

Mas ele falhou.

Ava pressionou os lábios contra seu pescoço. O toque úmido fazia sua pele derreter e seu desejo aumentar. As mãos dele deslizaram pelos cabelos dela. A suavidade de seda dos seus cabelos era mais divina do que ele havia sonhado. Inclinando a cabeça dela para trás, baixou os lábios até tocar os dela e beijou-a suavemente, mentindo para si mesmo que aquilo era tudo que ele queria, tudo que permitiria, pelo bem dela. Que estava apenas a reconfortando.

Mas ela tinha outras ideias.

Lembrando-se de suas instruções anteriores, ela retribuiu o beijo com uma volúpia que o incendiou. A boca de Ava se abriu primeiro, a língua timidamente tocou a dele, como combustível jogado sobre uma chama. Ele a deitou de costas, com o cuidado de permanecer deitado em ângulo, e beijou-a profundamente, explorando a maciez de sua boca, persuadindo sua língua a brincar com a dele. Deslizou os lábios até seu pescoço e beijou-o, passando depois para os ombros.

Ava soltou um gemido baixinho e tocou os cabelos dele, primeiro timidamente, depois com tanta intensidade que o deixou tonto. O prazer fazia vibrar a garganta e preenchia os ouvidos de Deran.

O robe de seda se abriu o suficiente para revelar uma estreita faixa de pele que se estendia até a cintura. Ele tinha vontade de rasgar aquele robe, de ver cada centímetro do corpo de Ava, de possuí-la com as mãos, com a boca, preencher suas profundezas quentes.

Como sabia que aconteceria, o desejo se elevava a níveis perigosos. Com qualquer outra mulher ele teria desligado a mente e se preocupado apenas em fazer amor, teria deixado o corpo guiá-lo. Mas Ava não era apenas um corpo a possuir. Queria mais que aquele breve alívio que estar dentro dela lhe proporcionaria. Deran se abalou ao perceber a importância que tinha para ele ter algo mais significativo com ela.

— Ava — murmurou, com a voz insegura. — Nós... — Baixou a cabeça até o peito dela e a abraçou com força para acalmá-la. Para ancorá-la. — Nós não devemos fazer isso.

— Não devemos? — Ela passou a mão pelos cabelos dele. — Por quê? Não entendo. Fiz algo

errado?

Inferno! Cerrou os dentes com tanta força que temeu quebrá-los.

— Não. É por isso que devemos parar.

— Porque eu *não fiz* nada errado?

— Sim, porque você não fez nada errado.

— Mas, Deran, eu... — Ela deixou a mão escorregar até as costas dele. — Explique isso para mim, por favor.

Ele se afastou e, calma e relutantemente, fechou o robe dela.

— Eu não posso. Simplesmente é assim.

Ela apertou os olhos, fitando-o.

— Explique, por favor.

— Ava — disse com um suspiro paciente —, isso não é algo que...

— Explique-me.

Ele ergueu uma sobrancelha e torceu a boca.

— Isso soa familiar.

— Deveria.

Deran assentiu com a cabeça.

— Lembro que você não se explicou muito bem quando eu lhe pedi.

— Você exigiu, como eu acabei de fazer. E eu expliquei, sim. Melhor do que você explicou isso.

Ele a fitou, pensativo.

— Sim, você tem razão, explicou. Perdoe-me, querida. Sua franqueza é... às vezes suas perguntas podem ser bem surpreendentes e nem um pouco...

— Próprias de uma dama. Eu sei.

— E não são coisas que deveríamos discutir.

Ergueu a mão interrompendo-a antes que ela apresentasse o argumento que ele já esperava.

— Mas como se trata de *nós*, deveríamos poder falar disso, eu sei. Sei muito bem. A explicação portanto é: você não fez nada de errado, o que nesta situação significa que tudo o que você fez foi bom. Bom demais. Ir adiante representaria comprometê-la ainda mais, algo que já fiz muitas vezes e não desejo fazer novamente.

Ava esperava algo mais sério; que tivessem de parar porque fizera algo que o desagradara.

— Não entendo. Tudo foi bom, mas você não quer mais.

Ele fechou os olhos.

— Não. Eu não disse que não quero mais. — Sacudiu a cabeça. — Maldição, não foi isso que eu quis dizer. Quis dizer que *não devemos* continuar.

Ele gemeu e cobriu os olhos com o braço.

— O corpo é meu, e deveria ser minha decisão se quero que ele seja comprometido, como você diz, ou não, e por quem. Prefiro que seja minha escolha, e não de outra pessoa.

Ela se deitou de lado e pousou a mão sobre o peito dele, sentindo nos dedos seu coração acelerado. Deitou a cabeça sobre o peito largo e sorriu quando ele acariciou seus cabelos. Aquele pequeno toque lhe transmitiu tanta paz que ela pensou que poderia ficar ali deitada por horas. Ficaram em silêncio por algum tempo até Ava falar.

— Se é porque você deveria estar com mulheres de berço, eu compreendo. Sempre serei uma camponesa de Gales, nada mais. E se é porque somos de países diferentes, compreendo também. Sempre foi um cavalheiro comigo, embora tenha dito que não, e eu pus suas boas maneiras à prova várias vezes. Errei nisso, *ie*, errei. Deixei meu coração me levar mais do que deveria.

A tentação de tocá-lo era enorme. Em vez disso, segurou o laço do robe e alisou o cetim macio.

— Isso é por causa do que aprendi nos últimos meses — continuou, baixinho. — Eu aprendi que num dia sua vida pode como sempre foi e no dia seguinte, ou até no mesmo dia, tudo pode ser levado, como a maré derrubando um castelo de areia. Você pensa em reconstruir essa vida antiga enquanto vive a nova vida, sabendo que ela também pode mudar tão rápido quanto a outra mudou. Você tenta não cometer os mesmos erros e tenta não sentir medo. E não recusa um momento de prazer, pois sabe que pode demorar muito até o próximo.

Ava se ergueu apoiada no cotovelo e olhou para ele de um jeito tímido, mas direto, com os olhos brilhantes.

— Você tinha razão quanto a eu não saber beijar. Nunca tinha feito nada com homem algum antes de você. Os prazeres que me deu estão no meu coração todo dia e se deitam comigo à noite. Eles são presentes magníficos. Se não podemos querer mais, ou se acha que não devemos querer mais, eu aceito. Mas se me deixasse escolher, eu pediria muito mais. Aceitaria todo o prazer que me oferecesse e retribuiria com todo o meu coração. Eu teria ficado contente em escolhê-lo como o meu primeiro.

Sorriu suavemente e beijou-o no rosto.

— Boa noite, milorde. Estarei pronta para partir quando quiser.

Capítulo XXI

O homem arrancou o chapéu e jogou-o sobre a cadeira de costume. Pegou um copo e uma garrafa de vinho do Porto. Era sua última visita àquele clube de Londres, e pretendia tornar aquela noite memorável. Pontoise ainda não sabia disso, mas a partir do dia seguinte, lorde Thomas Stewart III não estaria mais a seu dispor para ser manipulado ou para executar suas ideias impulsivas. Dez anos de tentativas de agradar Pontoise chegavam ao fim. Seu coração não estava mais envolvido nos negócios e não precisava mais do dinheiro. Com os contatos que tinha feito, poderia se arranjar bem sem o bastardo.

Sir Pontoise, de fato, pensou ele. Um título comprado, algo que qualquer um poderia comprar se tivesse os meios. Thomas sabia tudo sobre o homem, sempre fizera questão de saber tudo sobre as pessoas com quem fazia negócios. Nada era mais importante do que informações, e o que ele sabia sobre Pontoise seria valioso no futuro próximo.

Olhou as horas e se irritou. O bastardo miserável estava atrasado. Thomas deixara claro na festa quando e onde se encontrariam. Dois dias de viagem para que pudesse comparecer ao maldito jantar. Então o compromisso foi adiado, e agora tinha de esperar. Para falar daquela maldita galesa. Reposicionar a garota mais nova já fora suficientemente entediante, mas a mais velha...

Os franceses deveriam ter mandado para o inferno aquele maldito país dela quando tiveram chance.

Quando Thomas ergueu o copo para beber o restante do conteúdo do copo, o homem entrou no clube. Suas roupas caras contrastavam com sua situação financeira. A sobrecasaca verde-musgo e o colete de um verde mais escuro deviam ter lhe custado muitas libras, entretanto Thomas sabia que o guarda-roupa do homem fora comprado a crédito. O jogo era sua amante, e suas mãos haviam lhe esvaziado os bolsos.

O homem teve a audácia de parecer irritado ao se sentar na cadeira em frente a Thomas.

— Por que tínhamos de nos encontrar aqui? É público demais.

— Preferiria que nos encontrássemos em Covent Gardens, meu amigo? — Thomas serviu mais vinho do Porto e encheu uma segunda taça. — Soube que é frequentador. Queridinho das mulheres, segundo dizem.

Robert lançou-lhe um olhar gélido.

— Onde e com quem escolho me encontrar não é da sua conta, senhor.

— É da minha conta se eu assim decidir. — Tirou um charuto grosso do bolso do casaco. — Um homem deve saber o que seus inimigos sabem sobre ele, Rensleigh. Se você não souber, não conseguirá um ponto de apoio para sair desse buraco no qual se enfiou.

— Você é meu inimigo, então?

— Certamente não sou seu aliado. — Thomas cortou a ponta do charuto. — Basta. Diga-me o que quero saber. O que *ele* quer saber. Assim podemos ambos pôr um fim a esse aborrecimento infernal.

Robert observou-o acender o charuto com um graveto da lareira próxima. Engoliu em seco, irritado por ter deixado que lorde Stewart o intimidasse. Assumindo uma postura relaxada que não correspondia a como se sentia, cruzou as pernas e recostou-se na cadeira.

— Há boas e más notícias. Ela fugiu, para onde não sei, mas já está de volta.

Stewart baixou seu charuto. Tinha suor em torno do rosto.

— Que diabos quer dizer? Como assim, fugiu? Fugiu para onde?

Robert deu de ombros.

— Não sei, mas foi a pé, não chegou muito longe e já foi trazida de volta.

— Por você?

— Não, não por mim. Por meu primo, Atherton. Antes que pudesse me oferecer, ele saiu correndo atrás dela como um cão uivante. Minha mãe não teve nem mesmo a decência de sugerir que eu o acompanhasse.

Thomas olhou para ele com renovada repugnância. Um rato teria mais coragem.

— Ela sabia quem podia cumprir a tarefa, eu diria. Sabendo que não foi capaz de simplesmente ficar de olho na vadia enquanto ela estava em sua própria casa, foi uma sábia decisão de sua mãe.

Os olhos de Robert saltaram de ódio.

— Minha mãe não sabia nada sobre isso. Nem eu mesmo sabia nada sobre a srta. Fychon até a visita de Pontoise. E nem ele nem você descobririam, não fosse aquele maldito incidente no ateliê e a reportagem no *The Times*. E depois, no jantar, você... me informou que eu deveria me certificar de que ela não fosse embora, por ordens de Pontoise. Não pedi para me envolver nisso, pedi?

— Não, mas as recompensas são extremamente lucrativas, não são? Não está em situação de recusar tal quantia. Trabalho fácil por uma bela recompensa. Mas... — Thomas limpou uma mancha no casaco — ...você talvez nem sinta o cheiro dela, depois que Pontoise souber das novidades.

Robert ficou pálido.

— Não há necessidade de contar a ele, senhor. Como eu disse, ela não foi muito longe e já foi encontrada. Dou minha palavra que nada assim acontecerá de novo.

— Dá sua palavra? E isso é algo em que eu deva confiar, Rensleigh? É melhor esperar que sim, pelo seu próprio bem, ou estará na mesma situação da vadiazinha galesa. Ele voltará em uma semana e espera encontrá-la onde a deixou.

Robert fitou o fogo. Uma linha fina de suor escorreu por sua orelha. Thomas inclinou-se para a frente.

— Você não me contou tudo, não é, Rensleigh?

As mãos trêmulas de Rensleigh respondiam à sua pergunta.

— Ela não está na Mansão Culver, está?

Robert engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Não. Mas estará de volta antes de Pontoise retornar.

— Onde diabos ela está?

Robert estava tremendo agora e odiava Stewart por isso, odiava a si mesmo por isso. Ter medo de outro homem era a mais lastimável forma de se humilhar. Após concordar, dois dias atrás, em fazer algo que parecia ser tão simples, Robert ficara sabendo das coisas terríveis que aquele homem fazia. Viller o alertara que não fizesse nenhuma bobagem, pois isso poderia lhe causar grande mal, de natureza permanente.

“Após concordar em ser vigia deles, estará nadando com canibais”, ele advertira. As histórias da crueldade deles, do imperturbável desprezo para com os seres que comercializavam, deixara Robert sem dormir nas últimas duas noites. Sonhos terríveis em que fugia com uma só perna de um agressor, ou sacudia freneticamente na ponta de uma corda esticada. Se não precisasse tanto do dinheiro, teria desaparecido.

— Ela está com Atherton. Ele achou melhor que ficasse em sua casa até... Eles foram para o interior, mas como eu disse, estarão de volta antes de Pontoise retornar.

O rosto de Stewart ruborizou e ele segurou o charuto entre os dentes.

— Para o interior. O que ele fez, tirou férias com ela? E que diabos está fazendo aqui enquanto ela está lá?

As conversas ao redor viraram sussurros, e as cabeças se viraram na direção deles. Stewart sentou-se na ponta da cadeira.

— Onde quer que ela esteja, é lá que você deve estar, seu idiota. O sr. P. paga seus homens para se

anteciparem. Deveria tê-la observado melhor, Rensleigh, entendido sua mentalidade, seus objetivos. Na nossa atividade, essa habilidade torna uma pessoa inestimável. Você — apontou para ele com o charuto — não é inestimável.

Robert olhou ao redor nervoso, procurando um rosto familiar, caso precisasse de ajuda.

— Eu sei disso. Estou fazendo tudo que posso, senhor. Nunca fiz esse tipo de coisa antes. Vou me tornar melhor.

— Não se torne melhor, apenas faça seu trabalho *direito*, e já. — Stewart pegou o casaco e o chapéu e empurrou para trás sua cadeira. Terá mais uma chance de fazer direito, Rensleigh. Estarei de olho.

A viagem até o Solar Tercy levaria o dia todo de carruagem. Tinham saído de manhã cedo, e ao anoitecer Ava queria que a viagem acabasse logo. Achou que gostaria mais da viagem, sabendo que cada quilômetro que se afastava de Londres a colocava mais perto de seu objetivo e de sua família.

A viagem lhe trouxe de volta lembranças de outras longas jornadas, embora sacolejar dentro de uma carruagem acolchoada fosse um enorme progresso, comparado a carroças em mau estado e a porões de navios. Atravessavam colinas verdejantes e vastos espaços por onde gostaria de correr. Mas não iria reclamar. Ela era a razão daquela viagem e não seria nada prudente manifestar descontentamento. Não que o conde fosse se importar com seu descontentamento. Ele mal havia falado com ela ou demonstrado notar sua existência, desde aquela noite.

Observava-o agora, sentado em postura rígida no canto oposto ao dela, olhando a paisagem de testa franzida, como se desaprovasse as formações geográficas. O silêncio dele era mais uma prova de que estava ofendido com o que ela dissera duas noites antes, ou de que se arrependia daquela história toda, ou ambas as coisas.

Bickford e o conde se revezavam sentados no alto, junto ao cocheiro. Era lá que Ava queria ir, mas Deran tinha respondido com um enfático “não” quando ela pedira. Enquanto estava dentro da carruagem, Bickford pouco falava. Beth conversava amigavelmente, mas embora Ava gostasse dela, queria que a garota contivesse seus pensamentos. Uma dor de cabeça surgira pouco depois de saírem de Londres e não dava sinais de que passaria tão cedo.

Quando o conde anunciou que estavam a dois quilômetros do solar, Ava quase gritou de alegria. Ansiosa para finalmente ver seu destino, olhou pela janela e viu a luz alaranjada. A dor de cabeça desapareceu como num passe de mágica.

Estava familiarizada com castelos. Em Anglesey, *Mam Cymru*, a mãe de Gales, muitos tinham sido construídos pelo rei Eduardo I da Inglaterra, no fim do século XIII. Em cada uma de suas campanhas contra os galeses, um castelo era construído para não deixar dúvidas nas mentes dos nativos quanto a quem eram os novos soberanos. O Castelo de Beaumaris era o maior construído por Eduardo. Ava sempre caminhava ao longo de suas altas muralhas voltando da praia. Era a maior construção que já tinha visto.

O Solar Tercy era a segunda maior.

Não era rival para Beaumaris em altura, mas o era em comprimento. Do centro, longas alas mergulhavam e se elevavam em escadarias de padrões assimétricos. Era como se diferentes artistas tivessem acrescentado elementos ao longo dos anos, todos com uma noção similar do padrão, mas querendo imprimir seu estilo. Parecia uma pequena aldeia, com todas as casas ligadas às laterais da construção principal, todas enormes.

Deran aguardava com expectativa aquele momento, curioso para ver a reação de Ava ao ver a casa que era a sua preferida entre todas as outras. Tinha certeza de que, se estivessem sozinhos na carruagem, ela teria deixado sua empolgação explodir e teria suplicado para que o condutor acelerasse, ou abrisse as

portas ao reduzirem a velocidade chegando à entrada.

Sentia saudade daquele entusiasmo e sabia que tinha algo a ver com a ausência dele. Havia evitado Ava deliberadamente no dia anterior e naquela manhã. Seu comportamento na noite em que ela o procurara, comportamento que mostrava controle suficiente para garantir sua fidalguia, provara que, no que dizia respeito a srta. Ava Fychon, ele não podia confiar em si mesmo. Manter distância era necessário se quisesse cumprir a missão de levá-la de volta a Gales.

Esse pensamento o fez sentir um aperto no estômago. Era inevitável. Após encontrar os irmãos, ela voltaria para Gales. As palavras de Ava, de que ele deveria estar com uma mulher de berço e não com ela, não paravam de martelar em sua cabeça, como um amargo lembrete de suas responsabilidades para com a família. Levando-se em consideração apenas o *status* de seu nascimento, Ava tinha razão. Mas ele nunca fora de seguir as convenções. Estava a um mês de completar trinta e quatro anos, e continuava tão longe da perspectiva de se casar quanto um ano atrás.

As palavras dela o assombravam a ponto de deixá-lo agitado e lhe tirar o sono. Aquilo que dissera sobre o prazer que compartilhavam estar em seu coração dia e noite. Chamá-los de presentes, *magníficos* presentes. Maldição! Haviam se beijado, só isso. Haviam se beijado e se abraçado com tanto desejo que fazia sua cabeça girar. Presentes, pois sim... Parecia mais um maldito estorvo. As lembranças invadiam seus pensamentos todo o tempo, afastando-o das obrigações, fazendo-o querer mais dela e arrependido de não tê-la possuído quando tivera chance.

E era aí que estava a fonte de sua frustração. Não sabia em que direção apontá-la, se para ela ou para si mesmo. Suas últimas palavras ficavam batendo dentro de sua cabeça como as velas de um navio durante um vendaval.

Se me deixasse escolher... Aceitaria todo o prazer que me oferecesse... E retribuiria... Teria ficado contente em escolhê-lo como o meu primeiro...

Ele fechou os punhos e se atreveu a olhar na direção dela. No mesmo instante, como se tivesse sentido seu olhar, Ava se virou e os olhares se encontraram. Ela tinha o mais discreto e doce sorriso em seus belos lábios. Então ela fez o gesto que abalava seu coração. A mão pressionando o peito, um discreto aceno com a cabeça.

O agradecimento silencioso. Se estivessem a sós, ele a puxaria daquele canto e responderia explicitamente. Daria aos dois mais daqueles prazeres de que ela falara. Porém, mais prazeres teriam de ser mantidos na imaginação e afastados da memória. Se viesse a tocá-la novamente exigiria prazeres muito além daqueles que já haviam compartilhado.

E então, mais uma vez, jurou não tocá-la nem permitir que ela o tentasse. Sobrevivera àquela viagem. Dolorosamente, sim, mas sobrevivera. Não tê-la era algo de que era capaz.

Retribuiu seu agradecimento com um simples aceno de cabeça e se perguntou como diabos manteria aquela promessa.

Os criados do Solar Tercy ficaram sabendo com pouca antecedência da chegada do conde, mas a casa estava perfeitamente arrumada. Após entrar no suntuoso salão nobre, ele distribuiu ordens e os empregados correram para atendê-las. Todos, exceto a sra. Kitch, a governanta, a quem ele dissera que a srta. Fychon ocuparia o quarto de hóspedes na ala leste e que a srta. Beth ficaria em qualquer quarto disponível na mesma ala destinada aos criados.

Ava teve pouco tempo para admirar o andar térreo antes de o próprio lorde dizer, dispensando-a, que ela teria tempo para um banho antes do jantar. Caso precisasse de algo, bastava pedir a Bickford ou a sra. Kitch. Ele se retirou, então, anunciando que estaria no escritório e que não queria ser incomodado.

A sra. Kitch foi na frente. Enquanto se encaminhavam às escadas, Ava admirava os corrimões de

madeira, que brilhavam como ouro envelhecido, e os tons marrons e verdes da passadeira. Retratos, em número igual ao de degraus, cobriam as paredes e iam até o teto. A sra. Kitch virou ao chegar no alto das escadas e desapareceu. Ava segurou as saias e correu. Teria tempo para admirar tudo mais tarde. Não queria ficar para trás e se perder tentando encontrar seu quarto.

— Daqui a senhorita tem vista para o lago — disse a governanta, atravessando o quarto até chegar aos dois conjuntos de janelas compridas. — A menos que o céu esteja muito claro, não se pode vê-lo a esta hora do dia. Mas é lindo o sol entrando pela manhã.

A sra. Kitch acendeu lamparinas e um par de velas sobre a lareira. Afofou os travesseiros sobre a cama, abriu as portas de um grande armário e mostrou o quarto de vestir, o lavatório e o cântaro.

— Rose logo virá acender a lareira, a menos que a senhorita não queira — acrescentou.

Ava não sabia se queria ou não. Naquele momento sentia ao mesmo tempo calor e frio, nervosa como jamais havia se sentido. Olhou para a cama. Era grande o suficiente para acomodar metade das pessoas daquela casa. As colchas em tons de marrom e bronze pareciam pesadas e quentinhas.

— Não será necessário. Obrigada, sra. Kitch.

Ela virou-se para Beth, que ficara parada à porta.

— Por aqui então, senhorita. Seu quarto fica acima deste.

Beth lançou um olhar ansioso para Ava enquanto a governanta passava apressada por ela, saindo do quarto.

— Voltarei assim que deixar minha mala em meu quarto, senhorita.

Ava sabia que Beth tinha tanto medo de se perder quanto ela e lhe deu um sorriso para acalmá-la.

— Eu ficarei bem, Beth. Vá, antes que ela a deixe para trás.

Sozinha pela primeira vez naquele dia, Ava não se moveu do centro do quarto, que tinha o dobro do tamanho daquele que ocupava na casa do conde em Londres. A longa viagem, o silêncio tenso e o esforço para evitar o conde repentinamente tornaram-se um grande peso que sentiu nos joelhos.

Foi tomada por uma imensa sensação de solidão. Lorde Atherton estava fazendo mais do que ela jamais poderia esperar para ajudá-la em sua busca, mas o fazia para que ela fosse embora. Quanto mais cedo ele encontrasse e resgatasse sua família, mais cedo se livraria dela. Após os últimos dois dias suportando a fria companhia dele, estava convencida de que era essa a base de sua boa vontade. *Ie*, ele a queria fora de sua vida, e ela não podia condená-lo por isso.

Lágrimas obstruíam sua garganta. Sentiria saudade dele, já sentia saudade dele, já sentia como se tivessem se despedido. O mais triste era que não teriam chance de dizer últimas palavras a sós. Ele cuidaria para que isso não acontecesse. Não podia ficar magoada com a indiferença dele, tinha de se comportar do mesmo jeito. Se encarasse tudo aquilo como uma transação oficial entre duas pessoas com o mesmo objetivo, seria mais fácil.

Uma transação de negócios, disse a si mesma. Com a ajuda dele, ela cumpriria a tarefa, apertaria a mão do conde de Atherton como um cavalheiro faria e iria embora.

Capítulo XXII

Uma hora depois de ir para a cama, Deran ainda estava acordado. A viagem tinha desordenado sua mente e enrijecido suas costas, não conseguia encontrar posição. Precisava se exercitar, algo que gostava de fazer quando estava no campo. Um passeio pela manhã era do que precisava. Em Londres, planejava seus dias de forma a incluir uma caminhada toda manhã e prática de esgrima e pugilismo semanalmente. Pouco se movimentara esta última semana, e estava inquieto e mal-humorado.

Vestiu um robe, calçou chinelos e saiu para o corredor. Absorveu todo aquele silêncio impossível de se encontrar em Londres. A quietude de um mar calmo, o silêncio do topo de uma montanha, a tranquilidade capaz de aplacar sua agitação. Mas que não tranquilizou. Não o fez porque Ava ocupava o quarto no andar de cima. Fora tolice imaginar que um acre de corredores poderia distanciá-lo dela.

Sem rumo certo, desceu as escadas. Parado diante da impressionante coleção de livros adquiridos pelos Morissey ao longo de gerações, pensava só nela. Seu jeito distante na carruagem, o modo educado como conversava com ele durante o jantar, como se acabassem de se conhecer. Quando ele disse como iniciariam as buscas nas fábricas, ela concordou com a cabeça e não fez uma única pergunta. Qualquer outra pessoa teria apreciado sua atenção e deferência, mas Deran achara aquilo profundamente desconfortável. Ao fim da refeição, ele lhe desejou boa-noite friamente e deixou a mesa envolto numa nuvem de raiva.

A raiva ainda estava presente. Não teria paz durante a noite, ou nos próximos dias, se não a confrontasse. Era o que devia ter feito mais cedo. Deu meia-volta e se dirigiu de volta às escadas. Ela o provocara com sua postura submissa, e ele ia acabar com aquilo já.

Enquanto percorria os corredores, ensaiava mentalmente o que ia dizer. Sua raiva não o permitiria fazer qualquer coisa além de falar com ela, no entanto. Serviria como um escudo, uma arma, se necessário fosse, para se manter distante.

Ela era a única hóspede naquele andar, e pensar nisso lhe trouxe alguma culpa. Ela se sentiria solitária ali, mas não havia nenhum outro lugar onde pudesse ficar.

Ele a ouviu antes de chegar à porta do quarto. Ela a deixara ligeiramente aberta, como fazia em seu quarto em Londres. Após ficar aprisionada em espaços apertados, portas fechadas provavelmente a faziam se sentir confinada.

Não era a canção que cantara na festa. Era uma melodia mais simples, suave. Deran encostou-se na parede e ficou escutando, incapaz de ir embora. Não entendia as palavras em galês, mas reconhecia a melodia da canção de ninar.

Quando criança, Madeline cantava canções de ninar para seu irmão, Hayden, quando ele acordava com pesadelos. Sua voz doce de menina chegava até seu quarto, que ficava ao lado do de Hayden, e embora Deran não precisasse ser acalmado, se beneficiava também das canções.

Ava cantou diversos versinhos; sua voz ia abrandando e as palavras se suavizando, até pararem de vez. Deran ficou sem fôlego. Se ela saísse do quarto, não teria outra explicação para estar à espreita no corredor, senão a verdade. Tinha vindo falar com ela e seu canto o distraíra...

A voz dela interrompeu seus pensamentos. Não cantando, mas falando. Suave, porém suplicante e misteriosa. O sotaque era forte, lírico como seu canto, e atingia o coração dele.

Ele abriu a porta um pouco mais.

As cortinas estavam abertas e a luz leitosa da lua brilhava sobre a cama nua. Ela estava deitada no chão, em frente à cama, num ninho de lençóis e travesseiros. Um dos braços se estendia acima da cabeça

e mão repousava contra a lateral do colchão.

Deran piscou com força. Sua voz não vacilava e ela não se virou na direção dele, sem perceber sua presença. Ele escutava e observava em admiração confusa. Nem mesmo essa cama de cem anos feita à mão a seduzira. Sua tia tinha razão. Ela era muito esquisita... ou ao menos seu hábito de dormir no chão era muito esquisito.

Mais uma coisa a perguntar a ela, mas não agora. O que quer que fosse, não era para seus olhos ou ouvidos. Não deveria interferir em algo tão particular.

Foi embora tão silenciosamente quanto chegara e voltou ao seu quarto com mais perguntas do que tinha antes.

O Solar Tercy ficava a uma distância de trinta a sessenta quilômetros de diversas pequenas cidades onde havia moinhos e fábricas. Eles iriam àquelas de que lorde Viller falara a Max. Deran estimava que poderiam ir a duas ou três e voltar antes do anoitecer. Se não tivessem sucesso naquele dia, iriam para leste rumo a Braintree no dia seguinte. Iriam de carruagem em um grupo de quatro; Ava e Beth na carruagem, ele a cavalo.

Ava ouvia suas instruções enquanto tomava o desjejum.

— Eu preferiria ir a cavalo a ir confinada na carruagem, ainda que ela seja ótima.

Deran passou manteiga numa terceira fatia de pão.

— Você vai na carruagem. Não quero ter que me preocupar também com sua segurança.

— Minha segurança? — O garfo bateu contra o prato. — Fique sabendo, senhor, que monto muito bem. Posso facilmente me equiparar a você.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— É mesmo? É um desafio tentador, mas que infelizmente terei que recusar. Suas habilidades de amazona não serão testadas hoje, senhorita.

— Mas...

— Você vai na carruagem. Sem discussão.

Ele sorriu presunçoso. Opiniões conflitantes, com a última palavra sendo a sua. Que forma tremendamente satisfatória de começar o dia.

Ava agarrou o garfo e espetou o último pedaço de ovo. Era cedo demais para ele ser tão teimoso.

— Eu vou em cima. Nunca estive aqui e será a única oportunidade que terei de viajar pelo interior da Inglaterra. Certamente não me negará esse prazer, senhor.

Ah! O doce sorriso criado para transformar seu coração em açúcar. Ela aprendera rápido as regras do jogo.

— O que negarei a você, Ava Fychon, é o prazer que tem em me irritar.

Ela parecia chocada.

— Eu não faço isso.

— Faz isso tão bem quanto uma galinha irrita um galo.

Assim que disse essas palavras percebeu o erro que cometera. Era como segurar um pau alto no ar antes de atirá-lo para o cachorro.

Suas bochechas ficaram rosadas, então surgiu um sorriso malicioso. Aquilo não era um bom prenúncio para ele.

— Fique contente por eu não carregar uma espada, milorde. Seu comentário pede uma réplica à altura. Um golpe e tudo isso poderia estar acabado.

Sua virilha se contraiu em resposta ao brilho em seus olhos e às suas palavras incisivas. Maldição, seu corpo se mostrava um traidor quando ela estava por perto. Mas não tinha terminado ainda. Ainda

havia tempo para se esquivar.

— Nisso nós concordamos, srta. Fychon — respondeu, suavemente, subindo um pouco o guardanapo sobre o colo. — Um golpe e tudo isso *poderia* estar acabado, usando a arma de minha escolha. E não seria uma de aço. — Seus olhos brilharam e ele baixou o tom de voz. — Ao fazer ameaças, deve-se prever a resposta do oponente. Cuidado ao me ameaçar, querida. É muito mais estimulante do que você imagina.

Ela ficou mais que rosada desta vez, mas se recompôs depressa.

— Poderíamos voltar ao assunto em questão, senhor?

Ele ganhara o ponto. Não, ganhara a partida toda. Aquilo era mais que satisfatório. Era o triunfo total.

— Não sabia que tínhamos um assunto.

Mordeu sua torrada sem se importar que estivesse fria e a manteiga, seca.

— Temos. Meu pedido para viajar em cima na carruagem, e não dentro dela.

Ah, sim. *Esse* assunto.

— Você não pediu. Você declarou, e eu neguei.

— Certamente compreende meu desejo de ver o máximo que puder da Inglaterra, senhor. Não vi nada além da cidade, e quero ver muito mais. — Olhou para a comprida janela da sala de jantar. — Quero ver mais disso tudo. É de tirar o fôlego, não acha?

Aquela inocente doçura que colocava em sua voz quando queria estava presente.

— Seu tornozelo vai doer se não ficar com o pé para cima.

Ele ia agradá-la, mas não se renderia.

— Ele tem me incomodado pouco, mas obrigado por sua preocupação. — Doía bastante esta manhã.

— Darei um jeito de erguê-lo.

— Meu cocheiro tem temperamento difícil. — Fleck, dez anos mais velho que ele, levava a sério seu trabalho. — Não será a melhor companhia.

— A paisagem será minha companhia. Não preciso que ninguém me entretenha.

— O assento é duro e a espuma é fina. As rodas levantam muita poeira. Estaria muito mais confortável e limpa dentro da carruagem.

— Já passei por desconfortos piores, senhor, e sobrevivi a eles muito bem.

A derrota pairava no ar. Havia espaço para apenas uma pequena vitória.

— Muito bem. Pode viajar em cima. Eu havia pensado nisso antes, mas mudei de ideia após ver quanto apreciou o conforto da carruagem. Mas assim será melhor para ficar de olho em você.

Ava resplandecia com o sucesso.

— Sim, será, senhor. Obrigada.

— Não perturbe Fleck — acrescentou, sério. — Não deve distraí-lo com conversas ou perguntas sem importância. Isso está claro?

— Sim, senhor. Milorde. — O tom de superioridade dele tornara irresistível dizer isso.

Ele pousou a xícara e estreitou os olhos.

— Falando em conforto, seu quarto está de seu agrado?

— Ah, sim. E a vista é maravilhosa. Gostaria de ver o lago de perto, se possível.

Ele assentiu com a cabeça.

— E a mobília é confortável?

— Sim, obrigada.

— Fico feliz de ouvir isso. — Olhou as horas no relógio de bolso que trazia no colete. — Partiremos em meia hora. Será um longo dia, srta. Fychon.

Ela deu um sorriso radiante.

— Eu sei disso, senhor. Não ouvirá queixas. Agradeço mais uma vez pelo que já fez por mim e pelo que está fazendo agora. Não há palavras para exprimir minha gratidão.

Ela pediu licença, e ele se levantou e observou-a deixando a sala. O suave balançar dos quadris, os cabelos encantadores e a curva das costas aqueceram seu sangue. Jogou-se de novo na cadeira, olhando para a outra, na qual ela estava sentada. Jamais imaginara que poderia apreciar uma companhia feminina ao café da manhã.

O pensamento não provocou palpitações ou tontura. Não era desconcertante, o que em si só era algo desconcertante. Mas era tolice permitir que tais fantasias existissem. Ela logo partiria; ele *precisava* que ela partisse logo, pelo bem de ambos.

Como Ava não ia na carruagem, Deran mandou Fleck preparar a carruagem leve e dois alazões. Beth não foi.

— A srta. Fychon irá com você.

Fleck ficou pálido e Deran sorriu.

— Ela não irá incomodá-lo. E se incomodar, me informe imediatamente e ela irá para dentro da carruagem.

Fleck concordou, contrariado.

Deran ajudou-a a subir ao assento do cocheiro, e na mesma hora teve dúvidas sobre ela viajar ali. Era muito alto e não tinha apoios ou alças para se segurar caso sacudisse demais. Mas a expectativa e a empolgação de Ava afastaram a ideia de voltar atrás em sua decisão.

Montou seu cavalo cinza e o conduziu até a carruagem. Daquele ponto de vista, ela parecia uma pilha de nervos. Tinha as juntas dos dedos brancas, as bochechas pálidas e mordia o delicioso lábio inferior.

— Srta. Fychon. — Baixou os olhos e fitou suas mãos. — Ava — murmurou.

Isso chamou a atenção dela. Virou rapidamente a cabeça, de olhos arregalados.

— Não será permitido que mude de ideia e viaje lá dentro.

— Mas não quero viajar lá dentro. Achei que tínhamos concordado com isso no café da manhã.

— Sim, concordamos, mas parece incerta agora que está aí em cima.

— Não estou nem um pouco incerta, senhor. É aqui que quero ir.

Ele viu o brilho quente em seus olhos verdes. Primeiro, nervosismo, depois, raiva. Inferno! Ele estava apenas tentando cuidar dela. Se preferia ficar sacolejando ali em vez de passear em assentos acolchoados, que assim fosse.

Virou seu cavalo rapidamente e se dirigiu a Fleck.

— Só iremos parar em caso de emergência.

Fleck assentiu com a cabeça e lançou sobre ela um olhar rancoroso. Ela olhava reto, ignorando ambos. Deran estalou a língua e eles partiram.

Era bonito, mas não tão bonito quanto Penmon. As colinas eram suaves, as árvores se aglomeravam em grupos. O mato era verde, mas ralo, não alto e denso como em sua terra. Oh, mas era divino estar voando contra o vento! O calor do sol quando as nuvens se abriam, o vento batendo no rosto e soprando nos ouvidos, os cheiros penetrando as narinas. Terra, mato, árvores, cavalos. Se ainda tivesse os dentes no fim do dia, faria uma prece especialmente longa em gratidão, mas não reclamaria do desconforto da viagem. Estava ao ar livre, mais livre do que estivera em semanas, e estava indo ao encontro de sua família.

Ava imaginara tantas vezes os reencontros que era como se já tivessem mesmo acontecido. O alívio, a

alegria e o amor, os abraços e beijos. Sonhar com tudo aquilo acontecendo era demais, um anseio que doía em seu coração.

Não sabia quanto tempo se passara até começarem a aparecer cidadezinhas. Ficou mais alerta, sem desgrudar os olhos do conde. Ele reduzira a velocidade e agora trotava, sentado ereto sobre a sela. Causava grande impressão em seu cavalo cinza mesclado. Tinha as costas retas, usava uma casaca de equitação cinza-escura, cuja cauda se abria sobre os flancos do cavalo. O chapéu combinava com a casaca, e seus cabelos escuros ultrapassavam em muito os limites do chapéu, caindo sobre o colarinho da casaca. Ele examinava a área e seu perfil se delineava forte e orgulhoso. Ela admirava as linhas longas e retas de seu nariz e seu maxilar quadrado. Observá-lo causou um calor familiar no centro do estômago que se espalhou pela pele.

Precisava encontrar sua família antes que perdesse ainda mais do seu coração para o conde de Atherton.

Ele ergueu a mão sinalizando para pararem.

— Chegamos? — perguntou Ava a Fleck.

— Não sei, senhorita. Nunca estive aqui e não sei o que estamos fazendo.

— Estamos procurando minha família — murmurou Ava.

O conde aproximou-se da carruagem.

— Aquela chaminé — disse, apontando para a direita. — É para lá que estamos indo. Lembre-se do que combinamos.

Ava assentiu com a cabeça impacientemente.

— Você se apresentará e dirá que está procurando seu sobrinho que desapareceu da casa de sua irmã há algumas semanas. Se disserem que Ithel está lá, voltará para me chamar, para confirmarmos que é ele. Eu serei sua sobrinha.

E você negociará o preço de sua libertação.

Ava odiava a ideia de ele gastar seu dinheiro por ela, ou por Ithel, mas tinha total intenção de pagar de volta.

Deran pousou a mão sobre a dela. Mesmo através da luva o toque mexeu com seu coração. A esperança nos olhos de Ava o fez desejar abraçá-la forte. Apertou a mão dela e sorriu.

— Está preparada?

Ela apertou a mão dele em resposta e sorriu nervosa.

— Muito.

Ele foi na frente, subindo uma rua estreita em que se amontoavam pequenas casas de pedra e tijolo. Moradores apareciam nas portas e fitavam-nos com olhar triste ao passarem, como se assistissem a uma procissão de funeral. Uma mulher com um bebê no colo e três crianças pequenas agarradas à sua saia puída tinha no rosto um olhar de terror. Ela voltou correndo para dentro de casa. O coração de Ava apertou ao ver sua evidente pobreza e como protegia seus filhos. Será que ela pensava que estavam lá para tomá-los dela e levá-los para a fábrica? Ava sorriu para mostrar que não representavam ameaça, mas a mulher desaparecera.

Voltou sua atenção novamente para a estrada. De repente, ouviu-se um grito, seguido de apupos e assobios altos, vindos de trás deles. Ava olhou por cima do ombro e viu várias crianças tentando alcançar a carruagem, todas brandindo galhos de árvore grossos. Agarrou-se à beira do assento e começou a dizer algo a Fleck quando um baque forte na porta da carruagem a fez dar um salto. As crianças se divertiam e riam, atingindo as rodas com suas espadas improvisadas, golpeando os eixos e batendo contra as portas.

— Malditos! — murmurou Fleck. Ele gritou com as crianças desordeiras: — Sumam daqui, suas

pestes, ou se verão com isto!

Ergueu um chicote de couro de modo intimidador.

Irritada com a ameaça, Ava virou-se e tentou agarrar seu braço, mas não chegou a conseguir. Sua cabeça voou para a frente com tanta força que ela quase tombou. Deu um grito, sem saber o que acontecera, sentindo uma pontada forte na nuca e uma profunda dor no ouvido.

O barulho repentino de cascos provocou uma gritaria dos garotos. Ava levantou a cabeça dolorida e viu o conde aproximando-se veloz, a casaca esvoaçando furiosamente. Parecia um pirata vingativo e aristocrático.

As crianças largaram seus paus e se dispersaram num turbilhão de gritos.

A carruagem parou e Ava virou-se para Fleck. As distrações não reprimiram sua ira.

— Como ousa ameaçá-los com um chicote! São apenas crianças. Não queriam...

— Você está bem? — berrou Deran antes de chegar à carruagem. — O que aconteceu?

Ava sacudiu a cabeça e sentiu um arrepio. Parecia que tinha carvão quente na nuca.

— Não sei bem. Ouvi um barulho...

— Pedras — resmungou Fleck. — Estavam atirando pedras, milorde. E enfiando paus nas rodas.

Tentei pará-los, mas... — Lançou um olhar acusador para Ava. — A senhorita interferiu.

Deran franziu as sobrancelhas olhando para Ava.

— Meu Deus, você está sangrando...

— O quê?

Ela tocou a nuca e olhou para a mão ensanguentada.

— Uma pedra deve ter me atingido. Não sabia o que era quando minha cabeça...

Fleck ficou tenso.

— Foi por isso que tombou para a frente? Pensei que estivesse tentando tomar as rédeas de minhas mãos. — Olhou para o conde pedindo desculpas. — Desculpe, milorde. Eu não sabia...

Mas Deran não estava escutando.

— Desça — ordenou a Ava, estendendo o braço. — Já.

Ela balançou a cabeça e imediatamente se arrependeu. Tudo rodou e ela temeu desmaiar. A dor era intensa. Sua testa pingava suor.

— Só um momento, senhor.

No instante seguinte ela saiu do assento e foi colocada sobre o cavalo, à frente de um conde irritado.

— Vá — disse a Fleck, apontando na direção da fábrica. — Irei atrás de você.

Sem hesitar, Fleck pôs a carruagem em movimento e Deran o seguiu.

Ava começou a reclamar por estar esmagada contra o peito dele. Seu vestido estava levantado até os joelhos e seu cabelo, caído sobre o rosto.

— Nem uma palavra — disse, fervilhando de raiva.

Muito bem, pensou Ava, mal-humorada. Até seu maxilar doía.

Capítulo XXIII

Antes de entrar na fábrica, Deran lavou o ferimento de Ava com a água de beber que haviam trazido. Ao terminar, mandou que entrasse na carruagem. Para surpresa dele, ela entrou sem objeção. Ele fechou a porta firmemente e deu as costas.

Ava abriu a porta.

— Senhor?

Ele se virou, com as mãos nos quadris.

— O que foi?

— Você ainda virá me chamar se lhe disserem que Ithel está aqui, não é?

A raiva nos olhos dele se esmaeceu um pouco.

— É claro que virei. Mas não vai sair daí até eu vir chamá-la.

— Sim, eu já tinha entendido, obrigada.

Ela fechou a porta com mais firmeza do que ele fechara antes e se largou sobre as almofadas. Que confusão. Não foi culpa dela. Não tinha feito nada para instigar o ataque daquelas crianças. Elas estavam zangadas e tentavam apenas impedi-los de atravessar sua cidade.

Apertou as mãos, fechou os olhos e se curvou para baixo. De seus lábios jorraram preces pedindo que seu irmão estivesse lá e que as crianças daquela cidade fossem poupadas de ter o mesmo destino que ele. Orou por lorde Atherton, agradecendo por sua ajuda e coragem. Orou por seus pais, assegurando a seus espíritos que estava fazendo tudo que podia pelos seus filhos. Sem notar as lágrimas que derramava sobre o colo, disse a eles quanto sentia sua falta e quanto os amava. Orou até a porta da carruagem se abrir.

Ergueu rapidamente a cabeça. A dor que irradiava da nuca até o alto da cabeça fora esquecida. O conde tirou o chapéu, entrou na carruagem e sentou-se em frente a ela.

Apertou os lábios ao ver seu rosto molhado e seus olhos vermelhos. Sabia que aquela empreitada seria difícil para ela, mas não esperava que ele próprio fosse sentir tamanha angústia.

As condições de vida precárias da cidade já haviam sido um baque, mas a fábrica o abalara ainda mais. Os odores úmidos de corpos sujos e do ar pútrido penetravam por suas narinas enquanto era conduzido por fileiras de máquinas até o escritório do mestre, nos fundos do andar térreo. Os barulho metálicos das máquinas preenchiam o ambiente, um som mecânico que lembrava o de uma artilharia. Apenas mulheres operavam as máquinas e nenhuma calçava sapatos. Seu coração parou ao ver uma criança pequena rastejando por baixo de uma das máquinas para varrer um algodão. A criança ressurgiu ileso e entrou apressado embaixo de outra máquina.

O mestre estava nervoso com sua presença. Gaguejando, jurou ao lorde que não havia nenhuma criança de nome Ithel Fychon a seu serviço. Deran insistiu em ver uma lista de empregados, e o homem imediatamente concordou. Estavam listados por ordem de chegada, facilitando a procura. Voltando seis semanas, examinou os nomes. As idades e as datas de início do trabalho estavam anotadas. Pelo menos trinta crianças haviam sido admitidas desde o fim de julho, e Ithel não estava entre elas. Imaginando que seu nome pudesse ter sido alterado por alguma razão, Deran deu ao mestre uma descrição do garoto, acrescentando que ele tinha forte sotaque galês. Explicou que seu “cunhado” era de Gales e a criança fora educada lá. O mestre negou enfaticamente que tal criança trabalhasse naquela fábrica e desejou a Deran boa sorte em sua busca.

Ele nada falou, mas Ava sabia. Ergueu os ombros e levantou o queixo.

— Eu orei, mas não esperava que ele estivesse aqui. Teria sido fácil demais, não?

Seus lábios desenharam um sorriso tenso.

Deran deu um sorriso discreto.

— Acho que sim. — Inclinou-se à frente e pegou as mãos dela que estavam sobre o colo. — Está em condições de continuar? — perguntou baixinho, já sabendo a resposta.

— Não faria outra coisa senão continuar.

O sorriso de Deran se estendeu aos olhos, e ele ficou imóvel, fitando-a. Havia feito uma bandagem com o lenço de mão dele, prendendo-o em torno do pescoço com sua fita de cabelo. A fita dourada, amarrada à frente num laço, subia e descia quando ela engolia. O gorro que colocara pela manhã, e já tirara há muito tempo, estava agora de volta, preso de qualquer jeito com grampos. Uma mecha de cabelo, com uma fina cortina dourada, caía sobre o seio. Seus olhos, úmidos de lágrimas, pareciam o mais verde dos lagos, em que ele poderia mergulhar até o fundo e lá ficar por algum tempo.

— Você é extraordinária, Ava Fychon.

— E o senhor também, lorde Atherton.

Ainda segurando as mãos de Ava, inclinou-se ainda mais à frente e tocou os lábios dela com os seus, muito levemente. Ela soltou um suave gemido quando ele se afastou.

As bochechas dela estavam rosadas novamente, e seus olhos, mais escuros. Sim, ela sentira o mesmo que ele.

— Estamos a apenas alguns quilômetros da próxima cidade — disse Deran, pegando o chapéu. — E a terceira fica quatro ou cinco quilômetros depois. Podemos almoçar lá, antes de voltarmos para o solar, se quiser.

Ela assentiu com a cabeça.

— Desculpe pelo aborrecimento que causei. Não fazia ideia de que nossa chegada provocaria tanto tumulto. Sua carruagem sofreu com isso, receio.

Ela havia visto os amassados provocados pelas pedras e se sentiu culpada.

Os olhos dele escureceram.

— Acho que ambos aprendemos algo vindo aqui, Ava. O humor das pessoas é uma de muitas lições. — Desceu da carruagem e fez uma pausa ao fechar a porta. — A carruagem é substituível. Você, entretanto, não. Você irá aí dentro.

Fechou a porta, devagar.

Só depois que a carruagem se movimentou ela voltou a respirar. Quando a beijou e disse palavras doces, ela simplesmente não conseguia pensar com clareza. Cada encontro com ele era pior que o anterior, ou melhor, se pensasse nele como uma fonte de alegria e não de perigo.

Dentro da carruagem, ela observava a paisagem. Tentou parar de se preocupar com o sir dos infernos e com a reação dele quando descobrisse que tinha partido. Lorde Atherton a tranquilizara, e ela acreditava em suas palavras, mas ele não sabia o mal que ela enfrentara. O conde não parecia estar preocupado com ele, entretanto. Como podia permanecer tão calmo?

E Mairwen? Ela não estava com Ithel. Uma vez que ele fosse encontrado, teriam que iniciar uma busca por Mairwen, e isso iria requerer mais tempo do que Ava dispunha.

Ela queria, ou melhor, *precisava* ter fé em lorde Atherton, mas isso não era fácil.

As buscas nas outras duas cidades foram infrutíferas. O clima era de desolação durante a refeição que fizeram, com carnes, queijos e pão. Depois, retornaram ao Solar Tercy sem incidentes. Ava falou que estava com dor de cabeça e queria deitar.

— Eu a levarei ao seu quarto — Virou-se para Bickford que estava em frente à porta. — Peça a sra.

Kitch que leve a caixa de remédios ao quarto da srta. Fychon.

— Está bem, senhor.

Subiram a escadaria em silêncio, mas muito estava sendo dito. Cada degrau acrescentava mais palavras não ditas, e a crescente tensão emocional era sentida no ar. Ao chegarem à porta do quarto de Ava, ele não soltou seu cotovelo. Virou-a de frente para ele.

— Você vai ficar bem?

— É claro. Só preciso descansar um pouco.

O conde sorriu e acariciou seu rosto com o dedo.

— Teve um dia agitado.

— Não mais que o seu. Eu, ao menos, tive o luxo de viajar numa carruagem.

Com o dedo sob seu queixo ele a forçou a erguer a cabeça. Seus olhos, escuros e misteriosos, buscavam o rosto dela. Ava estava aterrorizada com a ideia de que ele dissesse algo que alterasse sua vida de uma forma que ela não poderia aguentar naquele momento.

— Ava, eu...

Ela pressionou os lábios dele com os dedos.

— Por favor, não. Não precisa dizer nada.

Deran afastou a mão dela de sua boca.

— Não é verdade. Há muito a dizer, mas agora não é a hora. Descanse. Eu a vejo no jantar.

Beijou as costas de sua mão e virou-se.

Bickford o aguardava com uma mensagem.

— Foi entregue no fim da manhã, senhor. É do sr. DiSanto.

Deran pegou a carta e desceu o corredor. Bickford o seguiu.

— Mas ele esteve aqui?

— Não, milorde. Foi entregue por um mensageiro. Mas o sr. DiSanto virá visitá-lo durante sua estada.

— Bickford fez uma pausa. — Já sabe quanto tempo ela durará?

Ele entrou no escritório.

— Não. Durará o necessário para encontrar a família da srta. Fychon.

Bickford fitou o conde, que se atirou sobre uma poltrona de couro.

— Não sabia que estavam desaparecidos, senhor.

— Pior que desaparecidos, Bickford. Foram arrancados de casa, e eu vou encontrá-los.

Rompeu o selo da carta e começou a ler, mas parou ao se dar conta de que Bickford não havia se retirado. Lançou a ele um olhar impaciente.

— Sim, o que foi?

— Minha pergunta pode esperar, senhor. Vou preparar seu banho.

Inclinou a cabeça e fez menção de partir.

— Que droga, Bickford! — berrou Deran. — Diga o que está pensando. Se o que quer saber não for de sua conta, eu lhe direi.

Bickford deu meia-volta.

— Muito bem, senhor, já que insiste. Foram os pais dela que desapareceram?

A cara de Deran se fechou.

— Foi um sequestro, Bickford. Foram tirados de suas casas sem consentimento, sem aviso, e mandados sabe Deus para onde. E não, não foram seus pais, mas sim um irmão e uma irmã.

— Mais novos, senhor?

— Sim. Nove e catorze anos.

Bickford pestanejou.

— Eu imaginei, mas o relato de Fleck do infeliz incidente perto da fábrica confirmou. Ele me informou do que aconteceu.

Deran amassou o canto do papel entre os dedos.

— E o propósito de sua homilia será revelado antes que eu morra sem ar?

Percebendo a impaciência do lorde, ele se apressou.

— Se está interessado em fábricas, talvez eu possa ser útil.

Deran ficou em silêncio.

— E como?

— Tenho parentes gerenciando várias delas. Não é algo que eu conto por aí com orgulho, senhor.

Angus Bickford fazia parte da vida de Deran desde a infância, e nem uma única vez ele pensara sobre a família dele. Bickford não folgava nos feriados, e jamais recebia visitas de parentes nem mencionava familiares. Talvez uma irmã, muito tempo atrás.

— Parentes?

— Arthur. Um irmão mais novo. Após a morte de nossos pais, nosso tutor o mandou para uma fábrica. Ficou lá muitos anos e se tornou uma espécie de mentor para os mais novos. Foi libertado com vinte e tantos anos, mas ficou para promover melhorias nas condições de vida dos trabalhadores. Algum tempo atrás, ele me escreveu contando de seu sucesso. Ele possui algumas fábricas entre Sussex e Wiltshire. Terei prazer em averiguar com ele para o senhor.

Ergueu ligeiramente o queixo.

Claramente não fora fácil para ele revelar aquela informação.

— Obrigado, Bickford. A srta. Fychon agradecerá qualquer ajuda nesse sentido. Eu lhe darei os detalhes.

— Está bem, senhor. Seu banho estará pronto num instante.

Saiu do escritório e fechou a porta silenciosamente.

Deran baixou a carta lentamente e fitou a larga porta de madeira. Só recentemente ele havia aceitado o fato de que, com a chegada de Ava Fychon, seu mundo mudara para sempre. E agora Bickford aparecia com outra surpresa para ele. Elas jamais teriam fim?

A carta de Max respondia àquela pergunta com um sonoro “não”. Depois que Deran partiu de Londres, novidades relacionadas à sua pessoa se tornaram do conhecimento de Max. Ele chegaria amanhã para falar sobre isso. E alertara Deran para que esperasse também a chegada de familiares envolvidos, especialmente lorde e lady Charnock. Outros provavelmente também viriam.

— Outros — resmungou Deran. — Que diabos você fez, DiSanto?

Porém não era Max o responsável por essa repentina migração familiar da cidade para o campo. Uma conversa no Clube Brooks, entreouvida por conhecidos de Deran, causou tremendo alarme. Toda a cidade de Londres estava em alvoroço com a história de que o marquês de Rensleigh e lorde Stewart haviam trocado palavras acaloradas sobre o conde de Atherton e uma mulher, de quem falavam com flagrante desrespeito. A fofoca atraía mais interesse que a primeira página do *The Times*. O furor era ainda maior devido à promessa do marquês de ir atrás do conde para confrontá-lo.

A carta terminava com uma nota enigmática a respeito de informações sobre o passado da srta. Fychon, que Max obtivera através do irmão de Winston Thornton, em Gales.

Após ler pela segunda vez, Deran amassou a carta e foi à mesa de bebidas, o sangue espumando como a maré alta. Rensleigh. Que ser humano desprezível e medíocre. As crianças que ele vira hoje mereciam o título dele mais do que aquele traidor. O título que herdaria de seu pai era bom demais para ele. Na

verdade, não merecia nada mais elevado que o título de Imbecil.

Deran tomou um longo gole de vinho do Porto, e a ardência que ele provocou só serviu para deixá-lo com o sangue ainda mais quente. Então deveria esperar que o marquês de Rensleigh lhe fizesse uma visita.

Robert Trenor. Lorde Imbecil.

Que divertido.

— Onde está a srta. Fychon? — Deran estava sentado sozinho na sala de jantar havia dez minutos. — Não avisaram a ela que o jantar está servido?

Bickford confirmou com a cabeça.

— A srta. Beth a avisou, milorde. Talvez a srta. Fychon ainda esteja se vestindo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Está se vestindo? Teve três horas para isso. Chame a srta. Beth.

Momentos depois, Beth, trêmula, estava diante do conde, na outra ponta da mesa. Não teve tempo de fazer uma reverência antes que ele perguntasse onde estava sua hóspede.

— No quarto dela, senhor. Milorde. Está sentada numa cadeira, e quando a chamei, ela não respondeu. Creio que está dormindo, senhor.

Ele imaginou-a dormindo na cadeira na casa de sua tia e lembrou-se de sua reação àquela estranha visão.

— Imagino que precise descansar. O dia foi...

Dispensou Beth.

Jantar só era triste e piorava seu estado de espírito. A conversa agradável com uma pitada de gracejos o deixara querendo mais. Mais de tudo. Mais dela.

Vagou pelos cômodos do andar térreo e, quando acabou o espaço, foi para fora da casa. A noite estava fria e úmida, o ar, repleto de odores do campo. Percorreu o longo caminho até chegar a uma abertura na cerca densa que levava a um dos campos abertos da propriedade. A meia-lua iluminava a fina camada de neblina que pairava sobre o solo.

Era surpreendentemente boa a sensação de ter aquelas preocupações que tinha no momento. Em quem mais ele já pensara além de si próprio? Além de ocasionais preocupações com os negócios, ou com dilemas familiares, sua vida era narcisicamente desregrada. O que ele antes considerava preocupações eram aborrecimentos triviais se comparadas à miséria das pessoas que ele vira hoje.

Sua irritação já havia diminuído quando chegou a um grupo de ulmeiros na primeira colina. Aproximou-se lentamente da sombra escura no centro das árvores. Fazia dez anos que não ia ali. Evitara as memórias de criança e a dor de adulto que essas lembranças evocavam.

No outono de seu sétimo ano de vida, ele e o pai construíram a estrutura simples, de quatro paredes, de uma cabana de criança. “Todo homem precisa de um lugar para onde fugir”, seu pai lhe explicava enquanto carregavam preciosos pedaços de madeira até o local recluso. Um lugar para ficar longe das meninas e organizar as ideias.

No fim do ano, finalizada a construção da cabana, Deran ia até lá sempre que possível. Madeline jamais a encontrara, até onde ele sabia. Três anos depois, Hayden nasceu. No ano em que entrou para a Marinha, ele o levou à cabana pela primeira vez e realizou um ritual solene, deixando-a sob os cuidados de seu irmão de sete anos. Hayden lhe dera a máxima atenção, compreendendo a importância da ocasião. A palavra final de Deran foi de que, quando voltasse, dividiriam a cabana, como homens.

Jamais aconteceu. Hayden desapareceu um ano antes de Deran vender sua patente. Assim como o irmão, Hayden amava o mar, mas não queria saber do serviço militar. Aos dezesseis anos começou a

trabalhar para a Companhia das Índias Ocidentais, viajando pelas longas rotas entre a costa da Inglaterra e os portos da Índia, negociando mercadorias britânicas por especiarias, seda e chá. Piratas atacaram o navio durante uma expedição perto do Ceilão. Dezenas de tripulantes foram mortos ou desapareceram no mar. Hayden não voltou para casa e seu corpo nunca foi encontrado. Tinha vinte e dois anos. Os irmãos não se conheceram bem nem conviveram por muito tempo, mas sete anos depois Deran ainda sentia saudade dele. E ainda carregava culpa por ter fracassado em encontrá-lo.

Deran deu a volta na estrutura que outrora parecera enorme. A sensação de perda que tinha quando se lembrava de Hayden era maior ali, mas esta noite foi tomado por uma determinação. Determinação de que Ava jamais sentisse aquilo. Faria tudo que pudesse para poupá-la daquela sensação, mesmo que para ajudá-la tivesse de perdê-la.

Não deixaria que isso acontecesse também.

Capítulo XXIV

Nenhum barulho vindo do quarto dela esta noite. Após voltar correndo dos campos e subir correndo as escadas até o quarto de Ava, estava ofegante e com o coração disparado. Bateu de leve na porta. Um longo momento se passou. Bateu novamente e respirou fundo. A porta se abriu.

— Lorde Atherton. — Fitou seu rosto com olhos ansiosos. — O senhor está bem?

— Sim.

Seus cabelos pendiam sobre a coberta que ela apertava contra o peito. Parecia incrivelmente jovem e absolutamente inocente. *Saia. Já.*

— Não. Creio que não.

— O que houve? Está doente?

— Não, Ava, não estou doente.

Estava nervoso, droga, mas não doente. Nunca ficava nervoso perto de mulheres. Muito ao contrário. Respirou fundo.

— Posso entrar, por favor?

— Entrar? — Ela apertou os lábios. — Isso é uma boa ideia, senhor?

Ele deu um ligeiro sorriso.

— Ficarei contente em responder essa pergunta. Aí dentro.

Passou por ela, pegando seu braço. Ela correu na frente dele e parou, resoluta, agarrando com mais força seu cobertor.

— Acho que não é uma boa ideia. — Sua voz estava hesitante. — Na verdade, lorde Atherton, eu *sei* que não é uma boa ideia.

Deran abriu um sorriso lentamente. Gostava quando ela usava seu título. Significava que estava tentando ganhar controle, o que significava que temia perdê-lo, o que significava que ele tinha mais que ela.

— Para mim, o que não é boa ideia é ficar longe de você. — Fechou a porta. — Não consigo mais fazer isso, srta. Fychon.

Deu um passo à frente, forçando-a a recuar.

— Não... Não consegue?

— Não, não consigo.

Ele tentou tocar seu rosto, mas ela agilmente deu um passo de lado, evitando o toque.

Maldição! Ele estava se saindo mal. Na verdade, estava muito fora de seu ambiente. Nunca procurava mulheres. Elas estavam prontamente disponíveis, e as mais atrevidas o poupavam de qualquer esforço. Simplesmente estavam lá, loucas para estar em sua companhia e para serem vistas de braços dados com ele.

Até aquele momento.

Entretanto, o medo de Ava não era a resposta que esperava receber, o que obviamente era total culpa dele. Devia cortejá-la com delicadeza, e não fazer pronunciamentos precipitados e se comportar como um homem rude e grosseiro. Possuía habilidades mais refinadas que aquelas.

Ele baixou a mão.

— Perdoe-me, Ava. Pensei somente em mim mesmo, algo que estou acostumado a fazer há muito tempo. Não queria assustá-la ou fazê-la pensar que está em perigo. — Sorriu, suavemente. — Ao contrário, eu lhe garanto.

Ela não estava convencida. Nem um pouco. Pois sabia por que ele estava ali.

— Não me assustou. — Inclinou a cabeça. — Mas não sei por que deveria confiar em você.

— Ah, você se refere a outras vezes em que estivemos a sós e temeu por sua reputação de donzela.

A expressão dela era zangada.

— Sim, isso.

Estar sozinha naquele lugar era diferente, entretanto. Aquele era o espaço dela, ainda que temporário.

Não era uma carruagem ou — não conseguia pensar naquilo sem constrangimento — a cama dele.

Estarem a sós ali parecia mais íntimo. Sentia-se mais vulnerável.

Olhavam-se fixamente nos olhos e a ligação invisível entre eles tornava-se palpável. A expectativa pairava no ar.

— Não precisa se preocupar, Ava. Estou aqui porque não consigo mais ficar longe e... — Deu um passo à frente, aproximando-se tanto que ela teve que levantar a cabeça para olhar para ele. — E para me certificar de que está bem.

Inclinou-se na direção dela, pendendo a cabeça. A respiração dela acelerou. Ela não via seu sorriso, pois ele olhava por sobre o ombro dela, examinando o pescoço enfaixado. Ele tinha certeza de que ela pensara que ele ia tentar beijá-la. Por mais que ele quisesse, aquela não era a hora. Não ainda.

Sua trança escondia o curativo. Ele afastou-a, tocou de leve a bandagem e impulsivamente beijou-a. Ela sentiu um arrepio, e foi necessário tremendo esforço para não abaixar a boca até aquele convidativo pescoço e saborear cada centímetro dele.

— Sua cabeça ainda dói?

Ela balançou-a.

— E o tornozelo? Está dolorido?

Balançou novamente a cabeça.

— Essa é uma boa notícia. — Olhou para a lareira atrás dela e franziu a testa. — Por que a lareira não está acesa?

— Eu não quis. Estou aquecida. — Rearrumou o cobertor sobre os ombros. — Isso é tudo, senhor? Agora já sabe que estou bem.

Ele sorriu.

— Então quer que eu vá embora tão rápido, Ava? Vai me expulsar como a um cachorro inconveniente?

— De forma alguma é como um cachorro, senhor. Esta é sua casa, afinal.

— Mas inconveniente, sim?

— Não. — Ela fitou-o. — Intrigante.

Ele não respondeu nem moveu seu corpo robusto, e ela deu um suspiro.

— Já que não parece que vai partir tão cedo, suponho que devamos nos sentar.

Ele tomou seu braço novamente e foram até as duas cadeiras colocadas em lados opostos da lareira.

Ela parecia tentar impedir que ele visse a cama, mas ele sabia que era o ninho de travesseiros e lençóis no chão o que a preocupava. Ignorando-o, ele ofereceu a ela a cadeira voltada na direção oposta. Ela se sentou e cobriu os joelhos com o cobertor, dessa forma descobrindo os ombros. Deran agarrou as costas da cadeira ao ver a pele nua.

Por Deus, ela não estava usando camisola? Engoliu um gemido e se sentou na outra cadeira.

— Quer falar sobre algo em particular, senhor?

Ela ajeitou o cobertor.

— Formalidades não são necessárias, Ava. Estamos a sós. Não há ninguém por perto, não é preciso essa pose.

Ela piscou os olhos rapidamente. Talvez ele não devesse ter chamado a atenção dela para o fato.

— Sim, eu sei disso.

— E, respondendo à sua pergunta, não, não há nada em especial que eu queira conversar. — Esticou as pernas, languidamente. — Como passa seu tempo aqui?

— Meu tempo?

— Sim. Além de dormir, que creio ter sido a razão por que se ausentou do jantar, como passa seu tempo?

— Escrevendo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O que você escreve, se não for pessoal demais?

Ela olhou para a lareira.

— Cartas. Letras.

— Letras. Para canções.

— Sim.

— Você escreve música também?

— Não. Escrevo letras para melodias que escuto. Na minha cabeça.

Ele inclinou a cabeça.

— Você se lembra da melodia sem vê-la escrita no papel?

Ela olhou em seus olhos.

— É claro. Não sei escrever partituras, então tenho que me lembrar das melodias.

Outra hora pediria para ver suas letras. Seu tom incisivo lhe dizia que não estaria receptiva para mostrá-las esta noite.

Ele moveu a cadeira colocando-se bem em frente a ela. Seus joelhos tocavam os dela. Ela recuou as pernas.

— Ava.

Ela tentou desviar o olhar, mas não conseguiu. Sua respiração falhou quando ele colocou a mão sobre o braço de sua cadeira. Deran acariciou as costas da mão que segurava o cobertor, acompanhando com os olhos o movimento do dedo. Algo acontecia com ela toda vez que dizia seu nome. Ela afundava e flutuava ao mesmo tempo. O dedo contornou seu pulso antes de desaparecer sob a coberta.

— Eu...

O toque delicado passou por seu antebraço nu e voltou ao pulso. Ela emitiu um som, meio riso, meio choro.

Olhando para o rosto dela, soltou os dedos que seguravam o cobertor. Os olhos de Ava tinham um tom mais escuro de jade sob aquela luz. Os lábios estavam entreabertos, as faces eram mais bronze que rosa.

O cobertor caiu de seus ombros. Não estava nus. Uma tira fina de musselina branca os contornava. Uma *chemise*. Por isso não havia nada no caminho de sua mão quando subiu pelo braço dela. Era incrível como aquele toque o havia excitado. Mais do que quando a abraçara em sua cama.

— Ava.

Desta vez ela não sufocou o gemido.

— Oh, por favor, pare de dizer meu nome. É bobo pedir isso, mas algo acontece quando você o diz. É... — O quê? Uma sensação, um pensamento, um medo? — Fica difícil respirar.

Um sorriso suavizou o rosto dele.

— E seu estômago palpita, e seu coração acelera?

Ele afastou de lado o cobertor agora solto.

Ela viu seus olhos escurecer e suas pálpebras baixar ligeiramente.

— Sim. As duas coisas. Já senti isso antes com você.

— Sentiu?

A mão dela ficou fraca. Ele ergueu-a até a boca e roçou as juntas dos dedos contra seus lábios. O outro lado do cobertor caiu.

— Sabe que sim.

— Sim, eu sei.

— Não são sensações agradáveis.

Ele riu e pressionou a mão dela contra seu rosto.

— Um lembrete de que estou na companhia da mulher mais sincera que conheço. — Abriu a mão dela e beijou a palma. — Já lhe disse que aprendi a gostar e até a admirar sua franqueza? Imagine se todas as relações fossem conduzidas assim.

Moveu os lábios até seus dedos.

— As pessoas parariam de se falar.

Ele sorriu e trouxe a outra mão dela à sua boca.

— Palavras nem sempre são necessárias. Como agora. — A respiração dele aquecia a palma de sua mão. — Não preciso dizer o que estou sentindo, não é, Ava? Que desejo você. Que o que eu sinto vai além do desejo. Você fez algo comigo que não sei explicar, nem mesmo descrever. É como se algo dentro de mim tivesse mudado, o que não faz sentido, eu sei. Só posso lhe mostrar os efeitos, compartilhar sem palavras.

Ele pareceu repentinamente mais jovem. A vulnerabilidade em seus olhos a surpreendeu. Era um homem forte, obstinado, um homem com uma posição elevada na sociedade, acostumado a conseguir o que queria. Não era nem egoísta nem cruel, mas transmitia uma sensação de poder. Apesar de todas as vantagens e privilégios, havia nele um constante desespero. Sua comovente confissão ecoava os pensamentos secretos de Ava.

— Fique comigo, Ava. Sei que é pedir muito... Não... É pedir tudo. E sei que não tenho o direito de fazê-lo. Se me negar isto, eu compreendo. — Acariciou com o dedo sua trança, brincando com a ponta macia. — Mas acredito que você me queira tanto quanto eu a quero. O desejo tem estado entre nós desde a primeira vez que nos vimos. — Baixou a voz e ergueu os olhos. — Então, Ava? Você me quer?

A emoção foi tão forte que ela quase chorou. O olhar dele a atravessou e a acariciou por dentro. Oh, como tinha imaginado aquele momento, como tinha sonhado com ele. Como seria se deitar com ele, não como antes, mas conhecendo seu corpo totalmente, e entregando o seu sem restrições? Não teria outra oportunidade, estava certa disso. Queria acreditar na promessa dele de que jamais pertenceria a ninguém, que não iria servir ao homem que a comprara. Lutaria contra aquele fado, mas haveria outras batalhas. Conseguir voltar para casa, arranjar um sustento para ela, Ithel e Mairwen. Não teria a chance de amar e ser amada por um homem nessa vida.

Aquele homem embalava nas mãos sua alma, e ela não queria viver sem esse presente que ele oferecia e pedia a ela.

Mas primeiro...

— Por que mudou de ideia? Você disse antes que não deveríamos.

Ele baixou a cabeça. É claro que ela faria perguntas. Não conseguiria escapar dessa.

— Sim, eu disse. Estava pensando em você, porque...

Ele fez uma pausa.

— Porque sou virgem?

Ele se encolheu. Se havia uma chance de se salvar, era agora.

— Sim. Sua condição casta.

— E depois você pensou sobre o fato de eu ter dito que teria escolhido você.

Ele ergueu os olhos surpreso. Os olhos dela estavam cheios de... O quê? Admiração? Alegria? Seu coração parou.

— Sim, pensei. Incontáveis vezes.

Ela sorriu e colocou a mão em seu rosto.

— Sim. Eu quero você, Deran. Tanto que nem sei como dizer.

Pegou o rosto dela entre as mãos e puxou-a para perto.

— Não precisamos de palavras.

O beijo foi tão delicado, tão carinhoso, que Ava não pôde conter as lágrimas. Deran sentiu-as em seu rosto e se afastou.

— Ah, Ava. Eu...

Tapando sua boca com os dedos, ela o fez se calar.

— Terá que me mostrar o que fazer.

Os olhos dele se acenderam.

— Direta como sempre. — Acariciou sua face. — Tem certeza, querida?

— Meu coração vai se despedaçar se não fizermos.

Os olhos dele se fecharam por um momento e seu peito se elevou com uma respiração profunda. Ele se levantou devagar e puxou-a junto com ele.

— Posso convencê-la a usar a cama em vez do chão?

Não tinham pressa. A expectativa tomava o quarto enquanto arrumavam a cama. Ava ficou afastada observando, repentinamente com vergonha de abandonar o cobertor.

Deran deu a volta e parou atrás dela.

— Solte seu cabelo, Ava. Quero senti-lo em minhas mãos, em minha pele.

Sem pensar nas consequências, ela pegou a trança. O cobertor caiu aos seus pés.

Deran não disse nada. Vê-la vestida naquela *chemise* o deixou sem palavras. Beijou seus ombros e escorregou a mão por seus braços para aquecê-la. Ela sentiu um calafrio por todo o corpo quando ele a puxou contra si. Observou-a enquanto soltava a trança com dedos trêmulos. As mãos dele exploraram os longos fios dourados e acariciaram suas costas.

— Vou acender a lareira — murmurou com os lábios em seu pescoço. — Mas a aquecerei bem.

Pegou-a no colo, colocou-a sobre a cama e pegou o cobertor.

— Até eu me deitar com você — disse, cobrindo-a.

As botas caíram no chão, e desfez-se do colete e da camisa.

Por um momento ela admirou suas curvas rígidas e seus cabelos escuros.

— Você é muito bonito.

Deran franziu as sobrancelhas. O inconfundível volume provocado por sua excitação pressionava sua calça. Ele observou Ava, enquanto ela o fitava de olhos arregalados.

— Tem que tirar isso também, não?

Ele riu.

— Nós dois vamos nos divertir muito mais se eu tirá-las.

— Mas não quer que eu o veja por inteiro?

— Acha que sou tímido, querida?

— Não. Apenas modesto. Por minha causa.

Ele se curvou e beijou-a rapidamente.

— Sim. Modéstia, por sua causa.

— Mas eu quero ver você. Eu já...

A luz de vela não escondia o constrangimento de Ava.

— Já imaginou como sou?

Ela gemeu e puxou o cobertor cobrindo a cabeça.

— Sim — murmurou, debaixo da coberta.

A risada dele aqueceu o quarto.

— Às vezes sua sinceridade é sua própria ruína. Com certeza é a minha.

O ruído do tecido era tentador. Ela moveu o cobertor fitando sua calça desabotoada e perdeu o fôlego quando ela caiu no chão. Permaneceu calada.

— Acho que não vamos conseguir fazer isso — sussurrou ela.

Ele levantou o cobertor e se ajoelhou ao seu lado.

— Mudou de ideia, então?

Ela balançou a cabeça.

— Não sobre você, mas... — Arregalou os olhos enquanto ele se deitava. — Não vejo como será possível. Temos tamanhos muito diferentes.

— Faremos com que seja possível — falou, tranquilizando-a. — *Eu* farei com que seja possível para você. — Beijou-a, suavemente. — Quando estiver pronta, será totalmente possível.

— Pronta? Mas já estou pronta.

— Não ainda. Mas estará.

Ela franziu a testa.

— Como eu...

Com um dedo sobre seus lábios, ele a calou.

— Tem que confiar em mim. Tenho alguma habilidade nisso, Ava. Saberei quando estiver pronta.

— Como pode saber se o corpo é meu? Não está dentro de mim, sentindo o que eu sinto.

Ele sorriu, adorando o papel de professor. Deitar-se com uma donzela podia ser mais divertido do que imaginara. Sendo *esta* donzela, mais ainda.

Seu dedo escorregou dos lábios dela para o queixo, desceu pelo pescoço e percorreu o decote da *chemise*.

— Saberemos juntos, querida. E quando acontecer, *estarei* dentro de você.

Ela estreitou os olhos em dúvida.

— Também imaginei que aparência você tem.

— Imaginou?

— Claro que sim.

Se ela havia tido o mesmo tipo de pensamento que ele, então entendia perfeitamente o que ele dizia.

Antes que o nervosismo enfraquecesse sua determinação, ela se ajoelhou, tirou a *chemise* pela cabeça e deixou-a cair entre eles. Deitou-se de costas sobre os travesseiros, olhando-o nos olhos, sentindo um impulso de se cobrir enquanto ele percorria seu corpo com o olhar.

— As imaginações foram boas — murmurou —, mas a realidade será muito melhor.

Tinha o desejo de acariciar seus seios, tão redondos e de bicos rosados, de tocar a curva do quadril e acariciar os pelos louro-escuros entre suas coxas. Mas por ora, apenas olhava e se deliciava.

Ava não se movia. O olhar lento de Deran, sua boca e seu olhar sério, mas não grave, eram ao mesmo tempo inquietantes e gratificantes. O desejo dele era evidente em seu rosto e a fazia se sentir sedutora, atraente. Sentiu pulsar sua região secreta, os seios doerem e os mamilos formigarem. Apenas o olhar dele fizera tudo aquilo.

Como ela sabia onde tocá-lo e acariciá-lo para lhe dar prazer era inexplicável. Mas os suspiros e ruídos de Deran pediam e guiavam as mãos e a boca de Ava. Então os braços de dele se cruzaram atrás

das costas dela, as mãos se afundaram em seus cabelos e ele a beijou até sua mente parar. A boca de Deran a provava, provocava e excitava, as mãos exploravam e acariciavam. Chegou até os seios e abocanhou um mamilo. Ela quase gritou com a maravilhosa sensação, que correu por sua pele como óleo aquecido e penetrou os ossos, esquentando seu sangue. O desejo entre suas coxas aumentou, latejando insistentemente. Seus quadris se moviam sem que se desse conta, em busca de ainda mais prazer.

— Isso já basta — gaguejou, agarrando os braços dele. — Eu estou... onde você está me tocando... é demais.

Ele baixou a cabeça, olhando para a mão entre as coxas dela.

— Você está tão quente... Tão molhada...

Ava sacudiu a cabeça, atordoada.

— O que você está fazendo me faz querer mais. Parece que meu corpo está gritando.

Deran percorreu com beijos o caminho entre o ventre e a boca.

— É você nos dizendo que está pronta, querida.

Ele se encaixou entre as pernas dela.

Os quadris dela balançaram e a respiração parou.

Erguendo-se sobre ela, os lábios demoraram-se junto aos seus.

— Não arriscarei que engravide, Ava. No fim, vou tirar.

Ela ficou contente por ele ter pensado nisso, pois ela não pensara.

Beijou-a mais uma vez, sugando brevemente cada lábio. Quando o falo tocou a sua entrada, ela respirou fundo. Não se parecia em nada com seus dedos. Seu coração batia forte com a apreensão causada pelo desconhecido.

Ele alisou seu cabelo, afastando-o do rosto. Os olhos negros e cheios de desejo olhavam dentro dos dela.

— Relaxe. Será mais fácil para você.

— Mais fácil?

Ava arregalou os olhos e seus dedos afundaram nos braços dele. O peso insistente a pressionava, sobre o latejamento que sentia entre as pernas.

Uma sombra de arrependimento surgiu nos olhos de Ava enquanto ele se movia para dentro dela. Com a mão sobre sua boca, ele conteve um grito dela, e sussurrou algo que ela não entendeu. Não estava preparada para aquilo. Tudo que haviam feito, tudo que ele havia feito com ela, parecera incredivelmente bom, e agora uma dor pungente a penetrava, e ela instintivamente se contraía.

Os olhos dela imploravam por respostas.

— Relaxe as coxas, meu amor. E relaxe por dentro. Não tensione os músculos assim.

Ela assentiu com a cabeça e se concentrou.

— Estou tensionando?

Ele sorriu e beijou seu nariz.

— Creio que sim. Espere um momento. Deixe seu corpo se ajustar ao meu.

— Sim. Está bem.

Seus olhos não se desgrudavam dos de Deran.

— Isso acontecerá logo, você acha?

— Sim.

Não era como ela imaginava. Todas as sensações geradas pelos beijos e toques haviam sido maravilhosas. Pensou que elas estivessem levando a algo ainda melhor, mas estava enganada. Era, na verdade, decepcionante. E agora tinha de esperar, com ele completamente dentro dela, grande e muito quente, até que ela se acostumassem a ele. Por que se preocupar com isso quando tudo estava acabado?

Enquanto esperava, ela o acariciou, contornando com o dedo seu maxilar e sua boca. Ele virou a cabeça e tomou seu dedo entre os dentes. Uma pontada de dor no local que os unia a surpreendeu, e ela teve o impulso de se mover.

— Deran...

Inclinou os quadris para cima.

Ele recuou até a entrada dela e então afundou ainda mais em sua gruta macia, sempre observando suas reações. Ava arqueou as costas e deu um suspiro que se transformou num gemido. Relaxou o maxilar e seus olhos se abriram. E ela sorriu.

— Isso não foi confortável, mas foi melhor que da última vez.

Ele sorriu.

— Essa é a minha garota. Honesta e verdadeira. E vai ficar ainda melhor. — Novamente ele recuou ligeiramente e deslizou para dentro dela. — Descobriremos muito prazer juntos, minha querida.

Ele se moveu de novo.

Os olhos dela estavam escuros, a boca, entreaberta.

— O que devo fazer?

— Não há regras, Ava. Pode se deitar e não fazer nada, ou se mover junto comigo. — Mais uma vez saiu um pouco e voltou a penetrar. — O que você quiser.

O que ela queria era que a pressão que ele causava dentro dela sumisse. Não seria possível não fazer nada. A tentativa de erguer os quadris espalhou uma onda de calor por suas costas e uma dolorosa sensação de completude por dentro. Ao acertar o ritmo ao dele, a completude aumentava.

As mãos dele deslizaram por baixo dela e a puxaram com mais força para cima. Instintivamente, ela o envolveu com as coxas. Toda a dor pungente se evaporou ao ser tomada pelos sons e sensações que criavam, envolvida em seus lentos e suaves movimentos. As mãos dele jamais paravam, as bocas se encontravam em longos beijos de língua a que ela se entregava. Tudo por dentro se tornou mais apertado, quase irritado.

Ava olhou para baixo, para o ponto onde se uniam, fascinada. Envolveu com os dedos seu membro rijo e observou-o deslizar para dentro dela.

— Meu Deus... — murmurou ele.

A sensação que ela lhe provocava não se comparava a nenhuma outra mulher com quem se deitara antes. A pele muito macia, os músculos firmes. E era tão molhada e apertada. Ele propositadamente se movimentava devagar, em razão de sua inexperiência e desconforto, mas ela se entregava por inteiro. Sua participação entusiasmada o surpreendeu e, sem se dar conta, ela o levava às beiras do êxtase. Manter o controle estava se tornando quase impossível.

Ele olhou para os dedos entre eles e deixou a cabeça pender com um suspiro.

— Ava.

Os quadris dela se mexiam cada vez mais rápido e com mais força e a respiração se fundia a doces gemidos.

Certa de que seu corpo ia se partir ao meio a qualquer instante se aquela intensidade dentro dela não fosse aliviada logo, ela afundou os dedos nos quadris de Deran e apertou com força as coxas trêmulas em torno da cintura dele. Cresceu o anseio e a sensação de ser levada para cima, cada vez mais alto.

— Oh... *myn Duw!*

Ela arqueou as costas descontroladamente e gritou o nome dele enquanto seu corpo subiu até o teto, flutuou e voltou lentamente. Com os olhos enevoados, ela observou seu rosto se contrair e os músculos do peito dançando, enquanto seus movimentos se aceleravam. Um gemido profundo saiu de seus lábios enquanto ele mergulhava uma última vez, antes de sair abruptamente e derramar seu sêmen sobre o lençol.

Um vento soprou em suas orelhas e correu por dentro de sua cabeça. Seu corpo doía, as pernas tremiam, o coração batia no ritmo do de um cavalo indomável. Era tudo perfeitamente fabuloso.

E nada era como ela esperava.

Todo o peso dele estava sobre ela, e isso era quase tão maravilhoso quanto o que haviam acabado de fazer. O peito molhado, os corações batendo em compasso, a cabeça sobre seu ombro, os cabelos esparramados sobre seu rosto. Tinha cheiro de grama, e lareira, e sabão, misturados com seus próprios cheiros.

Deran então se ergueu um pouco, apoiado sobre o cotovelo, e olhou para ela. Ela tinha tons de dourado e rosa, os lábios avermelhados, as faces coradas, os cabelos formando uma resplandecente coroa em torno da cabeça. Os olhos, de um verde escuro e sonhador, encontraram os dele.

— Nossos tamanhos são adequados, afinal — disse ela, preguiçosamente.

Ele beijou seu rosto e rolou para o lado, puxando-a junto com ele.

— Hum... de fato, são.

Capítulo XXV

Deran a observava dormindo sobre a curva de seu braço. *Não posso descrever*, havia dito a ela, *o que você fez comigo*. Isso era mais verdadeiro agora.

Tinha pouca experiência com vulnerabilidade, e ainda menos com afeto. Sexo não era afeto, nem intimidade, nem amor. Verdades que o tornavam ainda mais atraente para ele. Relações físicas sem complicações. Prazer sem obstáculos emocionais.

Porém, mais que simples sexo ocorrera esta noite, e isso era desconcertante. Não estava surpreso, mas dar-se conta de que algo mais havia acontecido o deixava abalado. O desejo dela o chocara, e o fato de ela ter tido um orgasmo o surpreendera. Havia lhe dito que virgens não tinham orgasmos.

A impossibilidade de estarem oficialmente juntos o deixava ainda mais triste. Os sentimentos... confusão, impotência, o desejo impetuoso por mais do que podiam ter... não queria nenhum deles.

— Ainda está aqui — sussurrou ela, sonolenta.

Ele beijou as duas pálpebras fechadas.

— Queria que eu já tivesse ido embora?

Ela olhou para ele.

— Não, mas tive medo de que você fosse.

— Não posso ficar até de manhã, Ava.

— Eu sei. — Esticou-se ao lado dele e deslizou o braço sobre seu peito. — Mas não vá ainda. Por favor, não me deixe já.

Ele beijou sua cabeça.

— Não, ainda não.

Alguns minutos de silêncio se passaram.

— Não sabia como seria, que seria tão bom. Não tinha como imaginar. — Fez uma pausa e suspirou. — Até agora.

— Nesta cama — disse ele de repente, levando a mão dela até sua boca e provocando as pontas de seus dedos com a língua —, em que você ainda não tinha dormido.

— Não — admitiu ela. — Não tinha.

A respiração de Ava acelerou com o toque de sua língua, e isso rapidamente o excitou. Um beijo na têmpora tornou curta sua respiração. Logo iria desejá-lo de novo, como ele já a desejava.

— Por que dorme no chão? Não só aqui, mas também na minha casa e na da minha tia.

Os beijos passaram para o maxilar. Afastou uma mecha de cabelo que cobria o pescoço e beijou-a ali.

— É por medo de altura? — provocou.

— Claro que não. — Estimulou as carícias erguendo o queixo. — Estou acostumada a dormir no chão.

— Como punição por sua impertinência, provavelmente.

Ele jogou de lado a colcha, e suas mãos e sua boca viajaram por sua pele quente e sedosa.

— Não, havia outras punições para isso, obrigada, senhor. Tínhamos uma única cama para mim e Mairwen. Depois que Ithel nasceu, ele dormia no meu lugar e eu dormia numa esteira no chão ao lado dele. — As mãos de Deran pararam na cintura de Ava, e sua respiração quente provocava os seios dela. — Ele tinha pesadelos e chorava à noite. Eu segurava a mão dele e cantava, ou conversava com ele até que voltasse a dormir.

Tinha sido uma visão maravilhosa ela cantando na escuridão. A razão por trás daquilo a tornava ainda mais maravilhosa.

Sob seu rosto, o peito dela subiu num soluço silencioso. Com os lábios ele secava as lágrimas que escorriam por sua face.

— Nós o encontraremos, Ava. E também Mairwen.

Ela concordou com a cabeça e esfregou os olhos.

— Sim.

Ele não fechou os olhos ao percorrer com a língua os lábios dela, mordê-los, e depois tocá-los com os seus. Ela o observava observando-a. Olhavam-se nos olhos, fazendo o ar parecer imóvel de alguma forma. Era diferente de beijar com os olhos fechados. As sensações físicas era menos intensas, mas as emoções, a troca e a entrega, muito maiores.

Tinha as mãos mergulhadas entre os cabelos dele e soltou um gemido ao arquear o corpo para senti-lo melhor.

— É cedo demais para você, minha querida. — Sua voz era falha, rouca. — Ficaré dolorida do que fizemos, se já não estiver.

Ava fitou-o com olhos úmidos.

— Isso será bom. Não quero esquecer tão cedo.

Ele acariciou seu rosto, deslizando a mão até o ombro.

— Não quero esquecer como seu corpo se encaixa ao meu, a sensação do seu toque, o gosto da sua boca. Ficarei dolorida com prazer.

Como era possível sentir-se descobrindo e perdendo ao mesmo tempo? Ela ecoava os pensamentos tristes e não expressados de Deran, de que aquilo era tudo que teriam, ou que poderiam ter, que não haveria mais nada além daquele lugar, daquela noite. Como ele se ressentia com a honestidade dela.

— Eu lhe falei — disse ele, ríspidamente —, que há coisas sobre as quais não conversamos.

Ele rolou e se deitou de costas.

Ava fitou sua expressão rígida.

— Você está zangado.

— Não. — Cobriu os olhos com o braço. — Não, Ava, não zangado. Frustrado e... — Fechou o punho. — Não sei o que...

— Ressentido por ter perturbado sua vida?

— Não! — Ele jogou o braço para trás e olhou para ela, com um ardor negro nos olhos. — Nem por um segundo pense isso. Não há ressentimento, e não posso e não vou explicar mais.

Sentimentos não eram para ser discutidos, e mesmo que estivesse inclinado a fazê-lo, certamente não seria com uma mulher. As emoções não valiam o tempo de analisá-las. Elas iam e vinham sem controle, e apenas as ações resultantes delas podiam ser controladas. A cama em que ele estava há algumas horas era testemunha disso.

— Muito bem — disse ela em tom seco. — Você não vai explicar isso melhor. E nem poderia se quisesse, uma vez que não explicou nem a si mesmo ainda.

O consentimento dela aumentou sua irritação. Se ela tivesse rebatido com palavras duras, ele teria a desculpa para... o quê? Incitá-la a brigar com ele. Que diabos, qual era o problema com ele? Queria deliberadamente irritá-la?

Ava permaneceu calada. A ira que inflamava os olhos dele e deixava tenso seu maxilar diminuía. Em seu lugar surgiram perplexidade e, talvez, tristeza ou impotência, e seu coração ficou pesado com lágrimas não derramadas.

Ela se apoiou sobre o cotovelo e beijou sua testa, olhos, nariz, bochechas. Um único dedo acariciou seus lábios enquanto sussurrava palavras de consolo que ele não entenderia. Olhava nos olhos dele e deu um ligeiro sorriso.

— Quero você de novo, querido. — Ela corou. — Isso também é algo que não devo falar?

Quando ela olhou para ele, da mesma forma aberta e direta como falava, todas as ideias de perda desapareceram. Tudo que ele viu, sentiu e quis foi o que era possível.

Ele devolveu o sorriso e segurou seu rosto entre as mãos.

— Quantas vezes pensamentos se transmitiram entre nós sem palavras? — Puxou-a para perto, roçando de leve seus lábios nos dela. — Assim como o desejo, simplesmente é. Não precisamos falar para que ele seja.

Manter o corpo dela parcialmente sobre o seu, mostrando como ela poderia tê-lo naquela posição, era muito tentador. Mas uma repentina onda de esperança o fez pensar em guardar aquilo para uma próxima vez, muito em breve. *Próxima vez*. Aquela não seria, não podia ser, a primeira e única.

Ele a puxou para perto e rolou por cima dela. O calor do corpo de Ava, os cheiros selvagens de seu cabelo e de sua pele de mel, os seios macios e as coxas firmes reacenderam o fogo que não havia se apagado. Logo um levaria o outro a um desesperado estado de desejo.

Deran segurou o rosto dela entre as mãos e a beijou profundamente.

— Preciso possuir você, Ava. Preciso estar dentro de você. Você ficará bem?

— Por favor. — Ela estremeceu sob o corpo dele. — Por favor, agora. Não se preocupe comigo.

Não foi tão lento, tão cauteloso, tão atencioso como na primeira vez, e foi exatamente o que precisavam. O que ele lhe deu, ela tomou com entusiasmo. Com o que ela lhe deu, ele se deleitou. Não havia fronteiras, imaginárias ou reais, pois compartilhavam e trocavam emoções indefinidas e não declaradas.

— Deran — gritou ela.

— Sim, Ava — respondeu com a voz rouca. — Sim. Vamos. Comigo. Juntos, Ava.

Ele puxou-a pelos quadris, enterrou-se nela, e se deleitou com seu gozo. A força dos músculos o apertando o impeliavam a também finalizar. Como encontrara forças para cumprir sua promessa e sair de dentro dela no último momento ele não sabia. Deitado sobre ela, suas respirações como vendavais, corações batendo em uníssono, músculos vibrando, ele não fazia ideia de como poderia deixá-la ir embora um dia.

O sol da manhã não brilhava naquele dia cinza. Ava saiu de sua cama no chão, foi para o assento junto à janela e ficou observando a escuridão. Nem o mais escuro dos dias seria capaz de alterar seu humor. Haviam adormecido e acordado uma hora antes do alvorecer. Fizeram amor mais uma vez, lentamente no início, e depois com tamanho desejo que ela chorou. Deitaram-se em silêncio, corpos entrelaçados, se acariciando, nenhuma palavra dita. Nenhuma era necessária. Era o mais próxima que Ava já se sentira de alguém.

Agora a apreensão obscurecia seu contentamento. Como ficariam as coisas entre eles? Não podiam se comportar esta manhã como se tivessem sido amantes na noite anterior. Seria muito esquisito encontrar Deran. Lorde Atherton, ela se corrigiu. Certamente não seria bom escorregar e usar o tratamento informal. Como poderia olhar para ele como se jamais o tivesse visto nu?

Ava começou a ajeitar a cama e congelou. Manchas esmaecidas de sangue no meio dos lençóis. Ele não dissera a ela o que fazer com a roupa de cama suja. Encontraria a lavanderia e ela mesma a lavaria. Enfiou-as embaixo da cama e estendeu a colcha sobre o colchão.

Iria lavar, descer para o desjejum e agir como se nada tivesse acontecido, decidiu, socando um travesseiro. Seu estômago estava vazio como um barril de água seco, o que era compreensível, considerando que não fizera nenhuma grande refeição no dia anterior e se entregara a atividades físicas a noite toda. Sim, ela iria comer e agiria como se nada tivesse acontecido entre eles.

Como ele se comportaria? Como o senhor do solar, e ela, sua hóspede.

Gemeu e se afastou da cama, que parecia agora maior do que quando estavam deitados. O cumprimento formal e a conversa educada, sem nenhum afeto, seriam muito difíceis de suportar. Mas, por ele, teria que suportar.

Não haveria lágrimas nem arrependimentos. Teria uma memória de um amor, e isso duraria para sempre.

Ao olhar pela janela, avistou um cavaleiro. Parecia familiar, mas só quando desmontou do cavalo e tirou o chapéu ela reconheceu o amigo de Deran, o que estava com ele quando a encontraram. sr. DiSanto. O que o trouxera ali?

Após um banho rápido, colocou seu vestido favorito, um creme com uma faixa roxa estreita, que a fazia se sentir bonita. Queria estar *sexy* para ele. Beth prendeu seu cabelo, e meia hora depois adentrava ligeira a sala de jantar, esperando encontrar Deran e o sr. DiSanto. A sala estava vazia. Um longo aparador cheia de pratarias, café e chás era guardado por dois empregados. Um perto de travessas cobertas, o outro na outra ponta, junto a bandejas de biscoitos, pães e *muffins*.

O mordomo magro e grisalho de Londres repentinamente apareceu à porta.

— Bom dia, senhorita. O lorde sente muito por não acompanhá-la ao café da manhã. Ele precisa cuidar de assuntos de negócios e a encontrará para o almoço.

— Oh. Ele saiu?

— Não, está no escritório.

É claro, assuntos de negócios, pensou Ava, enquanto tentava arranjar entusiasmo para comer os ovos quentes. Ele não é apenas um homem da alta sociedade, mas também um homem de negócios. Navios. Como se lembrava bem. Talvez o sr. DiSanto fosse seu sócio.

Ele não mencionara nada sobre visitar outras fábricas hoje. O que ela iria fazer esta manhã enquanto ele estivesse ocupado?

Mordeu um *muffin* amanteigado imaginando que era o pão de frutas de sua mãe, um *bara brith*. Servido apenas em chás especiais, o requintado pão encharcado de mel sempre fora um de seus favoritos.

Cada mordida a deixava com mais saudade de casa. O sentimento de desânimo ia substituindo a felicidade que sentira algumas horas antes. Ela não pertencia àquele mundo. Não apenas àquela classe, nem àquele lugar, nem à Inglaterra, nem à vida de um conde, sua família e seus amigos. Não poderia nem ser um sonho, de tão absurda que era a possibilidade. Mas ela sabia disso o tempo todo.

Precisava encontrá-los e ir para casa. O impulso de fugir a atingiu como um bastão de críquete por trás. Nada era, nem jamais tinha sido, mais importante que encontrar Ithel e Mairwen. No dia seguinte se completaria uma semana. Só restava uma semana até o retorno daquele homem terrível.

Correu da sala de jantar para seu quarto, a mente voando.

Não, não estava pensando em fazer isso... Ele jamais a perdoaria, jamais voltaria a falar com ela. Mas não era isso o que aconteceria de qualquer jeito? Melhor assim, zangado com ela, do que agindo como se a noite anterior jamais tivesse existido.

Embrulhou um vestido dentro de um xale, as mãos trêmulas.

Isto é errado. Ele vai odiar você. Você não sabe onde procurar.

Isso não era totalmente verdade. Ele lhe dissera os nomes das cidades. Precisava apenas se lembrar dos nomes e pedir informações na estrada.

Lorde Atherton não podia ajudá-la naquele dia. Ela já abusara muito de sua boa vontade. O que havia acontecido na véspera jamais poderia se repetir. Estava fazendo um excelente trabalho em racionalizar, é claro. Qualquer um acharia essa sua ideia louca. Mas poderia partir levando memórias que guardaria por

toda a eternidade, as únicas memórias daquele tipo que teria, e cumpriria sua missão. Um dia ele a agradecerá por isso. Estava fazendo um favor a ambos. Mesmo.

Escreveu um bilhete curto e colocou-o ao pé da cama. Saiu da casa sem olhar para trás.

Deran não conseguia se concentrar. Seu cérebro parecia espesso como mingau de aveia enquanto ele andava pela sala e Max falava. *O que ela estará fazendo agora?*

Devia estar de pé, talvez se banhando. Para o inferno com aquele pensamento. Mas podia vê-la com água pelos ombros, cabelos presos no alto da cabeça ou caindo para fora da banheira, olhos fechados. A mão molhada no pano na água, esfregando os seios, os mamilos duros e rosados, o suspiro de contentamento...

— O que dirá a ele?

Gotas de água espirraram de sua imaginação e ele aterrissou de volta em seu escritório com um baque. Virou-se. Max olhava para ele, impaciente. O cérebro inerte de Deran se esforçava para lembrar o que estavam falando. A conversa no clube. Rensleigh. Ele chegaria para confrontá-lo. Ah, sim, tudo estava voltando. Lamentável.

— Eu vou ouvi-lo — respondeu Deran, despencando sem elegância sobre a cadeira — e vou responder de acordo.

Max parecia espantado.

— É isso? Não tem mais nada a dizer?

— O que mais poderia dizer? O sujeito tem algo a me falar que justifica viajar de Londres até aqui, um lugar que Rensleigh abomina. Eu vou escutá-lo.

— Você está incrivelmente tranquilo quanto a isso tudo.

— Não estou, mas sua opinião será considerada.

Max fitou-o. Ele parecia profundamente preocupado, mas não com o assunto que Max acabara de comunicar. Não. Alguma coisa o deixava tão inquieto que estava andando de um lado para o outro como uma raposa enjaulada havia meia hora. A tensão em seu rosto desmentia sua postura relaxada. Se a história da conversa entreouvida o deixara tão nervoso assim, Max imaginava qual seria sua reação quando dissesse a ele o que descobrira sobre a srta. Fychon e...

Max ficou imóvel.

— Meu Deus — murmurou. Batia com os dedos no braço da cadeira. — Tenho muito mais coisas para lhe contar, e é tudo a respeito dela. Mas não sei se está em condições nem com o estado de espírito adequado para ouvir.

Deran franziu a testa.

— E por que acha isso?

— Porque, meu amigo, parece estar mais que apaixonado, e talvez tenha estado na companhia dela. Se eu estiver errado, você rapidamente me dirá, eu sei. — Baixou o tom de voz. — Por favor, não me diga que você...

Inclinou-se na direção de Deran, deixando o restante da pergunta aberto à interpretação.

Deran levantou a mão com autoridade, os olhos frios como gelo.

— Não discutiremos isso.

Max suspirou alto.

— Meu Deus, Atherton. Ela é uma mulher simples! Uma garota! Tão incompatível com a Sociedade quanto uma criada ou...

Deran socou a mesa com tanta força que derrubou o suporte da pena de escrever.

— Já basta — berrou ele. — Disse que não vamos falar disso. Não vamos falar dela, ou de nós dois.

Não...

Seus olhos brilharam e ele ficou pálido. Não tivera nenhum tempo sozinho para pensar sobre isso. Tinha sido capaz apenas de brevemente reviver as horas com ela, as sensações. Não tivera tempo de pensar nisso em termos práticos. De pensar no que fazer a respeito dela agora. O que se passara na noite anterior fora porque ele quis, porque ele *fizera* acontecer. E agora as consequências tinham de ser encaradas e escolhas tinham que ser feitas.

Mas não podia nem iria discutir aquilo com ninguém. Nem mesmo com seu amigo mais próximo.

O silêncio pungente era pontuado apenas pelo tique-taque do relógio sobre a lareira.

— Diabos... — murmurou por fim, após alguns minutos.

— Você tem um... um plano?

Deran olhava para ele fixamente.

— Parece que não me ouviu bem, Max. Eu disse que não vou falar disso.

— Pensou em protegê-la ao trazê-la aqui? — perguntou Max, baixinho. — Teria funcionado se ela não fosse uma fugitiva... alguém que quase virou escrava, sendo perseguida por sabe-se lá quantas pessoas, e se você não fosse quem é.

Deran sorriu, irônico.

— Não foi para sua proteção, você sabe disso. Viemos aqui para procurar sua família. Mas se *tivesse* sido como forma de protegê-la, ela estaria muito mais segura ficando em Londres.

Compreendida a mensagem e reduzida a ameaça de uma briga, Max perguntou sobre os resultados da busca. Deran lhe contou sobre as visitas a fábricas na véspera.

— Amanhã iremos às outras duas.

— Talvez você não tenha oportunidade. Como disse na minha carta, receberá visitas ainda esta tarde. Não consegui demovê-los, especialmente sua irmã.

Deran soltou um gemido e Max sorriu.

— Mas — levantou a mão afastando comentários ou reclamações — acho que não precisará fazer essas outras incursões, Atherton. Tenho informações sobre ambos os irmãos dela, informações muito positivas.

Capítulo XXVI

Deran tamborilava com os dedos na borda da mesa.

— Não brinque comigo, DiSanto. Não estou muito tolerante. Deve ter percebido que não estou com muita paciência hoje.

— Percebo rápido essas coisas, Atherton.

— Que informações você tem?

Deran olhava para a porta. Ele meio que esperava que ela entrasse sem pedir licença para dar bom dia ou inventando alguma desculpa para vê-lo. E desejava que isso acontecesse. Droga, estava se distraindo.

— Estava tratando de um assunto referente a srta. Mairwen Fychon, de Penmon, Gales, que está trabalhando como doméstica numa casa em Sutton.

Deran ergueu os ombros.

— Mairwen Fychon? A irmã de Ava?

— É um nome bem incomum, amigo. Especialmente aqui na Inglaterra. E já conversei com a fonte da informação; posso lhe assegurar que se trata da irmã da srta. Fychon.

— Maldição! — exclamou Deran. — Como em nome de Deus você a encontrou?

Max deu de ombros.

— Não a encontrei, na verdade. Ela, ou melhor, o informante, me encontrou através de Thornton, seu amigo que tem um irmão em Gales. Thornton falou com uma tal sra. Glynis Evans, de Penmon, Gales.

— Fale-me de Mairwen Fychon.

Três dias após ela e o irmão se separarem de Ava, Mairwen foi separada do irmão. Dias de viagem de carroça e diligência a levaram a Newbury, onde fora deixada à porta da casa de um homem que aparentemente a havia comprado, um viúvo com quatro filhos. Ela trabalhara incansavelmente como empregada doméstica e babá, enquanto se esquivava de galanteios indesejados do patrão. Após uma investida especialmente pesada, duas semanas após sua chegada, ela fugira em busca de sua família. Jamais de esquecera de como os homens no navio quiseram se livrar de Ava e riram de como ela se sairia entre os londrinos, então Mairwen foi para Londres. Conseguiu um trabalho e tratou de descobrir o máximo possível. Então escreveu para a sra. Evans, com quem se mantivera em contato desde que saíra de Gales, para avisar de seu paradeiro e perguntar novamente se tinha notícias de sua irmã.

— A sra. Evans não ficou apenas irritada — explicou Max, bebericando seu café. — Ficou enfurecida e resolveu que ia descobrir de qualquer maneira onde os filhos de sua amiga tinham ido parar e por que um homem que alegava ser tio deles havia tomado sua casa. As explicações dele não a deixaram satisfeita.

Deran provou seu café e deu uma mordida num pão doce. Não tinha tomado café da manhã, ainda faltava uma ou duas horas para que o almoço saísse e a fome reclamava.

— *Alegava* ser tio deles?

— A sra. Evans nunca o tinha visto antes e não se lembrava de a mãe de Ava, Clare, ter falado dele. — Max pegou um pão doce. — Ela procurou este suposto tio e exigiu saber onde estavam as crianças. Ele a informou que estavam na casa de outro parente. Disse que não queria mandá-los para a casa de um completo estranho, mas pensara apenas no bem-estar das crianças e simplesmente não pôde se recusar.

— Mentiroso. — Deran levantou-se de supetão. — Maldito mentiroso! Duas vezes. Não há parente algum, e eles não foram mandados, foram *levados*.

— Na verdade tal parente existe — disse Max, enfaticamente. — Mas ele não os mandou para lá, quanto a isso você está certo. Devo dizer — acrescentou com um ligeiro sorriso — que eu não gostaria de enfrentar a sra. Evans em batalha. Se mulheres pudessem advogar, ela seria uma formidável advogada. Parece-se muito com a srta. Ava Fychon, na verdade. Sincera e obstinada.

Deran soltou uma risada curta.

— Descrição cavalheiresca, DiSanto.

— A explicação do tio e a história de como ele ocupou a propriedade se espalharam. Ele é mesmo tio deles, a propósito, de certa forma distante. É meio-irmão do sr. Fychon, e se chama Lyle Roke. Os aldeões se reuniram sem convidá-lo e decidiram que a sra. Evans se corresponderia com o tal parente, explicaria a situação e confirmaria se ele estava ciente da presença do sr. Roke, bem como do auxílio que vinha dando. Isto foi há quase três semanas. Não sei o resultado disso, mas a sra. Evans nos informará quando receber notícias deste parente.

— Quem é ele?

— É o pai da sra. Fychon, de quem ela vivia afastada desde que se casou com o pai de Ava.

Deran virou-se de onde estava, junto à lareira.

— Afastada? Por quê?

— Os pais de Clare desaprovavam o casamento de sua única filha com um galês. Mas o argumento mais forte era o fato de Bran Fychon ser cantor de ópera. Ótimo cantor, de acordo com a sra. Evans. Ele conheceu Clare Stafford em Southampton, durante uma turnê de sua companhia de ópera. Foram apresentados no coquetel de estreia e se encontraram clandestinamente algumas vezes antes da companhia seguir viagem. Continuaram se correspondendo depois que ele voltou para Gales.

Deran sentou-se em sua cadeira e olhou para ele surpreso.

— A mãe de Ava era inglesa? Posso entender por que causaria alvoroço. Isso deve ter sido há uns vinte anos, talvez? As relações entre Inglaterra e Gales eram mais tensas que hoje.

— De fato — concordou Max. — Mas não foi por ele ser um cantor de ópera galês que os Stafford viraram as costas para a filha e a deserdaram. — Fez uma pausa e deu um ligeiro sorriso. — Foi porque Bran Fychon não era da Aristocracia.

O coração de Deran disparou. Ele escutara as palavras, mas levou alguns segundos para reagir.

— E... — disse, lentamente. — A família Stafford é?

— Sim, eles são.

Deran soltou o ar que estava prendendo.

— A mãe de Ava era uma nobre? Por que ela não me contou?

Max balançou a cabeça.

— Ela não sabe, nunca lhe contaram. Seus pais decidiram não contar às crianças. A srta. Clare Stafford escolhera se casar com Bran Fychon. Estavam juntos por amor, desde o início. Sua família não aceitava. Para piorar ainda mais as coisas, ela fugiu de casa para se casar. Para os Stafford, a filha estava perdida para sempre.

Deran caminhava lentamente.

— Quem é ele? Quem é o avô de Ava?

— O barão Sheldon Stafford.

O avô de Ava era um barão. Ava não era uma plebeia de um povoado galês. Era de linhagem nobre, admitissem ou não seus pais e avós.

Os pensamentos jorravam mais rápido que o mar através de uma escotilha aberta. Isso mudava tudo. Isso tornava tudo possível. Ela não tinha que ir embora. O avô poderia vir a público explicar tudo e assumir seus netos. Seriam seus herdeiros e recuperariam seus títulos.

Ela poderia ficar.

Eles poderiam ficar juntos.

Meu Deus do céu, de onde tinha tirado aquilo? Uma noite com ela e já estava pensando em todas as noites pelo resto da eternidade?

— Atherton, você está gastando o carpete.

— Preciso contar a Ava. E à irmã dela. E precisamos trazê-la para cá, ou ir para Londres buscá-la.

Já. — Atravessou a sala até a janela comprida. — E o barão, onde ele vive? Ainda está em Southampton?

— Não está sendo sensato, sabe disso, não sabe?

Deran deu meia-volta.

— Sensato? É claro que estou sendo sensato. Isso é o máximo de sensatez que tive na última semana, é o máximo de *esperança* que tive em uma semana.

— Sei o que está pensando, Deran. — Ignorou a cara feia do amigo. — Embora tenha deixado bastante claro que não quer falar sobre isso, seus sentimentos por essa garota são indisfarçáveis. Está achando que, como ela tem ascendência nobre, é possível ficarem juntos. Mas sua herança foi tomada dela antes do nascimento. Ela nasceu plebeia. Isso não pode ser mudado.

— Você não sabe isso. Como o avô ainda está vivo, há esperança de que seus direitos lhe sejam restituídos.

— Você quer que isso aconteça, mas não sabe como ela...

O barulho de uma carruagem se aproximando o interrompeu. Deran olhou pela janela e suspirou.

Max aproximou-se dele e sorriu.

— Não estou surpreso que ela tenha chegado primeiro. Estava muito preocupada com você. Bem como seu dedicado cunhado.

Ele deu uma breve risada, atraindo a atenção de Deran lá para fora novamente.

— Maldição. O que minha mãe está fazendo aqui?

Max riu mais alto.

— Ah, como eu adoro o campo. É tão pacato.

Nada disposto a encará-los nem um segundo antes do necessário, Deran aguardou que Bickford anunciasse a chegada das visitas.

— Lorde e lady Charnock, e lady Atherton, sir. Insistem em falar com você e não quiseram aguardar da sala de visitas.

— Onde diabos estão eles então?

— Estamos aqui — anunciou sua irmã, entrando apressada envolta em farta seda verde-azulada. As flores enormes em seu gorro pareciam que não passariam pela porta, mas de algum modo ela entrou sem deslocar uma única pétala.

— Linny — disse Deran, calmamente —, que surpresa. E trouxe seu jardim com você. Sente-se, antes que você tombe. Ou pior, que espalhe sementes em meu escritório.

— Seu idiota — disse beijando o ar, ao cumprimentá-lo com dois beijinhos.

Olhou para seu cunhado, atrás dela, abrindo caminho para que a condessa passasse na frente.

Ao contrário da filha, lady Atherton não era chegada a vestir a última moda. Ela argumentava que, se você vivesse o bastante, a moda se repetiria.

Deran sorriu afetosamente para a mãe, sinceramente feliz em vê-la. Ao visitá-la um mês antes na residência de Brentwood, achara que parecia cansada, mas hoje parecia renovada e elegante, usando um vestido de viagem azul e prateado e um discreto chapéu azul sobre os cabelos macios e grisalhos.

Seus olhos castanho-claros o examinavam preocupados enquanto o cumprimentava com dois beijinhos.

— Está preocupado com algo — disse, calmamente.

— E é bom mesmo que esteja — exclamou o visconde. Acenou para Deran com a cabeça. — Lorde Atherton.

— Charnock.

O visconde virou-se para sua sogra.

— Como eu disse, milady, ele deveria estar preocupado. Robert partiu em disparada e declarou guerra ao seu filho, por conta de uma mulher. Mulher essa que causou considerável infortúnio à nossa família desde sua chegada, devo dizer. Não é verdade, senhor?

Ele não podia atacar o homem. Não na frente de sua mãe, ao menos.

— Não responderei a isso, senhor, pois imagino que não teve intenção de fazer um comentário desrespeitoso acerca de uma mulher que nem conhece. Mãe — disse, dispensando o visconde —, como foi coagida a fazer essa viagem?

Ofereceu a ela o braço e conduziu-a até o sofá. Ela se acomodou graciosamente na beira do assento e ajeitou as saias ao seu redor. Então notou a presença de Max.

— Sr. DiSanto — disse com um sorriso gracioso. — Prazer em vê-lo.

Max afastou-se da janela de onde observava tudo em silêncio.

— Lady Atherton. — Tomou a mão que ela lhe oferecera e levou-a aos lábios. — É um grande prazer vê-la novamente, milady. Como é possível que esteja mais bonita a cada vez que nos encontramos?

Ela riu, delicadamente.

— E você continua sendo o mesmo bajulador eloquente, sr. DiSanto.

— Não se trata de bajulação quando se fala a verdade, milady.

Ergueu as costas e deu um sorriso charmoso.

— Avise-me quando tiver terminado de adular minha mãe — disse Deran em tom entediado.

— Já terminei. Por ora.

Sentira saudade da família, explicou a condessa. Precisava ir a Londres ver seus filhos e sua irmã Geneva, e quis fazer uma surpresa a todos. Havia chegado ontem e soubera da briga entre Deran e Robert.

— Por favor, explique-me. Geneva me deu uma explicação caótica, algo referente a uma mulher que você encontrou no rio, e ficou hospedada na casa dela, e fugiu duas vezes, e... — Franziu as sobrancelhas provocando rugas em torno dos olhos. — Não entendi absolutamente nada.

Ele amava sua família, as mulheres muito mais que os homens, mas a impaciência tornava difícil para ele bancar o anfitrião atencioso e cortês. Tinha muita coisa a fazer, e se não visse Ava, rápido, poderia facilmente perder o controle e sair pela casa gritando o nome dela. A mesa do desjejum já havia sido tirada, e o almoço logo seria servido. Certamente ela havia deixado seu quarto para perguntar sobre uma ou sobre ambas as refeições. Por que não se aventurara a entrar para dar olá, para dizer que estava por ali?

Foi tomado por um medo congelante. Estaria ela envergonhada por causa da noite anterior? Pior, ela lamentava ter estado com ele. Não podia mostrar o rosto porque ele perceberia assim que colocasse os olhos sobre ela.

Ele perceberia que ela preferia que aquilo jamais tivesse acontecido.

— Deran — disse uma voz feminina. — O que houve? Você ficou pálido.

Mas não podia ser. Ela se entregara a ele, cada vez mais apaixonadamente. Não havia timidez ou sinais de remorso. Muito ao contrário. Mas tudo isso poderia mudar com a realidade de um novo dia. Ele

sabia como era ficar lânguido de desejo durante a noite e querer apenas fugir sorratamente ao amanhecer, com a sede lasciva saciada, um vazio no coração e na alma, e o forte desejo de se tornar invisível.

Mas haviam compartilhado mais que momentos de luxúria. Muito mais. Ela cantara a canção de amor que havia cantado na casa de sua tia, tinha se enroscado nele e a forte emoção que ele sentira na noite da festa retornara, porém mais intensamente, pois desta vez havia realmente cantado só para ele. Um presente do seu coração.

A dor de pensar que ela o evitara por estar arrependida era pontiaguda como uma adaga.

Max parou diante dele com uma expressão alarmada.

— Você está bem?

Você está bancando o idiota, pensou Deran. Um espetáculo digno de um hospício. A qualquer momento sua família vai mandá-lo direto para Bedlam, e com motivo.

— Sim. Preciso falar com Bickford. — Percorreu a sala com os olhos. — Mãe, ficarei contente em responder às suas perguntas, mas elas terão que aguardar. Mandarei lhes servirem chá. Que desatenção a minha não ter oferecido antes. — Curvou-se num cumprimento. — Se me dão licença, há algo que preciso fazer imediatamente.

Max o seguiu.

— Que diabos está fazendo?

— Preciso encontrá-la. Levará só um minuto.

A sala de jantar estava vazia e o aparador estava sendo preparado para o almoço.

— Onde está Bickford? — perguntou ao criado mais próximo.

— Aqui, senhor.

Deran deu meia-volta parando de frente para o mordomo.

— Maldição, Bickford, não faça isso.

— Claro, senhor. Mas o que não quer que eu faça?

— Surgir do nada. Isso enerva qualquer um.

Bickford piscou os olhos.

— Compreendo, senhor.

— Onde está a srta. Fychon? Deu a ela meu recado? Ela tomou o desjejum?

— Sim, para as duas últimas perguntas. Não sei, para a primeira.

Deran estreitou os olhos.

— Preciso falar com ela. Encontre-a.

— Sim, milorde. Mais alguma coisa?

— Não. — Deran se afastou e virou-se novamente. — Sim, chá. Para todos lá dentro. — Saiu andando e agitando o braço. — E se alguém mais chegar diga que não tem ninguém em casa. Que fomos para Bornéu e só voltaremos no próximo verão.

Bickford permaneceu imóvel. Por um instante de insanidade, Deran pensou em revirar os olhos, exatamente como ela fazia.

— Não. Não diga isso. Isso foi apenas meu infeliz senso de humor. Apenas... — sacudiu o braço sem rumo — junte-os aos demais.

— Está bem, senhor.

Deran deu as costas.

— E encontre-a! — vociferou por sobre o ombro.

Capítulo XXVII

Gibson concordou facilmente em lhe dar o cavalo. Lorde Atherton estava ocupado, explicou ela ao jovem cavaleiro. “Ele me disse para encontrar um jeito de me distrair.” Em seguida se valera de seu orgulho, mostrando interesse em seu trabalho. “Tantos cavalos bonitos...”, “Você cuida deles sozinho?”, “De que raça é aquele?”, “Qual prefere montar?”

Ele se desculpou por não ter uma sela de montar de lado. Ela lhe assegurou de que não tinha problema, havia algum cavalo acostumado a ser montado no pelo? Sim, mas nenhum adequado a uma dama. Deu algum trabalho, mas por fim conseguiu convencê-lo de que o patrão não se importaria se ela montasse assim, que de fato ele havia lhe dito em segredo que era seu jeito preferido de montar. Ele sentia a força bruta do animal dessa forma, a energia que só se sentia montando no pelo.

Hera, a égua de cinco anos de idade, empacou a princípio, mostrando a Ava com relinchos altos e erguendo as patas da frente quem estava no comando. Não demorou muito para que o animal indócil se acalmasse e relaxasse. Ela respondia pronta e facilmente às rédeas simples de corda que Ava usava para conduzi-la. Estar novamente sobre um cavalo era empolgante, e agora que sua viagem começara, estava cheia de energia e determinação.

A uma hora de distância do Solar Tercy, no entanto, Ava teve a sensação deprimente de estar perseguindo um fantasma, cavalgando rumo à vastidão do nada. Seguiu as orientações com precisão, mas ainda não avistara uma cidade onde houvesse uma fábrica. As duas por que passara não possuíam nenhuma manufatura. Sentindo que se afastava mais de Ithel a cada batida dos cascos do cavalo, a melancolia do céu escuro correspondia ao peso que sentia no coração.

No cume da colina seguinte, imaginou uma cidade industrial do outro lado. Prédios de tijolos com chaminés cuspidos densas colunas de fumaça. Trabalhadores reunidos do lado de fora para a hora de almoço. Crianças em círculo, chutando uma bola de uma para outra. E ele estava lá. Mais baixo que os outros, rápido e de pés habilidosos, os cabelos claros balançando sobre o rosto fino enquanto corria na direção da bola.

A imagem era tão nítida que o coração de Ava bateu forte como os cascos da égua. Impeliu Hera a um galope veloz e prendeu a respiração chegando ao topo da colina. Nada. Nada além de acres de verde exuberante cercando uma propriedade no alto de uma colina, e mais verde além dela.

Ava puxou as rédeas abruptamente no meio da estrada, sua empolgação destrocada. Não podia mais negar que aquela tinha sido uma busca tola. Não estava indo na direção certa. Tinha de decidir entre voltar ou torcer para que simplesmente não tivesse ido longe o bastante ainda. Ela vinha entoando em silêncio “só mais um quilômetro” pelo que parecia ser uma eternidade. Não havia nada mais em que se fiar além de sua intuição, caso fosse continuar naquela direção. E se retornasse agora poderia chegar ao solar no meio da tarde, talvez até mesmo antes que notassem sua falta.

A égua precisava descansar e ela precisava pensar. Dirigiu-se a uma encosta gramada, desmontou e deixou-a pastar. Esticou-se sobre a relva, sentindo doerem os músculos das nádegas e das coxas, há tanto tempo parados. Apesar de seu desânimo, era fantástico estar no campo, longe da aglomeração de gente e do confinamento de uma casa. Não que fosse ruim o conforto de não passar frio, e de ter alimento e segurança. Ela dava valor a isso. Mas ter isso no campo e não na cidade era muito melhor.

Abriu os braços e respirou fundo. Terra. Mato. Ar. Cheiros simples de que ela sentia falta. Fechou os olhos e respirou fundo mais uma vez, tentando pensar no que fazer, mas foi tomada pelas memórias da noite anterior. Jamais se sentira tão nervosa em toda sua vida como quando ele entrou em seu quarto. O

modo como olhava para ela, com tamanha intensidade e voracidade, ele esticado na cadeira como se tivesse todo o tempo do mundo, o modo como sorria. Ele tinha um belo sorriso. Nunca imaginaria que um homem tão sério, que se irritava tão facilmente, pudesse ser tão carinhoso e generoso. Não tinha outras experiências amorosas para poder comparar, mas não tinha como ser mais perfeito que aquilo. Será que alguma outra mulher se sentia adorada como ela quando estava com um homem? Será que se emocionava ao perceber como ele sentia prazer com suas carícias, seus lábios e com a resposta de seu corpo ao dele? Será que seu amante ria baixinho em seu ouvido e mordiscava sua orelha? Será que tinha os seios beijados até formigarem implorando por mais? E quando ele se entregava a ela, se unia a ela por dentro, será que seu corpo queimava e tremulava de prazer, sentindo-se tão maravilhosamente plena que era quase insuportável?

Será que queria ficar abraçada a ele para sempre, e jamais deixá-lo ir embora? E o que fazia quando tinha que deixar?

Uma gota de chuva caiu em sua testa, e outra na face. O céu parecia mais baixo, as nuvens, mais densas. Suspirou e se apoiou sobre os cotovelos. Hera se afastara alguns metros, até um trecho de pasto fresco. Qualquer que fosse sua decisão, não escaparia da chuva iminente.

Seguir adiante não parecia ser o certo, pelo menos não por aquele caminho. Queria que fosse, meu Deus, como queria que fosse! Mas não parecia ser. Cavalgar por aí desorientada, por campos desconhecidos, não ajudaria nem a Ithel nem a ela mesma.

A coisa mais inteligente a fazer seria voltar ao Solar Tercy e aguardar até que Deran pudesse acompanhá-la. Ela seria paciente, não o pressionaria, nem o irritaria com perguntas ou solicitações.

Em outras palavras, em silêncio, ela enlouqueceria.

Mais dois dias. Depois disso teria que voltar para Londres, encarar uma nova vida e rezar para que o sir honrasse sua palavra e não machucasse seus irmãos. Talvez, se ela cooperasse, ele permitisse que ela os visse, como havia dito.

Aquele pensamento lhe fez mal. Ela estaria desistindo, selando o destino de todos os três, depois de lutar por semanas. Mas isso os manteria vivos e lhes daria uma chance única de se reunirem no futuro.

Dois dias, pensou enquanto montava novamente e voltava em direção ao solar. Mais dois dias de liberdade.

Deran estava na baia vazia, tão inflamado que seria capaz de incendiar todos os fardos de feno do estábulo. Gibson estava acuado num canto. Fleck observava com ar severo.

— E ela partiu há duas horas?

Gibson engoliu em seco, tão alto que se pode ouvir.

— Quase três agora, milorde. — O jovem curvou os ombros. — Jamais deixaria que levasse o cavalo se soubesse que não queria que ela cavalgasse, senhor. Mas ela disse...

— Sim, eu sei o que ela disse. E você deveria ter confirmado comigo ou com Fleck antes de deixá-la ir. Está dispensado. — Deran deu as costas. — Desta conversa como também de seu emprego. Fleck, prepare meu cavalo.

Saiu andando, punhos cerrados com tanta força que seus antebraços doíam. Foi-se! Simplesmente. Bem debaixo do seu nariz, enquanto ele conversava sobre a família dela e fantasiava um futuro juntos. Como pôde ser tão estúpido, tão cego?

Maldita mulher! Devia tê-la acorrentado à cama.

Quando colocasse as mãos nela era exatamente isso que faria, depois de estrangulá-la, e então a mandaria de volta para Londres, e pronto. Que o barão suíço, alemão, francês, ou seja lá o que fosse, ficasse com ela.

— Que vá pela sombra.

Voltou para dentro do solar batendo os pés e fechou a porta com força o bastante para realinhar os retratos da parede. Já passava muito da hora de sua vida voltar ao curso previsível, suave e aprazível que seguia antes de aquela mulher insuportável despencar sobre seu tapete. Uma vida com todos os prazeres que quisesse, quando quisesse e com quem quisesse.

Quase trombou em Max subindo a escada.

— E então? — perguntou Max.

— Ela se foi. Como Bickford havia dito. — Subia os degraus de dois em dois. — Foi embora sozinha, em *meu* cavalo, só Deus sabe para onde.

Deu meia-volta ao chegar ao topo da escada e olhou para Max que vinha subindo.

— Posso imaginá-la sorrindo para Gibson, com olhos arregalados e faces rosadas, até hipnotizar o pobre-coitado. Encheu tanto a bola dele que ele escolheu um maldito cavalo para ela e lhe deu orientações de como chegar às cidades próximas. — Deu um soco que sacudiu o corrimão. — Maldita seja aquela mulher! Tomara que não a veja nunca mais!

Um grupo se juntou ao pé da escada. Mãe, irmã e cunhado olhavam para ele com intensa curiosidade.

— Está falando da srta. Fychon? — Madeline perguntou a ele.

Entre dois lances de escada, virou-se irado para ela.

— É claro que estou. E de quem mais seria? Há outra mulher neste continente tão estúpida a ponto de sair sozinha por campos em que nunca esteve, procurando por alguém, cujo paradeiro é desconhecido? Cavalgando em *meu* cavalo, desorientada como uma lebre cega numa tempestade de neve. — Desceu o corredor batendo os pés. — Maldita e estúpida mulher!

A porta batendo fez o candelabro do grande salão tilintar, seguido de profundo silêncio.

— Minha nossa — murmurou a condessa. — O que temos aqui?

Virou-se para a filha, que olhava fixamente para o local onde seu irmão acabara de fazer aquela incrível cena raivosa.

Max desceu as escadas e parou.

— É uma longa história, milady. A mais longa que poderá ter o infortúnio de ouvir um dia. E que parece não ter fim à vista. Pensei que faríamos um grande progresso, mas agora... — Curvou os ombros e balançou a cabeça. — Não sei o que pensar.

— Eu sei — disse Madeline. — Ele está apaixonado por ela.

— Que bobagem é essa dele estar apaixonado? Seu irmão nunca se apaixonou por ninguém além de si próprio, até onde sei — zombou o visconde.

Madeline bateu no braço dele.

— Não seja rude, Philip. Deran se preocupa com muitas pessoas. Ele apenas esconde bem. Não é, mãe?

Dirigiram-se em grupo de volta para o escritório.

— Ele não é de demonstrar sentimentos — concordou a condessa, acomodando-se novamente no sofá. — Exceto o descontentamento, claro. Isso ele nunca teve dificuldade em expressar.

— Isso é *tudo* que ele expressa, se querem minha opinião — sugeriu Philip.

— Não queremos — disseram as mulheres em uníssono.

— Sr. DiSanto — disse lady Atherton —, o senhor parece conhecer os detalhes. Fale-nos da senhorita... — inclinou a cabeça. — Esqueci seu nome.

— Fychon — completaram os outros três.

Max olhou na direção da porta e ouviu passos irritados. Quando Deran voltasse do quarto, Max iria sugerir que fosse junto, embora esperasse ouvir uma recusa. Estava repetindo a história da relação entre

o conde e a srta. Fychon quando foi interrompido pelo baque de passos pesados. Todos os olhos se voltaram para a porta.

Vestindo sua roupa de montaria preta, Deran parecia totalmente demoníaco.

— Mais uma vez peço desculpas por partir tão repentinamente, mas tenho de ir. Com sorte, eu a encontrarei antes do anoitecer.

— Está chovendo — anunciou o visconde, satisfeito, olhando pela janela.

— Claro que está — rebateu Deran. — Este é outro dos muitos talentos irritantes que ela tem, sair por aí quando os céus estão obviamente prestes a desabar.

— Deran — disse a mãe, baixinho —, pelo pouco que o sr. DiSanto nos contou, está claro que ela é muito dedicada à sua família. Está simplesmente seguindo seu coração.

— Sim, sim, eu sei — retrucou, mal-humorado. — Mas seu coração não é o que ela deveria estar seguindo, mãe. Ela tem um cérebro e é totalmente capaz de usá-lo. Eu a vi fazer isso em raras ocasiões. — Bateu as luvas contra as pernas. — Estou convencido de que seu coração e sua cabeça mal se conhecem. Na verdade, talvez nunca tenham sido apresentados. — Acenou rapidamente com a cabeça. — Espero vê-los no jantar — disse, partindo tão rápido quanto entrara.

Max pediu licença e correu atrás dele.

— Deran, quer que eu vá com você? Um segundo par de olhos procurando, talvez?

— Não. Lamento deixá-lo aqui com minha família, mas isso é algo que preciso fazer sozinho. Preciso encontrá-la. De novo. E pela última vez.

— Entendo. Você precisa trabalhar sua raiva de alguma forma, para que possa falar com ela calmamente quando alcançá-la. Como falaria com qualquer pessoa que está em pânico.

Deran fez uma pausa na saída da casa e fitou o terraço de pedra. Ele ouvia o tom de apelo na voz do amigo.

— Se está preocupado com a segurança dela em minhas mãos... Você me conhece bem, Max. Eu jamais a machucaria. Estou com raiva, sim, e frustrado, mas jamais seria capaz de...

Fechou os olhos e respirou fundo. A chuva fina caindo sobre as árvores era a única coisa que quebrava o silêncio.

— Você estava certo — continuou, baixinho. — Você estava certo sobre... sobre ela. Sobre nós. Mas... — Inclinou a cabeça para trás, olhando para o céu. — Não se trata apenas de... do que aconteceu. Não posso descrever. Talvez pudesse descrever se tivesse mais tempo, mas não seria fácil. Em relação a srta. Fychon, tudo é... — sacudiu o braço no ar, buscando a palavra certa — ...imenso. E terrivelmente confuso. Num dia estou no controle, no dia seguinte estou sendo jogado de um lado para o outro como se tivesse sido pego por uma tromba d'água. Parece não haver limite para o quanto eu... — Olhou para Max, angustiado. — É terrivelmente caótico.

Max balançou a cabeça compreensivo e colocou a mão sobre o ombro do amigo.

— Mas há mais sentimentos bons que ruins. E quando não está com você, ela está em seus pensamentos, mesmo quando você não quer.

— Sim — respondeu ele, asperamente. — Como foi... — Deran olhou surpreso e rapidamente desviou o olhar. — Já basta. Já estou agitado. Falar dela vai apenas piorar as coisas.

Fleck chegou com o cavalo.

— Não tive tempo de lhe contar que tomei providências para que a srta. Mairwen seja trazida de Sutton. Na verdade, foi ideia de sua tia.

— Minha tia? — Deran montou o cavalo e tomou as rédeas. — Como isso aconteceu? Não, não quero saber. Faça o que for preciso para tirar os Fychon da minha vida, Max.

Deu meia-volta com o cavalo e partiu em trote largo.

— Não está falando a sério, Atherton! — exclamou Max.

— Para o diabo que não — resmungou, batendo os calcanhares no dorso do cavalo, disparando em galope.

Com chuva sobre as costas, Deran se aproximou da primeira curva. Havia forçado muito seu cavalo. As memórias das inúmeras vezes em que ela o irritara atiçava sua raiva. Quando se lembrou de sua obstinação, teimosia e desrespeito a ordens, a chama cresceu ainda mais. Somando a isso sua falta de traquejo social, seu contentamento com roupas simples e fora de moda, o fato de nunca usar um gorro, a recusa em prender o cabelo e o fato de preferir andar descalça, o fogo subiu às alturas.

E se tudo isso não bastasse, a mulher dormia no chão.

Muitas coisas a respeito de Ava Fychon eram irritantes e incrivelmente estranhas. E, diabos, incrivelmente cativantes.

Sua postura e o modo como se vestia não tinha a menor importância para ele. A Sociedade ditava o estilo, e ele jamais dera a mínima para os padrões da Sociedade. Cumpria suas obrigações por sua família, mas pessoalmente, ele fazia o que queria. Por que ela agiria diferente? Tinha de admitir que admirava sua complacência com coisas que não tinham importância.

Sua raiva, abrandada, era agora menor que a preocupação. Preocupação com sua segurança, com sua saúde, com aonde seu comportamento impulsivo a levaria e, maldição, com como seria capaz de viver sem ela. Seria capaz, é claro. Ele fora antes e seria de novo.

Sombria perspectiva aquela. A vida sem ela seria simplesmente existência, nada mais. A vida nunca mais seria como antes.

Tinha esbravejado para Max que queria ela e todos de sua linhagem genética banidos de sua vida, mas sua língua fora comandada pela raiva irracional. Raiva e excessiva frustração. Max sabia disso, ponderou Deran. Sabia como era estar apaixonado. Estivera descontroladamente apaixonado por sua esposa, de fato a amava, então sabia...

Aquele pensamento quase o jogou para fora da sela.

Apaixonado?

De onde diabos havia tirado aquilo? Seria possível? Não tinha experiência nisso. Lascívia, sim. Sentimentos confusos, sim. Adoração, talvez. Mas amor por alguém que não fosse da família, não.

A possibilidade de estar apaixonado não era tão boa quanto ele gostaria que fosse.

Mas era muito melhor que qualquer coisa que já tivesse sentido antes.

Como dissera a Max, caótico.

Seu cavalo saiu rasgando de uma curva e acelerou rumo à próxima, correndo cada vez mais sob o comando de Deran.

Apaixonado. Sentira algo chegando lentamente desde que a vira pela primeira vez. Como o início de um resfriado de primavera. Primeiro, espirros, talvez uma leve dor de cabeça e depois uma realidade miserável.

Era isso o que estava acontecendo com ele. Estava lentamente transitando de um resfriado para um surto de gripe.

Do fascínio para a paixão, da paixão para... o amor.

Que os santos o protegessem.

Na curva, uma mudança de corrente trazia a chuva lateralmente. O vento uivava em seus ouvidos. Mas não ventava tanto assim. Lá estava aquele barulho de novo. Um gemido agudo, como uma coruja ao longe. Estava ouvindo coisas. Uma coruja não estaria voando pelo vale num dia chuvoso.

Puxou as rédeas levemente e percebeu algo se movendo acima, à sua esquerda. Sua respiração parou

ao vê-la montando a égua, as saias levantadas até o meio da coxa, a capa esvoaçante sobre os ombros, as pernas nuas envolvendo os flancos de sua montaria cinzenta. Tinha a cabeça caída para trás e o gemido que ouvira vinha dela. Soluços altos que o fizeram sentir um arrepio na coluna. Fez seu cavalo parar e observou-a enquanto se aproximava, aguardando que na curva seguinte ela notasse sua presença. Foi atravessado por uma onda de arrependimento. Ela voltara, melancólica e chorosa como uma alma enlutada.

Deran ergueu-se sobre a sela, aliviado por tê-la encontrado. Sua raiva ainda ardia, mas subitamente percebeu que não era pelo fato de ela tê-lo desafiado, ou por ter levado seu maldito cavalo, ou por ter partido sem ele. Ela se arriscara de todas as formas possíveis, e isso simplesmente não explicava sua raiva.

Amor. Tinha de ser isso.

Que visão era aquela! Poucas vezes vira uma mulher cavalgar montada, e jamais no pelo. A fantasia que tivera dela fazendo aquilo não se comparava à realidade. Era inegavelmente feminina e mais sensual do que ele imaginaria. A égua cinza a fazia parecer ainda menor, e ainda assim cavalgava confiante, pernas encaixadas, equilibrada.

Sem dúvida a visão mais erótica que já tivera. Embora fosse o momento mais inoportuno, ele se enrijeceu de desejo.

O choro cessou; ela se curvou sobre o pescoço da égua e repentinamente reduziu a velocidade. Ela o vira. Erguendo os ombros, conduziu a égua a trote na curva e a fez parar bem diante dele.

Todo o seu corpo pingava. Tinha as faces rosadas e os olhos inundados de lágrimas. Moveu-se ligeiramente, relaxando as pernas, mas não se preocupou em cobri-las. Tinha o queixo erguido, pronta para se defender de sua bronca.

Olharam-se longamente nos olhos. Ele levantou a mão e delicadamente afastou uma mecha de cabelo de seu rosto. Os lábios dela tremiam e os olhos estavam cheios de novas lágrimas. A dor queimava seu coração.

Como antes, ele não sabia o que dizer ou o que fazer para confortá-la.

— Vamos embora — falou, baixinho.

Ava assentiu com a cabeça e o seguiu, sem dizer uma palavra.

Capítulo XXVIII

Uma pequena carruagem aberta azul-clara estava parada na entrada quando chegaram. Deran fez uma careta ao desmontar. Em seguida, foi ajudar Ava a descer. Ergueu-a do cavalo, e ela não olhou em seus olhos. Um forte arrepio percorreu seu corpo ao apoiar-se no braço dele.

— *Diolch*. — Suspirou ela. Ajeitou o vestido molhado da melhor forma possível.

Ele pegou-a pelo cotovelo e conduziu-a. Ao subirem os degraus, franziu a testa.

— Você está mancando.

— Não é nada.

— Seu tornozelo está incomodando novamente?

— Já disse que não é nada. Por favor, não se preocupe.

Antes que pudesse responder, a porta da frente se abriu, e eles se aproximaram sob o olhar vigilante de Bickford, que lhe entregou toalhas ao entrarem.

— Os banhos já estão sendo preparados.

— Obrigado, Bickford.

Deran enxugou o rosto e esfregou a toalha nos cabelos.

— Acredito que não há ferimentos a serem tratados, certo, senhor?

Entregou o casaco molhado e a toalha a Bickford.

— Não desta vez.

Seus olhos seguiram Ava enquanto ela lentamente subia as escadas, arrastando a toalha atrás de si.

— Excelente notícia, senhor.

Lembrando-se da carruagem parada lá fora, franziu a testa e perguntou:

— Rensleigh está aqui?

— Sim, senhor. Chegou há meia hora e está no escritório com seus convidados.

— Segure-os por lá o máximo de tempo possível — disse, asperamente. Foi desabotoando a camisa enquanto subia as escadas. — E mande me servirem um uísque. Um banho estará longe de ser o bastante para me aquecer.

— Está bem, senhor.

Deran fez uma pausa entre um lance e outro de escadas e deu um longo suspiro.

— E...

Bickford fitou-o.

— Sim, milorde.

— O tornozelo da srta. Fychon a está incomodando novamente. Provavelmente se deve à forma como monta, imagino. Pode pedir que alguém dê uma olhada nele?

— Sim, senhor.

Uma hora depois, Deran entrou no escritório e foi imediatamente acuado. O marquês era o primeiro da fila.

— O que significa isso, Atherton? — esbravejou de onde estava, junto à lareira. — Por que nos deixou enfiados aqui como prisioneiros acorrentados?

— Essa ideia o assusta bastante, não é, Rensleigh? — Deran dirigiu-se à sua cadeira de couro preferida, cuja resistência estava sendo testada por seu cunhado. — Bem-vindos a Tercy. É assim que

tratamos visitas indesejadas e não convidadas no interior. Ou é como deveríamos tratar, pelo menos.

— Deran, por favor — repreendeu sua mãe. — Sabemos que está tendo um dia difícil, mas isso é maneira de falar com seu primo?

— Sim, é, mãe. É a *única* maneira de falar com ele no momento.

Fitou um buraco na parte de trás da cabeça do visconde até que finalmente ele entendeu a indireta e se dirigiu a outra cadeira. Deran sentou-se na cadeira que era sua por direito.

— Por que está aqui, Rensleigh?

— Espere aí um pouco. — Madeline veio à frente, os olhos castanhos flamejando. — Estamos confinados nesta sala há quase três horas, Deran. Já jogamos xadrez, ou melhor, movemos estatuetas de um quadrado para outro, e bebemos chá o bastante para nos manter acordados até a semana que vem. — Parou diante do irmão. — Não vai nos contar como acabou sua aventura com a srta. Fychon? Suponho que a tenha trazido de volta.

Robert se tranquilizou.

— Ela está aqui então?

— Eu lhe disse que estava, Robert — interrompeu Madeline. — Ou melhor, estava e então fugiu, e Deran fora atrás dela. Você a encontrou, não é?

— Ela está em segurança, sim. — Deran não desgrudava os olhos de Robert. — É por causa dela que está aqui, não é? Tem interesse em seu bem-estar, ou é apenas o seu próprio bem-estar que o preocupa?

— Veja bem...

— Ouça, Atherton — intrometeu-se o visconde. — Está sendo mais desagradável que o habitual.

A risada que soltou foi um pouco sinistra demais, deixando todos desconfortáveis.

— Não tente me adular, Charnock. É tarde demais para isso.

Bickford apareceu à porta.

— Perdoe-me interromper, milorde, mas irá querer que o jantar seja servido no horário habitual?

— Não — respondeu, contente por Bickford ter percebido a necessidade de terminar aquela noite mais cedo. — Sirva-o às sete — disse, olhando para o relógio sobre a lareira —, o que será em menos de uma hora.

Deran, exausto, voltou sua atenção para as pessoas amontoadas em seu estúdio.

— Deran — disse sua mãe, tentando aliviar a tensão na sala —, estou ansiosa para encontrar a srta. Fychon. Conheci poucas pessoas de Gales, e eram todos homens. Seu pai conhece vários galeses, mas não me lembro de ter conhecido suas esposas ou parentes. Espero que ela não se incomode de responder às minhas perguntas.

Deran sorriu.

— Estou certo de que não vai se incomodar, mãe. Ela vai adorar a oportunidade de falar de sua terra. Ela sente saudades — disse, tenso.

— Devia ouvi-la cantando, mãe — empolgou-se Madeline. — Tem uma voz divina. Jamais poderia imaginar olhando para ela. Não que haja algo de errado com sua aparência, mas ela é bem pequena e jovem, e quando canta soa como uma mulher madura, porém com um quê de inocência. Não é uma soprano doce, infantil, mas sim... — Agitava as mãos em busca de uma descrição precisa. — Exuberante e delicada ao mesmo tempo. — Franziu a testa. — Bem, só a ouvi cantar em galês, o que fez tudo isso parecer mais... exótico.

— Oh — disse a condessa, empolgada —, acha que poderíamos persuadi-la a cantar, Deran? Madeline poderia acompanhá-la ao piano. Faz tempo que o instrumento não é tocado.

— Só precisa pedir a ela, mãe. Estou certo de que não se recusará, embora talvez não seja o melhor momento esta noite.

— Oh. Sim, é claro. Ela estará cansada após a longa viagem. Onde está ela, a propósito? Após todo esse suspense de hoje, estou ansiosa para conhecê-la.

— Está descansando. — *E se escondendo*. — Você a conhecerá no jantar.

Cansado de ser ignorado, Robert desfilou até o centro da sala.

— É rude da parte dela não se apresentar antes disso. É a sua mãe, afinal.

— Agradeço por me avisar, Rensleigh — disse Deran, sarcástico. — Senão eu não saberia com quem estava falando. Quanto a ser rude, não vejo nada de rude no fato de querer se preparar para o jantar. Com certeza está apenas preocupada em causar boa impressão.

— Ao menos ela sabe que estamos aqui? — perguntou Madeline. — Se não estou enganada, ela já tinha saído quando chegamos.

Bem lembrado. Talvez não soubesse, pensou Deran, a menos que Beth tivesse lhe dito, e neste caso ela estava *mesmo* se escondendo.

— Pedirei que Bickford lhe dê o recado, para o caso de não estar ciente. — Ergueu as sobrancelhas, fitando Rensleigh. — E o senhor, irá revelar a razão de estar aqui, ou terei de fazer uma série de perguntas para obter uma resposta objetiva?

Robert agarrou as lapelas de seu casaco marrom-acinzentado e olhou para Deran friamente.

— Conversaremos em particular sobre isso, se não se importa, senhor.

— Nem um pouco — disse, levantando-se rapidamente. — Temos tempo antes do jantar. À biblioteca. Saiu da sala e sorriu ao ouvir Rensleigh bufando alto.

Na biblioteca, Deran manteve-se calado, sabendo que isso deixaria Rensleigh irritado. Não demorou muito.

— Se acha que vai me intimidar, Atherton, está enganado. — Apontou o dedo para ele. — Conheço suas artimanhas.

— Conhece?

— Sim, conheço. De fato, estava conversando sobre isso com alguém outro dia.

— É mesmo?

Robert levantou o queixo.

— Sim. E ele concordou comigo que você se acha acima do bem e do mal.

— Ah, é? Que gentil de sua parte viajar até aqui para me dizer o que eu acho de mim mesmo.

— Não foi para isso que vim aqui, maldição — esbravejou. — Vim aqui para buscar a srta. Fychon e levá-la de volta a Londres. Imediatamente. Há uma obrigação a ser cumprida, e pretendo fazer com que seja cumprida.

Deran ergueu ligeiramente a sobrancelha.

— Ah, é mesmo?

— Sim, com certeza que sim. — Rensleigh levantou-se num pulo e andou até o outro lado do cômodo. — Disse a ele que não havia sido culpa minha ela ter partido. Como eu poderia saber o quão longe ela iria para evitar o inevitável? E também ela não está sendo mandada para sua condenação, meu Deus. — Deu meia-volta e retornou. — Ela tem se comportado como um cristão diante de um leão. — Parou de andar. — Que foi? Nenhum comentário sobre isso?

— Você está dando conta bastante bem dos dois lados do diálogo.

— Isso, estou mesmo — resmungou Robert. — Posso dar conta disto perfeitamente bem, *por conta própria*.

— Você fala como se houvesse algo em disputa.

— E há. Ou melhor, havia. Mas eu farei isso, e farei bem ou... — Olhou para baixo fitando as mãos trêmulas. — Maldição! Inferno!

Deran conteve um sorriso. Embora seu primo fosse capaz de irritá-lo facilmente, era totalmente inofensivo. E inútil. Mas estava claramente sendo coagido, e como Deran queria que ele sumisse dali o mais rápido possível, ajudá-lo era de seu interesse.

— Sente-se, Rensleigh. Está gastando o carpete.

Robert despencou sobre uma cadeira.

— Não vai dizer nada sobre isso, não é, Deran?

Ele parecia uma criança, e não um homem dois anos mais novo que Deran, e usar seu nome cristão era uma surpresa. Jamais se tratavam de forma tão íntima. Parecia aterrorizado e prestes a explodir em lágrimas. Tinha a boca trêmula, os olhos arregalados. Por mais revoltante que fosse, Deran sentiu uma ponta de compaixão. Uma pontinha bem pequena.

— Não direi nada sobre o quê, Robert?

O efeito de ouvir o próprio nome foi como uma espada perfurando um balão de ar quente. Seu corpo desabou contra o encosto da cadeira, seu rosto murchou, suas pernas tremiam. Sem que Deran precisasse dizer mais nada, despejou toda a sua história. O ritmo das palavras crescia conforme ele avançava. Era como se uma torneira fosse aberta e a água salobra há meses contida se esvaísse.

Ao terminar, afundou ainda mais na cadeira. O suor escorria pelo rosto.

Deran se esforçava para manter a compostura. Precisava desesperadamente dar um soco em alguma coisa. A cara de Robert era o alvo mais atraente. Porém, por mais prazeroso que fosse esmurrá-lo, isso não lhe daria as respostas que precisava.

— Como diabos de envolveu nisto, Rensleigh?

Robert deu de ombros, esgotado.

— Um jogo de cartas. Mais de um, para dizer a verdade. Lorde Stewart estava na mesa todas as vezes. Ele rouba, posso jurar. Após um dia especialmente ruim, ele me abordou propondo um negócio que poderia me tirar da pior. Parecia fácil.

— Seu faro para negócios é incrivelmente deficiente. Deve saber que quando um negócio parece bom demais para ser verdade, quase sempre é mesmo.

— Claro que sei. Mas não parecia bom demais para ser verdade. Parecia consistente, e muitas pessoas respeitáveis trabalham com ele.

— Respeitáveis? Altamente improvável. Não se estiverem no ramo de compra e venda de seres humanos.

Robert fez um muxoxo.

— Mas eu não sabia disso. Mercadorias comercializáveis, era como chamavam. Até me mostraram os livros contábeis e os históricos de transações. Meu trabalho era fornecer informações aos diversos comerciantes.

— Mas não fez nenhuma pergunta, não é?

A paciência de Deran se esgotava. A idiotice dele não tinha limites.

— Eu confiei neles.

— Foi seu primeiro erro. O segundo foi ir adiante com ele. — Ergueu a mão, interrompendo uma réplica choramingada. — Já basta. Quando se deu conta de seu erro, era tarde demais. E agora está nas mãos de lorde Thomas Stewart, um declarado destruidor de homens, como você diz. E o homem para quem ele trabalha, sir Edmond de la Pontoise, não teria problema algum em se livrar de todos os lordes Stewarts que cruzassem seu caminho. Ele considera todas as vidas, exceto a sua própria, descartáveis. Se você não levar a srta. Ava Fychon de volta a Londres, então sua própria vida estará seriamente em perigo. Eu entendi bem?

Robert piscou os olhos, nervoso.

— Sim, entendeu.

— Ouça-me com atenção, Rensleigh — disse Deran, calmamente sombrio. — Ela não voltará com você. Se voltar, será comigo. Não me surpreenderei nem um pouco se Stewart ou Pontoise, ou ambos, vierem fazer uma visita não anunciada nos próximos dois dias. Sairão à sua procura quando virem que não retornará com a mercadoria que lhe mandaram vir buscar. Você ficará aqui até que eles cheguem. Não vai fugir como um gambá assustado. Vai encará-los de frente.

Robert curvou-se à frente, olhos esbugalhados.

— Não zombe de mim. Se eu não levá-la de volta e eles me encontrarem, eles vão... me matar.

— Exatamente.

Robert levantou-se num salto.

— Sério, Atherton, está indo longe demais. Está se divertindo com minha situação como se fosse uma partida de tênis. Eu lhe asseguro, esses homens não fazem joguinhos. Não me deixarão vivo se não cumprir minha obrigação.

Todos os músculos de seu corpo tremiam.

— Sente-se, Rensleigh. Ninguém vai matá-lo. Embora eu fosse adorar esmurrar você. — Ignorou seu suspiro. — Todo homem tem seu preço. Vamos descobrir qual é o deles e pagar.

Robert desabou de novo na cadeira.

— Suborno? Não — disse, sacudindo violentamente a cabeça. — Isso jamais iria funcionar. Eles não vão...

— Está bem. — Estava com fome e enojado. — Vejo você no jantar. Acredito que temos corvo no menu. Algo que você deveria aprender a comer.

— Não, espere! — Robert correu para bloquear a passagem. — Diga-me o que fazer e eu o farei. — Seu rosto estava branco. — Que diabos. Sempre odiei sua maldita arrogância e o jeito frio e metódico como trata os outros. Precisa apenas estalar um dedo para que façam o que manda e não se importa com a reputação de ninguém, especialmente com a sua própria. Sabe o que todos dizem de você, não sabe?

É claro que sabia, mas não ouvira as coisas mais recentes. Seria bom divertir-se um pouco hoje.

— Conte-me.

— Que você tem coração de pedra e sangue de gelo. Que quando você sua, se é que isso acontece, sua granizo. Por isso nunca se casou. Nenhuma mulher respeitável iria querer se casar com um homem frio o bastante para congelar os lençóis da cama.

Deran curvou os cantos da boca lentamente.

— E qual é a sua desculpa para ainda estar solteiro, meu caro primo? Não é quente o bastante para saciar os desejos de uma mulher? Ou ainda não encontrou o homem capaz de derreter seu coração?

O tremor de Robert parou subitamente.

— Você é um bastardo sem coração, Atherton.

— Deveria melhorar isso, Rensleigh. — Desviou-se dele e abriu a porta. — Suas técnicas de persuasão, digo. Poderia ser mais lisonjeiro.

Saiu e fechou a porta em silêncio.

Ava encontrou todos, momentos antes de ser acompanhada à sala de jantar. De braços dados com ela e com sua mãe, Deran as conduzia. O visconde ia ao lado de sua esposa, e Rensleigh foi deixado bufando sozinho.

Enquanto tomavam sopa, lady Atherton perguntou a Ava o que achava da Inglaterra.

Ava olhou para ela.

— Gosto bastante. Obrigada, Vossa Graça. — Franziu as sobrancelhas. — Isso não foi correto, não é?

— Não se preocupe, querida — respondeu com uma leve risada. — Lady Atherton ou milady está perfeito.

— Obrigada, milady.

A última coisa que Ava queria fazer era descer para jantar. Estava com fome, mas queria muito dormir. O dia havia sido cansativo, e precisava descansar um pouco.

Experimentou o *consommé* de legumes. Salgado demais para seu gosto. Trocou de colher e pousou as mãos sobre o colo. Ninguém comentou nada, mas todos notaram.

— É um prazer revê-la, srta. Fychon — disse lady Charnock em tom simpático.

Ava sorriu.

— Obrigada, milady. É um prazer revê-la também.

Foi alcançar o vinho, mas sua mão tremeu e ela rapidamente recolheu-a. Deliberadamente, manteve os olhos baixos, sem encarar o conde. Ainda não haviam se falado e ela queria evitá-lo o máximo de tempo possível.

Com suas respostas curtas e educadas, incluí-la na conversa se mostrava difícil, o que era precisamente o que Ava queria. O clima de intimidade entre aqueles nobres vestidos de modo tão elegante a deixava terrivelmente constrangida. Seu vestido de musselina azul-turquesa parecia simples comparado aos trajes brilhantes das demais mulheres. Não usava joias e ela própria havia arrumado seu cabelo, prendendo-o apressadamente ainda úmido. Seu peso dava a sensação de estar carregando um cesto de roupa suja na cabeça. Naquele momento, cortá-lo parecia tentador.

Por fim ela deixou de ser o assunto da conversa. O bacalhau com alcaparras estava tão apetitoso quanto cera de vela, e levantar o garfo exigia energia demais. Ainda no meio da entrada colocou-o de lado.

Deran a observava da cabeceira da mesa. Algo não estava certo. Com tudo que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas, poderia ser por vários motivos, e os eventos ainda não tinham acabado. Max o lembrou de que ainda tinham negócios a tratar e lhe perguntou se contara a Ava o que haviam descoberto sobre sua irmã e seu avô. Não tinha tido tempo, exceto durante a uma hora que levaram cavalcando de volta. Contaria a ela depois do jantar.

— Srta. Fychon — perguntou a condessa, preocupada —, está tudo bem?

— Sim, milady. Obrigada.

Lady Atherton apertou os lábios, cética.

— Minha filha diz que você tem uma voz adorável cantando. Talvez possamos convencê-la a nos mostrar uma ou duas canções após o jantar.

O coração de Ava disparou. *Que sede...* Seu copo ficou embaçado quando ia pegá-lo. Cuidadosamente pousou a mão sobre o colo.

— Eu adoraria... milady... se...

Ela passou a língua nos lábios.

Tão... cansada...

— O que houve, srta. Fychon? — perguntou a condessa, dando um tapinha em seu braço. Seus olhos se arregalaram. — Meu Deus, você está muito quente. — Colocou a mão sobre a testa de Ava e olhou para o filho, alarmada. — Deran, ela está com febre alta. Precisa se deitar.

Deran levantou-se.

Ava olhava para baixo de modo taciturno.

— *Mae'n chwith gen i.*

— O quê? — Lady Atherton olhou para Deran, que estava ao lado dela. — O que ela disse?

Puxou para trás a cadeira de Ava e pegou-a nos braços.

— Sinto muito. Ela disse que sente muito.

Saiu da sala sem olhar para trás.

A condessa sentou-se de novo, vagorosamente.

— Meu Deus. Isso não foi a coisa mais galante que já viu? Nunca soube que ele era galante. Você sabia, Madeline?

Os olhos da viscondessa dançavam.

— O que eu lhe falei, mãe? Meu irmão mais velho está apaixonado.

Capítulo XXIX

Água. Era tudo em que pensava ao abrir os olhos. Jamais sentira tamanha sede. E frio. Ela estava quente antes, e a sensação era boa. Sentiu um arrepio e puxou o cobertor para junto do queixo. Cobertor? Estava era escuro, mas definitivamente estava em uma cama com cobertores. Tentou se sentar, mas a mão estava presa. Foi então que o viu ao lado da cama. Ele havia dormido numa cadeira, a cabeça pousada sobre o encosto, segurando a mão dela.

Ava deitou-se sem fazer barulho e tentou desfazer a confusão em sua mente. Jantar, difícil ficar acordada, a mãe dele ao seu lado; essas eram as últimas coisas de que se lembrava.

Estou em meu leito de morte? É por isso que estou na cama e ele está dormindo ao meu lado?

Rolou de lado, puxando a mão dele para mais perto. Os olhos dele se abriram de repente e ele fitou-a com a vista turva. Levantou-se num salto.

— Ava. Você está acordada!

Ela sorriu e fez uma careta. Seus lábios doíam.

— Se não estou sonhando que você está ao meu lado, então, sim, estou acordada. E você?

Foi até a beira da cama e beijou a mão dela.

— Estou muito acordado.

Colocou a mão sobre a testa de Ava, e em seguida sobre os lábios. Beijou sua testa, suas bochechas e seu queixo. Acariciou delicadamente seus lábios ressecados.

— Ela se foi. A febre.

— Lamento ter perdido o jantar.

Ele riu baixinho e se acomodou devagar ao lado dela.

— Perdeu não só o jantar, querida. Perdeu dois jantares, e todas as refeições entre um e outro. Deve estar faminta.

— O quê? Do que está falando?

— Está nesta cama desde sábado à noite. Já é segunda.

— Oh, *myn Duw*! Por que não me acordou? Eu estava cansada, mas...

Então lembrou-se dele carregando-a escada acima. Não se lembrava de nada depois disso.

Ele explicou que ela teve febre, provavelmente causada pela exposição à chuva e ao frio e pela exaustão. Não havia muito a fazer senão mantê-la confortável e aguardar. O que não contou foi que quase enlouqueceu de preocupação. Sua mãe e sua irmã se revezaram cuidando de Ava, mas ele não saíra do lado dela. Ele a havia segurado quando ela se debateu, havia limpado seu rosto e seu pescoço com panos úmidos, havia a observado durante o sono agitado e havia rezado. Rezado como nunca antes.

— Dois dias se passaram? — repetiu, incrédula.

Sua mente subitamente se clareou. Tinha de estar em Londres hoje, o mais tardar amanhã. Ele viria atrás dela, e ela não estaria lá.

— Não pode ser! — Levantou-se, apoiando-se nos cotovelos e sua cabeça rodou. — Tenho de voltar para a cidade. Não consegui fazer o que vim fazer aqui, mas se não voltar tudo estará perdido. Não posso acreditar nisto. Como pode tudo ter dado tão errado?

Os olhos de Ava se encheram de lágrimas.

— Calma. — Deran passou o braço sobre seus ombros e puxou-a para junto dele. — Pare com isso. Não há motivo para se preocupar. Muita coisa aconteceu nos últimos dois dias, algumas antes mesmo de você desfalecer no sábado, mas não tive chance de lhe contar. Antes de tentar sair correndo para

Londres, precisa saber de algumas coisas.

Ele afastou seu cabelo molhado, que graças a Deus estava fria, e encostou o rosto em sua testa.

— Então me conte — murmurou com a boca colada à blusa dele — e eu partirei.

Ele sorriu, vagarosamente.

— Num instante. Deixe-me aproveitar este momento antes. Deixe-me abraçar você. Eu estava... preocupado.

— Sinto muito. Não fazia ideia.

Tentou se aproximar um pouco mais, mas era difícil, pois ela estava sob a coberta, e ele, por cima.

— Não há necessidade de pedir desculpas, querida. É maravilhoso tê-la de volta.

— Então não está mais zangado comigo?

— Zangado? Não, por que estaria?

— Por pegar seu cavalo sem autorização.

— Acha que era por isso que estava zangado com você?

— Sim. E por tudo mais.

Ele sorriu.

— Sim. Teve tudo mais também. Mas, não. Não estou zangado com você.

Ava suspirou e se deleitou no prazer de estar em seus braços.

— Onde estou?

— No quarto que fica entre o meu e o de minha mãe.

Ela ficou tensa.

— Sua mãe está no quarto ao lado?

Ele assentiu com a cabeça. Ela engoliu em seco.

— Você estará em sérios apuros se ela o vir aqui, milorde.

Sua risada repentina rompeu o silêncio. Ela cobriu a boca de Deran com a mão.

— Shh! Vai acordar todo mundo. Aí ambos estaremos em apuros.

Seus ombros sacudiram ao rir novamente. Ava deu um risinho e pressionou o rosto contra o peito de Deran. Ele beijou sua mão e percorreu todo o seu braço com beijos, erguendo-a mais alto e contra ele. Todos os movimentos, todos os sabores dela o excitavam.

— Quero você — sussurrou ele, o rosto colado no pescoço dela. — Eu a quero tanto que sonhei que a possuía.

A mão dele mergulhou sob as cobertas e deslizou sobre seu quadril, aquecendo sua pele por sobre a *chemise*.

— Ainda não está bem o bastante para isso, eu sei, mas tenho que tocá-la.

Ela perdeu o fôlego quando a mão dele alcançou sua coxa.

— Não deve fazer isso, senhor. Deran. Sua mãe...

Ele puxou o cobertor que estava preso embaixo dele para chegar mais perto.

— É tarde. Todos estão dormindo.

— Estou com sede. E preciso escovar os dentes. — Fez uma pausa. — E estou com muita fome.

A mão dele parou.

— Se estava tentando cortar o clima, fez um bom trabalho.

— Não era o que estava tentando. Você estava... Já estava me fazendo sentir tudo aquilo. É incrível como isso é rápido. Mas gostaria muito mais de estar com você se pudesse limpar meus dentes. E estou com muita sede. E fome.

Ele sorriu.

— Está fraca demais para o que eu tenho em mente, mas se essas coisas são o que você precisa antes

de se deitar comigo, então vocês as terá, claro.

Ele rolou para fora da cama, pegou a jarra que ficava ao lado e serviu um copo de água.

— Sua água, milady — disse, fazendo uma longa reverência.

Ela ergueu uma sobancelha.

— Está agindo de um jeito muito estranho, milorde — disse Ava, aceitando o copo.

— Estou feliz. E muito aliviado. E tonto devido à falta de sono.

Deu um sorriso.

Ela deu um gole e soltou um suspiro de satisfação.

— Isto é muito bom. Melhor que na cidade.

Deu um longo gole, quase esvaziando o copo.

— Basta. Pode beber mais depois de comer. — Ofereceu-lhe a mão. — E agora, escovar os dentes.

Ela olhou para Deran desconfiada, enquanto ele afastava de lado as roupas de cama.

— Parece que a única forma de fazê-la usar uma cama é estando nela com você, ou sentado ao lado dela — disse, baixinho. — Está nesta cama há dois dias. Sem mim, infelizmente.

— Não foi muito cavalheiresco dizer isso.

— Não? — Deu de ombros. — Imagino que não. Não estou me sentindo muito cavalheiro no momento.

— O que quer dizer isso?

Desceu da cama vagarosamente, perguntando-se quem teria vestido nela a camisola que estava usando.

— Isso quer dizer, srta. Fychon, que estou pensando apenas como homem no momento.

Ela cambaleou e em seguida ergueu os ombros, usando o braço dele como apoio.

— Fico contente de ouvir isso, senhor.

Deu um passo à frente, cautelosamente, soltou o braço dele e deu mais um passo.

— Por que isso?

— Porque gosto quando você pensa apenas como homem. Perto de mim, quero dizer. É muito excitante. — Despejou água na bacia, em seguida virou-se para a cama. — E tem outra coisa que eu gosto. Estamos falando de coisas que não deveríamos, de acordo com você — disse ela sorrindo lentamente.

Deran observava seus movimentos.

— Tem razão, estamos. Receio que você tenha me corrompido.

— Corrompido? O que isso significa?

— Arruinado. Você arruinou-me para qualquer outra pessoa, foi isso o que fez.

Ava passou a língua pelos dentes limpos.

— Isso não soa como uma boa coisa, milorde.

Ela abraçou a própria cintura, sentindo frio de repente e notando que estava diante dele vestindo uma camisola.

— Vista isto — disse ele, pegando um robe ao pé da cama. — A última coisa que precisa é pegar friagem. — Ele ajudou-a a se vestir e envolveu-a com os braços. — Senti sua falta — sussurrou com a boca em seus cabelos.

— É mesmo? — ela murmurou contra o peito dele. — Eu imaginaria que ficaria contente em se livrar de mim por uns dias após todos os problemas que lhe causei.

— Problemas, sim. Mas contente em me livrar de você, não. — Ele a afastou um pouco e olhou em seus olhos, como se tentasse ler seus pensamentos. — Nunca.

Os olhos dela se arregalaram e um arrepio que não era de febre varreu seu corpo.

— Isso soa muito sério, senhor.

— E é. Bastante sério.

Ousaria se arriscar a compartilhar o que pensara nos últimos dois dias? Que em algum momento durante as duas últimas semanas, enquanto se embaralhavam fases de incredulidade, frustração, fascinação, atração e, depois, paixão, ele passou a amá-la? Amava o fogo em seu coração que a tornava tão enlouquecidamente determinada em seus objetivos. Amava o fato de ela se recusar a aceitar um “não” como resposta. Amava o modo como batia o pé quando estava irritada. Amava o jeito como mordia o canto do lábio quando estava ansiosa. Amava o modo como o canto dela iluminava sua alma. Amava a paixão que ela tinha pela vida, maior que a de qualquer outra pessoa que conhecesse. Amava o fato de se sentir mais grato por sua própria vida quando estava com ela. E amava o fato de não querer estar na vida de mais ninguém, exceto na dela. Sua cabeça dava voltas pensando em tudo o que formava Ava Fychon.

O que fazer com aquilo a fazia dar mais voltas ainda.

— É sério — repetiu —, mas não se preocupe com isso agora. Precisamos conversar sobre coisas mais prementes primeiro. — Tomou-a pela mão e conduziu-a à porta. — Acha que está em condições de descer as escadas? Eu a carreguei subindo, posso muito bem carregá-la descendo.

Ava sentiu suas bochechas corarem.

— Acho que ficarei bem, obrigada, senhor. Mas um dia gostaria de saber como é ser carregada por você sem estar me sentindo péssima ou sem estar encharcada. Então poderei verdadeiramente apreciar.

Deran sorriu e conduziu-a até o corredor.

— Teremos que combinar para que tal evento ocorra. Na verdade, tenho um em mente.

Atravessaram lentamente o corredor escuro, iluminado apenas pela vela que Deran carregava. Olhou para Ava e sorriu. Ela não havia respondido a este último comentário, mas ele podia dizer que ela estava ponderando sobre as implicações. Ótimo. Que ponderasse.

Suas pernas estavam fracas, e seu tornozelo, um pouco rígido, mas ela insistiu em andar até a cozinha. Desabou sobre o banco da mesa com um enorme suspiro.

— Como posso estar tão cansada após dormir por dois dias?

Deran colocou uma cesta de pãezinhos na frente dela e foi à procura de algo mais que pudesse lhe apetecer.

— Você dormia e despertava o tempo todo; não estou surpreso que não se sinta descansada.

Trouxe para a mesa um prato de queijo e uvas vermelhas grandes.

Enquanto comia um pãozinho e um naco de queijo, pediu mais água. Aquilo o fazia lembrar-se de seu primeiro encontro, especialmente por estarem novamente numa cozinha. Haviam se passado somente duas semanas desde a primeira vez? Pareciam duas vidas.

O estômago dele se revirava de nervoso. Após contar a ela tudo que acontecera nos últimos dois dias, a vida dele repentinamente mudaria de novo. Estivera em batalhas no mar, encarara a possibilidade da morte inúmeras vezes, chorara a perda de vidas, porém nada se comparava ao medo que sentia de dizer as palavras que poderiam afastá-la de sua vida. Por mais duro que fosse, havia uma amarga felicidade em contar a ela que sua busca chegara ao fim. Que a vida tomada dela lhe seria devolvida. Uma vida que não o incluía.

Deran serviu um copo d’água e deu um grande gole.

— Ava.

Ela reconhecia aquele tom de voz — baixo, firme.

— Sim, senhor?

Ele sorriu triste com aquela formalidade. Parecia adequado, visto que o que estava prestes a lhe contar seria o começo do fim. A menos que ela aceitasse uma alternativa, mas as chances eram remotas.

Ele mordeu a ponta de um pãozinho.

— O sr. DiSanto é meu amigo desde que entramos para a Marinha Real, ainda garotos. Após deixar a Marinha, tornou-se advogado, e sou seu cliente há seis anos. Na condição de meu advogado e meu amigo, ele concordou em fazer todo o possível para cuidar de sua situação.

Ava pegou uma uva.

— Minha situação?

— Sim. Tudo relacionado à sua partida de Gales e ao que aconteceu com seus irmãos.

Seu rosto ficou pálido.

— As novidades que disse não ter tido chance de me contar.

Ela se preparou para o pior — ombros erguidos, queixo projetado à frente, dedos entrelaçados. Deran segurou suas mãos fechadas.

— Max localizou Mairwen. Ela está a caminho da casa de minha tia, vindo de uma residência em Suffolk onde estava trabalhando como empregada. Talvez já tenha chegado a Londres, ainda não temos notícias.

Ainda pálida, seus olhos pareciam dois brilhantes lagos verdes. Um jorro de palavras saía de seus lábios e, embora não conseguisse entendê-las, a alegria em seu rosto as expressava perfeitamente.

Ela levantou-se num pulo, correu em torno da mesa e se atirou sobre ele, fazendo-o pender para trás. Beijou cada centímetro de seu rosto em meio a palavras que soavam como música.

Finalmente parou e o abraçou apertado.

— Meu Deus, é difícil de acreditar. — Afastou-se e olhou para ele. — Está falando sério, não é? É claro que sim. Não diria tal coisa se não fosse verdade. Como posso lhe agradecer? Como posso agradecer ao sr. DiSanto? — Recuou um pouco. — Quando posso vê-la? Estamos partindo hoje? Ou talvez ela esteja vindo. Ela está vindo para cá?

Ele riu; sua felicidade era contagiante. Pôs de lado seus próprios sentimentos temporariamente e a abraçou.

Sentaram-se e ele contou a ela como Mairwen fora encontrada, e disse que tomaria todas as providências necessárias para o reencontro, mas sugeriu que ele ocorresse em Londres.

— Preciso voltar a Londres até o fim da semana, e ela já deverá ter chegado até lá.

O sorriso dela se desfez.

— Tenho que estar de volta antes disso de qualquer jeito, você sabe. Para me encontrar... Para me encontrar com *ele*.

Os olhos de Deran brilharam.

— Não deve se preocupar com ele. Estarei lá quando ele chegar e cuidarei disso.

Ela levantou-se abruptamente, lábios cerrados, punhos sobre os quadris. Sua irritação superava sua gratidão.

— Aprecio o que fez por mim, senhor, não posso expressar quanto, mas essa batalha não é sua. Vou enfrentá-lo e farei o que for preciso para que Mairwen esteja segura. Não sei como, mas vou descobrir.

Deran levantou-se rápido e assomou-se sobre ela. Ela não retrocedeu; manteve-se firme e encarou-o, tão próxima que ele podia sentir o calor de sua raiva emanando.

— E seu irmão? — desafiou-a. — Depois de tudo que já fez, de todos os riscos impetuosos e *estúpidos* que correu para encontrá-lo, quer se entregar a esse homem? Quer se tornar escrava de alguém para o resto da vida?

Seus olhos cuspiam fogo.

— É óbvio que não *quero*! Mas é por Ithel e Mairwen que devo fazer isso. Você sabe disso, Deran; sempre soube. O que você quer ou o que eu quero não muda os fatos. As coisas são assim.

— Para o diabo que são assim. — Segurou firme seu rosto e colou os lábios nos dela. — Para o diabo que são assim.

Ela murmurou um protesto abafado e se debateu, tentando se desvencilhar, mas ele a puxou para junto dele até seus pés saírem do chão. O beijo ficou mais suave, os lábios pressionando os dela, a língua acariciando sua pele macia, convidando-a a retribuir o beijo.

Então ela se derreteu; atirou os braços em torno de sua nuca e retribuiu o beijo selvagemmente. Deran agarrou seu traseiro, puxando-a de encontro a ele. Interrompeu o beijo e viajou até seu pescoço e sua nuca.

— Meu Deus, eu quero você — disse com a voz rouca, soltando o robe dela. — Você me faz perder todo o bom-senso.

— Sim — sussurrou. — Sinto muito, senhor.

— Eu jamais — ele a levantou mais alto e abocanhou seu seio macio, sentindo o mamilo intumescer sob o tecido fino — desejei algo ou alguém tanto quanto a você. Consegue entender quanto eu a desejo?

Tomou o mamilo entre os dentes, mordiscando-o suavemente.

— Oh, meu Deus — disse, arfante, afundando os dedos nos ombros dele.

— Sim. Sim, amor.

Ele colocou as pernas dela em torno de sua cintura e saiu da cozinha.

— Aonde estamos indo?

— Isso importa?

Ela riu, ligeiramente histérica.

— Não. Não importa. Apenas chegue lá rápido, por favor.

— Como quiser, milady.

Ele abriu a porta do escritório, fechou-a com o pé e jogou-a sobre o sofá.

Risinhos e gracejos acompanhavam o esforço de livrá-lo de suas roupas. O robe e a camisola dela voaram sobre a pilha de roupas.

— Preciso de mais espaço — disse ele, olhando para o sofá estreito. — Será que o chão estará confortável para você, milady?

Ele riu, pegou-a no colo e ajoelhou-se sobre o carpete em frente à lareira apagada.

— Finalmente rebaixou-se ao meu nível, milorde.

— Hum. Era só uma questão de tempo. — Encaixou-se entre as coxas dela. Seus joelhos se ergueram, convidando-o a entrar. Levantando mais os quadris dela, acelerou os movimentos. Seu sangue se agitava e ele se perdia nela, incapaz de distinguir seus corpos.

As pernas vigorosas de Ava de repente abraçaram sua cintura, prendendo-o junto a seu corpo, não permitindo que se afastasse.

— Eu te amo — murmurou ela. — Eu quero você. Quero você por inteiro.

Atordoado, ele olhou para ela confuso e incrédulo, mas estava perdido demais, às beiras de seu êxtase, para lutar contra ela.

Ela sorriu quando ele pronunciou seu nome, os músculos tesos e gloriosos, e com um grito rouco de satisfação ele se liberou dentro dela.

Capítulo XXX

Os tremores dela o despertaram. Haviam adormecido sem se cobrir e estavam deitados na escuridão; a única luz no cômodo era a do céu estrelado que entrava pela janela. Se alguém entrasse...

Divertindo-se com a ideia mais do que temendo-a, Deran levantou-se apoiado sobre o braço e fitou-a. *Ela disse que me ama.*

As palavras voltaram à sua mente assim que acordou. Elas o aqueciam como jamais antes.

O cheiro dela permanecia, refrescando suas memórias, as mais divertidas, carinhosas e eróticas de sua experiência. Sua paixão como amante se equiparava à sua atitude em tudo na vida. Ela não simplesmente abraçava algo, ela se transformava naquilo. Não só com o corpo, mas também com o coração. Fazer amor com Ava ia muito além das sensações físicas. Emocionalmente, ele atravessava sua pele e se deitava com seu coração.

Nenhuma mulher jamais o fizera se sentir tão desejado, tão necessário e, pensou com uma dose de humildade, tão masculino.

Afastou delicadamente uma mecha de cabelo que caía sobre o ombro dela e se deliciou observando as curvas de seu corpo. A primeira vez que a viu nua, ficou perplexo. Vestidos encharcados ou grandes demais ocultavam um corpo muito feminino. O vestido verde-esmeralda que ela usara na festa havia sido o primeiro a revelar um quê de feminilidade, até demais, ele se lembrou, e aquela visão povoara seus sonhos. Somando aquilo às vezes em que a tivera em seus braços e a acariciara quando não devia, construíra uma imagem dela nua em sua mente. Uma que não lhe fazia jus.

Estes pensamentos o colocavam num estado selvagem de excitação. As curvas de seu corpo contra o dele o enlouqueciam. Se não se mexesse, perderia todo o autocontrole. Solto seu braço, acariciando seu estômago. Sua garganta secou ao pensar em como ela o havia prendido. “Quero você por inteiro.” Suas palavras ressoavam em sua cabeça.

E se ela já estiver grávida do meu filho?

Estranhamente, seu coração apertou de orgulho. Orgulho e preocupação.

Obrigações não podiam mais ser deixadas de lado, e nem ele queria que fossem.

Ele beijou seu rosto para acordá-la. Como não teve sucesso, beijou seu pescoço.

— Hum. Espero que isso não seja um sonho.

— Não, não é. Mas se formos vistos aqui, pode se tornar um pesadelo. Ou ao menos ouviríamos.

Ava levantou o tronco, totalmente desperta.

— *Myn Duw*, nós caímos no sono? — Sentou-se rapidamente. — Como pudemos fazer isso? Que horas são?

— Não sei. Entre meia-noite e o alvorecer.

— Está tentando ser engraçado? — Cutucou-o no peito. — Isto é terrível!

Deran torceu a boca.

— Não tão terrível. Apenas não é o melhor local que podíamos ter escolhido. Não sei que horas são, mas se os empregados ainda não estiverem de pé, em breve estarão.

Ava fez força para se levantar, ficando de joelhos, e procurou suas roupas em meio à pilha. Deran não resistiu a acariciar seu bumbum redondo e macio, tão charmosamente à vista.

— Pare — sussurrou. — Não está ajudando em nada.

Ele sorriu e, ajudando ainda menos, seus lábios substituíram sua mão, dando-lhe dois beijinhos.

Eles se vestiram no escuro, trocando sussurros como ladrões na noite, e saíram sorrateiramente do

escritório. O corredor estava vazio. Subiram as escadas silenciosas e escuras de mãos dadas. Deran segurava uma vela para iluminar o caminho. Cada passo provocava um rangido nas escadas, e eles paravam para ver se haviam sido descobertos. Ao passar pelo quarto da mãe de Deran, prenderam a respiração e caminharam na ponta dos pés. Em seguida, enfiaram-se no quarto de Ava. Ela se encostou na parede enquanto Deran fechava a porta silenciosamente.

— Meu coração está disparado. Tive tanto medo de sermos flagrados.

Deran riu.

— Foi divertido, não foi?

Colocou a vela sobre uma mesinha.

— Divertido? Foi aterrorizante!

— Lembro-me de voltar para casa escondido quando era garoto, rezando para que meu pai não estivesse perambulando no andar de baixo em uma de suas noites de insônia.

— Posso imaginá-lo fazendo isso. — Ava ergueu a cabeça. — Você nunca fala de seu pai. Vocês eram próximos?

Deran assentiu com a cabeça.

— Éramos. Ainda sinto falta dele. Todos nós sentimos.

Antes que ela pudesse fazer mais perguntas, ele puxou a mão dela até sua boca e beijou seu pulso.

— Espero que esta noite tenha sido mais memorável que aterrorizante, querida.

— Sim, bem... Foi. — Sorriu, timidamente. — Muito memorável.

Deran recostou-se contra a porta e puxou-a para perto dele.

— Eu deveria ir, mas não quero.

Passou os dedos por entre seus cabelos e ela se aconchegou. Ele tinha que lhe perguntar alguma hora. Logo. Começaria aos poucos.

— Ava, seu pai fazia alguma outra coisa além de trabalhar nas minas?

A mão que traçava pequenos desenhos nas costas dele parou de se mover.

— Não. Que pergunta estranha.

— Na verdade, não. Estava pensando em meu pai e aí pensei no seu. Também não fala sobre ele.

Ela deu de ombros.

— Não há muito o que dizer. Ele se foi há quatro anos e não éramos próximos. Realmente não o conhecia bem. Ele trabalhava muito, chegava em casa cansado, ia para a cama cedo. Ele era bom para nós, mas o víamos pouco.

— Parece ter sido uma vida difícil, trabalhando tanto como ele trabalhava. Mas ele devia ter algum tempo livre. Faziam algo juntos, como uma família?

Ela recuou e fitou-o suspeita.

— Por que está me perguntando isto?

— Quero conhecê-la melhor. Como você cresceu, que tipo de família tinha. Desculpe se minhas perguntas a incomodam, ou se forem pessoais demais.

Ela pensou um pouco e seu olhar se suavizou.

— Não, eu que peço desculpa. Não me *incomodam*, apenas me surpreendem. E... — Olhou novamente para ele. — Após o que já fizemos juntos, certamente não é pessoal demais.

— Hum. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Bom argumento.

Ela sentou-se na beira da cama de pernas cruzadas e se enrolou no edredom.

— Minha mãe tecia tapetes — disse de repente. — Dos melhores de Anglesey. Ela os vendia no mercado e a comerciantes de fora da cidade. Trabalhava neles durante a noite.

Deran sorriu.

— Ah, notívaga, como meu pai.

Ele acomodou-se numa cadeira. Era melhor ficar longe da cama.

— Sim. Podia ficar sentada por horas na frente da lareira em silêncio, ou então cantarolando. Às vezes meu pai se juntava a ela.

— Tecendo?

— É claro — zombou ela. — Ninguém nunca soube que na verdade era ele quem fazia todo o trabalho. Minha mãe apenas levava o crédito. — Deu um ligeiro sorriso, se divertindo, e seus olhos brilharam. — Não, ele cantarolava com ela. O que eu mais gostava era quando ela tocava sua harpa de mão e ele cantava. Não acontecia sempre, o que tornava o momento ainda mais especial.

Deran sentia-se mal por estar fingindo. Ela contara a ele coisas sobre seu pai que ele já sabia, mas ele precisava descobrir o que *ela* sabia.

— Ele cantava? Então é daí que vem seu talento.

Ela sacudiu a mão.

— Não. Eu sei cantar, sim, e minha mãe também sabia. Mas meu pai, oh, como ele cantava. Tão lindamente. Era capaz de fazer seu coração chorar.

Ela lhe deu um sorriso triste e a culpa de Deran aumentou ainda mais, pois suas perguntas não tinham acabado.

— O que ele costumava cantar? Hinos e músicas folclóricas, como você?

Ela piscou os olhos rapidamente, segurando as lágrimas.

— Sim, as duas coisas, mas o que ele mais gostava era de canções de amor. Galesas, alemãs, italianas, inglesas. Cantava em qualquer língua, e o amor soava igual. — Abriu um belo sorriso. — Aprendi com ele a que cantei para você. Linda, não é?

— Sim. É linda. Como ele aprendeu a cantar em tantas línguas diferentes?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Nunca perguntamos e ele nunca explicou. Mas eu gostava mais quando ele cantava em italiano. Soava mais romântico.

Ela parecia prestes a chorar.

Ele não faria mais perguntas dolorosas sobre seu pai, decidiu.

— Gostaria de tê-lo ouvido cantar — disse, baixinho. — E gostaria de ter conhecido sua mãe, e visto suas tapeçarias.

Fez uma pausa. Havia chegado a hora.

— Além de Ithel e Mairwen, sabe se tem outros parentes?

— Parentes? Além do tio que tomou minha casa e todos os outros tios que nunca conheci? — ela perguntou em tom amargo. — Não, não há mais ninguém.

Ele inclinou-se à frente, cotovelos apoiados sobre as coxas.

— Tem certeza?

Ela franziu a testa.

— É claro. Não há mais ninguém, exceto eu,

Ithel e Mairwen. Por que está perguntando isso?

Ele a ignorou.

— Então não há ninguém a quem eu devesse pedir aprovação, se fosse o caso?

Ela inclinou a cabeça.

— Pedir aprovação? Por que faria isso? Eu lhe disse quem... — Parou no meio da frase, boquiaberta.

— Deran — disse, devagar. — Senhor...

Ele ignorou sua cara de espanto.

— Se não há ninguém a quem eu possa pedir sua mão em casamento, então acho que devo simplesmente pedir a você.

Ele se levantou, deu um passo à frente e curvou-se numa longa reverência.

— Srta. Fychon, me daria a imensa honra de se tornar minha esposa?

O silêncio era cortante. Ela o fitou pelo que pareceu ser uma eternidade, em seguida balançou a cabeça. Lentamente a princípio, e depois vigorosamente.

— Por quê? Por que me pede isto? É muito... muito cruel. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Não posso me casar com você. Você não pode...

Deu um soluço abafado e disparou em direção à porta.

— Ava — ele chamou enquanto ela escancarava a porta. — Espere. Escute-me.

Mas ela já estava no corredor. Deixava um rastro de soluços enquanto corria para as escadas.

— Ava! — Deran partia atrás dela, pronto para disparar escadas abaixo, quando a porta do quarto da mãe dele se abriu.

— Deran — chamou ela —, o que está fazendo? Vai acordar a casa toda.

Dividido entre ir atrás de Ava e não ignorar sua mãe, Deran parou, escorregando no primeiro degrau e lançou um olhar sofrido sobre Ava, que fugia.

— Por favor, mãe — disse ele com firmeza. — Agora não é a hora.

Ele desceu um degrau.

Prendendo seu robe, ela foi rapidamente em sua direção.

— Aonde está indo a essa hora?

— Eu explicarei mais tarde. — Ele olhou para o fim da escadaria. — Maldição! — esbravejou.

Ava já havia sumido de vista.

Madeline meteu a cabeça para fora.

— Mãe? O que houve? É um incêndio?

— Incêndio? — perguntou Katherine, surgindo no meio da escada, espantada.

— Não, não há nenhum incêndio. Ouvi uma discussão. Não, um choro. Sim, ouvi um choro, e depois ele gritou. Ava. Ele chamou Ava.

Disparou até o quarto de Ava. Madeline alcançou-a quando ela olhava lá dentro.

— Minha nossa! Parece que nossa paciente está à solta por aí.

— O quê? — Madeline perguntou, espiando. — Está correndo pela casa no meio da noite? Sua febre deve ter piorado e ela surtou.

Katherine balançou a cabeça e seus lábios se ergueram num ligeiro sorriso.

— Não creio, querida. Acho que podemos supor que seu irmão seja responsável por isso.

Ava tinha que ir para longe. Para longe dele. Para qualquer lugar que não fosse onde ele estivesse. Atravessou correndo o gramado. As lágrimas embaçavam sua visão. Como ele era capaz?! Como podia pedir tal coisa? Estava errada ao dizer que aquilo era cruel. Não era cruel, era tortura. Tortura muito, muito perversa. Jamais imaginara que ele fosse capaz de tamanha maldade. E pensar que ela lhe dera seu coração. Dera *tudo* a ele, e em troca ele a provocava com um pedido de casamento que ele sabia que ela não poderia aceitar. Que pessoa terrível, repugnante.

As pedras pontiagudas cortavam seus pés descalços, mas ela mal notava enquanto se encaminhava à larga avenida saindo da propriedade. Corria como se um exército a perseguisse, o longo rabo de cavalo voando, o robe esvoaçando como lençóis presos no varal durante uma tempestade. O alvorecer tingia os campos de laranja, mas não penetrava as árvores densas. Ela corria em meio às sombras e, ofegante, respirava o ar fresco da manhã, lutando para recuperar o controle. Enxugou os olhos. Seus soluços

tornavam-se choramingos e seu ritmo diminuía.

Como uma tola, sonhara com aquilo. Sonhara em ser a esposa de lorde Deran Morissey, conde de Atherton. Não eram sonhos reais, eram mais como desejos de contos de fadas infantis e fantasiosos. Aquilo não era típico dela. Estava satisfeita com a vida na qual nascera. Não extasiada, mas contente. Em paz com o que tinha, sem se lamentar pelo que não tinha. Tinha muito a agradecer. Sonhos fantasiosos podiam arruinar a beleza da realidade.

Ava diminuiu o ritmo. A terra sob seus pés era mais fresca aqui, e era mais difícil divisar o caminho por causa das árvores mais densas. Respirava fundo pelo nariz para manter seus batimentos cardíacos. Um canto de passarinho a fez parar. Tinha o ritmo complexo de um rouxinol, uma espécie familiar para ela. Ouvindo seu canto solitário, sua garganta se fechou com novas lágrimas provocadas pelas memórias de casa.

Pare! Basta de lágrimas. Retornaria a Gales um dia. Não seria em breve, mas ia retornar. Com seus irmãos. Mairwen! A ideia de vê-la em dois dias lhe deu um choque de alegria. Mairwen, a salvo em Londres. Deran iria...

Se não fosse por ele, Mairwen não estaria lá. Por causa dele, de seus amigos e de sua família, ela em breve veria a irmã.

Ava gemeu. *Inferno!* Devia tanto a ele. Não. Devia tudo a ele.

O cavalo se aproximando não a surpreendeu. Virou-se e viu o cavaleiro assomando-se em sua direção em seu corcel cinza. As mangas de sua camisa branca ondulavam como as grandes asas de um arcanjo, fantasmagórico sob a luz do alvorecer.

Ava procurou uma passagem entre as árvores, mas elas eram muito próximas e o cavalo já estava quase sobre ela. Não tinha importância. Era melhor mesmo enfrentá-lo e acabar logo com aquilo.

Ele puxou as rédeas parando abruptamente.

— Que maldição, mulher! Jamais vai parar de correr? — Deran pulou do cavalo e marchou até ela, parando a um centímetro de distância de seu rosto. — Aonde diabos pensa que vai?

Ava apertou os lábios.

— Lorde Atherton, veja como fala.

Ele estreitou os olhos.

— Nem pense em censurar meu modo de falar, srta. Fychon. Não depois de fugir da minha casa no meio da noite, de camisola e descalça, após ter passado dois dias doente. Não liga para sua saúde? Isso com certeza não lhe fará bem. — Seu tom de voz se tornou mais grave e sério. — Todos na casa, ao menos todos nos andares superiores, estão acordados por causa do seu ataque. Imagino que todos os empregados já devam estar de pé também a essa hora procurando por você.

— Meu ataque? — explodiu Ava. — *Meu* ataque? Eu o ouvi gritando enquanto saía pela porta. Não, senhor! Não fui em quem teve um surto.

Ela ergueu o queixo e saiu andando desviando-se dele. Deran agarrou-a pelo braço.

— Ainda não acabamos.

— Estou ciente disso, milorde. — Puxou o braço, desvencilhando-se de Deran e deu um passo atrás. — Estou ouvindo.

Ele murmurou alguma coisa ininteligível e passou a mão pelos cabelos.

— Maldição, Ava. Eu a pedi em casamento! Pedi para ser minha mulher, e você sai correndo de casa como se um exército de homens armados com lanças a perseguisse.

Ela torceu a boca.

— Engraçado. Eu pensei a mesma coisa.

— Não vejo graça nisto. — Olhou para ela, furioso. — O que quis dizer quando falou que eu estava

sendo cruel ao pedi-la em casamento? Por Deus, explique-me como lhe pedir para ser minha mulher, para se tornar minha condessa, lady Atherton, pode ser uma crueldade?

Uma condessa. Lady Atherton. Meu Deus. Ela não havia pensado nisso. O título era aterrorizante. Intimidador. Não, pior que isso. Seu sangue congelava de pensar em ter que estar a altura de tal título.

Ela abriu a boca, sem conseguir pensar. Sua respiração estava ofegante, e a testa, muito franzida. Por alguma razão que não sabia explicar, aquilo era excitante. Ele estava irritado, com raiva, e era lindo de se ver.

Ele aproximou-se dela.

— Estou esperando, Ava. Explique-me.

— Estou tentando — disse por entre os dentes cerrados. — A proposta não foi cruel. Não poder aceitar é que é cruel. Não posso me casar com você, e sabe disso. Nossas diferenças... Uma pessoa deve se casar com alguém de sua classe. Não sei nada sobre o seu mundo. — Fez uma pausa. — E você não disse nada sobre por que quer se casar comigo. — *Mas eu sei, e o motivo não é bom o bastante.*

Ele olhou fundo em seus olhos.

— Não ligo a mínima para nossa diferença de classes, Ava. E se quisesse aceitar, você aceitaria. Eu a conheço bem o bastante para saber que nada é obstáculo quando realmente quer algo.

Se ao menos pudesse lhe contar sobre o seu avô. Mas Max tinha razão. Não era certo que ela recuperaria seu *status* nobre.

Ela deu um ligeiro sorriso.

— É verdade. Mas estou tentando salvar minha família. Quem não faria todo o possível em meu lugar?

Ele concordou com a cabeça.

Ela deu alguns passos, chutou a terra e murmurou alguma coisa que era melhor ele não entender. Deu meia-volta.

— Como pode dizer que nossas diferenças não lhe importam? Sou uma plebeia, uma mulher pobre, filha de um mineiro galês. Não tenho nada. Você é o filho de um conde... *Você* é um conde. E tem — ela abriu os braços gesticulando — esta casa, outra em Londres, e provavelmente outras por todo o país, em lugares da moda como Bath.

— Duas outras casas. Nenhuma delas em Bath. Minha família sempre preferiu a costa leste.

Ava revirou os olhos e Deran sorriu. Não a via fazer aquilo havia algum tempo.

— Uma casa, quatro casas, não importa. Pertencemos a mundos diferentes, senhor. É assim desde o dia em que nos conhecemos e sempre será. Casar comigo estaria abaixo do que merece. Abaixo do que você *nasceu* para fazer.

Mais uma vez ele engoliu as palavras que brotavam. Não podia dizer nada *ainda*. Aquilo poderia alterar a decisão dela em favor dele, sim. Mas repentinamente lhe ocorreu que não queria que ela fosse influenciada por tradições sociais. Queria que ela dissesse sim porque o queria, não importando as tradições.

— O que eu *mereço* é que você escute e não discuta. Eu a comprometi demais. Se ser cavalheiro fosse um posto, eu já teria perdido o meu há muito tempo. — Sorriu, ironicamente. — Mas ontem à noite eu teria ido parar na cadeia.

Deu mais um passo na direção dela. A luz do novo dia trespassava as árvores, projetando sombras de folhas sobre o rosto dela.

— E se você estiver grávida? E aí, minha querida Ava?

Quando ela tivera tempo de pensar nisto? Se seu amor por ele gerasse um filho, então ela seria abençoada. Teria de se afastar dele, mas o teria uma parte dele sempre, sob a forma de seu filho.

— Aí eu o criarei da melhor forma possível. E a criança saberá quem você é e saberá do meu am... —

Levantou o queixo. — Eu darei um jeito, senhor.

— Maldição, Ava. Dar um jeito não é o bastante. Um Atherton não abandona um filho.

Os olhos dela flamejaram.

— E nem os Fychon, senhor. Se nascer uma criança, ela jamais será abandonada ou deixará de ser amada. Como ousa insinuar isso?

— Eu não estava insinuando...

— E uma vez que me propôs casamento porque fui *comprometida*, como diz você tão delicadamente, podendo assim estar grávida de seu filho, então minha recusa é ainda mais firme. Não preciso nem quero sua caridade, senhor.

Deran jamais tivera tanta vontade de estrangular uma mulher como naquele momento.

— Não é caridade o que estou oferecendo — disse com uma calma mortal. — É o meu nome e o papel de minha esposa. É isso o que devo fazer. É o que qualquer cavalheiro faria.

Ah. Muito bem. Aí estava. Dever, não amor. Ele jamais falara em amor. Apenas palavras bonitas sobre como sua vida era diferente com ela por perto, e palavras ditas em momentos de paixão. Mas nada além da cama. *Ie*, ela também não as havia dito fora da cama. Mas ao menos ela as dissera. E falava a verdade ao dizer as três palavras.

Como ele imaginara que poderiam se casar com posições sociais tão diferentes era algo que ela não conseguia compreender. Mas mesmo que isso não fosse um enorme impedimento, ele estaria se casando com ela em nome de sua reputação, e não por amor. E amor era a única forma pela qual ela o teria, se pudesse. Mas, uma vez que não podia, casamento não era algo que consideraria. Era como desejar uma vida livre de sofrimento. Jamais aconteceria.

Ela abriu, lentamente, um sorriso frio.

— Muito nobre de sua parte, milorde. Imagino que deva me sentir grata por ter me pedido em casamento, e não para ser sua amante, alguém que pudesse procurar quando quisesse ou quando estivesse cansado da mulher com quem dividisse a cama.

O coração de Ava se partiu ao ver a expressão do rosto dele mudando, os olhos frios e escuros como lascas de ébano. Mas sua voz era ainda mais fria.

— Tem razão, milady. Deveria estar grata por ter lhe pedido para ser minha esposa e não minha amante, a única posição que está qualificada a aceitar, tendo em vista nossas posições sociais tão opostas.

Ver seus olhos tristes e seus ombros curvados não tinha impacto sobre ele. Estava cansado de jogar conforme seus caprichos, emocionais ou quaisquer outros. Não correria mais, não a perseguiria mais, não se preocuparia mais com seu bem-estar. Se ao menos tivesse dado ouvidos à razão algumas semanas atrás...

Tarde demais. Tudo o que se passara entre eles não podia ser desfeito. Mas a partir daquele momento as coisas seriam diferentes. Como em qualquer transação de negócios entre duas pessoas que buscam um resultado satisfatório.

O dele era ser honrado, gostasse ela ou não. Com uma condição.

O dela era reunir sua família imprevisível e voltar para Gales.

— Quando você saberá se está grávida ou não?

Ava ficou de queixo caído e seu rosto corou.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Do tipo direta. Responda.

Ela ia se recusando, mas mudou de ideia. Ele já emanava raiva.

— Em alguns dias, acho.

— Amanhã voltaremos para Londres. Faremos um acordo oficial e aguardaremos por uma prova de que está ou de que não está grávida. Se estiver, tomarei providências para que você e seu filho sejam bem cuidados por toda a vida. Se não estiver, seus laços comigo estarão desfeitos. E os meus com você. Uma vez que não se interessa por proposta, que não se importa de ter sido comprometida, que está desesperada para voltar à sua vida de antes, então assim será. Está claro?

Como poderia não estar? E como ela podia ter esquecido quanto controle e poder ele tinha por ser quem era? A diferença entre eles repentinamente era muito maior que o que seus berços indicavam. Era vasta como todos os oceanos.

Ele falara com ela com gelo na voz, como na noite em que haviam se conhecido. Mais uma vez seu destino estava nas mãos dele. Mas este destino era muito pior do que aquele que ele poderia ter determinado naquela noite. Seria vida num tipo diferente de prisão. Estaria aprisionada com o amor que sentia por ele, e que jamais poderia lhe dar. A criança, se houvesse uma, teria o seu amor, mas não o do pai.

O que ele oferecia, ou melhor, impunha, era a solução prática para ambas as situações. E como ela gostaria que não fosse preciso haver solução alguma!

Uniu as mãos na altura da cintura e o encarou com firmeza.

— Sim, milorde. Está muito claro.

Capítulo XXXI

Ninguém ousou perguntar por que Ava, que todos sabiam já ter se recuperado, não estava presente no desjejum, ou por que depois Deran chamou Max em seu escritório, mas faziam suas deduções. Podia-se ouvi-los falando alto por trás das portas fechadas. E quando Max saiu do escritório, com pouca elegância e batendo a porta, murmurou algo sobre uma longa viagem.

No final da manhã, lady Atherton resolveu que já bastava. Estava claro que o clima pesado na casa se devia a uma briga de amantes. Quarenta anos casada com um homem intempestivo tinham feito dela uma especialista em resolvê-las. Seu filho não tinha experiência o suficiente, se é que tinha alguma, no reino do amor, e não devia saber nem por onde começar.

Ouviu-se uma forte batida na porta da frente. Curiosa para saber quem mais tinha chegado ao Solar Tercy... sua irmã, talvez?... dirigiu-se ao átrio.

Um homem parado à porta queria falar com o sobrinho dela. Bickford estava se controlando, mas o homem parecia estar de péssimo humor. Katherine decidiu intervir.

— Posso ajudá-lo, senhor?

Ele acenou com a cabeça.

— Vim aqui para falar com lorde Rensleigh a respeito de negócios.

— Negócios? Está no ramo de transportes com meu sobrinho?

Ele torceu a boca num suposto sorriso.

— Sim, senhora, estou. E temos muitos pontos a discutir acerca de uma transação que fizemos recentemente.

— Minha nossa... Deve ser algo muito importante para fazê-lo viajar um dia inteiro desde Londres.

— Posso lhe assegurar que é algo vital para a reputação de lorde Stewart, bem como para sua segurança.

Ela se virou, surpresa, ao ver Deran recostado contra o pilar do corrimão da escada.

— Olá, querido. Não o ouvi chegar.

Deran deu um ligeiro sorriso.

— Estava curioso para saber o que fez lorde *Stewart* vir até tão longe. Assunto de negócios, certo... *Stewart*? Não deveríamos chamá-lo de *Stevens* em vez disso? O comerciante astuto e vil.

Stewart deu um passo à frente.

Deran se desencostou e avançou lentamente. Tomou o braço da mãe e postou-a a seu lado.

— Parece que vocês dois têm muito a discutir — murmurou ela. — Se me dão licença, não quero incomodá-los.

Deran observou-a saindo, então virou-se novamente para Stewart.

— O que quer com Rensleigh? — questionou, sem mais qualquer traço de falsa boa educação.

— Nada que lhe diga respeito, Atherton — respondeu o homem com igual falta de bons modos. — Vim aqui para falar com ele, não com você.

— Diz respeito a mim, já que você está em minha casa, Stewart. Especialmente porque sei muito bem o motivo que o traz aqui. — Virou-se para Bickford. — Encontre Rensleigh e diga que vá para a biblioteca.

Rensleigh já estava na biblioteca e ficou mais branco que as páginas do livro que estava lendo quando eles entraram.

— Stewart! Meu Deus, você está aqui...

— Eu disse que viria se você não retornasse a Londres no prazo estipulado. — Jogou o chapéu sobre uma cadeira como se estivesse em sua própria casa. — Eu lhe disse na ocasião que você tinha mais uma chance de consertar as coisas e que eu estaria de olho em você. Preferiria conversar em particular, mas... — estreitou os olhos, virando-se para Deran — ...seu cão de guarda não parece inclinado a sair. Acho que está com medo que você se machuque, Rensleigh. — Deu um sorriso diabólico. — O que você acha?

— Não se preocupe comigo — disse Deran com voz arrastada enquanto se esparramava numa cadeira.

Stewart declarara que Rensleigh iria se machucar, e Rensleigh acreditava nele. Deran também. Mas isso não aconteceria na casa dele, nem aconteceria naquele dia. Estava curioso para ver como Rensleigh iria escapar dessa.

— Ninguém precisa sair machucado, Stewart. Ela está aqui. Como eu disse a você.

Ah, bela explicação. Por que se oferecer como ovelha para o sacrifício quando alguma outra criatura podia cumprir melhor o papel?

— Por que não a levou para Londres? Temos até quinta-feira. Dois dias mais.

— As coisas se complicaram.

— Ah, se complicaram? — indagou, irônico. — Você está no meio do mato, Rensleigh. Como as coisas podem ter se complicado? — Meteu o dedo na cara de Robert. — Se não é capaz de cuidar das coisas, eu cuidarei. De qualquer jeito, ele saberá que não foi capaz de fazer algo tão simples como ficar de olho nela.

Robert engoliu em seco e o encarou corajosamente.

— Diga a ele, então. Não me importa. Ele não vai querer que eu faça mais nenhum trabalho depois que souber do meu fiasco, e isso é exatamente o que quero. Diga a ele, então.

— Direi. Mas não é simples assim, seu verme idiota. Você sabe muito bem. Ele não vai simplesmente deixar isso para lá. Seria fácil demais e... como dizer... humano demais?

O rosto de Robert ficou pálido.

— Um homem tem sobre você tanto poder quanto você lhe dá — comentou Deran baixinho.

Robert lançou um olhar rápido para Deran. Tinha a cabeça apoiada sobre as costas da cadeira, como se precisasse terrivelmente descansar.

— Sim. Muito bem. Diga a esse tal sr. P. o que quiser a meu respeito, Stewart. Não me importa o que ele acha. Mas me importa o que vai acontecer com a srta. Fychon. Ela não irá com você e eu não a levarei para Londres.

Seguiram-se aplausos silenciosos.

Stewart olhou furioso para Deran, em seguida virou-se para Rensleigh.

— Eu o desafiarei em cinco segundos se não a trouxer aqui imediatamente.

— Vai me desafiar?

— Sim, seu idiota. Pistolas. Armas de homem. Não essa esgrima antiquada de que você brinca.

— Pistolas?

— Tenho três aqui mesmo nesta biblioteca. — Deran deu um bocejo. — Cabo de marfim. Bem balanceadas. Muito precisas.

— Meu Deus! — Suspirou Robert, despencando sobre uma cadeira. — Atherton. Não posso fazer isso. Achei que pudesse, mas...

— Está com medo de talvez matá-lo se realmente tiver de fazer isso. — Deran ajeitou os punhos das mangas de sua camisa. — Sei como se sente, primo. Sei como é estar ciente de que sua perícia no tiro o coloca em posição de injusta vantagem. Não se pode fazer nada quanto a isso, receio. Sua honra, e coisa e tal.

Deran abriu um largo sorriso.

Robert arregalou tanto os olhos que eles pareciam prestes a saltar do rosto.

— Serei seu padrinho. Max poderá ser o de Stewart. Ele não tem essa honra há anos. Ficaré empolgado.

Deran levantou-se e foi até a porta.

— Estou faminto hoje. Se pudermos acabar com isso antes do almoço, ficaria muito grato. Se me dão licença, vou ver se o sr. DiSanto já voltou de seu passeio. Não me demoro.

Chegou no corredor com Rensleigh em seus calcanhares.

— O que você fez? E a propina? Lembra-se? Aquela história sobre todo homem ter seu preço?

— Acalme-se, Rensleigh. Não haverá duelo algum hoje. Amanhã, talvez. Mas hoje, não.

— Amanhã...? Ouça bem aqui...

Deran parou e deu meia-volta, tão bruscamente que Robert tropeçou para trás e caiu sentado.

— Não. Ouça bem *você* — retrucou Deran, espumando de ódio, sem nenhum traço de sua falsa jocosidade.

Olhando para Rensleigh no chão, teve o súbito desejo de plantar a bota naquelas rendas espalhafatosas. Nenhum homem que usasse tanta renda deveria poder se chamar de homem.

— Você fará o que digo. Você se meteu nesta situação e estou tentando ajudá-lo a sair dela. Não haverá duelo hoje, e trataremos da outra questão, mas você fará exatamente o que digo, entendido?

— Duelo?

Deran virou-se e viu a mãe, a irmã e o cunhado encarando-o.

— Diga, Atherton... — o visconde bufou. — Que história é essa de duelo?

O átrio se encheu de murmúrios nervosos e perguntas. Lorde Stewart surgiu no meio da confusão e fitou o grupo inquieto.

— Onde está DiSanto? Quero acabar logo com esse aborrecimento para poder voltar para Londres.

— Virou-se para Rensleigh. — Com nossa transação concluída e em minhas mãos — acrescentou, irônico.

Deran entendeu o que ele estava dizendo, mas ignorou-o.

— DiSanto não está aqui e não há mais ninguém para servir de padrinho. O duelo terá de ser adiado, ao que parece — disse Deran com afetada relutância.

Stewart apontou para o visconde.

— E que tal ele?

Philip deu um gemido e recuou, entrando na sala de estar.

— Receio que esteja indisposto — disse Deran, calmamente. Que Deus o protegesse dos homens covardes que ele tinha o infortúnio de chamar de parentes. — Terá de voltar para Londres e resolver isso com o marquês lá. Prefiro mesmo que seja assim. Limpar as pistolas após serem disparadas dá um trabalho infernal.

— Não irei embora sem vê-la.

Fez-se um silêncio arrepiante e assustador após a declaração de Stewart.

— É mesmo? — respondeu finalmente Deran, calmo.

— Sim, *é mesmo*. Ela é um investimento. Um investimento muito alto. Traga-a aqui e irei embora. Meu procurador irá contatá-lo, Rensleigh, a respeito de nosso compromisso matutino quando chegar a Londres. O que será na quinta-feira, não é isso?

Robert não tinha poder para trazer Ava. Ela não era sua hóspede, e nem mesmo fazia ideia de onde ela estaria naquela casa imensa. Virou-se para Deran, que olhava fixamente para Stewart, como um leão faminto para um antílope.

Quando Deran ia chamar Bickford, este apareceu no fim do corredor. Deran não sabia como essas suas aparições ainda o surpreendiam, mas surpreendiam. Era assustador.

— Chame a srta. Fychon, por favor. E sua aia.

Bickford franziu a boca numa rara demonstração de desagrado, mas assentiu com a cabeça.

— Deran — disse sua mãe, aproximando-se dele com uma ruga de preocupação na testa. — Não compreendo. Por que razão lorde Stewart poderia querer duelar com Robert? E o que ele quer dizer com investimento?

Ele não queria que a mãe soubesse a verdade. Pelo bem de Ava. Havia lhe falado da busca de Ava por seus irmãos, mas não como tinham se separado. Os irmãos de Ava estavam visitando diversos parentes ali na Inglaterra, explicara ele, e ela ia encontrá-los. Houvera uma confusão a respeito de onde exatamente estariam no momento, o que alongara a estada dela no país. Sua mãe aceitara a explicação na hora, mas agora via claramente que o filho havia mentido.

— Sim, Deran. — Lady Charnock aproximou-se, parando ao lado da mãe. — Do que ele está falando? O que justifica esse duelo, meu Deus? Deve haver algum engano. Robert não saberia nem carregar uma pistola, muito menos atirar. E se eu entendi direito, lorde Stewart disse que a srta. Fychon é um investimento. Não que ela *fez* um investimento, mas que ela *é* um. Como se ela fosse um item à venda.

— Eu sou.

Todos os olhos se voltaram para cima, focados no primeiro lance da escada.

Ava desceu devagar, confiante, olhando para a frente. Veio caminhando, passou pela sala de estar e atravessou o átrio. Usava um vestido simples de musselina verde-claro e tinha o cabelo preso num grande coque sobre a nuca. Seus olhos eram apenas círculos verdes, e sua boca, uma linha desenhada.

Parou a meio metro de lorde Stewart.

— Então é você. O *mochyn* sentado à minha frente no jantar da duquesa, aborrecendo-me com histórias sobre partidas de polo. Fui convincente ao fingir algum interesse em você e em suas entediantes histórias, senhor? Agradei-o a contento com meus sorrisos?

— Seja lá do que tenha me chamado, sugiro que veja como fala comigo.

A risada súbita de Ava surpreendeu a todos.

— É claro que sim. Se minha língua ficasse solta demais, seria cortada, não é mesmo? Alertaram-me algumas vezes, e fui lembrada disso semana passada. E a quem exatamente cabe essa terrível tarefa? Ao senhor, lorde Stewart, ou sir de la Pontoise faz as honras?

Ouviu-se um burburinho.

— Cuidado, senhorita — advertiu Stewart. — Não está em situação de...

— Estou, sim, em situação de fazer perguntas, senhor — disse com calma gélida. — Tenho mais dois dias de liberdade, se meus cálculos estão corretos. E mesmo que não estejam, creio que tenho direito a explicações. Afinal, foi o senhor o homem que arrancou a mim e à minha família de nossa casa, não foi? Que nos meteu num navio por semanas com pouca comida ou ar fresco, com homens que empunhavam chicotes alegremente. E que depois nos fez atravessar este país em carroças para que fôssemos servidos a estranhos como pães em suas mesas. Para o senhor, não representávamos mais que isso, talvez menos. O senhor me deve explicações antes de tomar mais do que já tomou da minha vida. Insisto em ouvir respostas. Não — corrigiu Ava, aproximando-se ainda mais, exibindo a primeira chama verde nos olhos. — Eu as exijo.

Não era todo dia que a sociedade londrina via uma plebeia falar assim com um nobre. Muito menos por tais razões. Aquilo superava o fascinante e entrava nos domínios do aplauso. Aplauso com imensa dose de horror.

Stewart era pelo menos trinta centímetros mais alto que Ava, mas parecia encolher sob seu olhar

impassível e sua firme imobilidade. Ela nem piscava, tão determinada que estava em saber a verdade.

De onde estava, Deran podia ver ambos claramente. O ogro e a ovelha. Mas a ovelha não tinha nada de dócil no momento, embora parecesse em transe. Seus traços bonitos e suaves transformaram-se em granito. Sob o aparente autocontrole, havia tamanho desprezo que ele podia senti-lo ardendo.

O coração de Deran estava disparado. Sentia torrentes de orgulho jorrando enquanto ela fazia exigências àquele homem que havia roubado sua vida. Por mais duro que fosse para Ava encarar um homem que desprezava, ele sabia que ela não iria retroceder enquanto não obtivesse respostas. Sempre agia assim.

Stewart olhou ao redor, observando sua plateia.

— Muito bem. — Virou-se para Deran. — Se houver algum lugar onde eu possa conversar com ela...

— Não — disse Ava. — Vai me contar tudo aqui mesmo, tendo todas estas pessoas como testemunhas. Pessoas que têm sido absolutamente gentis e generosas comigo desde que você me trouxe contra a minha vontade a este país. Pessoas que têm mais compaixão num fio de cabelo do que o senhor em todo o seu corpo. Pessoas... — ela fez uma pausa, respirando fundo — ...a quem devo minha vida e por quem daria minha vida. — Sua voz era suave. — Pessoas que eu amo. Não esconderá delas seus pecados, senhor.

O fato era a que ela e Deran haviam imaginado, com mais gente envolvida do que eles pensavam. Pontoise tinha olheiros que procuravam famílias muito endividadas que tivessem filhos que pudessem ser vendidos para pagá-las. Mineiros e trabalhadores de moinhos eram as melhores fontes, pois seus salários eram baixos, e alimentar suas famílias era uma batalha. Meninas eram mais frequentemente oferecidas, pois meninos um dia poderiam trabalhar junto ao pai. Meninas custavam mais e traziam menos benefícios para a família.

Pontoise tinha avistado Ava no ano anterior, andando pela região. Sua estatura e aparência correspondiam às exigências de um determinado cliente. Como não havia nenhum adulto a quem fazer uma oferta, foram procurar um parente. As opções eram convencê-lo a assumir a casa e vendê-la, ou sequestrá-la. Os irmãos se tornaram parte do pacote. Simples.

— Mas você transformou tudo num pesadelo! — vociferou. — Se tivesse nos deixado em paz, Pontoise não precisaria ameaçar sua vida, ou a de seus irmãos. Suas atitudes podem já ter provocado a morte deles, fato com o qual terá de conviver para sempre!

Capítulo XXXII

Ava permanecera imóvel enquanto ele falava, mas agora olhava para Deran. Ela moveu os lábios, dizendo silenciosamente o nome de Mairwen, e ele balançou a cabeça ainda mais discretamente.

Não conte a ele sobre Mairwen.

Deran olhou para Max, que chegara ao corredor no meio do relato de Stewart. Ele também balançou a cabeça, pressentindo de algum modo o desejo de Ava de refutar o que Stewart havia dito sobre sua irmã.

Ava deu atenção ao alerta de Deran.

— Tem razão, lorde Stewart. Terei de viver com isso, da mesma forma que tenho temido por suas vidas todo o tempo. Conhece esse temor, senhor? O temor por sua vida?

— Não diga bobagens. Sou cuidadoso, sei o que faço e, diferente de você, obedeço às ordens.

— Isso já basta. — Lady Atherton ergueu a mão trêmula. — Já passou muito da conta. Nunca ouvi falar de comportamento mais desprezível em toda a minha vida. Deixou-me enojada ouvi-lo falar com a srta. Fychon como se ela fosse apenas uma peça em seu jogo. É incrível que consiga dormir à noite participando... *justificando* negociações tão bárbaras. Não merece o título que possui, e usarei todo o poder que tenho para tentar tirá-lo do senhor.

— Calma, calma — murmurou Philip lá de trás.

Stewart na verdade ria.

— Desejo-lhe boa sorte com isso, milady. O título de conde não é algo facilmente retirado. Tal empenho pode levar anos.

— Rezarei para ainda me restarem muitos e para que cada um deles me coloque mais perto do meu objetivo de erradicar seu nome do mundo dos homens finos, nobres e honrados. — Seus olhos brilhavam com lágrimas. — Tenho vivido uma vida abençoada, em muitos sentidos. Mas a maior bênção é ser a orgulhosa esposa de um dos mais finos cavaleiros da Inglaterra e mãe de nossos filhos, filhos honrados. Meu marido e eu criamos nossos filhos com a crença de que os nobres devem melhorar seu mundo. Enchê-lo de bondade e se dedicar ao bem comum dos homens. Nós ensinamos a eles que não há nada mais nobre e belo no mundo do que ajudar outro ser humano. No que diz respeito a srta. Fychon, foi o que eles fizeram. O senhor não merece estar no mesmo recinto que eles, muito menos respirar o mesmo ar.

Aquilo foi demais para Ava. Estava de cabeça baixa, mas Deran viu o brilho de lágrimas em seus olhos. Um nó na garganta ameaçava produzir algumas lágrimas também. Tocava-o profundamente o fato de sua mãe falar de seu casamento e de seu pai com tanto orgulho, e de defender Ava.

Madeline pegou a mão da mãe e sussurrou em seu ouvido. A condessa balançou a cabeça.

— Não, querida. Não preciso me deitar. Estou abalada, com certeza, mas não saio daqui até que este homem deixe a nossa casa, *sem* a srta. Fychon.

Ava virou-se para ela.

— Milady, por favor. Não se preocupe comigo. Sei há muito tempo o que devo fazer. Tentei lutar, mas algumas coisas estão além de mim. Se eu voltar para Londres agora, os esforços que fiz por minha família não terão sido em vão. — Virou-se para lorde Stewart. — O senhor é a última pessoa em quem confio, mas é também a única a quem posso pedir que assegure que meus irmãos não serão feridos de forma alguma. Se puder fazer isso, se puder *jurar* isso, então irei consigo.

— Não — disse Deran, calmamente —, você não vai. — Colocou-se entre Ava e lorde Stewart, deliberadamente empurrando-a para trás. — Ela não tem razão para confiar em você, e eu certamente também não. Você não a levará. Ela voltará a Londres, sim, mas comigo. As obrigações dela serão

cumpridas, eu cuidarei disso.

Sua mãe e sua irmã arfaram, e ele olhou rapidamente para elas. *Confiem em mim*, era o que ele dizia. Sim, ele levaria a srta. Fychon para Londres, mas não para que fosse manipulada por aquele monstro.

Stewart lançou sobre Deran seu olhar mais maligno.

— Apenas lembre-se, *senhor* — disse ele, inflamado —, caso sir Edmond não esteja em posse dela em dois dias, os dois serão responsáveis pela morte da família dela.

Passou pelos espectadores e saiu.

Um gemido atraiu todas as atenções para Ava. Caída sobre a escada, suas emoções enfim a venceram. Deran sentiu uma pontada de raiva. Ela não precisaria passar por todo aquele inferno se tivesse aceitado sua proposta. Não que ele fosse deixá-la passar pelo inferno, mas se não tivesse recusado, ele poderia ajudá-la ainda mais.

Porém a preocupação com ela superava a raiva. Se havia sido difícil para ele ouvir Stewart, devia ter sido duas vezes pior para ela.

Ofereceu-lhe o braço a ela.

— Srta. Fychon, venha, deixe-me acompanhá-la ao seu quarto. Não se recuperou completamente ainda da febre e não vai querer ter uma recaída.

Ava não se moveu nem reagiu. Ele colocou a mão dela sobre seu braço e pousou a própria mão por cima. Curvou-se e falou baixinho:

— Ava, não deixarei que isso aconteça com você. Já lhe disse isso antes. Conversaremos, mas antes precisa descansar.

Ela ergueu a cabeça e o fitou com olhos vazios. Ele tentou tranquilizá-la com um sorriso, mas sua expressão permaneceu impassível.

— Lembre-se, logo verá Mairwen — disse ele, caminhando pelo átrio. — Isso deveria melhorar um pouco seu ânimo.

— Vou subir com ela, Deran — disse a mãe, seguindo-os.

— Eu também — ecoou Madeline, ainda segurando a mão da mãe.

A pequena procissão subiu as escadas.

Max ficou com Deran, observando-as.

— A srta. Fychon parece ter conquistado a amizade da condessa e da viscondessa.

Deran assentiu com a cabeça.

— Sim, encontrou. E precisa delas. Não havia realmente pensado nisso até agora. Não apenas não conhece o país e não sabe como se virar aqui, mas também não conhece ninguém. Ninguém, exceto as pessoas nesta casa. Deve se sentir terrivelmente solitária.

Foram para a sala de estar, onde o visconde comia chocolates de uma bandeja. Continuaram descendo pelo corredor até a biblioteca. Robert estava estirado no sofá, sinistro como um cisne ferido. Deran deu meia-volta.

— Maldição, não há nenhum cômodo vazio nesta casa? Preciso de um pouco de ar.

O dia estava bastante agradável, com nuvens baixas que não representavam ameaça de chuva. Andaram pelo mesmo caminho por onde havia passado horas antes. Deran até pensava ter visto rastros das pegadas dela na terra.

— A srta. Fychon não se comporta como alguém que se sente solitária — observou Max, voltando ao assunto. — Nunca parece amuada ou pensativa, pelo menos não que eu tenha notado. Tem uma disposição brilhante, considerando-se tudo o que tem passado.

— Não precisa me vender suas qualidades, Max. Eu as conheço bem.

— E mesmo assim quer que eu faça o que conversamos.

— Sim. — Olhou para ele, irritado. — Não, não quero, mas é o que tem de ser feito.

— Não gosto disso.

— Sei que não gosta. Que diabos, você acha que eu gosto? — Deran parou. — Não faria isso se tivesse escolha. Mas não tenho. Mesmo que o avô dela seja encontrado e assine uma petição para que seus direitos lhe sejam restituídos, provavelmente ela ainda me recusaria, baseada em seus princípios. Ela é uma mulher determinada, Max. Não, estou sendo muito generoso. Ela é terrivelmente obstinada. Ela me chamou de uma coisa uma vez, como era...?

Olhou ao longe tentando lembrar a palavra.

— *Mochyn* — disse Max.

Deran arqueou uma sobrancelha.

— Sim, isso também, mas havia outra, mais simples...

— O que quer dizer *mochyn*, afinal? Ela chamou Stewart assim também.

— Porco. — Franziu as sobrancelhas quando Max riu. — *Asyn*. Foi disso que ela me chamou. E isso é exatamente o que ela é. Uma *asyn* teimosa.

Houve um segundo de silêncio antes da risada.

— Não precisou de um intérprete para isso, não é? — disse Deran, rindo.

O humor de Deran estava na altura do tapete enquanto preparava a viagem de volta para Londres. Estava ansioso para voltar para a cidade, deixar para trás todo o dissabor que havia sido cada um de seus dias desde que Ava...

Não. Não era verdade. Nem tanto dissabor. Muito pouco na verdade. Inferno! Não houvera nenhum dissabor. Nada. Por isso aquilo tudo era tão ultrajante. Uma das razões.

Bickford se materializou à porta.

— Poderia dar uma palavra com o senhor, por favor, milorde?

— Apenas uma, Bickford. É tudo que posso lhe conceder no momento, receio.

— Há algo que preciso conversar com o senhor.

— Está bem, está bem. — Contente com a interrupção, Deran deu um suspiro. — Diga, então.

O olhar de Bickford era quase alegre. Ele não estava sorrindo, na verdade Deran tinha certeza de que ele não possuía os músculos necessários para mover os lábios para cima, porém havia algo menos soturno em seu semblante. Suas aparições e sumiços repentinos já eram bastante ruins, mas vê-lo às raias da alegria era ainda mais perturbador.

— Seu irmão — disse Deran, baixinho.

Bickford moveu a sobrancelha e estendeu ao conde uma folha de papel dobrada.

— Um mensageiro acaba de me entregar isto. Acredito que achará extremamente interessante, milorde.

Inclinou a cabeça e deu um passo atrás.

— Não. Fique. — Deran fitava o bilhete, o coração disparado. — Droga, estou nervoso!

Respirou fundo e desdobrou o papel. Leu uma vez, releu, então ergueu a cabeça e fitou seu mordomo, seu criado, o homem em quem, sem estar consciente disso, sempre tivera absoluta confiança.

— Meu Deus, Bickford!

Bickford provou estar errada a teoria sobre seus músculos da face.

Deran ficou observando parado à porta, enquanto Ava arrumava sua única mala. Seus movimentos eram graciosos e eficientes, o vestido deslizava por sobre suas curvas sutis, delineando as adoráveis

formas arredondadas de seu traseiro ao se curvar sobre a cama para dobrar as roupas de baixo. Estava conformada com sua tarefa, ainda que fosse difícil.

Deram bateu de leve na porta. Ela virou-se com um par de meias-calças pendurado nos dedos.

— Está quase acabando de fazer a mala.

Ela assentiu com a cabeça e recomeçou a dobrar e organizar as roupas. Suas costas estavam tensas. Não lhe agradava a presença dele. Sentiu uma pontada de dor ao perceber isso. Antes do amanhecer, não queria que ele a deixasse. Ela o deixara tão enfraquecido que, no final, ele não era mais capaz. E agora era como se ela estivesse atrás de um muro, sentindo-se tão distante quanto ele.

— Nossos planos de viagem mudaram, Ava — ele avisou, tentando afastar os pensamentos.

Ela ergueu o corpo de supetão.

— Como assim, mudaram?

— Não vamos voltar para Londres amanhã. Se voltarmos, será no fim do dia.

— Não! — Seus olhos se encheram de pânico. — Não pode fazer isso comigo. — Jogou de lado as roupas que tinha na mão e correu na direção dele. — Tenho de estar lá quando ele chegar, Deran. Não quero ir, sabe que não quero, mas — agarrou o braço dele —, meu Deus, será tão difícil... Por favor, não torne isso ainda mais difícil! Por favor...

O coração dele se apertou ao ouvir a súplica sussurrada.

— Eu a levarei a Londres, Ava, mas temos de ir a outro lugar antes. É tarde demais para irmos hoje. Iremos amanhã bem cedo.

O rosto dela ficou vermelho, e os olhos brilharam num verde vibrante. Que visão espetacular! Deran teve um impulso avassalador de agarrá-la e devorar cada centímetro dela.

— Aonde? Aonde temos de ir que é tão importante?

Ele saboreava as palavras. Foi tomado de excitação e intenso prazer imaginando sua reação.

— A Dunmoor. Buscar seu irmão.

Aquela talvez não fosse a melhor maneira de dar a notícia. Ava ficou boquiaberta, e os olhos se arregalaram em choque. Ele a segurou pela cintura quando seus joelhos bambearam e ela foi caindo para trás.

E então vieram as lágrimas, entre perguntas confusas, e subitamente os braços de Ava estavam em torno dele, e seu corpo tremia de euforia e alegria. Aquilo era a glória.

A torrente de emoções se apaziguou e ela o abraçou com força. Ele beijava seu cabelo, e a mão dela deslizou até sua nuca, acariciando-o. Ele se afastou para olhar para ela, e ao mesmo tempo ela ergueu a cabeça para fitá-lo. Deran sabia que não deveria, mas não tinha forças para resistir.

O beijo foi suave, salgado de lágrimas. O suspiro de Ava acariciou seus lábios, e os braços dela o envolveram pelo pescoço. Num instante ele foi absorvido por ela e pelo que ela lhe retribuía. As mãos delicadas seguravam seu rosto, acariciavam suas faces, enquanto o beijo os lançava num mundo secreto de desejo.

Você tem de parar.

Maldição, como ele se ressentia desse pensamento! Mas havia acabado de começar a lamentar sua perda. Fazer amor novamente seria doloroso demais, um amargo lembrete daquilo que iria perder.

Não. Não podia fazer aquilo. Não ali. Não agora. Nunca mais.

— Isto... não podemos fazer isto, Ava. *Eu* não posso fazer isto. Só Deus sabe quanto eu quero, eu a quero como sempre quis, mas...

Ela tocou os lábios dele com o dedo, e Deran a fitou. O sorriso triste despedaçou seu coração.

— Não precisa explicar. Eu entendo.

Ofegantes, ambos aceitaram o que sentiam e não podiam negar. Ava deu as costas para não ter de vê-

lo partir.

Todos queriam ir, mas Deran se recusou a levar mais de uma carruagem.

— Precisamos de espaço para o garoto.

Rensleigh se despediu e partiu para Londres, e o visconde ficou para trás, relutantemente, até Bickford informá-lo de que era dia de a sra. Pettigrew assar bolos.

— Eu vou ficar — Max se voluntariou.

— Não, senhor, insisto que vá conosco. Estou em dívida por tudo que fez — insistiu Ava.

Ele sentou-se no alto da carruagem com Fleck, e ela foi dentro com Deran, sua mãe e sua tia.

Seria uma viagem de duas horas. As mais longas duas horas da vida de Ava.

— Não posso imaginar como seja isto para você, srta. Fychon — disse a condessa ao partirem. — Reencontrar alguém que você ama e de quem estava separada é emocionante. Mas reencontrar um irmão após dois meses de buscas, bem, nem consigo imaginar sua euforia.

— Estou eufórica — concordou. — E nervosa. O irmão do sr. Bickford disse que Ithel está numa das fábricas mais bem administradas, mas é impossível não me preocupar, sem saber como ele foi tratado.

Madeline, sentada diante dela, inclinou-se à frente e afagou sua mão.

— Tenho certeza de que ele está bem. E ficará muito melhor quando a vir.

Deran observava Ava, sentado no canto. Notava seu esforço heroico em manter a pose, a postura ereta, os sorrisos educados, as mãos juntas sobre o colo. Apenas os dedos se entrelaçando revelavam sua agitação interna. Ele sabia que ela ficaria assim até ver o irmão. Durante anos imaginara o reencontro com o próprio irmão. Embora tivesse parado de procurar por ele ativamente, jamais dissera adeus. Adeus significaria que havia fracassado com Hayden, algo que Deran não aceitaria.

De certa forma, ele a invejava. Ava sabia que o irmão estava vivo e onde ele estava. Enfrentara o inferno por semanas, mas agora se reencontrariam. Sim, ele a invejava por isso.

Ava nada dizia enquanto a carruagem atravessava propriedades e cidades pacatas.

Logo ela teria o que havia batalhado tanto para conseguir. E perderia aquilo que encontrara no caminho, e que não queria nunca mais abandonar. A dor de ter deixado-a atravessava seus ossos e envolvia seu coração. Um dia a dor passaria, mas não em breve. Nem um pouco. Reconstruir sua vida, se viesse a ter essa chance, a manteria ocupada, preencheria sua mente e seu coração com algo mais além das lembranças dele. Mas momentos de desolação seriam inevitáveis; ela já tivera alguns, e ainda nem partira.

Sentiu o estômago revirar de pânico. Como seria capaz de deixar a Inglaterra e jamais vê-lo de novo? Tudo era tão terrivelmente injusto. Desde a noite em que fora arrastada para fora de casa até agora. E sendo a mulher tola que era, tornara tudo pior ao se apaixonar por alguém com quem nem deveria se envolver. Um homem que fizera seu corpo e seu coração sentir mais do que ela imaginava ser possível.

Ava encostou a cabeça no vidro na janela, tentando afastar a dor da perda, tentando não se deixar tomar pela dor.

Ithel, pense em Ithel. Pense em Mairwen. Pense em como ficaremos todos felizes.

Mas ao ver o pequeno círculo que formavam, viu um grande vazio, um espaço onde ela queria que estivesse o homem que amava.

Deran olhou para Ava quando ela se moveu para mais perto da janela. A luz do sol se refletiu em duas linhas de lágrimas. Ele se perguntava se ela estava pensando o mesmo que ele. A busca chegara ao fim, algumas vidas tinham sido recuperadas e outras seriam deixadas para trás.

Jamais sentira tamanho vazio.

Capítulo XXXIII

Ava viu primeiro as colunas de fumaça.

— Oh! — Virou-se para Deran, os olhos brilhando. — Estou vendo. É aqui?

Pressionou o rosto contra o vidro.

Todos olharam pelas janelas.

— Creio que sim.

— Oh, *myn Duw* — sussurrou ela. — Estou tão... tão tudo. — Espalmou as mãos sobre a barriga. —

Estou passando mal.

— Calma, calma, srta. Fychon — disse a condessa. — Não tem tempo para passar mal.

— Não estou passando mal, na verdade, é apenas... — Engasgou quando a carruagem passou por uma ponte de pedra. — Estou vendo o prédio! Não, são... — Ela apontou e contou em silêncio. — Oito. Como saberemos em qual deles ele está?

— Perguntaremos a Vickers no edifício principal, o menor de todos. — Deran examinou a vasta rede de estruturas. — Ali está, entre aqueles dois prédios de quatro andares. Não o de tijolo escuro, mas o de pedra.

Ava assentiu com a cabeça.

Quando pararam, Max saltou, e ele e Deran ajudaram as damas a descer.

— Minha mãe e minha irmã ficarão na carruagem, Max. Elas querem dar uma volta enquanto entro com a srta. Fychon.

Ele cerrou os dentes e percorreu a área com os olhos. Tudo parecia tranquilo.

— Fique perto delas, está bem? Não quero colocar em risco a segurança delas, depois do que aconteceu na primeira cidade que visitamos.

Max lhe lançou um olhar, intrigado.

— Peça a Fleck para lhe contar a história.

Virou-se para Ava, que batia os pés no chão, ansiosa.

— Pronta?

Ela agarrou o braço dele com as duas mãos e sorriu para os demais.

Um grande pátio se estendia ao longo de toda a propriedade, a maior parte dele em frente a um edifício imponente tanto em altura quanto em comprimento. Os andares se sobrepunham até o céu, cada um cheio de minúsculas janelas, muitas delas quebradas. Ava contou quatro chaminés, todas cuspidando fumaça escura e espalhando no ar um cheiro repugnante. Lá no canto esquerdo estava o edifício de pedra que Deran havia apontado, entre dois outros em “V”. Era o único com uma chaminé pequena.

— Esse deve ser o escritório do mestre.

Caminharam em silêncio alguns metros antes de Ava falar.

— A respeito de Londres, senhor...

Deran apertou os lábios ao ouvir seu tom formal. *Já começara.*

— Sim. O que tem Londres?

— Você disse que eu não iria com o sr. Edmond. Disse que conversaríamos sobre isso.

Ele pensara nisso na noite anterior, que não havia se explicado. Após o encontro que haviam tido mais cedo, achara melhor manter distância.

— Vou falar com ele. Não se preocupe com isso.

— Não me preocupar? Como posso não me preocupar? — Ava olhou para ele de soslaio,

impressionada que ele pudesse estar tão calmo. — Isso é tudo que tenho feito, me preocupar em dar um jeito de não ir com ele. Bem, e em encontrar meus irmãos — murmurou. — E no que fazer quanto a nós dois.

— Isso é tudo? Você teve tempo demais nas mãos, querida.

Ela sorriu com a provocação dele.

— Ficaria contente em preencher meu tempo se tivesse menos com que me preocupar. Então conte-me por que não devo me preocupar com sir Edmond.

Estavam a meio caminho do prédio. Não havia tempo suficiente para detalhes.

— Com a ajuda de um amigo, descobri em que navio você estava. É um da frota particular de Pontoise. Ele tem violado diversas leis transportando cargas diferentes das declaradas. Autoridades portuárias e outros indivíduos foram notificados de suas cargas ilegais. Pretendo dizer isso a ele quando nos encontrarmos amanhã. Não prevejo problemas.

Ava virou-se para encará-lo.

— Não prevê problemas? É simples assim?

Ele deu de ombros.

— Ele terá muitas explicações, tenho certeza, e imagino que ficará descontente, mas isso é tudo.

Ava sacudiu a cabeça.

— Não, isso não é tudo. Não compreende como esse homem é mau, Deran. Ele é um monstro, o homem mais perverso que pode imaginar. Ele poderia fazer algo... algo terrível com você. Poderia machucá-lo ou tentar ma...

Ela apertou o braço de Deran e lhe lançou um olhar de súplica.

— Não deixarei que se coloque em perigo por minha causa.

Deran olhou para ela com um discreto sorriso.

— Agradeço sua preocupação, querida, mas lhe garanto que sei cuidar de mim. Ele é um homem de negócios, e tenho vasta experiência com homens assim. Confie em mim quando digo que tudo ficará bem.

Ele segurou a mão que apertava seu braço e puxou Ava adiante.

— Odeio quando diz isso — murmurou Ava. — “Confie em mim, tudo ficará bem.” — Ela engrossou a voz, acrescentando um sotaque inglês, imitando-o.

Deran riu pela primeira vez naquele dia.

— Porque sabe que tenho razão.

— Não, porque diz isso de forma tão calma. Que inferno!

Ele riu e apertou a mão dela.

— O que eu lhe disse sobre esse tipo de linguagem?

— Que é para ser usado em momentos apropriados, e jamais na presença de damas.

Ele riu novamente, e Ava riu junto.

Ela ficou em total silêncio até chegarem à grande porta de ferro, mas tremia de expectativa e nervosismo. Quando Deran ergueu a mão para bater à porta, ela segurou seu braço.

— Espere. Por favor.

Ele suspirou, pacientemente.

— Ava, sei que está ner...

— Caso não tenhamos outra chance de conversar em particular, preciso lhe dizer isto agora.

Ela tinha uma ruga de preocupação na testa, e seus olhos eram um oceano verde e cálido.

— Eu me casaria com você se pudesse. Seria leal a você, seria a melhor esposa que fosse capaz e seria uma mãe maravilhosa para os seus filhos. Não faça cara de surpresa. Eu pensei sobre isso, pensei muito. Mesmo antes de pedir minha mão, e antes de nós... — Sentiu o rosto corar. — Se pudesse me casar

com você, seria a mulher mais feliz do mundo, e teria orgulho de ser sua esposa. Eu o amaria muito. — Colocou a mão sobre o rosto dele, e o amor em sua voz fazia os olhos dela brilharem. — Queria que você soubesse, para que não ficasse pensando que não quero você. Eu quero. Quero tanto que dói. Apenas não posso ter você — acrescentou com um suspiro.

Antes que ele pudesse responder, ela bateu à porta.

Mestre Vickers estava em outro prédio. Um homem de pele tão enrugada que mais parecia plissada conduziu-os a um escritório escuro, do tamanho de uma baia de estábulo. Ofereceu a Ava a única cadeira disponível e saiu arrastando os pés. Ava olhou para a fina camada de poeira sobre a cadeira de madeira e preferiu ficar de pé. Com seis passos atravessou todo o escritório, então deu meia-volta e refez o percurso, de cabeça baixa, apertando a capa contra o peito. O frio e a umidade da pedra se misturavam ao cheiro de poeira.

— Ava — disse Deran enquanto ela andava de volta. — A respeito do que disse agora há pouco...

Ava continuou andando, sem reagir às suas palavras. Ele a segurou pelo braço. Ela levantou a cabeça rapidamente.

— Sim. O que foi?

— Estava tentando conversar com você.

— Oh, me desculpe. Sobre o que queria conversar?

— Sobre o que você disse logo antes de entrarmos. Sobre...

Ele estava ainda tonto com suas palavras. Se ela o tivesse acertado com um balde na cabeça ele não teria ficado mais chocado. Mais chocado do que na noite em que ela fora largada à sua porta.

Santo Deus, estava desesperado para lhe contar sobre o avô! Ela talvez não estivesse tão determinada a recusar sua proposta se soubesse da ascendência nobre da mãe. O que seria pior? Contar a ela e lhe dar esperança, ou ficar calado, já que o avô dela talvez não fosse encontrado? As palavras que poderiam jogar luz sobre seus corações imploravam para serem ditas.

Mas seria cruel demais com ambos se nada surgisse do contato feito com o parente desconhecido. Não estariam em situação melhor do que estavam agora.

— Sim? — disse ela, após a longa pausa dele.

— Eu sinto exatamente o mesmo...

A porta dos fundos se abriu e um homem ruivo e robusto entrou. Uma brisa levantou a poeira sobre a pequena mesa no centro da sala.

— Ah, desculpem-me por fazê-los esperar. — Bateu a porta, provocando um pequeno redemoinho de pó. — Fiquei preso na número seis. — Puxou um lenço do bolso do casaco bem a tempo de dar um espirro. Limpou o nariz em forma de bulbo. — Não esperava que fosse me tomar tanto tempo. — Deu um largo sorriso, exibindo um conjunto de dentes em diversos estágios de apodrecimento. Os centrais de baixo já haviam ido embora. — Herman Vickers, mestre dos moinhos e fábricas Dunmoor. — Enfiou o lenço de volta no bolso e curvou-se, cumprimentando os visitantes.

Ava ficou contente por ele não ter lhe oferecido a mão.

Deran fez apresentações formais e agradeceu-lhe por cuidar do assunto do irmão de Ava.

Vickers abanou a mão.

— O prazer foi meu. Poucos parentes vêm atrás de seus pequenos. O sr. Bickford explicou a situação. Fiquei indignado por o garoto ter sido tirado de sua família do modo como fizeram.

Abriu a porta e fez um gesto para que o seguissem. Ava apertou a capa contra o rosto para se proteger da poeira no ar e apressou-se atrás dele, seguida de perto por Deran.

Vickers tagarelava enquanto percorriam uma série de construções de tijolos que se assemelhavam a

um quartel.

— Sei quem é seu irmão, senhorita, mas não o conheço pessoalmente, se é que me entende. — Andava devagar entre dois prédios estreitos. — Sinal claro de que é bem-comportado, senão teria sido levado até mim. É claro que, sendo estrangeiro, talvez não se dê muito bem com os outros e se mantenha reservado.

Vickers apontou para um edifício baixo de pedra cinza logo à frente.

— É esse aqui. Ele trabalha nos teares. Só para que fique sabendo, senhor — disse em tom confidencial —, o sr. Bickford tomou todas as providências para a liberação dele, para que não tenha de se preocupar com nada.

Embora Arthur Bickford fosse o dono daquele moinho e fábrica, havia indenizado Vickers financeiramente pela perda de um de seus trabalhadores. Deran não tinha dúvida de que a vaga de Ithel seria preenchida rapidamente. Naquela manhã, ele enviara ao sr. Bickford um bilhete de agradecimento por sua ajuda, bem como uma generosa quantia para ser usada no cuidado das crianças.

Vickers parou na entrada e virou-se para Ava.

— Ele não sabe que está vindo, senhorita. Eu não sabia quando a senhorita chegaria e não queria que o garoto se distraísse do trabalho procurando pela senhorita.

Ele abriu a porta.

Ava olhou para Deran por sobre o ombro.

— Vem comigo?

Ele havia pensado em deixá-la ir sozinha, mas já tendo vindo tão longe, quis testemunhar o reencontro. Contento por ela querer que fosse junto, deu o braço a ela e entrou.

Uma floresta de retintins, rangidos, assobios e zumbidos feriram seus ouvidos. Fileiras de máquinas da largura do edifício puxavam fios coloridos de enormes carretéis. Uma menina que Ava julgou ter a idade de sua irmã se debruçava sobre um dos imensos teares, separando as fileiras de fios e evitando que se enroscassem. A alguns metros dela, um homem mais velho girava a manivela de uma grande roda de ferro raiada, ligada a um sistema de polias suspensas.

— Está conectada à roda d'água pela qual passamos na ponte! — berrou Deran em seu ouvido. — Ela move as polias que operam os teares.

Ava acenou com a cabeça e seguiu em frente, segurando firme a mão dele.

Deran estava consternado com o fato de as condições daquela fábrica não serem em nada melhores que as das outras que tinha visto. O cheiro de suor misturado com lã mofada, os trabalhadores malvestidos, mulheres usando vestidos pobres, homens de calças largas e camisas surradas. Todos descalços.

Uma menina pequena surgiu de repente de trás da fileira seguinte de máquinas e chocou-se contra Ava. Ela segurou pelo braço a menina que ia caindo para trás. A garota cambaleou, pestanejou e enfiou o polegar na boca.

Ava ajoelhou-se.

— Você está bem?

A criança balançou a cabeça com vigor e olhou alternadamente para os dois adultos, antes de olhar nos olhos de Deran. Tirou o polegar da boca e se aproximou dele. Sua cabeça batia na altura de seus joelhos.

Seus olhos castanho-claros eram enormes.

— O senhor é um rei? — berrou.

Ele baixou a cabeça.

— Um rei? Não, não sou rei.

A minúscula mão alisou a bainha de sua sobrecasaca marrom.

— Parece importante como um rei. O senhor é bonito.

Sorriu timidamente, revelando um vão entre os minúsculos dentes superiores, que ela preencheu com o polegar antes de sair correndo.

Ava riu da expressão espantada de Deran.

— Um rei. Um rei *bonito*. Sua mãe vai adorar saber disso.

Ela vasculhava fileira após fileira. Aproximavam-se dos fundos do edifício quando de repente agarrou com força a mão de Deran e parou.

Deran o viu no final da fileira seguinte. Os cabelos dourados caíam sobre o rosto. Ele e um garoto mais alto empurravam um tear sobre rodas. Os dois meninos usavam toda a força que tinham, os pés descalços escorregando sobre o piso de madeira, as costas curvadas.

Ava emitia um som abafado e tremeu ao chamar seu nome. Ele não se virou.

— Ithel! — gritou novamente, mais alto que antes.

Ele levantou a cabeça abruptamente, olhando por cima dos ombros do seu parceiro. Seus olhos escuros se arregalaram em choque, e ele ficou boquiaberto.

— *Myn Duw. Meu Deus, Deran, nós o encontramos!*

Ava saiu correndo e atravessou o galpão. Ithel atirou-se em seus braços e ela despencou de joelhos no chão, abraçando-o e embalando-o. Deran viu as lágrimas do garoto rolar pelo rosto e sabia que o rosto de Ava estava igualmente molhado de lágrimas. Trabalhadores próximos paravam e observavam a cena, tão emocionante que provocava sorrisos melancólicos em seus rostos.

Alguns minutos se passaram antes de Deran se aproximar deles e se agachar.

— Ava, querida. Temos de partir com ele, você sabe.

Ela levantou a cabeça, os olhos brilhando com lágrimas de alegria. Ele, sua família e seus amigos haviam possibilitado aquilo, e ela repentinamente sentiu vontade de trazê-lo para dentro daquele abraço, incluí-lo em sua alegria. Só que sua posição agachada tornaria aquilo estranho, então ela apertou o braço dele e sorriu. Inesperadamente, o garoto abraçou Deran fortemente pelo pescoço.

— *Diolch, diolch...*

— Por nada — disse Deran, com um aperto na garganta que tornava difícil falar.

Quando o menino deitou a cabeça sobre seu ombro, não havia mais nada a fazer senão retribuir o abraço. Deran estava de pé com ele em seus braços, e Ithel envolveu-o com as pernas em torno da cintura. Sua sensação de protetor era esmagadora. Ava dissera que Ithel era pequeno para a idade, mas ele era muito menor do que Deran imaginara. Aos nove anos de idade, Deran tinha o dobro do peso e era bem mais alto. Aquela criança era menor do que Hayden aos sete anos, quando o vira pela última vez.

Ao chegarem lá fora, Deran colocou o garoto no chão. Ele era pequeno, mas não era um bebê.

Ava lhe perguntou algo em galês e Ithel sacudiu a cabeça.

— Ele não tem nada para levar. Estas são suas únicas roupas.

Uma jaqueta esfarrapada, as mangas quase nos cotovelos, calças rasgadas nos joelhos, uma camisa e um cachecol escuro.

Ithel perguntou algo, e Ava sorriu e balançou a cabeça.

— Ele quer saber se você tem cavalos. — Ela segurou a mão de Ithel e começou a andar de volta para a carruagem. — Ele não fala inglês tão bem, então você terá de tolerar nossa língua, receio. Depois que minha mãe morreu, pouco falamos inglês em casa. Meu pai não gostava que falássemos.

— Mas você continuou praticando com os padres.

— Sim. Mas deveria ter incluído mais lições de inglês nos estudos de Ithel. E também nos de Mairwen. Só que era mais fácil ensiná-los em galês.

— Mairwen? — disse Ithel, ouvindo o nome da irmã.

— Ela *estiva* aqui, mas *partou*.

— Partiu — corrigiu Ava, passando a mão em seu cabelo. — Sim, sabemos que partiu, mas sabemos onde ela está, não é, Deran? Senhor — corrigiu-se, enrubescendo.

— Sabemos. E vocês a verão muito em breve.

Ithel compreendeu. Ele parecia entender bem melhor do que falava.

A volta à carruagem foi interrompida várias vezes porque Ava precisava parar para dar abraços ligeiros em Ithel, como um lembrete de que tudo aquilo era real. Nunca se sentira tão feliz na vida. Tinha um brilho que vinha de dentro, estava tão eufórica que os pés mal tocavam o chão. De braço dado com Deran e os dedos entrelaçados aos de Ithel, era a pessoa mais feliz do mundo.

Ao chegar no caminho de pedras, Deran levantou Ithel nos ombros para poupar seus pés descalços, o que causou suspiros de alegria. Ao ver a carruagem e os cavalos, Ithel bateu palmas. Deran o colocou no chão e o apresentou à sua mãe e à sua irmã, e em seguida ao sr. DiSanto e ao sr. Fleck.

Ithel encostou-se constrangido na perna de Ava, examinando o círculo de pessoas. De repente ele se desencostou dela, ergueu os ombros e curvou a cabeça num cumprimento.

— *Diolch*. Obrigado *de* cuidar *para* minha irmã e encontrar *eu* — disse, devagar.

Todos ignoraram suas gafes gramaticais e sorriram carinhosamente. Deran colocou a mão sobre a mão de Ava, pousada em seu antebraço. Cuidar da irmã dele. Não fizera isso tão bem quanto o garoto imaginava. Poderia culpar sua falta de experiência em cuidar de alguém além de si próprio, mas não seria inteiramente verdade. Era mais uma questão de egoísmo e de fazer o que tinha vontade. Vontade de ficar mais próximo dela de corpo e coração, de se impregnar da paixão que ela tinha por viver e amar.

Ele desejava tudo aquilo para si.

Mas por ora teria de se nutrir da felicidade de Ava por resgatar o irmão. Estava contente por Ithel estar bem e novamente junto dela, mas com seu retorno vinha também a aflição de saber que a partida dela era mais iminente que nunca.

Capítulo XXXIV

De sua cadeira junto à janela, Ava observava Ithel dormindo. Que maravilhoso havia sido terminar o dia como de costume, com orações e uma canção de mãos dadas até ele cair num sono contente!

Tal paz não se abatera sobre ela, no entanto. Os eventos do dia e os que enfrentaria no dia seguinte não a deixavam dormir.

Ela se levantou e se curvou sobre ele, sorrindo ao ver a doce imagem de seu rosto inocente, o cabelo já bagunçado sobre o travesseiro, a boca ligeiramente aberta, a respiração regular e leve. Beijou-o na testa, cobriu-se com a capa e saiu do quarto em silêncio.

A imensidão do solar não era espaço suficiente para sua mente ansiosa. Desceu as escadas apressada, saiu da casa e se encaminhou para o lago. No dia seguinte deixaria o Solar Tercy para sempre, e ainda precisava ver o lago de outro ângulo que não o da janela do quarto. Precisava da paz que as águas certamente lhe ofereceriam, não importando se eram do mar ou de um lago. A água aplacava sua inquietude, a convidava a deixar de lado as preocupações e a apenas contemplar sua beleza plácida.

O lago ficava no canto nordeste da propriedade. Não era imensamente grande. Era retirado, longe da entrada principal, mas a uma distância razoável para se caminhar. Ao se aproximar da margem, diminuiu o passo e respirou fundo. O ar estava fresco, com cheiro de musgos, tingido com madeira úmida. A noite estava clara, e uma brisa suave soprava. A lua, cortada pela metade, pintava a água com brilhos prateados, como um punhado de estrelas.

Ava baixou o capuz de sua capa e examinou o outro lado do lago. Uma elevação no terreno levava a uma floresta densa. Gostaria de tê-la explorado, percorrido uma trilha por uma ou duas horas.

O contato com a natureza sempre lhe fazia bem à alma. Sua grandiosidade era um humilde lembrete de seu lugar no mundo, um mundo que já existia muito antes dela e continuaria a existir por muito tempo depois. Seu efeito sobre ela era o mesmo, ali na Inglaterra ou em sua terra natal. O poder que a natureza tinha de assombrar não conhecia limites de fronteiras.

Seguindo a curva da margem, parou num ponto onde a lua se refletia mais brilhante. Estendeu a capa sobre a relva e se sentou com os braços em torno dos joelhos. Sentia a serenidade sobre os ombros como se fossem duas mãos delicadas. Era o lugar mais bonito em que estivera desde que chegara àquele país, e o primeiro que parecia totalmente familiar.

Jamais poderia viver numa cidade. Alguns de seus atrativos podiam ser interessantes de tempos em tempos. Mas por que alguém preferiria a cidade à liberdade do campo?

No dia seguinte, no entanto, retornaria ao caos urbano. Por um dia. Será que Mairwen sabia que Ithel fora resgatado? Que alegre surpresa seria para ela, caso não soubesse. Com esse reencontro, enfim sua missão chegaria ao fim. Claro que havia ainda a terrível questão de sir Edmond e suas expectativas. Teria de tomar providências rapidamente a respeito de Mairwen e Ithel, caso não conseguisse escapar dele, ou caso lorde Atherton não fosse tão bem-sucedido como alegava que seria em evitar que tivesse o destino que Pontoise escolhera para ela.

Lorde Atherton. Não Deran. A ideia de que, para ela, ele jamais seria Deran novamente lhe causou uma sensação de vazio. Será que ele sentiria a sua falta tanto quanto ela sentiria a dele? O jantar daquela noite havia sido muito alegre, com conversas animadas entre Ithel e os demais, mas ela flagrara lorde Atherton fitando-a com o olhar triste.

País de Gales. A ideia de retornar para lá ocupara sua mente por semanas. Agora que isso talvez fosse possível para ela, e que definitivamente era possível para Ithel e Mairwen, a incerteza oprimia seu

entusiasmo. Não teriam casa, se não conseguisse reavê-la do tio. Teriam de encontrar outra, arranjar trabalho, reconstruir a vida. Faria o que fosse preciso, não tinha escolha, mas naquele exato momento não estava empolgada com suas responsabilidades.

Jamais se sentira desanimada com a ideia de voltar para Gales. Lá era seu santuário, o local para onde viajava em sua mente para se reconfortar. Seu lar.

Seu corpo voltaria, mas seu coração permaneceria na Inglaterra.

Engoliu a aflição que ameaçava se manifestar e perturbar a quietude da noite. Havia muito a agradecer. O pranto pela perda do amor não iria se sobrepor às vitórias pelas quais lutara tanto. Aprenderia a domar seu coração quando parecesse tão vivo quanto uma flor murcha; e era assim que o sentia quando pensava em se afastar dele.

Repreendendo-se por permitir que as coisas boas e as alegrias daquele dia fossem maculadas por seus lamentos, esticou as pernas à frente e novamente se concentrou na beleza do lago. A brisa soprava o cabelo que caíra sobre o rosto, e nesse momento ela sentiu a presença dele, antes de ouvir seus passos.

Virando-se na direção do ruído, seu coração disparou, e em seguida quase parou. Estava encostado numa árvore fina, quase na sombra. Estava magnífico. Elegante. Lindo.

— Não consegui dormir?

Duas imagens lhe vieram à cabeça. A biblioteca em sua casa em Londres. Ele fizera a mesma pergunta logo antes de exigir que lhe entregasse o bilhete que havia escrito. Ela tremia tanto sob seu olhar sombrio. E no Hyde Park, ele encostado a uma árvore, avassaladoramente bonito em seu traje elegante. Ela se sentira notoriamente malvestida em comparação.

Deran deixara cair o casaco, o colete e o cachecol. O branco brilhante da camisa reluzia nas sombras.

— Não. Não consegui dormir.

Deran estava em seu escritório considerando tomar um segundo copo de conhaque quando a ouviu saindo. Sem precisar verificar o quarto dela, sabia que fora Ava quem havia escapado pela porta da frente à uma da manhã. Ele a observara à distância antes de decidir invadir sua privacidade. Seria a última vez que teria chance de fazer isso.

— Foi um dia movimentado. Imagino que deva ser difícil acalmar seus pensamentos o suficiente para conseguir dormir.

— Sim.

Ele saiu das sombras e se aproximou.

— Mas está preocupada.

— Preocupada?

Parou tão próximo que ela teve de inclinar a cabeça para trás para conseguir fitá-lo. Ele parou quase em cima de sua capa, e Ava se lembrou de que vestia apenas uma *chemise* fina. Pegou a capa e jogou-a sobre os ombros.

— Não, preocupada, não.

— O quê, então?

Ele nem se sentou, nem recuou. Pensou sobre qual seria seu estado de espírito.

— Contemplativa.

— Quer conversar sobre isso?

Ela balançou a cabeça.

— Acho que não. Mas obrigada.

Aquilo era tão difícil... Ser educada, comportar-se como se fossem apenas conhecidos. Desejava que ele fosse embora ou que se sentasse e parasse de bancar a sentinela.

Deran se sentou. Como era mesmo o ditado? Cuidado com o que deseja?

Sua postura lânguida e sua proximidade causavam um efeito perturbador sobre Ava. O coração parecia que ia parar, os pulmões não se enchiam nem esvaziavam, as narinas se impregnavam de seu misterioso odor, a boca ficava seca, e era um esforço manter as mãos embaixo da capa, quando o que ela queria era tocá-lo.

Que inferno... Se ele não fosse embora nos próximos minutos, ela iria.

Deran observou-a com os olhos semicerrados. Enrolada em sua capa, ela parecia uma criança, alertando-o por meio de sua postura para manter distância, não tocá-la. A expectativa dela era palpável. Expectativa quanto ao que ele diria? Ele achava que não. Quanto ao que faria? Ele não viera ali com nenhum outro propósito além do de garantir sua segurança. A curiosidade o atraía, e ele não retornaria sem Ava.

Mas isso podia esperar. Ela viera ali para ficar sozinha e para contemplar.

Exatamente a mesma coisa que ele vinha tentando evitar a noite toda, com um nível de fracasso impressionante.

Ava repousou a testa nos joelhos. O esforço para permanecer distante criava uma ansiedade sufocante. O estômago revirava, a cabeça zunia. Deixou escapar um gemido e tapou a boca para que não acontecesse de novo. Quando ele passou o braço sobre seus ombros, ela desabou em cima dele com alívio e aflição. Não queria desejá-lo tanto assim, não agora, não quando estavam a um dia da despedida. Mas seu corpo traía sua mente. Seu corpo queria a força dele, seu poder de tranquilizá-la, a gloriosa sensação de aconchego em seus braços.

— Quer que eu vá embora?

Sim. Não. Ela balançou a cabeça.

Momentos de silêncio tenso se passaram. A distância entre eles faiscava de expectativa, parecia ter vida própria, parecia ao mesmo tempo fortalecê-los e enfraquecê-los.

Deran afastou a capa, cruzou as pernas e colocou-a sobre seu colo. Ava não ofereceu resistência. Ele sorriu, beijou-a na testa, na ponta do nariz e nas faces.

— Você é tão bonita...

O beijo dele era mais suave que a brisa, tão carinhoso que ela quase chorava. Abraçou-o pelo pescoço e girou.

— Não quero pensar em mais nada, além de nós dois — Deran murmurou no ouvido dela. — Deixar o mundo desaparecer por um instante. Fará isso por mim, Ava?

Ela ficou paralisada, num instante de indecisão.

— Sim — sussurrou. — Quero sentir somente nós dois.

Ele inclinou a cabeça de Ava para trás e encostou os lábios nos dela. Tocou seu rosto, e o calor da ponta de seus dedos trilhou um caminho ardente até suas partes mais íntimas. Os beijos eram cada vez mais profundos, fazendo crescer o calor até seu corpo queimar por dentro. Ava segurava o rosto dele e retribuía os beijos, suplicando por mais, mais de tudo que ele podia lhe dar.

Deran respondia com movimentos muito lentos. Observou o caminho traçado por seu dedo ao fazer a *chemise* de Ava deslizar dos ombros, um lado de cada vez. Seu dedo correu por sobre a curva do tecido que agora mal cobria os seios.

— Nada é mais fascinante que eles, Ava! — exclamou, como se estivesse hipnotizado, e hipnotizando-a também. Com o dedo, baixou sua roupa até a altura dos mamilos. — E eles... — baixou a cabeça e umedeceu com a língua o bico teso através do tecido — ...são inigualáveis em perfeição.

Circundou o bico sensível com a língua, e repetiu o mesmo no outro seio.

Segurou entre os dentes a *chemise* e puxou-a até a cintura. A respiração de Ava ficou presa na garganta. A brisa tocava a pele nua, intumescendo ainda mais os mamilos.

Os olhos de Deran brilhavam, apreciando-a.

— Você foi criada para a luz da lua.

Traçou desenhos invisíveis com os dedos nos seios de Ava, que fechou os olhos e arqueou o corpo, arfante. O calor que ele emanava sobre sua pele ia descendo, pressionando-a entre as coxas, deixando-a impotente diante do desejo que ele provocava. Ele beijava um mamilo enquanto acariciava o outro com os dedos. Uma onda de prazer a fez estremecer até os pés. Ele baixou o braço que estava sobre os ombros dela. Colocou a cabeça dela sobre uma das coxas, os quadris sobre a outra, esparramando-a sobre seu colo. Sem aviso, ergueu os quadris de Ava e arrancou sua *chemise*.

A peça de tecido fino não a protegia do frio da noite, mas era tudo que a cobria. Ela cerrou os punhos, lutando contra o intenso desejo de esconder sua nudez.

Os olhos de Deran acariciavam suas formas nuas. Com o dedo, traçou um caminho do pescoço até o ventre. A palma da mão repousou ali.

— Tão adorável... — A mão acariciava seus quadris. — Tão macia...

A pele de Ava formigava. Ela ergueu os quadris, querendo que aquela mão a tocasse no ponto que a enlouquecia lentamente, suplicando que pusesse fim àquela aflição maravilhosa. Em vez disso, ele girou o corpo dela, deixando-a de bruços sobre seu colo.

Ela arfou e olhou para trás por sobre o ombro, buscando seu rosto. Aquilo era pior que antes. A sensação de estar exposta era muito maior, quase humilhante. A posição era submissa demais e trazia muitas lembranças ruins.

Abriu a boca para protestar.

— Não vou machucá-la, querida — sussurrou ele.

Uma mão estava pousada sobre suas costas, a outra tocava seu cabelo. Ele travou os dentes ao ver as linhas mais claras em suas costas, resquícios de feridas cicatrizadas.

— Eu sei. É só que isso é... — ela apertou os olhos quando a mão que estava nas costas moveu-se para baixo — ...constrangedor.

— Ah. — A mão de Deran pairou sobre suas nádegas e retornou pelo outro lado. — Isso não vai demorar muito.

Ele estava certo, tão certo. Circulou seus quadris novamente, acariciou as coxas e voltou às nádegas. Ela era apenas sensações, já esquecera qualquer ideia sobre posições estranhas. Arqueou as costas e ergueu os quadris na direção das mãos dele, que passavam por ali novamente. Não queria que aquilo acabasse nunca mais, o arrepio que seu toque causava e que viajava das costas até o abdômen. Ela se contorcia sem constrangimento em busca de mais prazer.

Deran acariciou as nádegas de novo, mas não subiu dessa vez. Enfiou a mão entre suas coxas. Ouviu o chiado da respiração dela e viu seu corpo estremecer.

— Abra as pernas, Ava.

Sua mente confusa mal compreendia as palavras, mas o corpo não precisava de muitas instruções.

O toque dele era surpreendentemente atrevido. Ela gritou e afundou o rosto em sua capa. Disse adeus ao que ainda lhe restava de autocontrole e ergueu o corpo, acolhendo seus dedos inclementes. A outra mão acariciava suas costas e mergulhava na fenda na base de sua coluna. Ela não sabia se a súplica que ocupava sua mente havia sido expressada ou não, e não se importava. Implorava para que ele aliviasse aquele prazer latejante ao mesmo tempo que pedia mais.

A própria excitação dele se revelava sob a calça, pressionando o seio esquerdo de Ava. Ela ajustou ligeiramente sua posição e o queixo tocou a ponta de seu falo.

As mãos dele pararam no mesmo instante.

Ava olhou para ele, viu que seus olhos estavam fechados e decidiu ser ousada.

Abriu a calça dele e parou, aguardando que interrompesse seu movimento atrevido. Ele não o fez, então ela cuidadosamente liberou seu membro e tocou-o com a língua. Ele afundou a mão em seus cabelos, enquanto a outra a agarrava pela cintura. Encorajada, ela beijava delicadamente, e aos poucos ia ficando mais ousada, enquanto o desejo a tomava em fúria. A mão de Deran se enroscava em seus cabelos, os músculos da coxa tremiam sob seus seios. A excitação chegava a níveis selvagens, quando ela percebeu que estava tendo prazer porque ele também estava. Ou parecia estar. Ele emitia sons bastante rudes.

De súbito, Deran girou o corpo dela e a beijou na boca. Ela o segurou pela nuca e retribuiu o beijo com a mesma volúpia. Segundos se passaram antes de ele se afastar e arrancar a camisa, a calça e as botas. Ajoelhou-se entre as pernas dela.

— Eu tinha pensado em ir devagar, minha querida, mas você tornou isso compreensivelmente impossível.

Ele dobrou os joelhos dela até tocarem os seios e a penetrou devagar, dando tempo para que o corpo de Ava se adaptasse à invasão. Recuou um pouco e investiu novamente, mais fundo; recuou mais uma vez e arremeteu até o fim, tão completamente que ela o sentia, como ondulações na superfície de um lago, do quadril até o ombro. A boca de Deran buscava a dela de novo e de novo, enquanto seus ritmos se fundiam. O desejo os cegava para tudo além dos prazeres que proporcionavam um ao outro.

Ava o observava sobre ela, apoiado em seus braços esculpidos, o rosto tenso, o contorno do maxilar, os olhos mais escuros que a noite, os cabelos balançando sobre o rosto. Uma lembrança para guardar pelo resto da vida.

Não tinham pressa para dar fim ao prazer. Escalaram um precipício, balançaram lá no alto e então pararam de se mover, mas não se desconectaram. Mais do que consciência física estava presente. Saber que era a última vez que se deitavam juntos tornava cada movimento, cada carícia, cada suspiro, cada sorriso, ainda mais pungente. Era vital mostrarem um ao outro como aquilo era importante. Ava perdeu a batalha contra as lágrimas que se avolumavam junto com o desejo, e Deran as afastou com beijos, tendo também os próprios olhos marejados de emoção.

Carinhos e beijos despertavam novamente o desejo a cada vez que atingiam o ápice, até que a necessidade de chegar ao êxtase fosse caótica.

Seus corpos estavam molhados de suor, a respiração era curta e pesada, as mãos imploravam, os músculos tremiam.

Ele abaixou-se, apoiado nos antebraços, e a beijou de forma surpreendentemente carinhosa.

— Não quero que isto termine, tanto quanto você não quer, mas...

Os olhos de Ava estavam semicerrados, os dentes travados.

— Sim, mas não saia de dentro de mim. Não me deixe. Por favor, Deran, não saia.

Ele gemeu baixinho e a penetrou devagar. Os músculos dela o capturaram num violento tremor. Enquanto era atirada da beirada onde se agarrava, sentiu seu jorro quente fluindo para dentro de si.

Deran parou, imóvel e pesado, sobre o corpo de Ava, que afundou o rosto em seu pescoço e jogou os braços em torno de suas costas largas. A alegria e a tristeza quase a partiam ao meio. Não deixaria que aquele momento, cuja recordação sem dúvida lhe causaria melancólica dor no futuro, fosse maculado por sentimentos de tristeza.

Sorriu para a lua, abraçou-o forte e ouviu seus corações batendo como se fossem um só.

Capítulo XXXV

Após o café da manhã, todos se reuniram no alpendre de piso de pedra onde cavalos e carruagens eram preparados para a partida. Max já havia partido para Londres ao alvorecer. Lady Atherton pediu ao filho que a visitasse ainda naquele ano.

Ava e Ithel mantinham-se distantes dos demais. Lady Atherton aproximou-se e sorriu para Ithel.

— Menino Ithel. — Tomou uma de suas mãos. — Estou muito feliz por você ter reencontrado sua irmã e estar indo ver a outra. Vai cuidar bem delas, não é?

Ithel arregalou os olhos e ergueu os ombros.

— *Ie*, senhora. Eu as amo muito.

— E elas também o amam muito.

Ela se curvou, afastou o cabelo pesado de Ithel e lhe deu um beijo na testa. Ithel corou e olhou para Ava, com um sorriso estampado no rosto.

A condessa se reergueu e virou-se para Ava com os olhos repletos de carinho. Segurou as mãos dela.

— Foi um prazer e uma honra conhecê-la, srta. Fychon. Nunca soube de nenhuma mulher que tivesse ido tão longe em prol da segurança e do bem-estar de sua família. Minha admiração por você é imensurável, e só queria ter tido mais tempo para conhecê-la melhor. E adoraria tê-la ouvido cantar. Quem sabe um dia?

Os olhos de Ava se encheram de lágrimas.

— Eu adoraria. E o prazer foi meu, lady Atherton. Espero um dia me tornar uma dama fina como a senhora, milady.

Fitaram-se por um momento de ternura antes de a condessa inclinar-se na direção de Ava e lhe dar um beijo no rosto.

— Meu filho não é um homem fácil de se amar — sussurrou. — Ele é afortunado por ter encontrado você.

Deu um passo atrás e acenou discretamente com a cabeça.

Ava sentiu o rosto corar. Ela sabia? Como? Era óbvio para todos? Olhou para Deran, viu o olhar intrigado em seu rosto e voltou-se novamente para sua mãe.

— Tudo ficará bem, minha querida — disse a condessa, como se promulgasse um decreto real. Eram as mesmas palavras e o mesmo tom usados pelo filho. — Você vai ver.

Após mais agradecimentos e despedidas, finalmente as carruagens partiram.

— Estará pronta para partir em meia hora? — Deran perguntou a Ava ao entrarem novamente na casa.

Ithel tinha ficado para trás, observando Fleck preparar a carruagem deles.

— Já estou pronta. Tenho apenas uma mala, e Ithel não possui nada além da roupa que o irmão do sr. Bickford mandou para ele. Foi muito gentil da parte dele.

O conde concordou com a cabeça.

— Sim, foi. Está bem. Vou chamar Bickford e partiremos em seguida.

Evitava encará-la diretamente, o que era bastante difícil. O vestido amarelo a deixava radiante, embora tivesse dormido pouco na noite anterior. Haviām ficado no lago até a primeira luz do amanhecer. Era impossível acreditar que eles fossem as mesmas pessoas que estavam juntas até algumas horas atrás, tão distantes que estavam agora, tratando de coisas práticas após fazer amor por horas.

Ava sorriu timidamente, tentando parecer contente.

— Vou chamar Beth. Ela estava arrumando o quarto.

Deran observou-a saindo. Que Deus o ajudasse...! Como iria sobreviver àquela viagem? Ele a desejava tão ardentemente naquela manhã como na noite anterior. Não apenas fazer amor com ela, mas deitar-se com ela, se aconchegar, simplesmente *estar* com ela. Como suportaria ficar numa carruagem desejando isso tudo sem poder ter nada, nem lá, nem em nenhum outro lugar? Maldição, que dia terrível era aquele!

Quanto mais se aproximavam de Londres, mais seu humor piorava. Queria se tornar surdo e cego, e apagar sua memória.

Não, pensou olhando pela janela. Não queria que sua memória lhe fosse tirada. Por mais dolorosas que fossem algumas lembranças, não queria perdê-las. Considerando os prazeres da noite anterior, sentia-se melancólico. Não, não eram prazeres. Prazer era o que ele conhecia antes de Ava. Distrações fantasiosas. Mas não era assim com ela. Eram puras sensações, do tipo mais profundo, que se emaranhavam por músculos e ossos e tomavam o coração e a mente. Uma energia que consumia, se autoalimentava e gerava mais.

Essa era a sua vida, a que ele havia vivido sozinho por trinta e três anos. Com certeza devia haver um jeito de ter o que queria, de dividir sua vida com ela, cumprindo seus deveres referentes à sua posição e à sua família.

Mas que escolhas tinha um conde apaixonado por alguém incompatível com ele?

Deran suspirou ao responder novamente à pergunta e fechou os olhos.

Ele cochilou, e ao despertar tudo estava em silêncio. Todos, exceto Ava, haviam cochilado. Ithel estava com a cabeça no colo dela e os pés apoiados sobre a perna de Beth. Ava olhava pela janela, com uma das mãos nas costas de Ithel e a outra entre o rosto e o vidro. Virou-se quando Deran se mexeu, no canto oposto, e se entreolharam.

— Não conversamos sobre o que acontecerá quando chegarmos — disse ela, baixinho.

Deran cerrou os dentes.

— Iremos para a casa de minha tia. Sua irmã está esperando por você.

— Sim, eu sei. Quero dizer... Tentei imaginar o que acontecerá depois, mas...

— O que você imaginou?

— Não importa.

— Para mim, importa.

Os olhos de Ava brilharam com lágrimas não derramadas.

— Não posso dizer.

— Não pode ou não quer?

Ela sorriu ao ouvir a pergunta agora afetuosamente familiar.

— Não quero.

Deran apertou os lábios em reprovação.

— Iremos para a Mansão Culver saber quais são as novidades a respeito de Pontoise. Se ele falava a sério quando disse que ia voltar, chegará hoje. Max cuidou de tudo ao levar Mairwen para lá. Eles não farão mal a ela pelo fato de você não estar presente, Ava.

Ela não notara que estava prendendo o fôlego até ele dizer que Mairwen estaria segura.

— E se ele estiver lá? Pretende falar com ele?

— Pretendo fazer o que for necessário para impedi-lo de cumprir sua promessa.

Ava respirou fundo.

— Já lhe disse, não permitirei que se arrisque por minha causa.

— Isso não é escolha sua.

— Você não pode... — Ela se interrompeu sob o olhar irritado de Deran. — Você não vai fazer nenhuma tolice. Eu não vou deixar.

Existiria mulher mais irritante no mundo? Deran tinha vontade de sacudi-la até que seus dentes batendo fizessem mais barulho que as rodas da carruagem. Engoliu em seco e respirou fundo.

— Você convenientemente ignorou duas coisas, Ava Fychon — disse, enfatizando seu nome. — Não está em boa situação para barganhar com Pontoise, e nem controla as minhas ações. Farei o que for necessário para assegurar sua liberdade. O que fará com ela, cabe a você decidir, não vou interferir, nem tentar influenciá-la. Mas ela lhe será dada. — Desviou o olhar. — Não precisa ficar preocupada com minha segurança.

Se estivesse mais perto, Ava teria dado um murro nele.

— Que coisa mais estúpida você diz — resmungou. — Claro que fico preocupada. Fico mais que preocupada, seu louco. Eu amo você, meu Deus do céu!

O ar congelou. Deran não tinha certeza, mas achava ter visto Bickford se contrair.

— Eu também.

Lá estava. Ele havia dito. Não as mesmas palavras, mas se ela não soubesse até agora...

Fitou-o boquiaberta. Claro que já sentia isso havia algum tempo, talvez até já soubesse. Ouvi-lo dizer isso, portanto, não era importante, ou assim ela imaginava até aquele exato instante.

Ela era *mesmo* mais que importante para ele. Ele a amava.

Deran a fitou como se dissesse: “Não ouse dizer mais nem uma palavra”. Bem, ela tinha muito mais coisas a dizer. Se ele achava que podia calá-la com aquela arrogância aristocrática...

Ithel repentinamente se sentou e esfregou os olhos.

— Já estamos chegando?

Ava piscou os olhos, rápido, e se esforçou para sorrir.

— Estamos bem mais perto.

Aquela resposta era insatisfatória. Ithel olhou para Deran.

— Senhor, já estamos chegando?

— Ainda faltam algumas horas.

Adultos. Nunca eram capazes de simplesmente responder a uma pergunta. Ithel jogou-se contra o encosto e começou a balançar os pés num ritmo despreocupado. De repente, seus olhos brilharam.

— Ava disse que o senhor tem uma casa na cidade. Como ela é? Tem cavalos lá?

Durante algum tempo Ithel fez perguntas e Deran as respondeu pacientemente. Ithel se distraiu quando pararam para o almoço. Mas ao entrarem novamente na carruagem, sentou-se ao lado de Deran e começou a fazer perguntas sobre cavalos. A ideia de dispor de vários entre os quais escolher e de parques para cavalgar era fascinante para ele.

— Posso cavalgar com o senhor um dia?

— Eu adoraria — respondeu Deran com sinceridade.

Olhou para Ava. Ela não desviara os olhos da paisagem, mas ele sabia que ela não tinha perdido uma única palavra da conversa.

Ela olhou duro para ele ao ouvir aquele último comentário, e então olhou para fora de novo.

Ansioso para conhecer melhor todos aqueles que agora considerava seus melhores amigos, Ithel bombardeou Bickford e Beth com perguntas sobre o que faziam na casa, sobre suas famílias, e se tinham cavalos também. Sua empolgação a respeito de um mundo que não podia imaginar provocou muitos sorrisos e risadas nos adultos.

Ava estava prestes a lhe dizer que tinha de parar de fazer tantas perguntas quando ele soltou um suspiro alto, recostou-se em Deran e fechou os olhos.

Deran olhou para seus cabelos dourados, então passou o braço sobre seus ombros e puxou-o para perto.

Ava colocou a mão na boca e engoliu as lágrimas. Era uma visão dolorosamente terna. Mais uma lembrança que teria.

Ithel teria saltado da carruagem antes de ela parar em frente à Mansão Culver se Deran não o tivesse impedido.

— Você e eu saltaremos primeiro — instruiu. — Em seguida ajudamos as damas a descer. Já tem idade para dar conta disso, não é?

— Ah, sim, senhor. Claro.

Ithel levou a sério a tarefa e ofereceu a Beth sua mãozinha, que ela aceitou graciosamente. Retribuiu com um beijo no rosto, e ele corou.

Ava foi auxiliada por ambos os cavalheiros. Cumprido o dever, Ithel saiu puxando-a pelo braço para que entrassem logo na casa. A viagem havia sido longa, e ele queria ver Mairwen.

Ava olhou ao redor ansiosa, sem saber direito o que procurava, mas temendo que sir Edmond saltasse de dentro dos arbustos e a agarrasse. Como isso não aconteceu, deu um passo vacilante à frente e parou. Ithel puxou-a com mais força.

— Beth — chamou Deran. — Pode acompanhá-lo até a porta da frente? Iremos num minuto.

Ela acenou com a cabeça, segurou a mão de Ithel e o levou.

Deran falou brevemente com Bickford e dispensou Fleck. Virou-se para Ava, segurou suas duas mãos e ergueu-as até os lábios.

— Não fazia ideia de que eu estaria tão assustada — gaguejou. — Mas estou com raiva também. Como ele se atreve a perturbar meu entusiasmo por encontrar Mairwen? Após esse tempo todo, isso não é justo, Deran.

Ele deu um leve sorriso.

— Não, não é.

Beijou sua testa e se demorou por um instante com os lábios sobre a pele macia.

— Vamos. — Deu o braço a ela. — Ela está aguardando. E Ithel também.

— Obrigada por ser tão gentil com ele. As perguntas dele podem ser cansativas.

— Eu estava me divertindo. Ele é curioso e atento. Sei a quem puxou quanto à curiosidade. Quanto ao resto — ergueu uma sobrancelha —, não tenho tanta certeza.

Ava deu um tapinha no braço de Deran, e ele riu.

— Sim, bem... Se eu não tiver chance de dizer isso mais tarde, obrigada por tudo o que fez por mim desde a noite em que nos conhecemos. Há coisas demais para agradecer no tempo de que disponho. E não só as coisas que fez por mim, mas também as coisas que teve de aguentar por minha causa. Fico sem ar ao pensar sobre tudo isso, sobre o que teria sido de mim se não fosse você.

E o que teria sido de mim se não fosse você.

Jamais teria conhecido o tamanho de seu próprio coração, nem aquele anseio por estar com uma mulher. Não por estar com qualquer mulher, mas com ela. *Ela.*

Deran engoliu em seco.

— Estou feliz por poder ajudá-la. Não estava no início, admito. Mas não demorou muito para mudar minha forma de pensar.

Ithel voltou, com o rosto vermelho de irritação.

— Está ficando de noite! O que estamos esperando para entrar?

Ava olhou para Deran e apertou seu braço.

— Nada. — Pegou a mão de Ithel. — Vamos ver sua irmã.

Se fossem trinta pessoas em vez de três, não teriam feito mais alvoroço. Mairwen apareceu no segundo lance de escada, e os gritos dela podiam ser facilmente ouvidos nos três andares da mansão. O duque e a duquesa apareceram quando ela se jogava nos braços de Ava, rindo e chorando. Ithel foi erguido pelas irmãs e quase sufocado entre as duas. Palavras que nenhum dos observadores entendia se misturavam a mais risadas, lágrimas e abraços intermináveis.

Deran nunca vira uma demonstração de amor tão explícita.

A duquesa e Beth já estavam aos prantos quando o trio se separou para respirar. Deran notou que os olhos do duque estavam úmidos, como os seus.

Quando se acalmaram, Ava levou Mairwen até Deran.

— Mairwen, quero que conheça lorde Atherton. Foi ele quem me encontrou, ou melhor, foi forçado a me receber, e é responsável por estarmos aqui reunidos. Lorde Atherton, minha irmã, Mairwen.

Ela era, como Ava havia descrito, alta para uma menina de catorze anos e mais morena que Ava e Ithel. Tinha cabelos castanho-escuros e olhos que eram uma mistura de verde e castanho. Sua beleza era mais de mulher que de menina. Com sua aparência e estatura, ele entendia por que Pontoise a teria escolhido para alguém que quisesse mais do que uma empregada doméstica. Deran não seria capaz de expressar o alívio que sentia por ela ter sido encontrada. Tinha de agradecer profundamente a Max.

Mairwen curvou-se num cumprimento, muito mais segura do que sua irmã jamais havia sido, e sorriu.

— Lorde Atherton — disse ela com voz firme e simpática, enrolando os erres mais do que Ava. — É uma honra conhecê-lo, senhor.

Deran inclinou a cabeça ligeiramente. O tempo que ela havia trabalhado como babá, mais os dias que passara ali com seus tios, deviam tê-la educado em formalidades. Certamente não havia aprendido com Ava.

Ao ser apresentado ao duque e à duquesa, Ithel imediatamente se tornou um rapazinho educado, diferente do menino ansioso de momentos antes.

Enquanto se dirigiam à sala mais próxima, a duquesa anunciou que o jantar seria servido em uma hora, dando tempo a todos de se lavarem e descansarem.

Ava entrou, hesitante. Deran conversava com o tio no outro lado da sala. Ela tentou relaxar e aproveitar aquela hora que tinham até servirem o jantar, mas sem saber se Pontoise havia estado lá, seria incapaz de relaxar um só músculo.

— Perdão — interrompeu —, mas preciso saber logo. Não posso esperar nem mais um minuto. — Toda a movimentação na sala parou e todos os olhares se voltaram para ela. — Ele está aqui? Ou vai chegar em breve?

Deran virou-se para ela.

— É disso que estamos falando, srta. Fychon. Se nos der mais um minuto para terminarmos nossa conversa...

— Não. — Sacudiu a cabeça. — Não, sinto muito. Não posso esperar. Já esperei tempo demais. Acho que vou explodir aqui mesmo se não souber alguma coisa já. Estou mesmo à beira de um ataque de nervos.

A duquesa interveio:

— Calma, srta. Fychon. Não há necessidade de ficar nervosa. Isso não ajudará em nada. Apenas deixará seu rosto vermelho de forma nada atraente. O que a senhorita precisa é descansar.

Ela pegou uma sineta de mão de prata sobre a mesinha ao lado e balançou-a com vigor.

— Jessup a levará ao seu quarto.

— Não preciso de um quarto, obrigada. Preciso de respostas. E de uma caminhada, talvez uma longa corrida. Passei o dia todo sentada. Talvez quando eu voltar alguém possa me dizer o que quero saber.

Ava saiu da sala.

Deran alcançou-a na porta de entrada.

— Não pode sair andando daqui assim. Esquece-se de que está em Londres, não no interior. As ruas não são seguras, especialmente depois do pôr do sol.

Ela puxou o braço, desvencilhando-se dele.

— Tenho de me mexer ou vou começar a gritar. Levarei Beth comigo.

Deran olhou para Beth. Ela iria, mas sua expressão deixava claro que estava contrariada.

— *Eu* vou com você — falou por entre os dentes. — Uma volta no quarteirão. Eu lhe direi o que sei.

Beth fez uma reverência e se afastou, aliviada.

Deran lhe deu o braço e a conduziu para fora.

— Pontoise esteve aqui esta manhã e disse que voltaria mais tarde.

— Isso é tudo? — perguntou Ava. — É tudo que você sabe?

— É tudo que tive tempo de descobrir antes de você ter um ataque.

— Não pedirei desculpas por isso. Simplesmente não podia...

— Espere — murmurou ele. — Sim, eu sei.

Droga. Estava fazendo aquilo de novo. Devia ser Londres. Ele nunca balbuciava no interior.

Terminaram o passeio, que na verdade, com os nervos naquele estado, foi quase uma corrida, e voltaram sem dizer uma palavra.

Mas a noite não seria fácil... nem tranquila.

Capítulo XXXVI

Logo antes da sobremesa, ouviu-se uma batida forte na porta. Jessup entrou na sala de jantar e sussurrou algo no ouvido do duque. Este colocou o guardanapo sobre a mesa e olhou para Ava.

— Ele chegou. Você fica aqui enquanto meu sobrinho e eu falamos com ele.

Ele e Deran se levantaram ao mesmo tempo.

O coração de Ava parecia que ia pular de dentro do peito. Odiava quando aqueles aristocratas lhe davam ordens. Era a vida dela, não deles, e tinha o direito de decidir o que seria feito com ela.

Arrastou a cadeira para trás de forma deselegante, arranhando o chão. O duque parou e a fitou com frieza, o que era fácil com aqueles olhos azul-claros. Deran olhou, irritado.

— Quero saber o que será dito.

— Você será informada — declarou o duque, do alto de sua superioridade.

Pontoise estava junto à lareira, de frente para a porta. Alto e magro, sua aparência era intencionalmente imponente, vestindo preto e cinza, e linho impecavelmente branco. Os rajados grisalhos no bigode e no cabelo levavam Deran a imaginar que fosse alguns anos mais novo que seu tio.

Fez um cumprimento desajeitado quando os dois pararam diante dele. Se nada soubesse sobre aquele homem ou sobre suas práticas nos negócios, Deran teria desconfiado dele à primeira vista. Seus olhos cinzentos os fitavam com absoluto desdém.

— Boa noite, senhores. Serei breve. Vim aqui para buscar a srta. Fychon e partirei em seguida. Deduzo pela sua presença, lorde Atherton, que ela tenha voltado de sua viagem ao interior.

— Sim, voltou.

— Ótimo. Se não fosse pela confiança que deposito na duquesa, a viagem da srta. Fychon teria colocado, a ela e à família dela, em situação de risco. Garantiram-me quando vim aqui pela manhã que você retornaria com ela mais tarde.

— Sim. Retornei com ela, mas não para que ela parta com você.

Pontoise respirou fundo. Seus olhos flamejavam, parecendo prateados.

— Soube que você era conhecido de minha primeira esposa — afirmou o duque, antes que Pontoise pudesse responder. — Um “amigo próximo”, acho que foi assim que descreveu sua relação para a duquesa. Ela não tinha motivos para duvidar de você, mas eu tenho, posto que nunca tinha ouvido falar de você até esta semana. Como conhecia minha falecida esposa, senhor?

Pontoise sorriu, arrogante.

— Eu a conheci por intermédio de um primo, antes de vocês se casarem. Quando vinha a Londres, eu a procurava e conversávamos por uma ou duas horas, nada mais, eu lhe garanto. Nada de inapropriado, caso esteja preocupado.

Deran ficou tenso. O homem pisava em terreno perigoso. Seu tio amara muito Julia e chorara sua morte por alguns anos antes de se casar novamente. Sugerir que ela tinha sido infiel era mais que uma afronta. Era flagrante malícia.

O brilho nos olhos de Pontoise revelava que seu comentário era desrespeitoso. Porém, como muitos que buscavam controle e poder, ele cometera o erro de supervalorizar a própria astúcia.

— Não tenho tais preocupações — replicou o duque, calmamente —, e cavalheiro algum faria tal insinuação. Só posso concluir que não estou me dirigindo a um.

Pontoise calou-se com ódio.

— Estou intrigado a respeito de suas atividades, Pontoise — disse o duque, abruptamente. Sentou-se numa poltrona grande e cruzou os braços. — Estou particularmente interessado no *La Franchise*, um navio que utiliza para transportar mercadorias pela Baía de Cardigan. Mercadorias que registrou como metais, mas que parecem ser um monte de outras cargas. Explique-me como isso funciona. Sucintamente, por favor.

Sem que lhe oferecessem uma cadeira, Pontoise manteve-se de pé, encarando o duque. Suas costas ficaram tensas e ele ergueu o queixo, indignado.

— Perdoe-me a franqueza, Vossa Graça, mas não vejo em que lhe dizem respeito as mercadorias que transporto. Eu e meus clientes estamos satisfeitos fazendo negócios há quase trinta anos. Transportar mercadorias é o que eu faço. Assim como seu sobrinho. — Acenou na direção de Deran com a cabeça. — Com certeza ele compreende as recompensas que tais negócios proporcionam.

Deran ficou indignado.

— Prefiro que não compare seus negócios aos meus, Pontoise, ou mesmo que se refira a ambos na mesma frase. Ao contrário de você, não estou no ramo de transporte de humanos.

O bigode de Pontoise se mexeu.

— Está perdendo dinheiro. É muito lucrativo.

Deran se imaginou dando um murro na cara presunçosa do sujeito. Fechou as mãos e deu um passo atrás para resistir à tentação.

O duque ergueu a mão.

— Já basta. Não vou perder meu tempo citando a lei para você, Edmond. Deduzo que tenha aprendido algo em seus trinta anos de negócios. Deve saber que transportar pessoas que serão usadas como escravos é ilegal há quase uma década. Deve saber também que aceitar dinheiro de um cliente por uma dessas pessoas é considerado ganho ilícito. Sob o pretexto de ajudar, você percorre o país em busca de famílias necessitadas e persuade pais a venderem seus filhos. As consequências de seu comportamento deveria lhe importar, mas, evidentemente, não importam. Pus um plano em ação para mudar isso.

Pela primeira vez, Pontoise perdeu um pouco a compostura. O brilho em seus olhos diminuiu.

— Qualquer que seja seu plano, será facilmente neutralizado. Minha reputação é sólida.

— Agora é, mas não permanecerá assim.

— Sinto um tom de ameaça, Vossa Graça.

— Está enganado. É uma promessa.

Com o rosto corado com uma raiva silenciosa e os olhos azuis repletos de ódio, o duque se levantou e parou a meio metro de Pontoise.

— Oficiais da Marinha Real vasculham navios de sua frota neste exato momento. Estou surpreso que seus gerentes ainda não o tenham informado. As autoridades portuárias estão muito interessadas em seus registros de carga. Vários deles já foram apreendidos; os de Liverpool e os dos portos galeses de Caernarfon, Aberystwyth, Swansea e Cardiff, para citar alguns. Amanhã, até o fim do dia, muitos de seus navios estarão interditados, impedindo que você ou seus empregados tenham acesso a eles.

Pontoise tremia de ódio; sua aparência bem-educada começava a se desfazer.

— Esses navios são particulares. A Marinha não tem jurisdição sobre eles ou sobre os negócios que realizo com eles.

— Sobre os navios, talvez não, mas têm jurisdição sobre as vias marítimas pelas quais navegam. A Marinha tem uma longa história na defesa e na aplicação das leis marítimas, leis estas criadas para garantir a segurança de nossas águas. E para livrá-las de predadores como você, que exploram os fracos e necessitados e lucram com seus infortúnios. — O duque respirou fundo. — Farei tudo que estiver a meu

alcance para garantir que você nunca mais possa fazer com outra alma o que fez com a srta. Fychon e sua família. Não consigo pensar numa missão que eu já tenha levado a cabo com mais prazer. Pretendo também fazer com que receba a punição máxima prevista por lei, o que já comecei. Uma investigação de sua vida particular revelou alguns fatos interessantes que foram repassados à Justiça. Por exemplo, que seu suposto título de cavaleiro é uma fraude. Que aos vinte e quatro anos você o tomou de um homem, um baronete, que você matou, embora ainda não tenha sido provado, pouco depois de ser libertado da prisão. Uma prisão de devedores em Derby, se minha fonte está correta.

Pontoise soltou um grito de ódio preso na garganta ao atacar com ambas as mãos o pescoço do duque.

— Seu bastardo! — vociferou. — Eu o verei morto antes de você me arruinar!

O duque tropeçou e bateu numa cadeira, e Deran deu uma gravata em Pontoise, puxando-o para trás. O movimento levou todos os três homens violentamente ao chão, derrubando uma mesa e uma cadeira.

O duque empurrava Pontoise, que o estrangulava ainda com mais força, impulsionado pelo ódio. Deran ergueu a coxa até sua cintura e rolou para trás, dando ao tio a chance de desferir uma joelhada nas costelas de Pontoise. Este grunhiu, chutou Deran e o agarrou. Mas Deran ainda o segurava firme.

A porta se abriu de uma vez.

— *Myn Duw!* — Ava entrou correndo, com todas as pessoas da casa logo atrás. — Tire as mãos dele, seu *mochyn!*

Foi para cima dele, agarrou a cauda da casaca de Pontoise e puxou-a com toda a força que tinha.

— Ava! — gritou Deran. — Deixe-o comigo. Afaste-se antes...

O alerta veio ao mesmo tempo que Pontoise agarrou o tornozelo dela e puxou-o com força, atirando-a no chão.

Todas as formas de retaliação se seguiram. Mairwen e Ithel saltaram sobre a pilha de corpos que se debatiam, a duquesa tentava puxar o marido para fora da confusão, e Jessup e dois outros criados fizeram o melhor que podiam para tirar do chão os lutadores. Um coro de latidos agitados de repente se juntou à luta, quando os cães invadiram a cena. Ganidos, rosnados, berros indecifráveis e o ruído desagradável de vidro se despedaçando se misturavam na sala, até que um som de perfurar os tímpanos capturou a atenção de todos.

A duquesa estava de pé, balançando uma sineta de prata.

— Parem! — gritou mais alto que os badalos do sino. — Estão quebrando minhas coisas! Jessup, tire esses malditos cachorros daqui, e você — apontou para um criado — leve as crianças. E traga toalhas. Meu marido tem um corte na testa, e sabe lá Deus quem mais pode precisar de uma.

Os cães foram levados para fora, as crianças arrastadas à força, e os adultos receberam ajuda para se levantar do chão. Deran jogou Pontoise sobre uma cadeira e rapidamente avaliou as condições dos demais.

— Estou bem, estou bem — garantiu seu tio, esfregando a mão na testa vermelha. — Srta. Fychon? Você está bem?

Ava levantou-se apoiada nas mãos e nos joelhos, sem qualquer elegância.

— Sim, Vossa Graça.

Fez uma careta ao se pôr de pé. O tornozelo recém-curado estava mais uma vez machucado.

— Geneva, mande Jessup chamar a polícia.

— Acredito que já o tenha feito, Renard.

Ava aproximou-se lentamente de Pontoise, o cabelo caído sobre o rosto, os olhos parecendo lascas de vidro verde.

— Você nunca se importou, não é? — perguntou ela, baixinho. — Nunca se importou com *elas*. Com o fato de serem crianças, de estarem com medo, de não termos ninguém exceto uns aos outros. Com o fato

de que poderíamos morrer. Nada disso lhe importava, não é?

A sala parecia estar vazia de tão silenciosa.

— Eram negócios, srta. Fychon — disse Pontoise com toda a calma. Passou a mão, alisando o casaco amarrotado. — Você, seu irmão e sua irmã em troca de dinheiro para manter seu tio em sua terra. Simples negócios. Não há motivo para drama ou para falar em morte. Não houve mortos. Apenas novos começos.

As palavras jorraram num xingamento melódico, palavras de outras terras, de outro tempo. O punho de Ava, direto e certo, acertou o nariz comprido de Pontoise antes que alguém piscasse. A expressão dela permaneceu impassível enquanto ele gritava e tentava conter com a mão um esguicho de sangue.

— Meu Deus! — exclamou a duquesa.

— Boa menina — aprovou o duque.

Deran sorriu e balançou a cabeça.

— Um lembrete para jamais deixá-la zangada.

Jessup entrou na sala com uma pilha de toalhas e com a notícia de que um mensageiro havia sido mandado para chamar as autoridades. Ergueu as sobrancelhas ao ver Pontoise esfregando com a manga do casaco o nariz ensanguentado.

Sacudindo a mão, Ava foi mancando até a porta. Precisava se afastar dali, daquele sujeito horrível e do homem a quem não conseguiria dizer adeus. Não o veria mais depois daquele dia. Não conversaram sobre como seriam as coisas após sua partida, mas ela tinha certeza de que Deran não viria se despedir no dia seguinte. Caso ele pensasse em fazer isso, ela o demoveria da ideia. Seu coração não sobreviveria a outro adeus. Tudo o que fazia havia dias era dizer adeus.

— Srta. Fychon.

Ela parou e respirou fundo, resignada, antes de se virar.

— Senhor?

O duque de Barclay foi ao encontro dela à porta. Com um sorriso suave, ergueu ambas as mãos dela aos lábios e beijou delicadamente cada uma. Solto-as e fez um aceno com a cabeça.

— É uma honra conhecê-la e um privilégio poder de alguma forma ajudar você e sua família. Será sempre bem-vinda em nossa casa, srta. Fychon.

Ela não pôde evitar as lágrimas, nem a imensa sensação de gratidão. Não o conhecia, não tinha conversado com ele em particular, e não sabia o que havia dito a sir Edmond, mas ele ia fazer aquele homem repugnante ser preso. Não seria capaz de arruinar mais nenhuma vida, no que dependesse do duque, ela tinha certeza.

Sorriu para ele. Devia haver alguma regra, mais provavelmente uma lei, proibindo demonstrações de afeto não consentidas dirigidas de um plebeu a um nobre, mas ela tinha de fazer aquilo.

Deu-lhe um abraço forte, quase derrubando-o pela segunda vez naquela noite. Mas o duque retribuiu o abraço sem nenhuma palavra de reprovação.

Pontoise foi levado por um policial, meia hora mais tarde. Os criados arrumaram a bagunça, e Ava acompanhou Mairwen e Ithel aos seus quartos. Eles a bombardeavam de perguntas.

— Contarei tudo a vocês amanhã. — Colocou-os para dormir na grande cama que dividiriam. — Faremos uma longa viagem e teremos muito tempo para conversar.

— Por que temos de partir? — questionou Ithel, fazendo beicinho. — Acabamos de chegar, e ainda não vi nada.

— Sim, Ava — reforçou Mairwen. — Por que não podemos ficar e conhecer a cidade? Ontem vi um parque que Ithel iria adorar. Todas aquelas pessoas, e aquelas lindas roupas, e as carruagens e os belos cavalos.

— Cavalos! — exclamou Ithel. Sentou-se depressa. — Oh, por favor, Ava, não podemos ficar e ir ao parque? Nunca vi um parque!

Ava suspirou e empurrou-o delicadamente de volta ao travesseiro.

— Precisamos ir para casa, Ithel. Passaremos por um parque no caminho para a estação. E podemos voltar um dia para visitar.

Falou aquilo da forma mais alegre que conseguiu, sabendo que jamais voltariam.

— É longe demais — resmungou ele. — Sei que é. Está dizendo isso só para me agradar.

— Funcionou?

— Não.

— Então tentarei com mais afínco na próxima vez que pedir. — Deu-lhe um beijo na ponta do nariz.

— Pois sei que vai pedir. Agora, durma. Logo será de manhã.

Ele resmungou enquanto ela saía do quarto. Fechou a porta sem fazer barulho e encostou-se nela, o coração pesado de tristeza. Não havia felicidade na ideia de ir para casa, e havia apenas dor na ideia de partir, deixando tudo e todos que tinham se tornado caros para ela em tão pouco tempo.

Considerou não descer. Deveria, por questão de educação, mas significaria dizer o derradeiro adeus. Nunca mais voltariam para ver o parque, aquelas pessoas ou a cidade. Ali não era o lugar deles. E agora era seguro voltar para casa, e estavam livres para fazê-lo.

Casa. Como essa palavra soava solitária agora.

O silêncio no andar de baixo era total. Por trás da porta fechada da biblioteca, Ava os ouviu conversando em voz baixa. Não queria interromper, mas subitamente pareceu insuportável a ideia de não vê-lo pela última vez, mesmo que apenas para dar boa-noite. E para expressar sua gratidão ao duque e à duquesa.

Bateu de leve na porta.

Todos se calaram.

— Entre.

Estavam sentados juntos em frente à lareira. Os homens se levantaram. Por suas expressões e seu completo silêncio, deduziu que estavam falando dela.

— Desculpem interromper, mas queria dar boa noite e agradecer novamente a todos vocês por sua gentileza e generosidade. O que fizeram por nós três esta noite... Dizer obrigada não é suficiente. É um alívio que não posso colocar em palavras saber que aquele homem se foi e não mais nos ameaçará. Podemos voltar às nossas vidas e... — sua voz falhou — ...vocês todos também.

A duquesa ergueu as sobrancelhas.

— Devo dizer que você e sua família tornaram nossas vidas mais agitadas nas últimas três semanas, querida. Será difícil nos acostumarmos com sua ausência. Sua irmã é maravilhosa. Recebê-la aqui nestes últimos dias me transportou de volta a quando minha fi...

Ela parou, boquiaberta, olhando para o nada antes de desviar o olhar.

O duque colocou a mão sobre seu ombro e sorriu para Ava.

— O que minha esposa está tentando dizer é que foi um prazer ter uma jovem entre nós. E seu irmão parece ser um rapazinho brilhante. Nosso sobrinho nos contou que são apenas vocês três há alguns anos, e que a tarefa de criá-los está em suas mãos. Fez um excelente trabalho, srta. Fychon.

— Não foi difícil, senhor. Ambos têm ótimo caráter.

— Mesmo tendo bom caráter, a criação nunca é uma tarefa fácil.

Ela assentiu com a cabeça e tentou não olhar para Deran, mas era impossível. Ele estava de pé, imperturbável, ao lado do tio, mais bonito que de costume. Seus cabelos desgrehados passavam da gola do paletó, e uma única mecha caía sobre a testa. Ava tinha vontade de afastá-la e beijar o local onde ela

repousava, para sentir a pele dele sob os lábios. Mas permaneceu junto à porta, e a cada segundo que passava se tornava mais difícil dar as costas e ir embora.

Subitamente o ar desapareceu e seu peito se tornou pequeno para acomodar o coração que batia loucamente. Ava teve uma visão imprudente de si mesma correndo até ele, envolvendo-o com os braços e jurando amá-lo para sempre.

Saber que não podia fazer nada disso doía tanto que ela temia desabar ali mesmo, na frente de todos. Encostou-se contra a porta.

— Estou cansada, então, se me derem licença...

Começou a se curvar num cumprimento, mas seus joelhos não iriam aguentar o peso, se os dobrasse. Por isso, limitou-se a inclinar a cabeça.

— Eu a acompanharei ao seu quarto, srta. Fychon.

Ela ergueu a cabeça imediatamente.

— Não. — Balançou a cabeça. — Obrigada. Não será necessário, senhor.

Segurou a maçaneta da porta.

— Talvez, mas é evidente que machucou novamente o tornozelo e quero me assegurar de que chegue lá sem rolar escada abaixo.

Deran olhou para ela, desafiando-a a contestá-lo.

Com os olhos, ela suplicou em silêncio que a deixasse em paz, mas ele não ia retroceder.

— Muito bem. Boa noite, Vossa Graça. E Vossa Graça. — Franziu a testa. — Isso não parece estar correto. Vossas Graças? — Suspirou. — Também não é isso, certo?

Deran sorriu e conduziu-a para fora da sala enquanto o duque e a duquesa davam uma gargalhada.

— Não achou realmente que iria escapar sem dar adeus, achou?

Estavam no primeiro degrau, e ele segurava seu braço abaixo do cotovelo.

Ava pisou com força no degrau e cerrou os dentes.

— Esperava que sim.

Ergueu o pé com cuidado para subir o degrau seguinte e deu um gritinho quando ele de repente a pegou no colo.

— Levaremos a noite toda para subir estas escadas no seu ritmo — disse, fingindo impaciência. — Se está tão cansada quanto alega, então não vai querer perder nem um minuto de sono, não é?

Ela o fitou, irritada.

— Eu *estou* cansada, obrigada. Foi um dia entediante com essa viagem tão longa. Não tolero bem ficar trancada numa carruagem durante horas.

Deran virou no segundo lance de escadas.

— Posso concordar. Mas terá de se acostumar a isso. E também a viajar com outras companhias, além de Mairwen e Ithel.

Ela apertou mais as mãos em torno do pescoço dele.

— Oh, não tinha pensado nisso...

Horas numa carruagem, por pelo menos sete dias, de acordo com Jessup. E com estranhos.

Deran notou que a ideia a tinha deixado pálida. Não fora muito gentil de sua parte lembrá-la disso, mas não estava se sentindo incrivelmente gentil naquele momento, apesar de seu gesto cavalheiresco de carregá-la escada acima.

Não, não estava se sentindo nada gentil. Mal fora capaz de controlar sua raiva desde a chegada de Pontoise. Na verdade, antes disso. Esse mau humor estava se infiltrando o dia todo, como uma neblina pútrida e úmida, sufocando qualquer esperança de pensamentos agradáveis. O dia todo ele revivera todos

os momentos que haviam passado juntos, desde a primeira noite, ela molhada e encolhida no vestíbulo de sua casa, até a última noite à beira do lago.

Como uma pessoa podia mudar a vida de alguém tão profundamente em tão pouco tempo?

Ele a tinha pedido em casamento, por Deus! Fora a primeira vez que tais palavras saíam de sua boca. Nem mesmo pensara nelas antes de Ava. Nada falava mais sobre uma mudança radical num homem que isso. Não nele, pelo menos.

Chegando ao quarto dela, colocou-a na beira da cama. Apontou para o pé de Ava.

— Precisa mantê-lo para cima se quiser andar amanhã.

Ela assentiu com a cabeça, indiferente. Precisava que ele fosse embora. O quanto antes.

Deran deu um passo atrás.

— Este pode não ser o melhor momento para perguntar, mas não haverá outro. Você já sabe?

Ava sentiu-se dilacerada pela tristeza. Não haveria um bebê.

— Não, mas hoje me senti... desconfortável, como normalmente fico antes de...

Saber que sua menstruação viria em breve o deixou ainda mais desolado. Esperava que uma criança resultasse de sua união. Saber que havia uma criança seria alguma ligação com ela, mas sem um filho, uma vez que ela partisse, os laços entre eles estariam rompidos para sempre.

Deran se arrependeu de ter perguntado. Ou de tê-la trazido ali para cima. Não era sensato ficar a sós com ela. Não podia olhar para ela sem desejar tocá-la, não importava onde. Seu cabelo era um emaranhado de cachos soltos, e ela nada havia feito para ajeitá-los desde a briga no escritório. O vestido verde-sálvia fazia seus olhos parecer mais verdes, e o corpete de decote quadrado era perigosamente distrativo.

Além do desejo, que vinha em ondas de todos os tamanhos, formas e intensidades, ele simplesmente se sentia bem em sua companhia. Não apenas bem, se sentia em seu melhor. Dividir o mesmo espaço com ela, não importava a que distância estivessem, injetava vida em seu sangue.

— Não vou lhe dar adeus — disse Ava, como se lesse seus pensamentos —, pois essa palavra é muito definitiva. Não a direi.

Deran reagiu com um sorriso ao seu tom desafiador.

— “Muito definitiva”. Tem razão. Não há nada de bom nisso, de qualquer modo.

Ela ergueu os olhos.

— Pelo resto dos meus dias, farei preces em agradecimento por tê-lo conhecido, lorde Deran Morissey, conde de Atherton. Minha vida teria sido menos rica se você não fizesse parte dela.

Ele não tinha palavras para aquilo, não tinha palavras para explicar sua desolação. Havia um buraco nele, largo e queimando de dor.

Deran tomou as mãos dela, puxou-a para perto e sentiu seu cheiro pela última vez, embora as curvas, cheiros e cada textura de Ava Fychon estivessem gravados em sua memória.

Ela não se despediria em lágrimas. Teria quilômetros e horas para chorar. E não tinha mais nada a dizer. O que se dizia a alguém que se amava desesperadamente e que nunca mais se veria?

Ela o abraçou, registrando na memória a largura das costas, a rigidez do peito contra seu rosto, aquele misterioso e maravilhoso cheiro da pele de Deran, e as coxas longas e firmes contra as suas.

Deran afundou as mãos em seus cabelos e inclinou a cabeça de Ava para trás. Suas bocas se encontraram carinhosamente. Com a língua, circundou-lhe os lábios e brincou dentro de sua boca macia, falando com ela silenciosamente.

Deran parou antes que não fosse mais capaz de parar e caminhou rapidamente até a porta.

— Eu menti para você.

Ele deu meia-volta.

— Mentiu para mim? Sobre o quê?

Ela levantou ligeiramente o canto da boca.

— Apenas uma vez. Não, duas. Mas a mesma mentira.

Ele franziu a testa.

— Eu tenho vinte e dois anos.

Capítulo XXXVII

O passeio matutino de Deran combinava perfeitamente com ele. Céu cinzento, grandes nuvens pesadas, uma incômoda chuva fina. Aquele não era um dia para sol brilhando e passarinhos cantando alegremente. Se o dia terminasse numa estrondosa explosão, combinaria perfeitamente com seu estado de espírito.

Nenhum outro cavaleiro ia até o extremo oeste do parque, então ele incitou seu cavalo a um galope forte. A vida era desgraçada. Pior que lúgubre. Se a terra fosse plana, ele se jogaria da borda sem se importar com onde seu corpo iria cair.

Um homem surgiu de trás de um grupo de arbustos, e ele não teve tempo de fazer nada além de puxar as rédeas com força. O grande baio relinchou e empinou, quase derrubando-o.

— Que diabos...

Suas palavras foram cortadas por um zunido alto e por algo apertando seu peito e seus braços. Olhou para baixo e viu um chicote de couro trançado envolvendo seu tórax. Não tinha vindo do homem parado à sua frente. Deran olhou para trás por sobre o ombro esquerdo.

Um dos homens que ele e Max haviam visto no Dimsdale Arms sorriu para ele, montado num cavalo.

— Bom dia, companheiro. Costuma vir sempre aqui?

Deran ouviu gargalhadas à direita. O homem que surgira dos arbustos aproximou-se de seu cavalo.

Três homens. Um chicote, talvez mais. Suas chances não era boas.

Seu mau humor transbordou.

— Sim. Mas vocês sabiam disso.

— Sim. Sabíamos.

O que empunhava o chicote moveu-se, parando diante de Deran e apertando com mais força o chicote.

Deran flexionou os braços, mantendo-os o mais afastados possível do corpo. Moveu o braço direito para trás o máximo que podia sem chamar muita atenção. Torceu as rédeas na mão esquerda. Cada gesto tinha de ser calculado no tempo perfeito.

— Vejo que Stevens não pôde vir.

Olhos azuis brilhantes dançavam alegremente por baixo do barrete apertado do homem.

— Não. Mas mandou um recado.

O homem que serviu de isca e o outro à direita riram. O que segurava o chicote deu a volta e parou atrás do cavalo de Deran, que bateu os cascos em protesto ao puxão que sentiu sobre a sela. Deran se concentrava em relaxar as pernas. Magus reagiria quando chegasse o momento certo.

O chicote atravessado sobre o peito puxou-o com força para a esquerda. Não estava usando seu casaco de montaria mais pesado, e quando o sujeito de olhos azuis se afastou, sentiu o couro afundar na pele. O cavalo ameaçou empinar, mas Deran estalou a língua e deu um tapinha em seu pescoço para acalmá-lo. Ele respondeu virando impacientemente a cabeça, porém se manteve parado.

— O sr. Stevens e o sr. P. não ficaram muito contentes com seus atos de heroísmo, *milorde* — disse seu captor, sarcástico. — Deixou-os mal-humorados, se é que me entende.

— Apenas me dê logo o maldito recado — grunhiu Deran, incitando-o a se aproximar.

— Ah, é impaciente?

Outro puxão, pior que o anterior. O couro marcava a manga do casaco. Deran respirava fundo pelo nariz enquanto o chicote se cravava em seu braço. Já bastava.

— Sou. Especialmente na companhia de idiotas e parasitas.

O resultado foi o que ele esperava. O puxão violento que ele previra aconteceu ao mesmo tempo que o homem à sua direita o atacou. Deran agarrou o chicote com a mão direita, enfiou os calcanhares no dorso musculoso do cavalo e puxou as rédeas com força. O mau gênio de Magus se manifestou; ele empinou e balançou a cabeça, irritado. Deran levantou-se nos estribos e agarrou o pescoço do animal. O cavalo à sua direita escorregou e girou, quase derrubando seu cavaleiro. Antes que as patas dianteiras de Magus tocassem o chão, Deran puxou com força as rédeas, fazendo o animal se contorcer irritado. Deran inclinou-se de lado na direção do movimento e praguejou alto quando o chicote penetrou ainda mais fundo no braço, e se segurou com toda a força que tinha.

Primeiro veio o grito, e em seguida o baque. O chicote imediatamente afrouxou, e o homem que aparecera de trás dos arbustos gritou e correu.

Deran deixou Magus correr vários metros, livrando-se do chicote enquanto ele cavalgava, e então deu meia-volta. Ambos os cavaleiros estavam onde ele os havia deixado. Foi até o que estava se levantando do chão.

— Perdeu alguma coisa?

Ele segurava o chicote. Por mais que quisesse usá-lo naquele homem, não tinha estômago para isso. Olhar aqueles bárbaros lhe causava repulsa.

— Agradeça a Stevens por mim. Nunca se sabe quando uma arma medieval pode ser útil.

Não conseguiu resistir e estalou o chicote, tão perto da orelha do homem que ele gritou. O estalido do chicote reverberou no ar.

— Para casa, Magus, antes que eu cause mais estrago por aqui!

O baio não precisava ser convencido.

Deran atirou as botas molhadas num canto do quarto e jogou o casaco mais ou menos na direção de uma cadeira próxima. Enquanto desabotoava a camisa com dedos vacilantes, examinava seu reflexo no espelho. Seu ódio sinistro fitou-o de volta, ódio que era uma tampa mal-ajustada num tonel de angustiante desespero. Se conseguisse manter a tampa por tempo suficiente, o desespero talvez aliviasse.

Aquela era a maior mentira que já contara a si mesmo, com exceção de não admitir, até uma semana atrás, que estava apaixonado por uma galesa maluca.

Arrancou a camisa e jogou-a no chão. Não ir à estação para ver a carruagem dela partir havia sido a maior façanha de sua vida. Em vez disso, partiu com Magus para mais uma volta em torno do parque, na esperança de encontrar alguma paz.

Mas não encontraria. Não naquele dia. Nem no dia seguinte, nem no futuro próximo.

Uma batida na porta o interrompeu no trajeto para o banho.

— Que foi? — rosnou.

Bickford entrou, respeitosamente desviando o olhar da nudez de seu patrão.

— Desculpe por incomodá-lo, senhor, mas o sr. DiSanto está aqui.

— Diga a ele para ir embora.

Atravessou a quarto de vestir até a banheira no quarto adjacente e tirou as ceroulas. Bickford o seguiu a uma distância discreta.

— Claro, senhor. Darei o recado a ele e a seu acompanhante.

Deran entrou na banheira e olhou irritado.

— Acompanhante? Que acompanhante?

— Não conheço o cavalheiro, senhor.

— Que inferno, Bickford! Descubra quem diabos ele é. Não faço ideia de quem Max trouxe desta vez. Provavelmente um cliente que precisa embarcar mercadorias hoje. Diga a ele que terá de esperar. Não

estou com humor para negociar com um novo cliente.

— Está bem, senhor. Mas acho improvável que o homem seja um cliente que precise dos seus serviços.

Deran ensaboou o peito e os braços, e sentiu o sabão ardendo sobre a pele ferida.

— Por que diz isso?

— Uma suposição baseada apenas em sua aparência e em seus modos, senhor. É um cavalheiro de certa idade.

— Não haveria outro motivo para DiSanto ir ali com... — Parou e olhou irritado para Bickford. — Descubra quem ele é. Imediatamente. — Esfregou o pano no rosto, os pensamentos dando voltas. — Não, melhor... Mande Max vir aqui.

Saltou da banheira antes que Bickford fechasse a porta.

Nós recomendamos os serviços um do outro aos nossos clientes, lembrou-se enquanto enxugava as mãos trêmulas. Não era raro Max acompanhar seus clientes até ali, especialmente se era um cliente rico ou nobre. Um cliente de idade não era tão incomum. Mas, e se ele não fosse um cliente? E se...?

— Não permita que sua imaginação sufoque seu bom-senso — murmurou, enquanto se vestia novamente. — A esperança é a muleta do tolo. Ela não serve para nada, só para deixar um homem indolente e incapaz de atingir um objetivo.

Um dos ditados preferidos de seu pai, ele se lembrava.

Com apenas uma das pernas da ceroula já vestida, Deran girou e quase caiu no chão.

— Que diabos, DiSanto! Podia ter batido.

Terminou de vestir as ceroulas.

— Eu bati, mas você estava ocupado demais falando sozinho e não ouviu. — Max encostou-se no batente da porta, de chapéu na mão. — Mandou me chamar? — perguntou com voz arrastada e um sorriso preguiçoso na boca.

Deran pegou uma camisa limpa.

— Que diabos aconteceu com você? — exigiu Max, entrando no quarto e vendo os braços e o peito vermelhos de Deran.

Deran enfiou os braços pelas mangas e começou a abotoar a camisa com dedos furiosos.

— Os lacaios de Stewart apareceram no parque esta manhã. Depois eu conto.

— Dizem que ele já deixou a cidade.

— Sorte de Rensleigh. — Escolheu um cachecol. — Eu... diga-me... — Espremeu o cachecol na mão.

— Maldição. Eu quero saber... — Olhou para Max, o estômago revirando. — Quem está aí com você?

Max passou o dedo pela aba do chapéu.

— Um homem muito interessado em conhecê-lo, e que você deixou esperando tempo demais. Isso é mau negócio por duas razões, Atherton. Ele é velho, e embora não seja seu superior em título, é um barão. Jamais deveríamos deixar nem um homem de idade nem um barão esperando, concorda?

— Meu Deus... — Seu rosto perdeu a cor. — É *ele*. O avô. Por que diabos não disse logo? — Virou-se para o espelho e tentou dar um laço rapidamente com dedos trêmulos. — Não me lembro do nome dele.

— Sheldon Stafford. E forçá-lo a fazer perguntas sobre ele foi minha diversão do dia. Não, da semana. — Max se aproximou. — Está ficando horrível.

Pegou as pontas e começou a fazer sua mágica com o tecido fino.

Deran não protestou.

— Quando ele chegou?

— Uma hora atrás, no meu escritório. É o único endereço que a sra. Evans deu a ele.

— Uma hora atrás. Então já conversou com você.

Max deu um tapinha na sua criação.

— Muito pouco. Não é comigo que ele quer falar.

Deran murmurou um agradecimento. Vestiu depressa um colete ocre, um elegante casaco vinho, calçou meias e botas, e foi saindo.

Max deu uma tossidela.

— O que foi?

Max apontou para o cabelo de Deran.

— Talvez devesse cuidar disso. Está um pouco bagunçado.

Deran estreitou os olhos.

— Sei que está muito comprido. Eu quero cortar, mas...

— Deve passar um pente, só isso.

Deran penteou o cabelo excessivamente longo e dirigiu-se ao escritório. Seu coração acelerava mais a cada passo. Poucas vezes na vida acreditara que seu destino estava nas mãos de alguém, e aquela era uma delas. No entanto, aquilo era incomparável, pois seu efeito não era momentâneo, nem duraria uma hora, nem vinte e quatro horas, mas duraria toda a sua vida.

O homem estava de pé junto à janela, as mãos para trás, observando o movimento na rua.

— Bom dia, senhor — cumprimentou Deran ao entrar, com Max logo atrás.

O homem se virou.

— O senhor é lorde Atherton?

— Sou.

Parou no centro do cômodo e inclinou a cabeça. De certa idade, dissera Bickford. Não parecia ser muito mais velho que Bickford, mas sua postura curvada dava a impressão de ser um homem idoso. Olhos castanho-dourados o examinavam por baixo de grossas sobranceiras grisalhas, e ele apertava os lábios largos. Estava elegantemente vestido, com pantalonas escuras, paletó azul-escuro e um colete azul mais claro.

— Pode responder às minhas perguntas, então.

— Com prazer, senhor — disse Deran com calculada paciência —, e ainda mais se souber com quem estou falando.

— Seria de bom tom, não é mesmo?

Mancando ligeiramente, ele parou na frente a Deran e ergueu os ombros curvados. Assim ele tinha quase a mesma altura de Deran.

— Tenho poucos motivos para me apresentar a qualquer um hoje em dia com todas as pompas ou formalidades. — Acenou com a cabeça. — Lorde Stafford, senhor. Um barão, se isso lhe interessa. De Southampton.

Uma luz brilhou brevemente em seus olhos, que Deran agora notava serem mais verdes que castanhos.

Cumprimentaram-se, e Deran o convidou a se sentar. Em seguida ocupou a cadeira em frente à de seu visitante, contente por estar sentado. Max pediu licença para se retirar.

— Preferiria que você ficasse, DiSanto. Se o barão não se importar, é claro.

— De modo algum. Poupa-me de ter de me repetir, caso surja alguma questão legal nesta situação. — O barão virou-se para Deran com olhar especulativo. — Supondo que planeje cuidar da situação.

— A que situação se refere?

— À da família Fychon. Os filhos de minha filha.

O coração de Deran parou. Não seus netos, mas os filhos de sua filha. Ele não pretendia reconhecer

Ava e os irmãos, mesmo agora.

— O que tem eles?

— Uma tal sra. Glynis Evans, de Penmon, me escreveu falando de uma situação envolvendo as crianças e a casa delas. Estou aqui por causa de sua carta. Nunca tinha ouvido falar dela até um mês atrás. — Examinou as mãos dobradas sobre o colo. — Ela era amiga de minha filha — acrescentou num murmúrio.

— Sim, o sr. DiSanto me falou da relação dela com sua filha Clare.

O barão levantou a cabeça, os olhos tristes com a menção de seu nome.

— Conhece a história, então?

— História?

Deran sabia do que ele estava falando, mas queria escutar de sua boca. Respondeu com cautela:

— O sr. DiSanto me contou o que a sra. Evans contou a ele.

— Mas o senhor gostaria de ouvir a minha versão.

De certo modo, isso era verdade. Deran queria saber como a mãe de Ava fora deserdada. Mas queria muito mais saber se os filhos dela poderiam reclamar aquilo a que poderiam ter direito.

Mas teria de ser paciente e ouvir o relato do barão.

— Não sei se é da minha conta, senhor. Mas, sim, gostaria de escutar sua versão dos fatos. É por isso que está aqui?

— É uma das razões. Queria conhecer o homem que lhes deu auxílio, e também tinha esperança de encontrá-los.

O fato do barão querer ver os filhos de sua filha surpreendeu Deran. Certamente era um bom sinal.

— Receio que isso não seja possível. Eles partiram de diligência esta manhã. Para Gales.

Um olhar para o relógio sobre o mantel da lareira confirmou que àquela hora ela já tinha mesmo ido embora.

Ido embora. Fazia mais de uma hora que a diligência havia partido. De navio, levaria metade do tempo, mas Ava insistira em ir por terra por causa de Ithel. Ele estava com pânico de embarcar num navio.

O barão curvou os ombros.

— Esperei tempo demais. Deveria ter vindo assim que recebi a carta da sra. Evans.

— Creio que não estou entendendo, senhor. — Deran esforçava-se para controlar sua crescente irritação. — Serei franco. Se entendi direito, jamais foi parte da vida deles. Por que esse interesse neles agora?

Os olhos de Stafford flamejaram por um instante.

— É sempre direto assim, senhor?

— Sim. Particularmente quando me sinto na obrigação de proteger alguém.

Ele quase começou a explicar quantos riscos correria em prol da liberdade e da segurança dos Fychon. Mas não devia àquele homem nenhuma satisfação. Muito pelo contrário.

Stafford deixou aquilo assentar antes de voltar a falar.

— Eu precisava pôr fim a anos de angústia causada por uma decisão que minha esposa e eu tomamos há muito tempo. Uma decisão tomada não por negligência, mas por orgulho. Uma decisão da qual nós dois nos arrependemos muito, mas nada fizemos para reverter.

Acenou com a cabeça lentamente, o olhar perdido.

— Evelyn, minha esposa por quarenta e três anos, que Deus a tenha, morreu há dois anos. Mas seu espírito morreu muitos anos antes, e mais de uma vez. — Deu um sorriso triste. — Há mortes às quais sobrevivemos, lorde Atherton. Mortes dolorosas, vivas. Quando Clare se casou, nós sofremos uma.

Quando ela morreu, há dez anos, sofremos outra. A segunda foi duas vezes pior, pois só soubemos de sua morte um ano depois, por acaso.

Não tentou enxugar as lágrimas, e prosseguiu:

— Desde o oitavo aniversário de Clare, nós planejávamos que ela se casasse com o filho do visconde Bartholomew Dreyden, lorde Craymoor, um amigo da família. Um dia o visconde herdaria um condado, que por fim pertenceria a seu filho, então era um casamento que garantiria uma vida de conforto e respeitabilidade para a nossa Clare. O que não levamos em conta, no entanto, foi o amor, algo que Clare queria num casamento mais que qualquer outra coisa. Aos dezenove anos, deixou claro que não se casaria com o Honorável Clarence Dreyden. Um ano depois conheceu Bran Fychon, quando sua trupe de ópera foi a Southampton. Ficamos de coração partido com seu interesse por ele.

O barão tomou um gole do chá que havia sido servido enquanto falava.

— Amávamos Clare desmedidamente, e queríamos apenas o que acreditávamos ser o melhor para ela. Quando ela fugiu e se casou com Fychon, todas as nossas esperanças e sonhos felizes foram desfeitos. — A xícara bateu no pires, e ele os colocou sobre a mesa. — Ficamos com raiva e nos sentimos traídos por ela. Havia traído nosso sonho de vê-la de feliz, de vê-la ser mãe. Ela sempre adorou crianças. E de ter netos. Minha Evelyn sempre quis tanto ser avó!

Inclinou a cabeça e deu de ombros.

— Estávamos com tanta raiva, tão rancorosos, que a excluímos de nossas vidas. Escrevi para ela em Gales apenas uma vez, para lhe dizer que eu e sua mãe a repudiávamos, que não era bem-vinda de volta à nossa casa e que o nome Stafford jamais seria parte de seu legado. — Fechou os olhos ao se lembrar. — Uma semana se passou até eu conseguir postar a carta. Tantas vezes prometi rasgá-la, mas não fui capaz. Não conseguia superar a dor de perdê-la. De perder minha única...

Cobriu o rosto com a mão larga para esconder a emoção. Deran e Max baixaram a cabeça respeitosamente, dando-lhe um momento para se recompor. Sem pedir desculpas por se emocionar, o barão continuou, com a voz firme:

— Jamais tivemos notícias dela. Nunca nos escreveu de volta, nem mandou qualquer recado. Só com a carta da sra. Evans fiquei sabendo que eu tinha netos.

Deran ficou surpreso.

— Não lhe falaram deles quando lhe contaram sobre a morte de Clare?

O barão balançou a cabeça.

— Disseram-nos que ela tinha sucumbido a uma febre. Tantas pessoas morriam de febre que nós não questionamos, e nunca perguntamos se havia deixado alguém. A sra. Evans me contou na segunda carta os detalhes, que Clare havia falecido depois do nascimento de seu filho.

Novamente, nenhum reconhecimento de que os filhos de sua filha eram parentes seus. A sensação de Deran de peso no estômago aumentou. Mas junto veio uma faísca de raiva.

— Não, ela não morreu da febre. E Ava, sua neta primogênita, vem fazendo o papel de mãe de seus irmãos por muitos anos. Especialmente depois que o pai morreu, há quatro anos.

Stafford assentiu com a cabeça.

— Eu soube disso pela sra. Evans. E também que um homem que eles não conheciam apareceu alegando ser um parente que viera para ajudá-los. Três semanas depois as crianças haviam sumido. A mulher estava furiosa.

— Ao menos alguém estava — disse Deran, irritado. — O parente de quem fala é um tio. Um meio-irmão do pai deles. Infelizmente, ninguém sabia de suas intenções. Se soubessem, eles não teriam sido arrancados de sua casa e largados pelo país como dejetos.

O barão franziu as sobrancelhas.

— Como assim, largados? Pensei que estivessem aqui em Londres.

Deran deu um sorriso melancólico.

— Não. Não até ontem.

Fez um breve relato de onde cada um estivera e de como haviam se reunido.

Os olhos do barão se encheram de espanto.

— Eu não fazia ideia. Ao menos eles têm uma casa para a qual retornar, graças à população de Penmon. A sra. Evans disse que puseram o tio para correr. Essa é uma boa notícia, ao menos. Essas crianças passaram por maus bocados. Não seria justo que perdessem sua casa.

Deran teve vontade de sacudir aquele homem, apesar de sua idade. Maus bocados! Isso era como dizer que o Almirante Nelson enfrentara algumas dificuldades na Batalha de Trafalgar.

Em vez disso, ele disse:

— Eles têm sorte de terem sobrevivido, senhor. E se não fosse por Ava, não teriam. Não sei que tipo de mulher sua filha era, além do pouco que Ava me contou, mas se tinha metade da coragem, da força e do coração da filha mais velha, então era uma mulher sensacional. Posso entender por que é difícil se perdoar por tê-la cortado de sua vida. Traiu a si mesmo tanto quanto traiu a ela. E traiu seus netos ao não permitir que o conhecessem, e à sua esposa, crianças que os teriam amado também.

Deran se levantou e foi até a lareira.

— O senhor sabia que Ava não sabe nada sobre o senhor e sua esposa, nem sobre a herança da mãe? Nunca contaram nada a ela. Da mesma forma que o senhor virou as costas para sua filha, ela virou as costas para o senhor. A principal diferença é que ela amou os filhos até o dia de sua morte. Ela os amou e demonstrou isso todos os dias de sua vida.

Ele ouviu o barão respirar fundo com dificuldade e ignorou. Estava cansado daquilo, cansado de querer o que não podia ter, ou o que lhe parecia fora de alcance. De imaginar a vida sem Ava, e de toda a dor que isso provocava. Ele ia ficar com ela, independentemente daquele homem lhe restituir os títulos e direitos de seus netos. Jamais haveria outra Ava Fychon em sua vida. Ele jamais iria procurar outra, ou querer outra. Ela era única, era a mulher que queria amar até seu último suspiro.

Que se danassem os títulos! Se ele fosse virar assunto de comentários por causa de sua decisão, então que fosse. Já havia sido antes, e seria de novo. Olhando para lorde Stafford, Deran tentou imaginá-lo mais jovem, não aquele homem triste e solitário que havia deixado uma decisão tomada vinte anos antes transformá-lo numa concha vazia. Deran não pretendia terminar daquele jeito, não pretendia passar a vida arrependido, e a escolha cabia a ele.

Aquele homem não iria lhe oferecer o que ele pensara que precisava para realizar seu desejo, o que Ava exigiria antes de considerar sua proposta. Àquela altura, estava irritado demais para pedir a ele que considerasse isso, irritado com a falta de sentido daquela perda. Não queria mais fazer parte daquilo.

— Lorde Stafford — disse resoluto —, não sei o que pretendia ao vir aqui, mas se há mais a ser dito, receio que terá de ficar para outra hora. Há algo que preciso fazer, e preciso fazer logo, não posso perder tempo. — Caminhou até a porta. — Destrua os documentos — disse a Max, olhando por sobre o ombro. — Não precisarei deles.

Max estava logo atrás.

— Não diga que está indo atrás dela.

— Está bem, não direi. — Parou e olhou para o fim do longo corredor. — Onde diabos está Bickford? — murmurou. — Nunca está aqui quando eu...

— Precisa de alguma coisa, senhor?

Deran virou-se para Bickford, a meio metro de distância dele. Já ia gritar para ele não o espionar, mas mudou de ideia. Afinal, já estava acostumado.

— Mande Fleck preparar o baio. Não, o alazão.

— Qual, senhor?

— Qual? Sei lá, não me interessa. O maior de todos. O que Ava gostar mais.

— Então seria o cinza, senhor — disse, fingindo não notar o modo informal como o patrão se referira à senhorita. — Dumpling, acho que é assim que ela o chama.

Deran ficou de queixo caído.

— Dumpling? Ela batizou um de meus cavalos de Dumpling?

Bickford moveu o lábio superior.

— Sim, senhor. Na verdade, ela batizou cada um deles, sem querer ser desrespei...

Deran ergueu a mão.

— Não! Não me diga. Não quero saber. Apenas diga a Fleck para preparar o cinza... Bolivar. Já.

— Sim, senhor.

O barão observava da porta do escritório.

— Então vai mesmo atrás dela — disse Max.

— Pode ter certeza — respondeu Deran, subindo as escadas correndo. — E voltarei com ela antes do fim do dia.

— Simples assim? — perguntou Max, do meio do primeiro lance.

— Simples assim.

Max observou-o desaparecer corredor abaixo. Deu um longo suspiro.

— Ele sempre acha que é simples — murmurou. — Engraçado como nunca é.

— Ele já fez isso antes?

Max virou-se para o barão com o olhar perdido, em seguida inclinou a cabeça para trás e riu tanto que lágrimas correram pelo seu rosto. Limpou as lágrimas e colocou a mão sobre o ombro do barão.

— Seguiremos na minha carruagem, e eu lhe contarei algumas histórias, incríveis, sobre sua neta mais velha e meu melhor amigo.

O entusiasmo de Ithel com o fato de viajarem numa grande diligência puxada por quatro cavalos ajudou Ava a conter as lágrimas durante os primeiros quinze minutos, e as perguntas dele as mantiveram afastadas por mais uma hora. Quando enfim se esgotaram as perguntas e ele adormeceu, Ava virou-se para a janela e deixou a angústia que corria por todas as suas veias e poros finalmente se derramar.

As lágrimas escorreram livremente pelo seu rosto. Apertava os olhos e levantava a capa em torno do maxilar para esconder sua tristeza da irmã e do casal mais velho que dividia com eles aquela sufocante diligência. Odiava cada batida dos cascos, odiava pensar na distância que crescia cada vez mais entre ela e o amor que havia deixado para trás. Os morros e os bosques na saída da cidade não eram mais belos como antes, quando viajara para o Solar Tercy. Agora eram lembretes zombeteiros de que jamais estaria com o homem em quem confiava, que admirava e que a divertia, o homem com quem ela não merecia estar, o homem a quem nunca deixaria de amar.

Ava fechou os punhos sobre o colo enquanto a tristeza se misturava à raiva, como uma pequena tromba d'água no meio do mar tornando-se cada vez mais volumosa, atravessando seu corpo e rasgando-a por dentro. Maldição, não era justo ser arrancada de sua vida, jogada dentro de outra vida, e depois ser arrancada desta também. Ela não havia dito isso a ele? Como era possível que uma vida reconstruída lhe fosse tomada tão facilmente quanto fora a primeira?

As memórias a atormentavam. O sorriso dele, o marrom aveludado de seus olhos quando excitado, o toque de suas mãos, o carinho de seus lábios, o olhar sério quando se recusava a responder a mais perguntas. Ela viu como Ithel estava feliz sobre seus ombros, e como Deran sorria para ele e olhara para

ela com enorme felicidade nos olhos. Felicidade por ela, por seu irmão. Ele estava explodindo de alegria. Depois, quando conhecera Mairwen, seus olhos se suavizaram, e ele tinha sorrido com gratidão, sabendo que Mairwen havia sido salva de um destino terrível.

E na noite anterior parecera achar graça quando ela lhe revelara sua idade.

Outra lembrança para seus sonhos.

Ava despertou de seu devaneio quando a carruagem deu uma guinada brusca.

— Ava — disse Mairwen, empolgada, estendendo o pescoço pela janela —, é um salteador?

— Mairwen, sua imaginação tomou controle da sua razão.

— Mas eu o vi — insistiu a menina, pressionando o nariz contra o vidro. — Não se pode vê-lo agora, ele já passou. Não vi seu rosto, mas estava todo de preto, como nas histórias. E uma carruagem está tentando nos ultrapassar. Devem ser seus comparsas. É assim que eles fazem, sabia? O ladrão fica na frente da carruagem e força o cocheiro a parar, então os comparsas a encurralam. — Olhou para Ava, os olhos repletos de empolgação. — Acha que eles têm pistolas? Talvez usem espadas.

— Espadas? — interveio Ithel, de repente totalmente desperto. Saltou de pé. — Quem tem uma espada? Está havendo uma luta?

Ava tentou ver a carruagem, agora quase colada neles. De fato, tentava ultrapassá-los. Uma manobra arriscada, considerando a largura da estrada.

Ava abriu o alçapão no teto.

— O que está acontecendo? — gritou para o condutor.

— Um cavaleiro passou, mas está voltando! — berrou ele.

Ava virou-se bem na hora em que um cavaleiro montado num formoso corcel cinza passou veloz na direção oposta. Ela piscou os olhos com força. Não podia ser. O coche reduziu a velocidade e balançou até parar.

— Fiquem aqui — ordenou a Mairwen e Ithel. — Acho que sei quem é.

— Não pode sair! — gritou a passageira idosa. — Ele o matará na mesma hora, sem pensar duas vezes.

— Meu Deus, senhorita! — exclamou o marido dela, ofegante. — Nunca diga que conhece um homem desses.

Ava fez uma careta e abriu a porta.

— Ao menos desta vez não está deitada numa vala ou cavalgando selvagemente pelos campos — disse o cavaleiro. — E está cada vez menos distante quando eu a alcanço, reparou nisso?

— Lorde Atherton. Que diabos está fazendo aqui? Quase matou todos de susto.

Ava desceu da carruagem e foi até onde ele estava, sobre seu cavalo alto.

— Todos? Eu poderia discordar de você, querida. Não parece nada assustada.

Ava apoiou as mãos nos quadris e bateu o pé, impaciente.

— O que é tão importante que lhe pareceu adequado interromper nossa viagem?

Deran inclinou-se à frente em sua sela e tirou o chapéu. Bateu um pouco de poeira da aba.

— Você esqueceu uma coisa.

— Esqueci? É mesmo? — Franziu a testa, pensativa. — Não, acredito que não, senhor.

O sorriso dele era lindamente malicioso.

— Com certeza esqueceu, minha querida, adorada srta. Fychon.

— Diga, por Deus... O que foi que eu esqueci?

— Eu, querida. Você esqueceu *a mim*.

Capítulo XXXVIII

Ela cedera fácil demais. Com passageiros reclamando sobre o atraso da viagem e o cocheiro resmungando sobre os horários que tinha a cumprir, não tinha escolha. Deixara-se convencer a saltar da diligência, e agora estavam parados numa hospedaria no meio do nada, e a próxima diligência só passaria no fim da noite ou de manhã cedo. Tudo porque o lorde tinha algo a dizer e não iria embora sem que ela o escutasse.

Ava virou-se de costas para a pequena pilha de bagagem e olhou para ele com raiva, enquanto ele retribuía o abraço de Ithel e o cumprimento de Mairwen.

— Se parecesse um pouco mais feliz em me ver, srta. Fychon, eu passaria mal.

— Se minha aparência tivesse tais poderes, milorde, você estaria morto e enterrado.

Deran riu. Ela estava espetacularmente furiosa. Seus olhos verdes faziam frente aos de um dragão e suas faces estavam vermelhas. Sentiu um desejo ensandecido. Respirou fundo, tentando ignorar a pressão na virilha.

— Não teria interrompido sua viagem se não fosse importante.

— Nossas opiniões sobre o que é importante são divergentes, lorde Atherton.

Ah, sim, estava extremamente irritada, o que era evidenciado pelo uso de seu título. Foi tomado de satisfação. Ele sorriu amistosamente.

— Às vezes são, srta. Fychon. Esta não será uma dessas vezes.

Pegou seu cotovelo e virou-a de frente para a carruagem parada sob as sombras.

— Não está curiosa para saber quem são os passageiros?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Deduzi que fossem pessoas rudes e arrogantes, com tanta pressa a ponto de colocar em perigo nossa diligência.

— Ah, rudes e arrogantes, claro. — Ele deu um passo à frente, ela não. — Na verdade, não são uma coisa nem outra.

Ava ergueu as sobrancelhas.

— Você conhece os passageiros? Por que não estou surpresa? Eles demonstram os mesmos modos agressivos que você frequentemente tem.

Deran ponderou por um momento, os olhos brilhando.

— Se puder controlar sua língua o suficiente para que eu...

Ava puxou o braço, desvencilhando-se dele, e falou por entre os dentes:

— Recuso-me a ir a qualquer lugar com você até que me diga o que pretende. Já foi difícil partir hoje, sabendo que eu... — Conteve as lágrimas que ameaçavam rolar. — Que eu tinha de... que estava dizendo adeus a você.

Ela baixou a cabeça, murmurou algo em galês e respirou fundo.

— Isto realmente é a coisa mais cruel que você já fez, Deran — murmurou. — Não entendo você, não mesmo.

Ele olhou para ela, de cabeça baixa, com ternura.

— Há uma pessoa que quero que conheça, querida. — Beijou seu rosto. — Mas antes disso, preciso de um minuto. Não saia daqui.

Deu meia-volta, deixando-a para trás, perplexa.

— Vamos comer agora? — perguntou Ithel, chegando por trás dela.

— Não, ainda não. — Ava passou a mão nos cabelos dele, ainda olhando na direção da carruagem. — Não pode já estar com fome.

— Sim, estou. A condessa me disse que sou um jovem em crescimento — afirmou, orgulhoso.

Ava concordou e procurou entre seus pertences um pequeno pacote.

— Apenas um, Ithel.

Ela desamarrou o barbante e desdobrou o papel pardo para que ele escolhesse um bolinho ou um biscoito. Mairwen recusou.

— O que estamos esperando? — perguntou ela.

— Lorde Atherton — murmurou Ava. — Tem algo importante a me falar, diz ele. E assim que o fizer seguirá seu rumo, e nós também.

— Só de noite — contestou Mairwen. — Ouvi o condutor dizer.

— Sim — Ava reembrulhou os doces. — Isso é verdade. Mas podemos sentar lá dentro e tomar um chá ou uma limonada. O tempo passará rápido, você verá.

— Ah! — exclamou Mairwen. — Aí vem ele. Parece muito sério.

Ava franziu a testa. Parecia mesmo sério. Não zangado, nem triste. Apenas sério.

Ela conhecia aquele olhar. Foi tomada de agitação. O que será que ele tinha a lhe dizer?

Sem reduzir o passo, agarrou sua mão, forçando-a a dar um salto para poder acompanhá-lo. Estava prestes a começar a protestar quando ele parou, atrás da hospedaria. Ava sentiu a parede áspera de madeira contra suas costas. Ele ficou a um metro dela, ainda sem sorrir e parecendo determinado.

— O que você pensa que...

— Eu pedi uma vez antes e você recusou. — Seus olhos estavam assustadoramente escuros. — Vou pedir de novo.

Ele olhou para o chão de pedra, chutou uma pedra grande de lado, e apoiou um joelho no chão. Tirou o chapéu, colocou-o ao lado do pé, e segurou suas duas mãos.

— Srta. Ava Fychon, você me daria a grande honra de se tornar minha esposa?

Seus olhos se encheram de lágrimas no momento em que ele se ajoelhou. Lágrimas ardentes, de raiva.

— Oh, Deran! Como você pode fazer isso? Como você...

— Eu vou amar você e cuidar de você pelo resto dos meus dias.

Ava puxou as mãos de volta e apertou-as contra o peito.

— Você é pior que detestável. Isso é... é perverso. Se esta é sua forma de me afastar de você, fique sabendo que eu jamais...

— Eu a honrarei, e a adorarei, e proverei nossos filhos.

Por que ele ainda estava falando? Não ouvira nada do que ela dissera? Ela cerrou os punhos. Deus, que vontade ela tinha de lhe dar um murro! Aquilo era uma tortura, pior que ser chicoteada, ou amarrada numa carroça, ou quase se afogar no rio Tâmis. Por que simplesmente não enfiava a mão por sua garganta, esmagava seu coração e acabava com tudo aquilo de uma vez?

— Pare!

Ela moveu-se lentamente de lado, ainda de costas para a parede, incapaz de ver os próprios pés por entre as lágrimas.

— Basta! Não quero ouvir mais nada. Deixe-me em paz.

Saiu cambaleante até a quina do prédio, pensando em dar a volta e fugir.

— Receio que eu não seja capaz de fazer isso, srta. Fychon. — Deran se levantou e parou diante dela.

— Veja bem, eu amo você. Não posso deixá-la ir embora. *Não vou* deixá-la ir embora.

Ela sacudiu a cabeça descontroladamente, fazendo voar um monte de grampos. Um cacho batia sobre um dos olhos e sobre o rosto vermelho de fúria.

— Você não tem essa opção. Nós... não podemos nos casar. Você sabe disso. Melhor que ninguém, você sabe disso! Não entendo por que me pede de novo, se já sabia disso na primeira vez, e se nada mudou desde então.

Ela envolveu os braços com força em torno da cintura, como se de repente se sentisse mal.

— Você me ama? — perguntou Deran.

Ela sacudiu a cabeça, os olhos suplicantes.

— Não? — O coração dele quase parou dentro do peito. — Você não me ama?

Ava cobriu o rosto com as mãos, sufocando um grito de frustração.

— Não, não era isso o que eu... Sim, eu amo você! É óbvio que amo você. Sempre amei, desde... ahh!

Ela sacudiu os punhos no ar e gritou várias coisas em galês.

Virou-se para ele, os olhos brilhando de frustração e angústia.

— Não importa, Deran. Não importa quanto, ou há quanto tempo. Não importa que eu nunca vá deixar de amá-lo, pois não posso fazer o que está me pedindo. *Nós* não podemos. — Ela se aproximou, parando a centímetros dele. — Você é um conde. Um *conde*, pelo amor de Deus! Eu sou Ava Fychon, filha de um mero galês mineiro de carvão.

— Muito obrigado, querida. Por um momento estava confuso quanto a quem era quem, mas você esclareceu muito bem — disse ele, sarcástico. — E sendo uma mera garota do interior, de ascendência muito inferior à minha, não está em posição de me dizer o que eu posso ou não fazer. — Agarrou a mão dela e puxou-a para perto de si. — Nós vamos nos casar, Ava.

Ela o empurrou com a mão em seu peito.

— Não. Não permitirei que considere algo tão impulsivamente.

— Não permitirá? — Deran conteve um sorriso. — Palavras desafiadoras, senhorita, considerando sua origem humilde e a quem você as dirigiu.

Ela o ignorou.

— Você perderia tudo. O respeito, sua boa reputação... O nome de sua família seria manchado, e... — Ela abanou o braço. — Tudo. Você perderia tudo.

— Sua preocupação com meu bem-estar é tocante — disse ele, carinhosamente.

Ava olhou para ele, furiosa.

— Não zombe de mim! Estou falando a sério.

— Sei que está. — Segurou seu queixo erguido e sorriu com ternura. — Mas devo informá-la que está enganada, meu amor. Eu irei apenas ganhar, ganhar o que realmente importa. Respeito não traz felicidade, boa reputação não oferece conforto, sobrenome não satisfaz um coração vazio... *este* coração. — Cobriu a mão dela com a sua e colocou ambas sobre seu peito. — Este coração que quer amar livremente a única pessoa de quem ele precisa. A pessoa de quem eu preciso, a partir de agora, e para sempre. Você, Ava Fychon. Este coração precisa de você. — Limpou as lágrimas dela. — Case-se comigo, Ava. Seja minha esposa.

Ela mordeu o lábio inferior. Seria possível? Poderiam se casar? Claro que poderiam. O ato em si não era o problema. Tudo o que ele poderia perder era o problema. Será que deixaria de ser um conde caso se casasse com ela? Não sabia como funcionava. Será que poderiam lhe tomar seu título, forçá-lo a renunciar a seus luxos e confortos? E a família dele? O que sua mãe diria? E sua irmã? Será que dali a anos ele estaria ainda contente com sua decisão? Agora sim, mas talvez no futuro...

Ava fechou os olhos, a mente em conflito consigo mesma e com o coração. Meu Deus, como ela queria aquilo! Uma vida com ele, uma família... Deran, todos os dias, para amá-lo, para rirem juntos. Como poderia dizer “não” novamente? Aquilo seria para sempre. Não haveria uma terceira chance. Mas as perdas seriam tantas, e ela se sentiria tão culpada...

— O que faríamos para ganhar dinheiro? — indagou, abruptamente. — Como nos sustentaríamos?

Deran titubeou por um instante com a pergunta inesperada e clareou a garganta. É claro que ela teria perguntas. Milhares. Ele tinha de se acalmar.

— Não precisa se preocupar com finanças. Eu darei conta sem problemas.

Ela franziu a testa.

— Não serei deixada no escuro em relação a essas coisas, milorde. Insisto em saber como pretende sustentar uma família.

Ele suspirou.

— Tenho minha companhia de transportes, que eu mesmo construí. Ela é minha e nada tem a ver com minha família. E tenho investimentos, muitos dos quais geram ótimos rendimentos. Eu tenho, e continuarei a ter, uma vida muito confortável.

Ava assentiu com a cabeça e virou-se para pensar mais. Renda de seu negócio e a outra. E ela era boa em ganhar dinheiro.

— Onde moraríamos? — Virou-se para ele. — Conheço apenas fazendas e a vida do campo, a vida em Gales. Você teria de abdicar de suas residências, não é? Não se mudaria para Penmon. E como eu me mudaria para cá?

— Você já está aqui, querida. Parece gostar do interior da Inglaterra. Podemos morar em Tercy ou, se não for do seu agrado, encontraremos uma casa no interior, mas perto da cidade, para que eu possa viajar a negócios.

— Não terá de abdicar de Tercy?

Deran inclinou a cabeça.

— Não, é claro que não. É da minha família...

Ele a fitou. Será que achava que, casando-se com ela, seria destituído de seu título de nobreza?

— Ava, eu sempre serei um...

— Como compraremos...

Deran colocou o dedo sobre os lábios dela, trêmulos de preocupação.

— Suas preocupações são infundadas. Encontraremos um jeito de fazer tudo isso, minha querida. Não sou uma pessoa sem recursos.

— É bom saber disso, mas...

Uma tosse discreta chamou a atenção deles.

— Sr. DiSanto! — Ava exclamou, surpresa. — Não sabia que... Estava na carruagem que quase fez capotar nossa diligência?

— Srta. Fychon — disse ele, tirando o chapéu. — É um prazer revê-la. Sim, senhorita, eu era um dos passageiros. Lamento se os assustamos. E peço desculpas por interrompê-los, mas preciso mesmo dar uma palavra consigo. Com ambos. Na verdade, venho a pedido do barão. Ele quer falar com vocês dois. — Max ergueu uma sobrancelha. — Talvez possamos fazer isso lá dentro? Eles têm refrescos. Já havia perguntado a pedido do menino Ithel e da srta. Mairwen, que aguardam pacientemente por algo para beber.

Ava colocou a mão na boca.

— *Myn Duw*. Esqueci-me completamente deles. Eu me distraí demais com... bem, com outra coisa.

Saiu correndo, deixando Deran para trás.

Deran se juntou a Max e foram na mesma direção.

— E então? — perguntou Max.

— Então o quê?

— Você sabe o quê. Você pediu?

— Sim.

— E?

— Estávamos discutindo os detalhes quando você nos interrompeu.

Max ignorou a crítica.

— Detalhes.

— Casa, dinheiro, esse tipo de coisa. Ela parece preocupada que eu perca meu título e minha herança.

— Ah. Previdente, ela. Então ela disse “sim”...

Deran reduziu o passo.

— Hum... Pensando agora, não, ela não disse. Ela fez um monte de perguntas e...

— Meu Deus, Atherton! Está me dizendo que ela ainda não concordou em se casar com você?

— Não é que ela não queira — resmungou Deran. — Ela tem preocupações. e eu não tive tempo de afastá-las. Mas o farei.

Ele sorriu ao ver Ava de braços dados com os irmãos, conduzindo-os para dentro da hospedaria.

— Sua menção ao barão não a afetou, você percebeu? O que ele quer falar conosco?

Max deu de ombros.

— Ele não disse. Reclamou por estar sentado há tempo demais e disse que queria conhecer seus netos.

Deran parou.

— Ele disse isso? Ele os chamou de netos?

Max assentiu com a cabeça.

— Maldição! Ava ainda não sabe sobre ele. Não falei nada sobre seu avô, sobre a sra. Evans, nada disso. Tantas vezes eu quis lhe falar de sua família, mas não me atrevi porque não havia nenhuma garantia de que fosse reaver suas relações familiares. Eu esperava que ele fosse abordar o assunto em Londres, mas ele parecia querer apenas aliviar sua culpa.

A porta da carruagem se abriu enquanto passavam em frente à porta da hospedaria.

— Ele lhe disse algo sobre Ava e sua família? — perguntou Deran ao se aproximarem da carruagem.

— Não. Eu falei quase todo o tempo no caminho até aqui. Contei a ele como vocês dois se conheceram e algumas histórias engraçadas.

Max sorriu quando Deran olhou para ele intrigado.

— Por que demorou tanto, senhor? — resmungou o barão, descendo da carruagem. — Meus ossos reclamam de ficar na mesma posição muito tempo. Já sofri um bocado na viagem vindo de Southampton — disse, erguendo os ombros.

— Perdoe-me, senhor — disse Deran, fechando a porta da carruagem. — Precisava de algum tempo a sós com a srta. Fychon para... hum... discutir alguns detalhes sobre a nossa associação.

— Associação. É assim que os jovens chamam o matrimônio hoje em dia?

Seus lábios finos se curvaram com a expressão de surpresa no rosto de Deran.

— Minha postura é ruim, mas minha audição, não. Eu ouvi você conversando com o sr. DiSanto do lado de fora. Ela disse “não”, foi isso?

Deran ergueu uma sobrancelha.

— Não. Ela não disse “não”.

— Mas não disse “sim”.

— Não dessa forma, mas... — Ele cruzou os braços. — Como sabia?

— Não tem a expressão de um homem que travou e venceu uma batalha, meu nobre senhor.

— Ainda não. Mas vencerei — apressou-se a afirmar. — Há alguns detalhes a esclarecer para que ela fique satisfeita. Se soubesse que mulher obstinada e persistente ela é, entenderia bem.

Max olhou para os pés e riu em silêncio.

— Isso não vai mudar, você sabe? — observou o barão, em tom antipático. — E piora com a idade. Minha Evelyn era teimosa que só ela, não cedia a ninguém. Eu costumava dizer que ela seria um homem fantástico, pois preferia lutar a sair de lado.

Seus olhos brilharam de ternura.

— Era incrivelmente excitante ver seu humor mudando, sabendo que explodiria em cima de mim. Seus olhos brilhavam tanto que parecia que alguém tinha ateado fogo neles. Três linhas surgiam em sua testa. — Ele desenhou com o dedo. — Parecia um “W” de lado. Sempre achei aquilo fascinante. — Pôs as mãos para trás e olhou ao longe. — Não, não era sempre que eu me incomodava com o mau gênio de Evelyn.

Deran reparou no sorriso triste de Max e sabia que estava se lembrando da esposa, uma mulher tranquila, que não se irritava com facilidade. Mas Max sem dúvida tinha lembranças das vezes em que se irritava.

Deran queria ter lembranças como as que aqueles dois homens tinham. Muitas mais do que as que já havia colecionado. Queria meses, anos, décadas delas.

— Ela não sabe ainda sobre o senhor — disse, de repente. — Nunca contei a ela do senhor, ou de seus pais. Nem ela, nem os irmãos sabem a verdade.

O barão o fitou contemplativo.

— É hora de saberem. Não planejo encontrar o Criador em breve, mas seria tolice não aproveitar esta oportunidade de conhecer todos eles, e talvez superar em parte o passado. Por mim e também pela minha Evelyn. Será algo sobre o que conversar quando eu me encontrar com ela.

Deran sorriu.

— Então suponho que devamos nos juntar a eles. Quanto a como proceder...

O barão ergueu a mão, interrompendo-o.

— Deixe isso comigo.

Os três homens entraram na hospedaria mal-iluminada. Os Fychon estavam sentados numa mesa redonda no fundo, Mairwen de costas para a porta. Ithel estava atrapalhado com um copo grande, enquanto Ava observava, a cabeça apoiada na mão, o cotovelo na mesa.

Ava tentava prestar atenção ao que Mairwen dizia, mas só conseguia pensar na proposta de Deran e em suas implicações. Ele falava a sério, absolutamente a sério. Aquilo a aterrorizava e a excitava. E a deixava lisonjeada saber que ele queria se casar com ela, mesmo com todas as sérias consequências desse ato. Mas era também uma responsabilidade que ela teria de assumir, já que seria ela a causa de tudo. Ele falava a sério, mas ela também. Não podia permitir que ele tomasse tal decisão tão displicentemente.

Um fecho de luz cortou a penumbra quando a porta da frente se abriu e Deran entrou. Ele caminhou na direção de Ava, olhando fixamente nos olhos dela. Ela sentiu um aperto no estômago, de expectativa. Será que pretendia terminar a conversa ali mesmo, na frente de todos?

Suspirou alto. Deveriam ter tomado a droga do navio para Gales.

— Srta. Fychon — disse ele, calmamente, puxando outra cadeira para a mesa. — Há alguém aqui que quero que conheça.

Max trouxe mais duas cadeiras. Deran sorriu para Ithel e Mairwen.

— Tenho o prazer de lhe apresentar lorde Stafford, de Southampton. — Esticou o braço na direção da mesa. — Barão, srta. Ava, srta. Mairwen Fychon, Ithel Fychon.

— O que é um barão, senhor? — perguntou Ithel, dirigindo-se a Deran. — O senhor será um quando ficar velho?

— Ithel! — repreendeu Ava.

Ela inclinou-se na direção do garoto, falando rápido e duro. Não era necessário saber galês para entender o significado. Ithel olhou para o barão, consternado.

— *Mae'n chwith gen i*, senhor.

— Se isso foi um pedido de desculpas, não era necessário, meu jovem. — O barão se sentou vagarosamente. — Eu *sou* velho. Mas a idade não afeta o título de um homem.

— *Afeta?* — repetiu Ithel, sem compreender a palavra.

— Influencia. Muda.

— E o que faz ele mudar?

O barão deu um leve sorriso.

— Você é esperto de deduzir que ele pode mudar. Ele muda quando um filho homem primogênito perde o pai detentor de um título. Então esse título se torna dele.

Ithel pensou um pouco.

— Eu sou o único filho homem, e meu pai morreu. Eu vou ganhar um título?

— Talvez o senhor possa responder à pergunta do meu irmão outra hora, milorde — disse Ava, notando que o barão empalidecera com aquela última pergunta. — Saiba que ele terá muitas outras fazer.

O barão fitou-a com curiosidade e depois respirou fundo.

Deran franziu a testa levemente.

— O senhor está bem?

O barão olhava fixamente para Ava.

— Os olhos de minha mãe, embora não possa ver quão verdes são os seus. E o formato do rosto, a boca e até o nariz são dela. E apostaria que à luz do sol seu cabelo é mais dourado que castanho.

Ava ergueu os ombros, alarmada.

— O que é isso? Quem é o senhor?

O barão hesitou.

— Lorde Stafford. — Fitou-a, demoradamente. — Seu avô. Eu sou o pai de sua mãe.

Todo o ar parecia ter desaparecido. Ava não sentia mais o corpo, nem sentia estar respirando.

— O que foi que ele disse, Ava? — perguntou Ithel, ansioso. — Ele é pai e é mãe?

— Não. — Ela engoliu em seco. — Não um pai e uma mãe. Ele é um avô. Um *taid*.

— *Seu* avô — complementou o barão. Olhou para Mairwen. — E seu também. E você, minha jovem senhorita, lembra muito seu pai. Olhos e cabelos mais escuros. E a estatura também, pelo que pude ver.

— E com quem eu pareço? — perguntou Ithel, metendo-se na conversa, sem querer ficar de fora do jogo das semelhanças.

Os olhos do barão ficaram úmidos.

— Com sua mãe. Minha Clare. Você tem os olhos dela. Clare tinha os olhos castanhos mais adoráveis do mundo.

Ava gemeu; a menção do nome de sua mãe desencadeou uma dor imensa. Cruzou as mãos sobre o ventre e se curvou à frente, de olhos fechados.

Deran em segundos estava junto dela. Agachou-se ao lado de sua cadeira, com a mão em suas costas.

— Não havia uma forma suave de lhe contar, querida. Sinto muito. Eu deveria ter lhe falado antes, mas tinha...

Ava arregalou os olhos, incrédula.

— Você o conhecia? Você sabia e não me contou?

Ele balançou a cabeça.

— Eu o conheci esta manhã.

— Mas você... você disse... — Olhou para o barão, em seguida para Deran, e sacudiu a cabeça freneticamente. — Não. Isso é mentira. Eu saberia da existência dele. Ela teria nos contado.

— Não culpe lorde Atherton — intercedeu o barão. — Ele está dizendo a verdade. Só nos conhecemos hoje. Eu lhe contarei tudo, mas pode demorar um pouco, então peço que tenha paciência.

Ninguém falou enquanto ele contou novamente toda a história. Era impossível não se comover com suas lágrimas, ou não sentir raiva com as injustiças que Clare Stafford e Bran Fychon tinham enfrentado por causa do amor que sentiam um pelo outro. Os sentimentos de Ava por ele oscilavam entre desprezo e curiosidade. Não conseguia conceber que um pai e uma mãe se afastassem de sua filha simplesmente porque ela não fizera a vontade deles, casando-se com o homem que escolhera, e não com aquele que eles haviam escolhido para ela. Mas era profunda a tristeza que sentia vendo o desespero e o arrependimento do avô.

Quando ele terminou, ela não sabia se o abraçava ou se dava um soco nele. Permaneceu imóvel em sua cadeira, incapaz de fazer nem uma coisa nem outra, claro .

Ithel e Mairwen não tinham problemas em aceitar o fato de terem um avô. Em vez de questionar seus atos que havia resultado na ausência dele de suas vidas, eles o encheram de perguntas sobre a mãe. Como ela era quando nova, onde moravam, por que não tinha irmãos, se ela tinha de cumprir tarefas e estudar, se tinha um animal se estimação. O barão ria e parecia se divertir respondendo às perguntas.

Ava permanecia calada e distante durante o interrogatório, sem olhar uma só vez para Deran. Ele a observava com olhar preocupado. Sua reação, ou falta de reação, não passou despercebida para o barão.

— Imagino que tenha muitas perguntas também, srta. Fychon — observou.

Ela olhou para ele, indiferente.

— Não. Creio que não tenho, senhor.

Ele ergueu as grossas sobrancelhas grisalhas.

— Nenhuma? Acho difícil acreditar.

— Acredite no que quiser. — Deu de ombros. — Não tenho perguntas que queira fazer. — Empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Se me dão licença...

Os três homens se puseram de pé.

— Aonde você vai, Ava? — perguntou Ithel, ansioso.

— Não muito longe. Volto já.

Ela lhe deu um beijo na cabeça ao passar por sua cadeira e andou em direção à porta o mais rápido que podia sem correr.

Ao chegar lá fora, foi exatamente isso o que fez, as lágrimas presas na garganta subindo em violentos soluços, enquanto corria tropeçando pela estrada de terra.

Mãe! Por que não nos contou? Que triste para você, perder sua família...

Mas, misturada à tristeza, havia uma sensação de ter sido enganada. Todos aqueles anos ela vivera com duas pessoas a quem amava muito sem saber quem realmente eram. Nenhuma palavra fora dita sobre como haviam se conhecido, nenhuma menção à profissão do pai. Um cantor de ópera! E ele fora mineiro, criador de ovelhas; seu talento, desperdiçado. Era trágico demais para suportar.

Logo à frente havia uma área gramada que se estendia até um pequeno vale. Ava saiu da estrada, pensando apenas que precisava de espaço para respirar e tempo para pensar. Tempo para aceitar.

O terreno não era tão plano quanto parecia, e ela despencou num declive íngreme que não era visível da estrada. Enquanto tentava reduzir a velocidade, seu pé ficou preso numa pedra escondida, derrubando-a e arremessando-a à frente. Ela estendeu os braços para amortecer a queda e, com um grito, chocou-se contra o chão.

Assustada com o impacto, ouviu o bater do coração e aguardou até que o ar retornasse aos pulmões.

Quando enfim isso aconteceu, levantou-se apoiada sobre as mãos e os joelhos, e imediatamente caiu de costas, gritando um longo improperio enquanto a dor se espalhava pelo braço.

Devo ter batido mais forte do que pensei.

Olhou para o céu, respirou fundo e sentiu o coração batendo mais devagar.

A queda a distraía de seu desespero e ela se sentia mais calma agora, capaz de pensar melhor no que acabara de ficar sabendo. Mas, afinal, pensar no quê? Seus pais tinham se conhecido, se apaixonado e se casaram, apesar da monumental desaprovação dos pais de sua mãe. Ava se perguntava o que os pais de seu pai haviam achado do casamento. Não sabia nada sobre eles, não se lembrava de ter ouvido histórias sobre eles, e haviam lhe dito que os pais de sua mãe tinham morrido. Renunciar uns aos outros parecia ser coisa de família. Que perdas vergonhosas, trágicas...!

Mas cada um havia feito suas escolhas, não? E com essas escolhas vieram as consequências, embora sua mãe não pudesse saber que seus pais a renegariam. Ou sabia? Ela sabia que queriam que se casasse com outro homem?

Fechou os olhos e deixou o calor do sol envolvê-la e a paz penetrar em seu corpo. Um avô. Podia ser uma coisa boa. Boa para Ithel e Mairwen, e boa para o barão. Ele parecia solitário. Soava solitário. Tinha uma vida solitária desde a morte da esposa, uma vida parada...

— Lá está ela!

O gritou a assustou. Abriu os olhos e ergueu o braço, cobrindo o sol insistente. Algumas pedrinhas rolaram a seu lado, e ela ouviu passos vindo em sua direção.

— Graças a Deus — disse uma voz trêmula. — Você está viva.

O sol parou de brilhar quando o conde parou na frente dele, mas só por um instante. Ajoelhou-se ao lado de Ava.

— Maldição, mulher! — Sua respiração não estava sob controle, nem seu humor parecia estar. — Que diabos está pensando, jogada no chão desse jeito? Parece mesmo um cadáver. Qualquer um que passasse iria pensar que era.

Mais pedras e seixos passaram por ela. Uma pedra bateu em sua cabeça.

— Tome cuidado, Ithel! — gritou ele, virando-se para o topo da colina.

Deran olhou novamente para ela, com expressão irritada. Longas mechas de cabelo pendiam sobre sua testa, fazendo-o parecer malvado e zangado.

— Sério, Ava, você nos deixou extremamente preocupados. Foi muita falta de consideração sua.

— Sim, sua preocupação é bem evidente, milorde. — Franziu a testa, impaciente. — E agora que me declarou viva, vou me levantar, se não se incomoda.

— Ava. — Mairwen chegou correndo e parou aos pés dela. — Você está bem?

Ithel parou logo atrás de Mairwen, quase achatando-a ao usar seu corpo como apoio para parar.

Ava deu um suspiro.

— Sim, estou bem. Só precisava de um tempo para pensar.

Ela se sentou devagar e fez uma careta. Um pouco de calor sobre o braço aliviaria a dor.

Deran franziu a testa.

— Você se machucou.

— Não, é só um esfolado. Sinto muito se os deixei preocupados. Fui um pouco mais longe do que planejava, e aí tropecei. O sol estava tão glorioso que eu não quis me mover.

Ithel deu uma risada.

— Parece que um passarinho bicou seu cabelo.

— Obrigada, Ithel — disse Ava com ironia. — É exatamente o que uma mulher precisa para ajudar a recuperar um pouco de sua dignidade.

Deran ficou de pé.

— O barão está esperando. Ele estava ansioso com sua ausência.

Ele pegou seu braço, e Ava deu um grito.

Em reação, Mairwen deu um grito também, e então Ithel explodiu em lágrimas. Deran observou os três, miseravelmente confuso. O dia transcorria muito pior do que ele jamais teria imaginado.

Estava perto do entardecer quando chegaram a Londres. Deran entregou seu cavalo a Fleck. Max deu boa-noite apressadamente, prometendo voltar pela manhã.

Lorde Stafford entrou na casa de mãos dadas com os netos, ambos muito mais cheios de energia que ele após o empolgante dia de viagem.

Deran e Ava entraram por último. Bickford estava parado formalmente à porta. Ergueu a sobrancelha ao ver o xale da srta. Fychon transformado numa tipoia e preso em torno da cintura. Entretanto, não estava nem um pouco surpreso de vê-la nos braços de seu patrão.

Ava sorria, radiante.

— Boa noite, sr. Bickford.

Bickford curvou-se num cumprimento.

— Senhorita. Milorde. Fico contente em ver que fez o que precisava e que retornaram para casa em segurança, senhor. — Fechou a porta. — Vou mandar chamar o médico imediatamente.

— Obrigado, Bickford. — Deran suspirou, abatido. Levantou a cabeça olhando para as escadas. — E traga um uísque. Não. — Parou no meio do caminho e sorriu para Ava, a mulher que estava destinada a estar em seus braços, ferida ou não. — Traga um gim. A garrafa toda, Bickford. E dois copos.

O mordomo sorriu, e risadas suaves ecoaram no átrio.

Epílogo

— Você vai deixá-los mimados, Deran — disse Ava, deitando a cabeça sobre o peito dele. — Não fazia ideia de que você era do tipo que mima crianças desse jeito.

Deran acariciou os cabelos que caíam sobre os ombros dela.

— Espere só até termos os nossos filhos, Ava. Ithel e Mairwen são mero treinamento para esse dia.

— Eles gostam da sua atenção — disse, dando um leve suspiro.

— Cansada?

— Um pouco. E você?

Deran rolou e deitou-se de lado, forçando-a a colocar a cabeça mais para cima. Levantou o tórax, apoiando-se no cotovelo.

— Não.

Fitou o lago iluminado pela luz do luar.

— Acho que essa é a minha hora favorita do dia.

Ele deslizou a mão pela curva do quadril de Ava e ouviu-a prender a respiração.

— Hum... e antes do romper do dia. Os pássaros acordando. É quando os coelhos saem, sabia?

Deran sorriu, inclinou-se para a frente e pegou a bainha do vestido dela.

— Sabia.

Ela se remexeu em expectativa, enquanto ele acariciava sua perna nua.

— Eu vi cervos há dois dias. Na clareira, do outro lado da trilha. Fiquei feliz por ter decidido caminhar naquela manhã, e não cavalgar. Não os teria visto se estivesse a cavalo.

Deran observou a própria mão deslizando sobre a coxa de Ava, fazendo sua pele arrepiar.

— Fico feliz que goste tanto do Solar Tercy, minha querida. Ele combina com você.

— Só porque você está aqui comigo, Deran. Eu jamais seria feliz aqui se não estivesse a meu lado. Você faz daqui um lar.

A mão dele parou e ele respirou fundo. Levaria muito mais de dois meses de casamento para que se acostumasse com o efeito que as palavras de afeto de Ava tinham sobre ele. Talvez jamais se acostumasse, o que não seria problema.

— *Nós* fazemos daqui um lar, amor. — Ele envolveu-lhe a cintura com os braços e girou-a para que pudesse fitá-la nos olhos. — *Nós* fazemos.

Fim

A Nova Cultural tem muito mais emoções para você!

PAIXÃO SOMBRIA

Sara Reinke

Selo: Bianca

Augustus Noble é um homem que convive com muitos segredos. Sua vida inteira foi construída com meias-verdades, traições e mentiras. Medidas desesperadas para manter a mulher que ele ama, Eleanor Trevilian, em seu poder. Patriarca de seu clã, Augustus lutou durante séculos para criar um império de riqueza e prestígio para sua amada. Agora, porém, tudo o que ele lutou está em perigo, e Augustus não pode deixar que um inimigo de longa data descubra uma verdade que poderá pôr os membros de seu clã em risco...

Por direito de primogenitura, Eleanor Trevilian já teria garantida uma vida longa, além de seu casamento com o líder do clã lhe proporcionar também riqueza, luxo e conforto. Contudo, uma doença que secretamente devasta os membros de seu clã há gerações agora a aflige também. Seu prognóstico é sinistro, sua vida pode perder todo o sentido...

Ao longo de quase duzentos anos, Eleanor amou Augustus Noble, uma paixão que desafiava até as mais sagradas leis da Confraria dos Brethren. Por esse amor, ele a forçou a partir... Para protegê-la, ele partiu seu coração. Agora, Eleanor precisa regressar à fazenda no Kentucky que um dia foi seu lar, e ao núcleo da família, para salvar não só os seus entes queridos, como também Augustus. Porque, se ela não fizer isso, se por alguma eventualidade ela falhar, tudo o que ela e Augustus conheceram será destruído, inclusive o amor que compartilham...

PARAÍSO PROIBIDO

Kimberly Killion

Selo: Clássicos Históricos Especial

Forçado a fugir da Escócia em sua juventude e a abrir mão de um futuro como chefe de seu clã, Reid MacGregor prospera no Caribe depois de encontrar ouro. Mas ele ainda tem dois outros tesouros a reivindicar: a biblioteca perdida de uma antiga sacerdotisa maia e a jovem que ele deixou para trás...

Em seu esconderijo nas matas de Glenstrae, Mary-Robena Wallace vigia as fronteiras com os membros de seu clã, desesperada para salvá-los da crueldade do rei James. Renomada por sua habilidade como escavadora, ela concorda em unir forças ao homem que a abandonou e viajar com ele para o Caribe, em busca de ouro. Mas os frutos de um paraíso exótico e o beijo proibido de um traiçoeiro sedutor ameaçam desviá-la de seu objetivo...

A HISTÓRIA DE JANE

Joan Wolf

Selo: Julia

Lady Jane Fitzmaurice tinha tudo o que a sociedade aprovava e valorizava: uma beleza impecável, uma criação perfeita e uma respeitável fortuna. Mas sua personalidade forte e firmeza de opinião, por outro lado, provocavam críticas e comentários. Onde já se vira uma dama bem-nascida passar mais tempo em cima da sela de um cavalo do que em sua saleta, bordando? Como podia ela preferir a companhia de David Chance, o charmoso treinador de cavalos, à de Julian Wrexham, o nobre mais atraente da Inglaterra? Lady Jane já deixava a sociedade em polvorosa, mas um escândalo inédito estava prestes a explodir, no momento em que ela transgrediria todas as convenções e se prepararia para dar um passo perigoso, que poderia arruinar seu bom nome e deixar seu coração partido para sempre...

ARDIL DE UM CORAÇÃO

Patricia Rice

Selo: Clássicos Históricos

Dois enigmas deixavam Arianne Richards perplexa. Por que o atraente e rico lorde Galen Locke estava tão interessado no misterioso retrato que ela havia encontrado? E por que esse cavalheiro nobre, lindo e irresistível demonstrava tanto interesse por ela quando estava comprometido com sua prima, a carismática e cativante lady Melanie? Uma das perguntas atiçava a mente de Arianne... A outra inquietava seu coração... E ambas ofereceriam respostas tão surpreendentes quanto os fantasmas do passado e os segredos do amor...

O CONDE CIGANO

Mary Jo Putney

Selo: Best Seller

Ele era conhecido por “Conde Demônio”, e diziam que era capaz de tudo. Filho de um embusteiro e de uma cigana, Nicholas Davies transformou-se em um notório libertino, até que uma traição devastadora o deixou sozinho e amargurado em meio à paisagem rural do País de Gales. Só mesmo o desespero levaria uma tímida e reservada professora a pedir ao Conde Demônio que a ajudasse a salvar seu vilarejo... Sem disposição para se envolver nos problemas alheios, Nicholas pediu um preço alto por sua ajuda: somente se Clara concordasse em viver com ele durante três meses, deixando que todos pensassem o pior dela, ele interviria na questão que tanto a afligia. Furiosa, porém sem escolha, Clara aceitou o desafio ultrajante, e os dois foram arrastados para um mundo inebriante de perigo e desejo. Como aliados, Clara e Nicholas lutavam para salvar a comunidade dela... Como adversários, exploravam um terreno perigoso de poder e sensualidade... E como amantes, entregaram-se a uma paixão que ameaçava

abalar os alicerces de suas vidas...

DESTINO INSÓLITO

Kathryn Kramer

Selo: Clássicos Históricos Especial

Escócia, 1565

Casada contra a sua vontade com um brutamontes das Terras Altas, a linda e graciosa Kylynn Gowrie sentiu-se reviver quando conheceu o atraente Roarke MadKinnon...

Roarke irrompeu de repente na corte da rainha Mary da Escócia, para reivindicar suas terras, mas seus modos gentis e sua ternura conquistaram o coração de Kylynn, que ansiava por entregar-se àquela paixão proibida...

Quando, porém, a rainha da Inglaterra tramou um ardil para a rainha da Escócia, a quem Kylynn venerava, o destino fez de Roarke seu inimigo. Seria o amor deles forte o suficiente para sobrepujar as agruras e as traições de uma guerra implacável?...

O FEITIÇO DE BELTANE

Pat Rice

Selo: Bianca

Inglaterra, 1750

Ninian Malcolm Siddons vive sozinha numa cabana desde que perdeu a avó. Considerada como bruxa pela maioria dos moradores do vilarejo, Ninian não pode contar com ninguém, e tem de se conformar em ficar apenas observando, enquanto as moças e rapazes de sua idade saem e se divertem na noite de Beltane. Não que ela não seja uma jovem encantadora e atraente... Muitos rapazes adorariam namorá-la, não fosse o receio de serem vistos em companhia de uma bruxa...

Drogo Ives é um dos poucos que não resistem aos encantos de Ninian. Aproximados por um feitiço, nenhum dos dois consegue se afastar do outro. Entretanto, não é somente lenda, superstição e perigo que Drogo e Ninian terão de enfrentar... Eles terão de superar também a dificuldade de Drogo de confiar em alguém, e a maldição da família Malcolm. E à medida que o perigo se acerca cada vez mais, Drogo e Ninian precisam decidir se são capazes de confiar um no outro o suficiente para sobreviver ao caos e ser felizes juntos...

A FARSA DA CONDESSA

Joan Wolf

Inglaterra, Século XIX

Amiga leitora,

Quero deixar bem claro que não foi minha a ideia de criar uma armadilha para o melhor partido da Inglaterra, o conde de Greystone, se casar comigo. Meu tio, lorde Charlwood, é que estava por trás dessa pequena trama. Se meu pai não tivesse sido morto e me deixado aos cuidados de Charlwood, nada disso teria acontecido...

De repente, eu era lady Greystone, uma condessa e uma senhora casada. Aprender a ser condessa não foi tão difícil. Aprender a ser casada teria sido bem mais fácil se eu não corresse o risco de me apaixonar perdidamente pela única pessoa que estava além do meu alcance... meu marido!

Bem, se eu não podia conquistar o amor de Adrian, pelo menos eu estava determinada a me vingar, pelo meu pai. Eu jurei desmascarar o assassino dele, e não me importava de correr perigo para alcançar meu objetivo. Portanto, se você, caríssima leitora, está curiosa para saber como eu me saí dessa, leia esta história...

Com todo o meu carinho, Kate, Condessa de Greystone

ANJO DIABÓLICO

Lori Brighton

Selo: Bianca

Quando Ashley Hunter herda a hospedaria onde seu pai desapareceu anos atrás, ela vê a chance de finalmente descobrir a verdade sobre o misterioso desaparecimento. Mas logo depois de tomar posse da decrepita construção, ela percebe que herdou não só respostas para antigas perguntas, como também espíritos, demônios e até anjos caídos! E então entra em cena Cristian Lucius, um homem bonito, charmoso e atraente, insistindo que quer apenas alugar um quarto na hospedaria. Ashley acredita nele, até que, um por um, seus fantasmas começam a desaparecer...

Como anjo caído, destinado a uma vida de servidão, Cristian está incumbido de proteger a Terra de espíritos indesejáveis. Mas ele não pode realizar essa tarefa sozinho. Ele precisa da ajuda justamente da mulher que o deixa tão frustrado quanto intrigado. Cristian está decidido a ignorar a intensa atração que sente por Ashley e concentrar-se em sua missão. Se eles não cooperarem um com o outro, não terão a menor possibilidade de derrotar o demônio que ameaça suas vidas. O problema é conquistar a confiança de Ashley... Uma façanha nada fácil, considerando-se que o homem responsável pelo desaparecimento do pai dela é ninguém menos do que ele próprio...

AMOR E OBSESSÃO

Brynn Chapman

Determinada a esquecer um passado de amarguras e a começar uma nova vida, Constanza Smythe deixa sua terra natal, a Inglaterra, e aceita um emprego de professora na América, mas acaba sendo alvo das atenções de dois homens.

Ao conhecê-la, Edward Teache, o infame pirata conhecido como Barba Negra, se dispõe a fazer qualquer coisa, seja dentro ou fora da lei, para torná-la sua noiva.

Porém, as mãos do destino, põe em seu caminho, Lucian Blackwell, um fazendeiro da Carolina do Norte, que se apaixona por Constanza e está determinado a protegê-la das garras do mais terrível pirata de todos os tempos...

O PRELÚDIO DE CAMELOT

Cynthia Breeding
(1º livro da série *Camelot*)

Selo: Clássicos Históricos Especial

Bretanha, 480

Um menino nascido para ser rei

Uther Pendragon, o rei de Kernow, deseja Ygraine, mulher de um de seus vassalos. Com a ajuda do mago Myrddin, ele consegue tê-la e, com ela, concebe Arthur.

Arthur cresce sem saber quem é seu pai. Seu mentor é Myrddin, e a única coisa que ele sabe é que deve lutar para salvar a Bretanha dos saxões...

Uma menina destinada a ser rainha

O melhor amigo de Arthur é Bedwyr, irmão mais velho de Gwen, uma menina independente e corajosa, que vive em Cameliard e está determinada a livrar o vilarejo do jugo de um homem, seja ele quem for.

Arthur e Gwen só se viram quando crianças, mas na adolescência ela tem sonhos frequentes com um guerreiro valente e bonito, alguém que ela não conhece, mas que lhe desperta fantasias românticas e sensuais...

Um príncipe com sangue de feiticeiro

A força de Lancelot nas batalhas se equipara à de Arthur, assim como suas habilidades na cama... uma competição que um dia irá determinar o destino de Camelot...

A CAVERNA
Amber Dawn Bell

Você acredita em vampiros?

Eu, com certeza, não acreditava. Pelo menos até descobrir, no dia do meu aniversário de dezesseis anos, que eu era tudo menos humana. E a cereja do bolo – se é que se pode considerar assim – é que eu sou a primeira Vânător a existir depois de mais de quinhentos anos! Isso significa que minha missão é ser caçadora do mal. Isso mesmo, eu sou uma Buffy da vida real...

Para piorar as coisas, estou me apaixonando por Ryan, o novo garoto da classe. Nunca imaginei que fosse cair de amores desse jeito por alguém, que fosse ser uma adolescente boboca que fica aparvalhada, na frente de um rapaz. Que raiva... E para completar, ainda tem uma entidade que fica me perseguindo, querendo usar meu sangue raro para realizar seus feitos malignos, uma colega de classe insuportável que inferniza a minha vida, e um treinador de ginástica que quer porque quer que eu chegue às Olimpíadas...

Pois é, e tudo começou com uma excursão da classe a uma caverna, nesta história que é tudo menos monótona, tudo menos normal, tudo menos previsível, da vida de minha pessoa, Cheyenne Wilde...

NOIVA POR ENCOMENDA

Michèle Ann Young, Kimberly Ivey e Billey Warren Chai

Selo: Julia**A NOIVA DE JAKE** - Michèle Ann Young – Texas, 1867

Depois de perder suas parcas economias num assalto em Nova York, Tess Dalton agarra a primeira oportunidade que aparece e decide ir para o Texas como noiva por encomenda. Quem sabe o destino finalmente resolveu lhe dar uma chance de ser feliz?...

A NOIVA DE GRAY - Kimberly Ivey - Texas, 1885

Viúva e com um filho pequeno, Evangeline Payne foge para o Texas com a esperança de encontrar proteção nos braços do homem com quem se casou por procuração, apenas para descobrir que é o único homem que ela amou na vida...

A NOIVA DE JOSH - Billie Warren Chai - Texas, 1872

Depois de trabalhar como uma escrava para o pai e os irmãos, Annabelle Yeager chega no Texas para descobrir não só que seu noivo foi assassinado, como também que ele era o proprietário do bar e bordel chamado Chance Saloon... Em pouco tempo, a cidade se volta contra Annabelle, e alguém tenta matá-la. O xerife Josh Morrow jura mantê-la a salvo, mas a que custo para ele próprio?...

UM LORDE INESQUECÍVEL

Molly Zenk

Inglaterra, 1814

Mariah Woodhouse não consegue acreditar na própria sorte quando descobre que o atraente e carismático lorde Byron está morando numa casa de campo justamente em Southwell, Nottinghamshire, pertinho da estalagem de seus pais. Para se tornar mais desejável para o famoso poeta, Mariah convence seu amigo de infância, Walter Weylons, a se fazer passar por seu noivo. O plano funciona, e logo Mariah se vê obrigada a escolher entre dois cavalheiros muito diferentes: um lorde charmoso e libertino, e o tímido bibliotecário que é apaixonado por ela desde que eram crianças...

O SENHOR DE MORLAIX

Katherine Deauxville

Selo: Best Seller

País de Gales, Idade Média

Ela precisava dar um herdeiro ao marido...

Emmeline não sabia nada a respeito do homem que aceitara sua oferta, nem mesmo seu nome. Por dinheiro, ele lhe daria o que ela precisava. No entanto, em vez de pagar o homem e se afastar sem pensar mais no que acontecera, ela viveu uma noite de paixão que a assombraria para sempre. Emmeline teve o bebê que tanto queria... mas a vida lhe cobraria um preço bem mais alto dez anos depois...

Niall FitzJulien é o novo lorde do Castelo Morlaix. Para seu espanto, a mulher que está à sua frente para homenageá-lo segura a mão de seu filho... seu filho de dez anos de idade!

Ele se recorda daquela noite, uma década antes, quando acordou na manhã seguinte a uma noite de paixão, apenas para descobrir que a mulher havia se esgueirado de sua cama... e levado consigo o seu coração. Agora ele compreende quão cruelmente foi usado, e como foi privado da convivência com o filho. Porém não mais. Agora, Emmeline será sua vassala, e irá servi-lo de todas as maneiras que ele determinar...

QUANDO O AMOR ACONTECE

Jo Ann Ferguson

Selo: Julia

Aos vinte e seis anos, Charity Stuart já é considerada solteirona na sociedade inglesa. Mas ela acredita que sua irmã mais nova possa conquistar o coração de um pretendente da aristocracia. Principalmente quando a tia de ambas as convida para uma temporada em Londres.

Numa parada durante a viagem, no entanto, Charity conhece Oliver Blackburn, um homem perigosamente bonito e charmoso que ela acaba por reencontrar em Londres.

O que poderia o diabolicamente belo Oliver Blackburn querer com uma ruiva, de língua afiada, a ainda por cima solteirona? Logo a sociedade inteira está em polvorosa... e o coração de Charity perde um compasso a cada vez que o nobre notório se aproxima. No entanto, em uma cidade cheia de intrigas, segredos e perigos, seria o romance de Charity com Blackburn a sua ruína... ou era uma vez um grande amor?..

CORAÇÃO REBELDE

Jannine Corti-Petska

Selo: Clássicos Históricos

Ela viajou para longe para se casar com o homem que amava... E acabou encontrando o homem dos seus sonhos...

A rica herdeira Courtney Danning abre mão de sua privilegiada posição social para seguir a voz do coração e viajar de Nova York para o Novo México, a fim de se casar com o homem que ama, apesar dos protestos de seu pai. Quase no mesmo instante em que põe os olhos em seu noivo, Courtney compreende que cometeu um erro, porém orgulhosa demais para voltar para casa e admitir que o pai estava certo.

Do momento em que é contratado pelo pai de Courtney para segui-la à distância até que ela complete um ano de casamento com o rapaz inescrupuloso que insiste amar, Beau Hamilton tenta negar a atração que sente pela jovem. Contudo o que poderia ter sido uma tarefa simples acaba se complicando ainda mais quando, na noite do casamento, o marido de Courtney aparece morto.

Ciente de que Courtney corre sério perigo, Beau é forçado a escolher entre mandá-la de volta para a segurança da casa do pai e perdê-la para sempre, ou expor os segredos de seu passado... seu pior pesadelo... e lutar pelo amor daquela mulher, mesmo que isso lhe custe a própria vida...

FILHA das TREVAS

Janet Woods

Selo: Bianca

Londres, 1750

Quatro anos após ser arditamente forçado a se casar com Willow Givanchy, uma menina de catorze anos, suspeita de ser bruxa e filha indesejada de seu maior inimigo, Gerard Lytton retorna para casa para encontrar inesperadas mudanças em sua esposa e sua família.

Impetuosa e independente como sempre, Willow conquistou a admiração e o afeto da família Lytton. No entanto, embora seja nobre de nascimento, ela não tem como desmentir a terrível reputação de sua

mãe e a vergonhosa desonra de seu pai.

Tendo se transformado de menina inexperiente numa linda mulher, Willow se descobre irremediavelmente apaixonada pelo marido... Mas será o amor de Willow e Gerard forte o suficiente para superar os obstáculos impostos por suas origens e que ameaçam separá-los?... Sem falar no estranho reaparecimento da mãe de Willow, dando início a uma série de misteriosos eventos...

DE PERNAS PRO AR

Donna Fasano

Selo: Julia

As voltas que o amor dá...

Quando se divorciou do marido, Lauren tinha um único objetivo em mente: escapar de uma vez por todas daquela inconstância emocional e dos altos e baixos do relacionamento. Porém, mal sabia ela que sua vida se transformaria num circo de três picadeiros...

Para economizar as despesas de aluguel, Lauren sugere ao pai que vá morar com ela; além disso, ela descobre que Greg, seu dileto ex-marido, usa o seu chuveiro quando ela não está em casa; e sua espevitada assistente insiste em empurrá-la para o temível mundo dos encontros e namoros!

E como se sua vida de atarefada advogada já não estivesse suficientemente caótica, Lauren ainda tem de lidar com seus clientes, um verdadeiro elenco de personagens estranhos que não conseguem se manter do lado certo da lei...

O que resta a uma mulher fazer, em semelhante situação? Permitir que sua vida gire em círculos para sempre... ou estender de uma vez por todas a mão para o verdadeiro amor...?

LAÇOS DE SANGUE

Sara Reinke

Selo: Bianca

Um vampiro com uma missão

Tristan Morin tem um importante objetivo: não se apaixonar por Karen Pierce. Do contrário, ele apenas provaria que os humanos e a Confraria dos Brethren estão destinados a se unir, física e emocionalmente, algo que ele, como um legítimo Brethren, se recusa a admitir. Mas seria bem mais fácil se Karen não fosse tão linda... E se não houvesse nela algo que o atrai de uma maneira quase impossível de resistir...

Karen sempre sentiu uma atração inexplicável por Tristan. Mais do que apenas beleza e charme, ele tem alguma coisa que a faz se sentir bem ao lado dele, como se ali fosse o seu lugar. No entanto, uma inesperada decisão por parte de Tristan a deixa confusa e com o coração partido, ao mesmo tempo que

um inimigo maligno e cruel coloca à prova aquele amor recém-descoberto...

A LENDA DE CAMELOT *Cynthia Breeding*

Selo: Clássicos Históricos Especial

Quando um deus deseja uma mulher mortal, que homem será capaz de afastá-la do seu destino?...

Acompanhado por Gwen, o rei Arthur se refaz dos ferimentos após a Batalha de Camlann, na ilha de Avalon. Mas Avalon está cercada pela Terra das Fadas, um plano em constante movimento e mutação. Quando o mago Myrddin tenta ajudá-los a fazer a travessia, Cernunnos, o deus da Caça Selvagem, captura Gwen, com a intenção de mantê-la como sua consorte.

Enfurecido por Gwen ter sido raptada, Lancelot jura a si mesmo que irá trazê-la de volta. Uma visão do Santo Graal possibilita que ele encontre o portal para a Terra das Fadas, porém Morgan le Fey, a rainha das fadas, tem outros planos para ele...

DA MAGIA À SEDUÇÃO *Mary Chase Comstock*

Selo: Bianca

Hippolyta afirmava que simplesmente buscava “a sabedoria oculta do universo” a fim de usá-la para fazer o bem. Para todas as outras pessoas, no entanto, ela era uma bruxa. Ela era também uma jovem viúva, condessa de Trevalyen e senhora da misteriosa e encantada Rookeshaven, determinada a continuar se dedicando aos seus estudos de magia... Até que o amor surgiu de repente para complicar a sua vida.

Julian St. Ives foi a Rookeshaven para aprender com Hippolyta a arte da cura. A atração entre os dois foi imediata e irresistível. Mas quando uma intriga de família e um insidioso perigo começaram a rondá-los e ameaçá-los, só restava a Julian e Hippolyta provar que o amor de ambos não era fruto de feitiçaria, e sim de outro tipo de encantamento...